Série 2ª LIVROS DIDÁTICOS Vol. 100
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOUSA DA SILVEIRA

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

QUARTA EDIÇÃO
MELHORADA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

LIVROS DIDÁTICOS

(Manuais, livros de texto e livros-fontes)

2.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

GRAMÁTICAS E ESTUDOS DE PORTUGUÊS:

EDUARDO CARLOS PEREIRA:

4 — **Gramática Expositiva** Curso Elementar — 80.ª edição . . . 5$000
5 — **Gramática Expositiva** Curso Superior — 51.ª edição. . . . 10$000
6 — **Gramática Histórica** 10.ª edição . . . . 12$000

OTONIEL MOTA

3 — **Lições de Português** - 8.ª ed. 9$000
14 — **Seleta Moderna** - 6.ª edição . 7$000
20 — **Chave da Língua** - 6.ª edição. 3$500
46 — **O Meu Idioma** - 8.ª edição. . 10$000

A. SAMPAIO DÓRIA

9 — **Como se Aprende a Língua** Curso Elementar - 3.ª edição . . . 6$000
10 — **Como se Aprende a Língua** Curso Geral - 8.ª edição . . . . . 10$000

TALES DE ANDRADE

7 — **Ler Brincando** — 36.ª edição. 3$000

PAULO DE FREITAS:

51 — **O Nosso Idioma** Antologia e gramática aplicada — Morfologia - 7.ª edição. . . . . . . 8$000
57 — **O Nosso Idioma** Curso Elementar - 6.ª edição . . . 5$000
73 — **O Nosso Idioma** Sintaxe Geral - 3.ª edição . . . . 8$000
83 — **O Nosso Idioma** — 3.ª parte — Sintaxe das categorias gramaticais - 2.ª edição . . . . 9$000

MÁRIO PEREIRA DE SOUSA LIMA:

70 — **Gramática da Língua Portuguesa** . . . . 12$000
85 — **Elementos de Gramática**. . 6$000

ARTUR DE ALMEIDA TÔRRES:

59 — **Compêndio de Língua Portuguesa** - para 5.ª série ginasial - 2.ª edição. . 10$000
84 — **Compêndio de Língua Portuguesa** - para 3.ª série ginasial - 2.ª edição. . 7$000
75 — **Compêndio de Língua Portuguesa** -para 4.ª série ginasial - 2.ª edição. . 8$000
92 — **Compêndio de Língua Portuguesa** - para 2.ª série ginasial. . . . . . . 7$000
94 — **Compêndio de Língua Portuguesa** - para a 1.ª série ginasial . . . . . . 6$000

ANTENOR NASCENTES:

78 — **O Idioma Nacional** - 2.ª ed. . 10$000

JÚLIO NOGUEIRA:

82 — **Programa de Português** - para 1.ª e 2.ª séries ginasiais - 3.ª ed.. 10$000
91 — **Programa de Português** - para 3.ª série ginasial. . . . . . 9$000
98 — **Programa de Português** - Exame de Admissão e Antologia Primária . . . . [illegible]

SOUSA DA SILVEIRA

87 — **Trechos Seletos** 4.ª edição ampliada. . . . . 12$000

RAUL GOMEZ:

86 — **Prática de Redação** Curso Elementar . . . . 6$000
93 — **Prática de Redação** para 3.º e 4.º anos - Curso Elementar e 1.º e 2.º anos Escolas Complementares. 10$000

FRANCÊS:

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT:

25 — **Mon Petit Univers** Como se aprende francês - 2.ª edição . 7$000
34 — **Heures Joyeuses** Livro de introdução . . . . 8$000
76 — **La France** 3ième année de français. . . . . . 12$000

L. JAQUIER e M. MUNZINGER:

90 — **Français** — Premier Année. 9$000

INGLÊS:

J. L. CAMPOS JR.:

19 — **Como se Aprende Inglês** (How to Learn English - 5.ª edição . 10$000
33 — **Dicionário de Verbos Ingleses** — 2.ª edição . . . . 8$000
79 — **Springtime** - (School Memories) - An English Reading Book for Boys and Girls. - Illustrated. . . . . . . 7$000
89 — **Seleta Inglesa de Autores Modernos** - Present-day English . . . . 9$000

NUNO SMITH DE VASCONCELOS

30 — **English Anthology with Biographical Sketches** - 6.ª edição . . . 10$000
43 — **English Simplified Grammar** — 2nd grade - 2.ª edição . . . . . . 4$000

44 — **English Secondary Grammar** —
3rd grade – 3.ª edição . . . . . . 6$000
50 — **English Intuitive Method** —
2nd grade – 2.ª edição . . . . . . 6$000
64 — **English Advanced Grammar** —
4th grade and Preparatory course
– 2.ª edição . . . . 9$000
67 — **English Intuitive Method** —
3rd grade – 5.ª edição . . . . . . 8$000

NUNO SMITH DE VASCONCELOS E LUIZ CAMILO DE OLIVEIRA NETO:

65 — **English Reader for Brazilians** —
Science Reader. . . . . 13$000

ISABEL JUNQUEIRA SCHMIDT:

45 — **My Little World**
Vitalised method. . . . . 9$000

KARL WEISSMANN:

62 — **Our English Teacher**
30 Lições de inglês – 2.ª edição . . . 13$000

LATIM:

CORNELLI NEPOTIS

24 — **Vitae Excellentium Imperatorum**
– Tradução e notas de Antônio Picarolo 8$000

VILHENA MORAIS e ORLANDO FONSECA:

54 — **Língua Latina** – 3.ª edição 10$000
58 — **Língua Latina** —
Trechos Escolhidos – 2.ª edição . . 6$000

ORLANDO FONSECA:

97 — **Os Autores Latinos do Colégio Universitário** . . . . 12$000

MATEMÁTICA:

JACOMO STÁVALE:

12 — **Primeiro Ano de Matemática** –
15.ª edição. . . . . 10$000
13 — **Segundo Ano de Matemática** –
11.ª edição . . . . 10$000
21 — **Terceiro Ano de Matemática** –
8.ª edição . . . . 12$000
35 — **Quarto Ano de Matemática** –
5.ª edição . . . . 10$000
69 — **Quinto Ano de Matemática** –
3.ª edição . . . . 12$000

DESENHO:

F. NEREO SAMPAIO

2 — **O Desenho ao Alcance de Todos** –
2.ª edição . . . . 10$000

EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA:

47 — **Curso de Desenho**
Para 1.ª, 2.ª e 3.ª séries ginasiais. . . 10$000

GEOMETRIA:

HIPÉRIDES ZANELLO

39 — **Elementos de Geometria e Desenho Linear** – Curso Primário – 4.ª edição. 4$500

GEOGRAFIA

AROLDO DE AZEVEDO

26 — **Geografia Humana**
Para os cursos pre-jurídicos . . . . 10$000
38 — **Geografia**
Para a 4.ª série ginasial – 6.ª edição. . 10$000
48 — **Geografia**
Para a 2.ª série ginasial – 8.ª edição. . 10$000
49 — **Geografia**
Para a 3.ª série ginasial – 8.ª edição. . 10$000
66 — **Geografia**
Para a 1.ª série ginasial – 8.ª edição. . 8$000
68 — **Geografia**
Para a 5.ª série ginasial – contendo leituras geográficas – 5.ª edição. . . . . . 12$000

RENATO JARDIM:

27 — **Geografia Ginasial**
Para a 1.ª série. . . . . 7$000
53 — **Geografia Ginasial**
Para a 2.ª série . . . . 8$000

C. DELGADO DE CARVALHO

40 — **Geografia Humana** —
Política e Econômica – 3.ª edição. . 10$000

HISTÓRIA:

ERASTO DE TOLEDO:

31 — **História da Civilização**
Para 4.º ano ginasial. . . . . . . 10$000
32 — **História da Civilização**
Para 5.º ano ginasial – 2.ª edição . . 8$000
55 — **História da Civilização**
Idade-Média – para 3.ª série . . . 8$000

PEDRO CALMON:

37 — **História da Civilização Brasileira**
– Para Escola Primária – 3.ª edição. . 5$000

CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS:

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO e EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA:

1 — **Ciências Físicas e Naturais** —
Introdução geral às ciências experimentais —
1.º Tômo – 4.ª edição . . . . . . 8$000
16 — **Ciências Físicas e Naturais** —
2.º Tômo – 4.ª edição . . . . 10$000

HIPÉRIDES ZANELLO:

41 — **Ciências Físicas e Naturais** —
Para 2.ª série ginasial – 4.ª edição . . 10$000
61 — **Ciências Físicas e Naturais** —
Para 1.ª série ginasial – 5.ª edição. . 9$000
71 — **Ciências Físicas e Naturais** —
Curso primário – 4.ª edição. . . . 6$000

HISTÓRIA NATURAL:

C. DE MELO-LEITÃO:

15 — **Curso Elementar de História Natural** – Vol. I – 2.ª edição . . . . . 10$000

22 — **Curso Elementar de História Natural** - Vol. II . . . . 12$000
36 — **Curso Elementar de História Natural** - Vol. III. . . . . 14$000
42 — **Curso Elementar de História Natural**- Vol. IV - Biologia. . . . . 14$000

CARLOS COSTA:

72 — **História Natural**
Para a 3.ª série ginasial - 3.ª edição. 8$000
77 — **História Natural**
Para a 4.ª série ginasial - 2.ª edição. 13$000
81 — **História Natural**
Para a 5.ª série ginasial . . . . 15$000

A. ALMEIDA JÚNIOR:

11 — **Elementos de Anatomia e Fisiologia Humanas** - Para ginásios e escolas normais - 6.ª edição . . . . 12$000

FÍSICA:

OSCAR BERGSTRÖM LOURENÇO

23 — **Física**
Para a 3.ª série ginasial - 7.ª edição. . 7$000
29 — **Física**
Para a 4.ª série ginasial - 5.ª edição. . 12$000
56 — **Física**
Para a 5.ª série ginasial - 2.ª edição . 15$000

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO:

28 — **Física** - Para a 3.ª série gin. . 7$000

HIPÉRIDES ZANELLO

96 — **Física** - Para 3.ª série ginasial 9$000

QUÍMICA:

A. VALENTE DO COUTO

60 — **Química** - Teórica e Prática — 3.ª, 4.ª e 5.ª séries ginasiais - 3.ª edição 20$000

GILDÁSIO AMADO:

63 — **Química** - Para 3.ª série gin. . 8$000
74 — **Química** - Para 4.ª série gin. . 12$000

OSCAR BERGSTRÖM LOURENÇO:

52 — **Química** - Para 3.ª série gin. . 8$000

CARLOS COSTA e CARLOS PASQUALE:

80 — **Química** - Para 3.ª série gin. . 8$000
95 — **Química** - Para 4.ª série gin. . 10$000
88 — **Química** - Para 5.ª série gin. . 16$000

EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA E LÓGICA

A. SAMPAIO DÓRIA

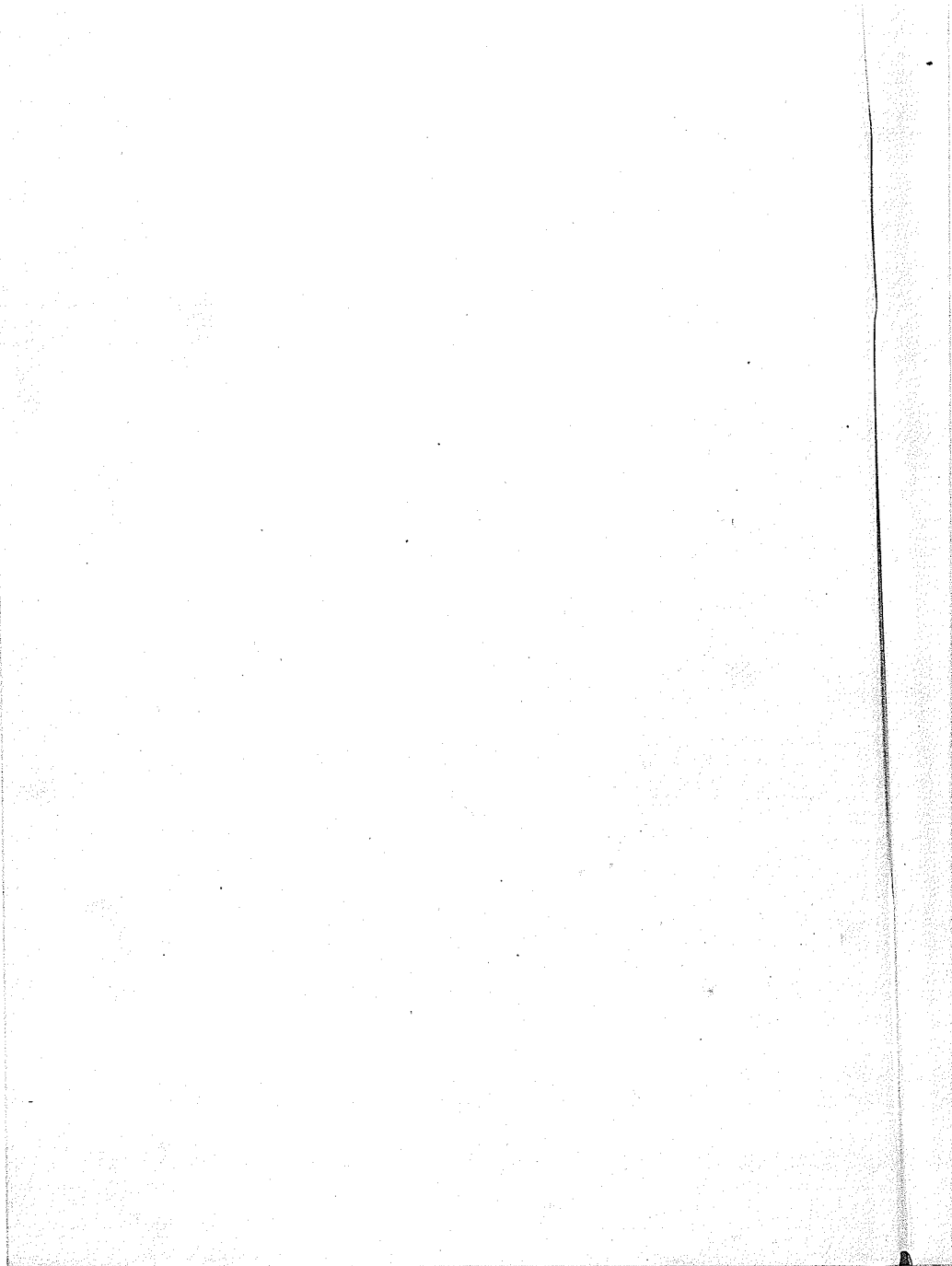
17 — **Educação** - 2.ª edição . . . 12$000
8 — **Psicologia** - 6.ª edição. . . 10$000

L. LIARD

18 — **Lógica** - Tradução de Godofredo Rangel - 3.ª edição . . . . 9$000

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118-140 — São Paulo

LIÇÕES
DE
PORTUGUÊS

OBRAS DO MESMO AUTOR

Trechos Seletos, com introdução histórico-gramatical e anotações, 4.ª ed. (Companhia Editôra Nacional).

A língua nacional e o seu estudo, conferência.

Algumas Fábulas de Fedro, com tradução literal, notas visando ao português e vocabulário, 2.ª ed. (Livraria Francisco Alves).

Ansia, tecer e a Ortografia Portuguesa (na Livraria Francisco Alves).

Crisfal, égloga de Cristóvão Falcão, anotada (nas Livrarias F. Alves e J. Leite).

Sôbolos rios que vão, de Camões, ed. anotada. Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, ed. anotada (a sair). Casimiro de Abreu, *Obras*, ed. anotada (no prelo)

ESCRITOS AVULSOS:

a) Na "Revista de Língua Portuguesa":

N.º 7. A ortografia da língua portuguesa.
N.º 9. Excelência das formas vernáculas.
N.º 11. O dialeto caipira.
N.º 29. Nota sôbre os pronomes *se* e *êle*.
N.º 51. Palavras afins.
N.º 60. Um novo livro do Professor Nascentes.

b) Na "Revista de Filologia Portuguesa":

N.º 8. A respeito de ortografia.
N.º 12. Formas populares e hipotéticas.
N.º 19. Uma poesia trovadoresca.

c) Na "Revista de Cultura":

N.º 20. Ainda a Ortografia Portuguesa.
N.º 38. Ortografia Portuguesa.
Simplificação Ortográfica.
Formulário Ortográfico da Academia.
N.º 39. Reforma Ortográfica.
N.º 41. O verbo *criar*.
N.º 42. Ainda o verbo *criar*.
N.º 46. *Mobilar* e *mobiliar*.
Macho e fêmea.
N.º 54. *Os Lusíadas* (edição do sr. Dr. Cláudio Basto).
N.º 55. Formulário acadêmico do Acôrdo.
N.º 58. Mário Barreto.
N.º 59. Formulário acadêmico, I.
Ns. 59 e 60. Formulário acadêmico, II.
N.º 60. Formulário acadêmico, III.
N.º 61. Formulário acadêmico, IV.
N.º 62. Formulário acadêmico, V.
N.º 63. Notas sôltas de linguagem, I.
N.º 64. Notas sôltas de linguagem, II.
Ns. 65 a 69. *Castro*, tragédia de António Ferreira, anotada.
N.º 66. Notas sôltas de linguagem, III.
N.º 70. Notas sôltas de linguagem, IV.
N.º 71. Páginas clássicas, anotadas: *A Cruz*, de Tomé de Jesús.
N.º 72. Notas sôltas de linguagem, V.
N.º 73. Preposição DE.
N.º 74. Sá de Miranda e a fábula dos dois ratos.
Páginas clássicas, anotadas: *Contemplação das perfeições de Deus*, de Bernardes.
N.º 75. Notas sôltas de linguagem, VI
Dicionário Etimológico do Prof. Antenor Nascentes.
N.º 76. A fábula do rato do campo e o da cidade (tradução da redação de Horácio).
Notas sôltas de linguagem, VII.
N.º 77. As "Páginas Clássicas", de Bernardes
N.º 78. Notas sôltas de linguagem, VIII.
N.º 79. Ainda as "Páginas Clássicas" de Bernardes".
N.º 81. Notas sôltas de linguagem, IX.
Ns. 81-86. *Crisfal*, égloga de Cristóvão Falcão, anotada.
N.º 90. Notas sôltas de linguagem, X.
N.º 91. Páginas clássicas: *Todo-o-Mundo e Ninguém*, de Gil Vicente.
N.º 92. Páginas clássicas: *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro.
N.º 95. Questão ortográfica.
N.º 99. Páginas clássicas: *Cantar á maneira de Solau*, de B. Ribeiro.
N.º 109. Notas sôltas de linguagem, XI.
N.º 116. Notas sôltas de linguagem, XII.
N.º 122. Uma carta (pag. 116).
Ns. 131 e 132. Notas sôltas de linguagem, XIII.
N.º 136. Reparos a uma nova edição de Gonzaga.
Ns. 137-138. N.º 139. N.º 140. } Ainda a propósito de uma nova edição de Gonzaga.
N.º 151. "Ter" usado impessoalmente.

d) Na "Revista de Filologia e de História":

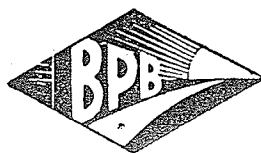
Tômo I, fasc. I. *Os Lusíadas*, edição escolar do prof. Nascentes.
Tômo II, fasc. I. E'timo de *ser*.
Tômo II, fasc. III-IV. *Um verso obscuro dos Lusíadas*.

Serie 2.ª LIVROS DIDATICOS Vol. 100
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOUSA DA SILVEIRA
Prof. da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

*

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

QUARTA EDIÇÃO
MELHORADA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PÔRTO-ALEGRE
1940

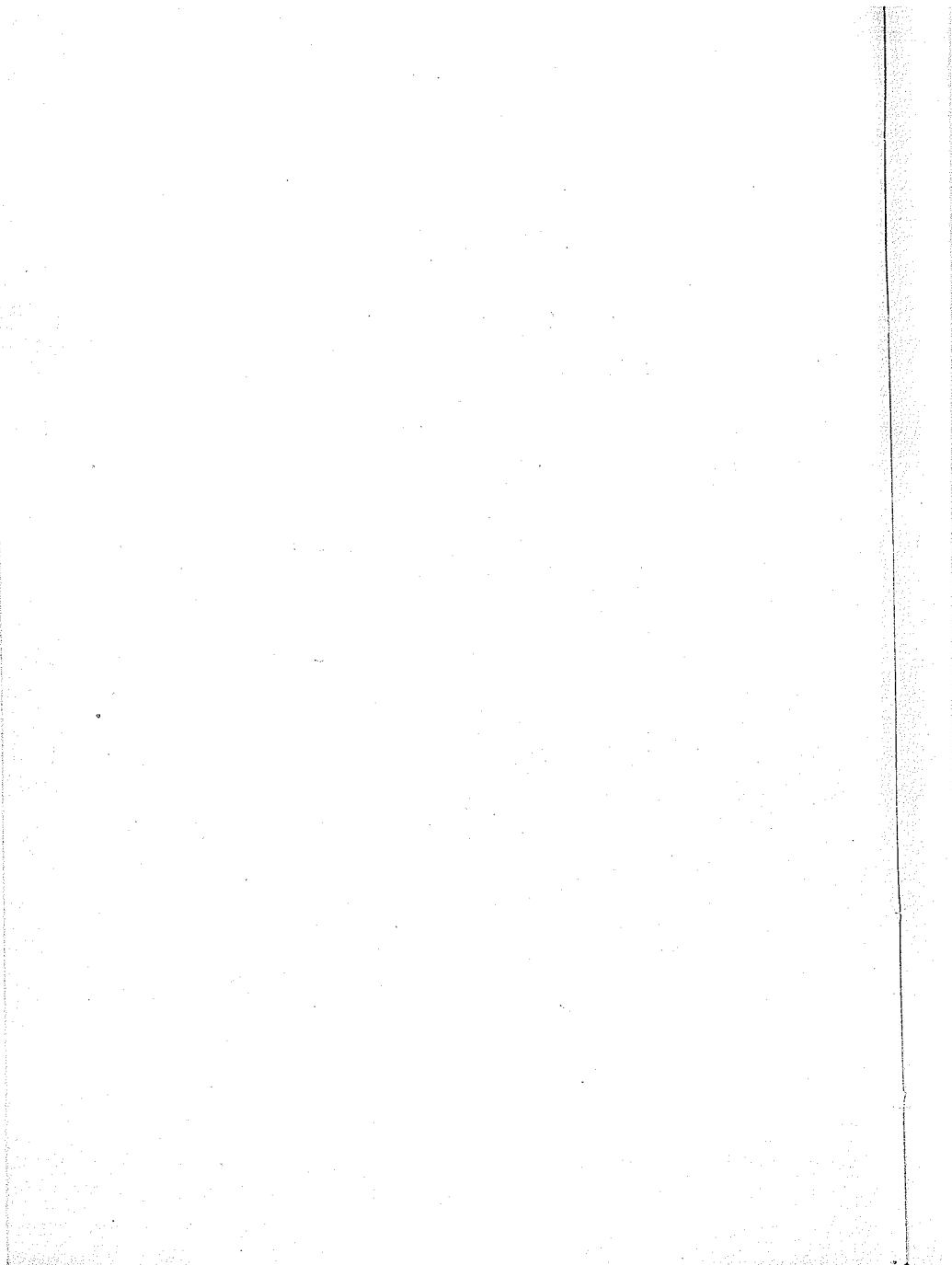
Exemplar № 3889 ❊

Ao meu sábio mestre e amigo

o Exmo. Sr.

SAID ALI,

cuja perspicácia filológica, aplicada a estudos da língua portuguesa, tão prestimosa tem sido a todos os que nos interessamos pelo idioma pátrio, dedico êste trabalho.

Sousa da Silveira.

Prefácio da 2.ª edição

ENTREGO ao público a 2.ª edição das minhas «Lições de Português» penhorado a quantos concorreram para que se esgotasse a primeira.

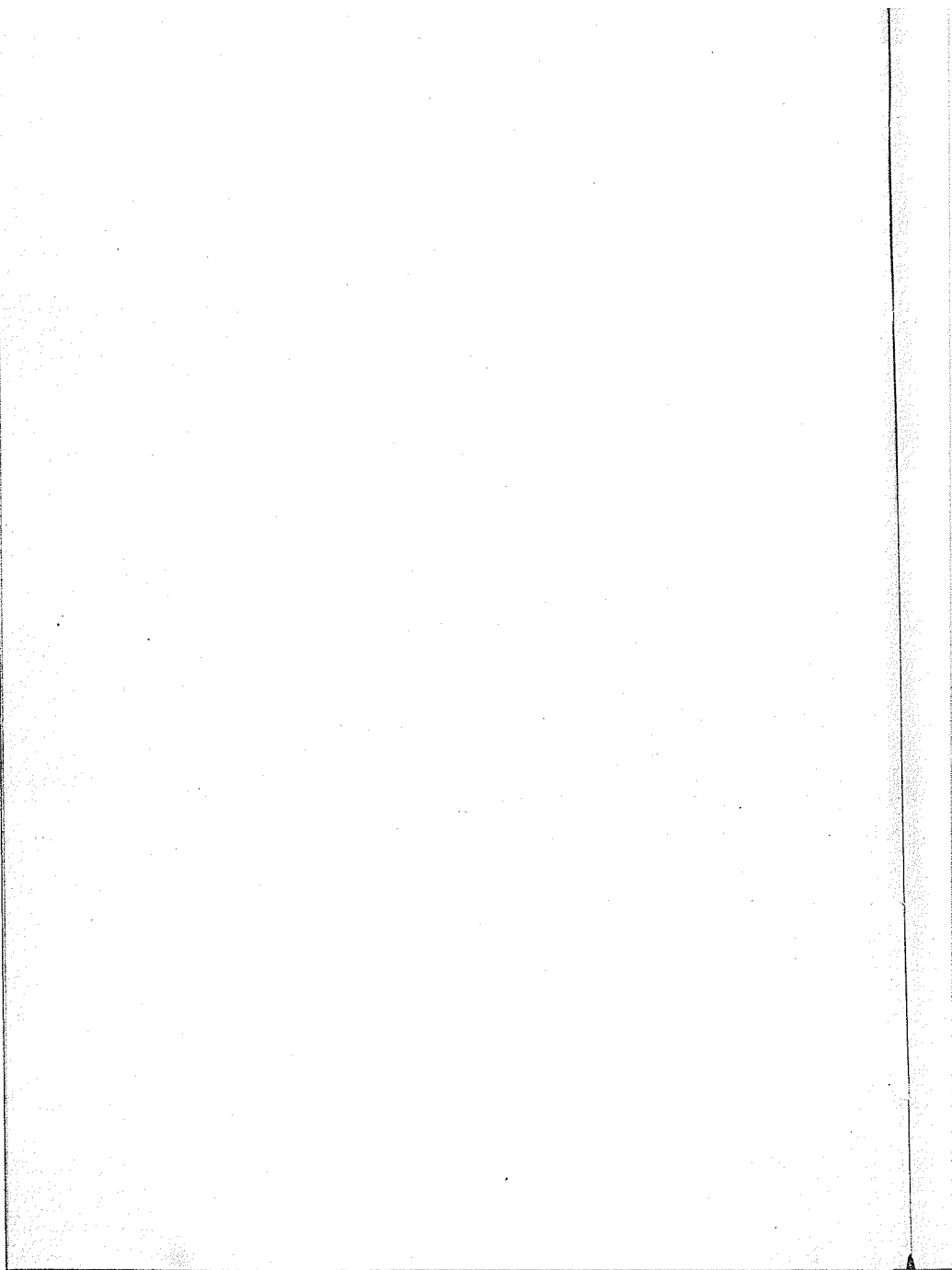
Vão melhoradas no estilo, corrigidas na doutrina, enriquecidas na documentação e acrescidas (mas só levemente) na matéria.

A ortografia empregada agora é a que o nosso Govêrno tornou oficial e, ùltimamente, até obrigatória. Neste meu ato veja-se apenas que me curvo à fôrça da lei, e não que abandono a minha opinião, já bem conhecida de quantos tiverem lido os meus trabalhos. A quem deseje saber a minha posição em relação ao Acôrdo ortográfico realizado entre as Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa e às suas consequências, remeto aos n.os 55 e 59 a 62 da *Revista de Cultura*, mensário publicado no Rio de Janeiro sob a direção do Revmo. Pe. Tomaz Fontes.

Á crítica bem intencionada e competente peço que me aponte as falhas desta obra, ajudando-me assim a melhorá-la em nova oportunidade.

Conservo os prefácios anteriores para que acompanhe ao livro a sua história.

SOUSA DA SILVEIRA

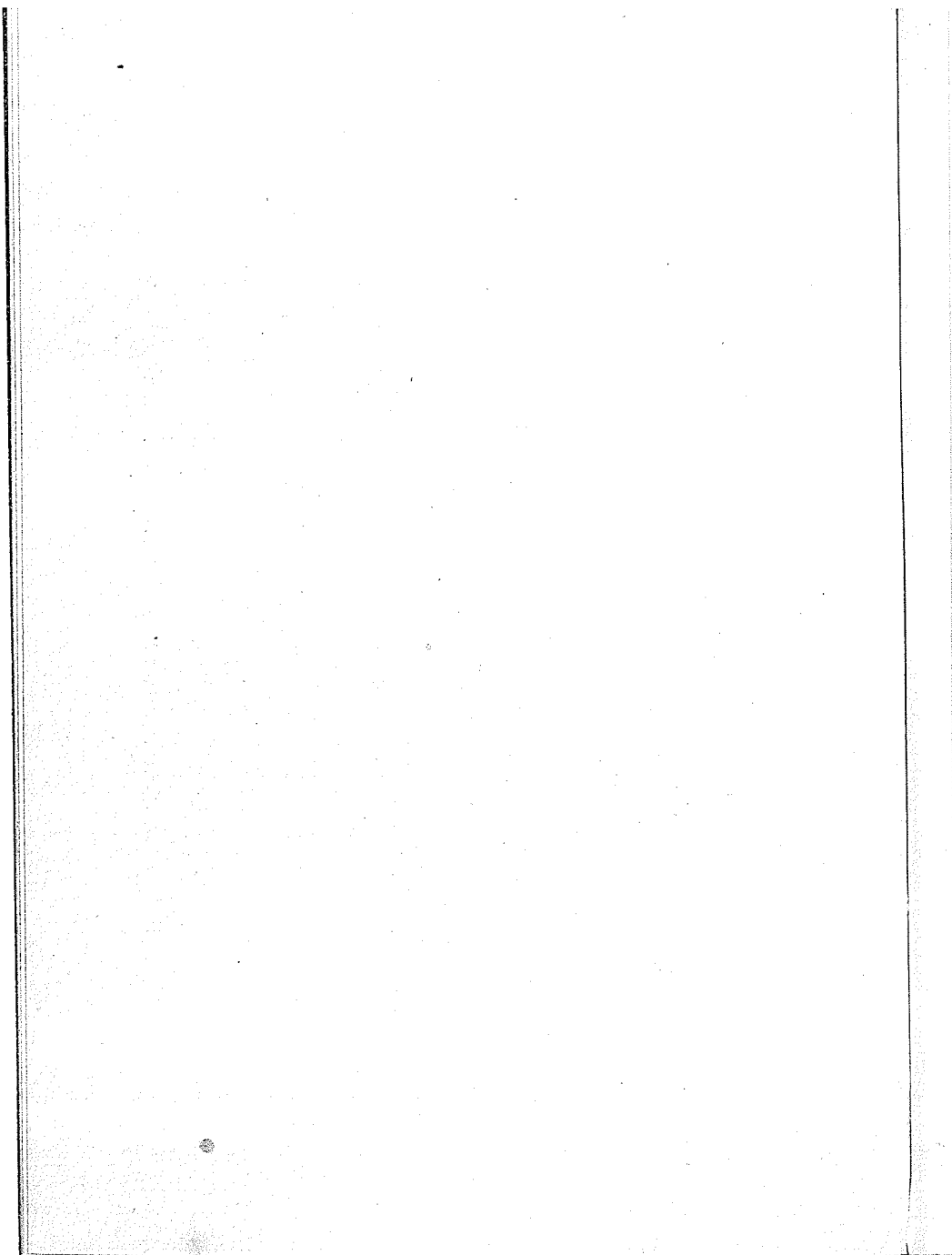
Rio, 23 de outubro de 1933.

Ao leitor

NUM dos últimos dias de março p. p. iniciei as aulas de português numa turma do 3.º ano da Escola Normal. Costumo ditar as lições aos alunos, para que êles tenham por onde estudar ; e para que eu possa saber, para exigí-la nas sabatinas, a matéria que ministrei, peço, depois de cada lição, a uma aluna o favor de tirar dos seus apontamentos uma cópia, e dar-ma, incluindo os resumos e as figuras elucidativas que faço no quadro negro.

O programa do 3.º ano contém disciplina muito interessante. Por isso me pareceu que a publicação destas lições poderia ser proveitosa às alunas da Escola Normal, e aos estudantes em geral, bem como às pessoas que, não sendo estudantes, mas interessando-se pela nossa língua, acham prazer em ler uma exposição de doutrina, feita elementarmente e com certa clareza, qual se costuma nas escolas a um auditório numeroso, complexo e desigual. Comuniquei isto ao ilustre diretor da REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, *e a minha idéia de publicar as lições obteve da parte de tão dedicado amigo de nossa língua o mais franco e sincero gasalhado. Mercê, pois, da sua solicitude, para agradecer a qual não acho palavras bastantes, começo hoje a publicação desejada.*

Cumpre-me declarar que não concordo com a ordem em que são apresentados os pontos do programa e muito menos com o enunciado de alguns dêles.

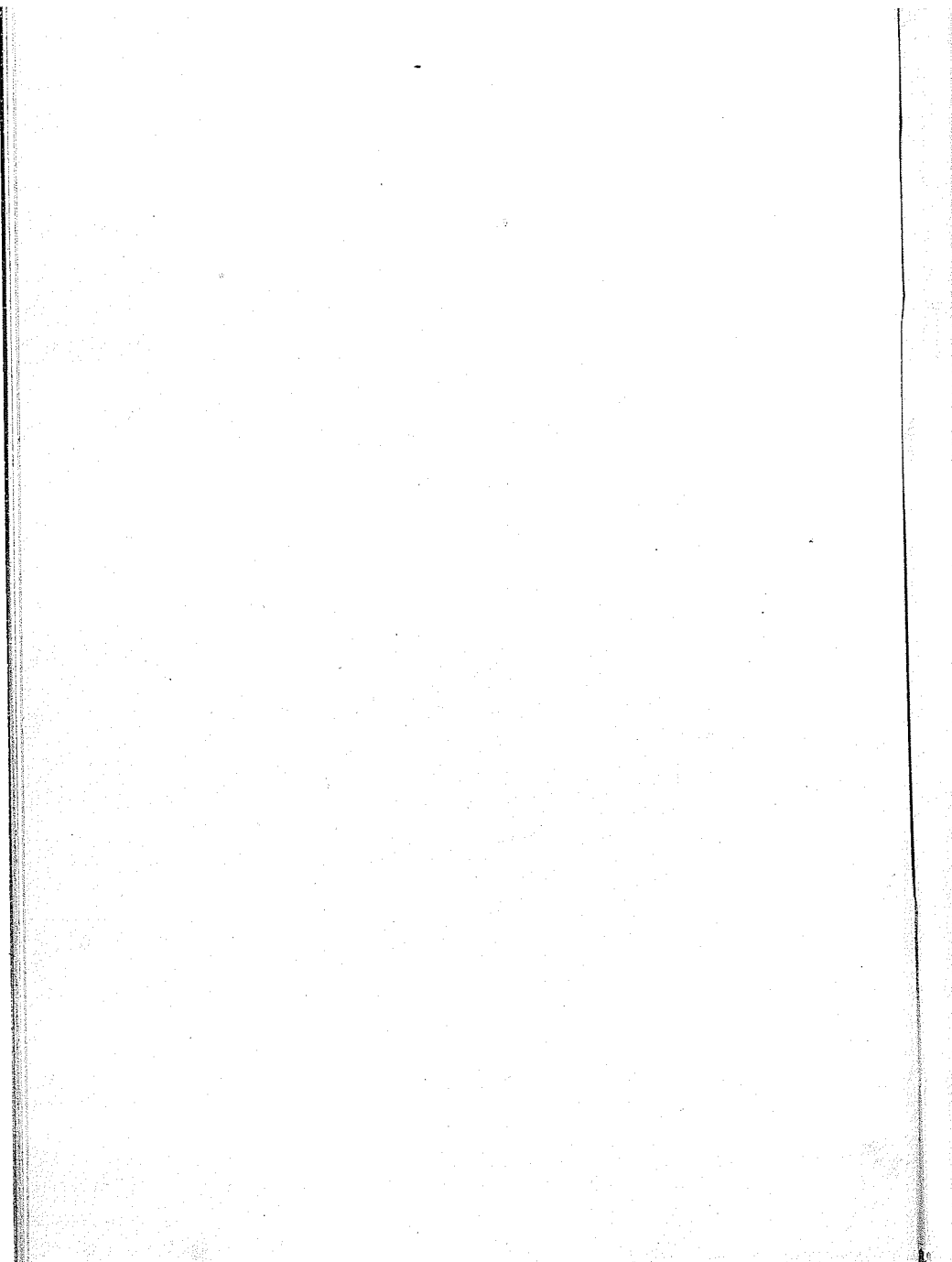
Rio de Janeiro, 10 *de abril de* 1921.

SOUSA DA SILVEIRA

Prefácio da 1.ª edição
(1923)

ÊSTE livro consta das lições que dei em 1921 na Escola Normal, e foram impressas em vários números da « Revista de Língua Portuguesa ». Acrescentei-lhes agora um glossário, que supús poderia prestar serviço a alguns leitores.

Ainda que venha a ser modificado o programa segundo o qual dei as lições, elas sempre interessarão aos estudantes da Escola Normal, e a quaisquer outros, por isso que nelas se contém, exposto resumidamente e com objetivo didático, o que há de principal acêrca da história da língua e da sua sintaxe, e tais assuntos jamais se deixarão de ensinar em qualquer curso regular de português. Foi esta consideração que me fez reuní-las em volume.

Reproduzo adiante a advertência ao leitor, com a qual precedí, na « Revista » (n.º 11), a publicação das referidas lições.

Sousa da Silveira

1. Etimologia

História da Língua Portuguesa

1. Em tempos muito afastados o latim era um simples dialeto (língua rude e de pouca importância) falado no Lácio, exíguo distrito à margem do Tibre, na península Itálica. Tornou-se depois a língua dominante da península, e foi levado pelos romanos para os países por êles conquistados, onde o adotaram por fim para língua própria as populações vencidas e romanizadas.

2. As províncias romanas, entre as quais figurava a península Ibérica, representavam uma vasta extensão geográfica, e os povos que nelas aceitaram o latim eram não só numerosos, mas diversíssimos em civilização, índole, costumes e tendências ; de sorte que o latim falado em todo o domínio romano continha em si poderosos germes de diferenciações dialetais, cuja completa irrupção o ensino ministrado nas escolas e a unidade política do império conseguiam coibir de certo modo.

3. Com a invasão dos bárbaros (povos germânicos) no século V, os quais também vieram a adotar o latim e se tornaram novos elementos perturbadores da língua, e, ainda, com a quebra da unidade política pelo desmembramento do império romano, as diferenciações regionais acentuaram-se mais, e se tornaram tão consideráveis, que o latim acabou por transformar-se em diversas línguas. A estas chamamos línguas neo-latinas (1) ou românicas.

---

(1) Não têm razão os que acham má a palavra *neo-latino* por ser um hibridismo. *Neo* é um prefixo e presta-se a formar compostos com radicais, gregos ou não. *Anti* também é grego e dizemos anti-humano, anti-brasileiro ; o sufixo *ismo* é grego e com êle fazemos caiporismo, derivado do voc. tupí *caipora*.

As principais são o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o franco-provençal, o italiano, o rético e o romeno, cuja distribuição no território europeu vemos no seguinte mapa.

4. O português resultou da alteração do latim falado na Lusitânia, região ao ocidente da península Ibérica. Esta península sofreu no século VIII invasão de árabes, que nela se estabeleceram como vencedores, não exterminando, porém, nem mesmo perseguindo as populações românicas e cristãs que lá viviam e que puderam assim conservar a sua língua, o seu *romance*, que é como se denomina o latim que se tornou língua vulgar de um país. O *romance* peninsular existiu durante muito tempo sem ser escrito, e foi-se fragmentando em várias línguas. Uma destas, a portuguesa, que, na ori-

gem, constituíu com o galego um mesmo idioma, já devia existir no século IX, pois em documentos dêsse tempo redigidos em latim bárbaro se entremostram alguns vocábulos portugueses. Mas documentos inteiramente escritos em português só aparecem no século XII.

5. Nesse mesmo século D. Afonso Henriques, filho do conde D. Henrique, senhor do condado de Portugal, ao sul do Minho, funda a nacionalidade portuguesa, que à custa de muitas guerras e heróicos esforços conseguíu manter a sua independência e definir o seu território no ocidente da península Ibérica. Empreendendo os portugueses desde o século XV extensas navegações, levaram a sua língua para a África, Ásia, Oceania e América. Aquí se desenvolveu uma grande nação, o Brasil, cujo idioma nacional é o português, não tal qual se fala em Portugal, mas com a pronúncia diferente, pequenas divergências sintáticas e o vocabulário grandemente opulentado por numerosas palavras indígenas e africanas, e outras criadas ou adotadas em nosso meio.

6. A língua portuguesa não se tem conservado invariável durante a sua existência já de vários séculos. Para facilidade do estudo, consideraremos nela, seguindo o eminente filólogo lusitano Dr. José Leite de Vasconcelos, dois grandes períodos : o português arcaico, desde as origens até o século XVI (1.ª metade), e o português moderno, do século XVI aos nossos dias. Examinando-se a língua nessas duas fases, notam-se diferenças importantes na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico. Dessas diferenças apontaremos as principais quando nos ocuparmos do 12.º ponto.

7. Luiz de Camões, o grande poeta, e outros humanistas do século XVI não desconheciam a origem latina da nossa língua. Camões, nos *Lusíadas*, diz que quando Venus, a deusa protetora dos lusitanos, a considerava, supunha ver nela, um pouco alterado, o próprio latim.

Num soneto célebre, o poeta brasileiro Olavo Bilac alude à origem latina do português, exalta a sua faculdade de se

prestar aos vários estilos, desde o da poesia épica até o que convém à saudade e à ternura, recorda-lhe a expansão através dos mares e a sua penetração nos sertões virgens das terras descobertas, e salienta o nosso apêgo ao falar em que primeiro ouvimos a voz materna, e em que o maior poeta do idioma, Luiz de Camões, gemeu a sua desgraça :

A LÍNGUA PORTUGUESA

(*Olavo Bilac*)

Última flor do Lácio, inculta e bela,
E's, a um tempo, esplendor e sepultura ;
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura !

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo !
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouví : "meu filho !"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho !

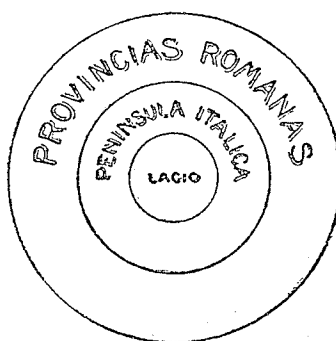
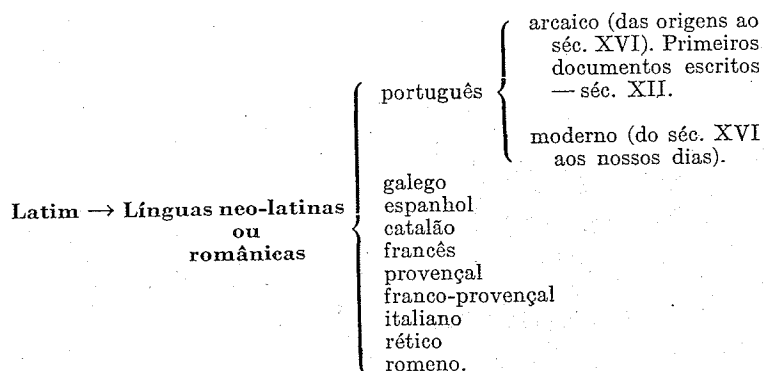
Resumo

8. O que dissemos pode ficar resumido nos seguintes quadros :

EXPANSÃO DO LATIM

TRANSFORMAÇÃO DO LATIM :

Latim → Línguas neo-latinas ou românicas

- português
  - arcaico (das origens ao séc. XVI). Primeiros documentos escritos — séc. XII.
  - moderno (do séc. XVI aos nossos dias).
- galego
- espanhol
- catalão
- francês
- provençal
- franco-provençal
- italiano
- rético
- romeno.

FATOS HISTÓRICOS

Século V — invasão dos bárbaros.
Século VIII — invasão dos árabes.
Século XII — constituição da nacionalidade portuguesa.
Século XVI — descobrimento do Brasil em 1500, e depois a sua colonização.

2. Léxico português

9. O léxico de uma língua é o conjunto das palavras dessa língua : é o seu vocabulário, o seu dicionário.

10. Vimos que o português não é mais do que uma transformação do latim que se falava na Lusitânia, zona ao ocidente da península Ibérica. A conclusão que imediatamente havemos de tirar disso é que o grosso dos vocábulos do léxico português é de origem latina.

11. Não é o latim a fonte única do nosso léxico, e concebe-se fàcilmente porquê. Um povo não vive isolado, segregado de todos os outros povos do mundo : tem contacto com alguns dêles, e relações, de vária espécie, com quasi todos. E a sua língua pode receber tal ou qual influência das línguas dêsses outros povos. Foi o que sucedeu ao latim no tempo antigo, e depois continuou a suceder quando, já diferenciado em português, arrancou vôo da "ocidental praia lusitana" e foi pousar e expandir-se em África, Ásia, América e Oceania.

12. Devido, pois, a essa condição geral dos idiomas, a que não escapou o latim, nem o português, é que encontramos em nosso léxico vocábulos de vária procedência. (1).

a) Latim. Havemos de ver no 6.º e 7.º pontos que as alterações operadas nos fonemas dos vocábulos latinos quando se iam transformando em portugueses, obedeceram a leis constantes e invariáveis durante certa época, e em certa região, mas variáveis de uma época para outra e de região para região. As palavras latinas que sofriam tais mudanças fonéticas eram as que, recebidas pelo ouvido, rolavam de bôca em bôca, no largo período em que não se escrevia o romance. Tais pala-

(1) A quem se interessar pelo étimo e origem das palavras, é de imprecindível consulta o monumental trabalho do professor ANTENOR NASCENTES, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932.

vras constituíam o vocabulário popular. Êste, com o progresso da civilização, tornou-se, porém, insuficiente para a cabal expressão do pensamento. Então, para acudir às falhas, se foram buscar diretamente ao dicionário latino os termos requeridos pela necessidade, ou que aos literatos pareciam convenientes à beleza e propriedade da expressão. Êstes vocábulos, hauridos em documento escrito, introduziam-se pela vista, e conservavam-se tais e quais ou sofriam apenas leve modificação na parte final para revestirem aspeto português. Tais vocábulos se denominam literários ou eruditos. Pode também um vocábulo de outra língua, mas originário do latim, ser encorporado em nosso léxico.

Conclue-se de tudo isto que um mesmo têrmo latino pode vir a português por via popular ou literária, diretamente ou após peregrinação por outros povos.

As várias formas portuguesas representantes de uma única palavra latina chamam-se *formas divergentes.* O nome recorda perfeitamente a origem comum, e a posterior diferenciação.

Esclareçamos o exposto, reunindo os representantes (ou formas divergentes) que tem em nosso léxico o latim *planu.* Havemos de ver mais tarde que o *pl-* latino inicial gerava em português *ch* (*plorare* = chorar) e em época menos remota *pr* (*planctu* = pranto) e que a terminação *-anu* passava a *ão* (*manu* = mão, *vanu* = vão). Aplicadas a *planu* estas leis, resultam as palavras vernáculas *chão* e *prão.* Junte-se-lhes o vocábulo erudito *plano,* e mais o espanhol *lhano* e o italiano *piano,* ambos os quais procedem normalmente do lat. *planu,* e teremos o seguinte quadro :

lat. *planu* ⟶ formas divergentes encontradas no léxico português. {
- chão.
- prão (usado em português antigo, mas não no atual).
- plano
- lhano (vindo do espanhol).
- piano (vindo do italiano).

O contrário dêste fenómeno ocorre algumas vezes. Dois ou mais vocábulos, latinos ou não, podem, alterados fonèti-

camente, produzir palavras portuguesas de significados diferentes, mas de formas iguais. Estas se chamam formas convergentes.

Assim, há em latim os vocábulos *tela* e *taeda* (ou *teda*). Ora, o *-d-* e o *-l-* latinos, estando entre vogais, caem na passagem para o português : *nuda* = nua, *radice* = raiz, *malu* = mau, *filu* = fio. De sorte que os dois substantivos *tela* e *taeda* vão assumir em português formas iguais : *teia*, significando, porém, coisas diversas. Isto é :

lat. *tela*	↘			tecido.
		teia	=	
lat. *tæda*	↗			facho, archote.

Odorico Mendes usou ambas as formas, e *teia* (= facho) se pode ver em Gabriel Pereira de Castro, *Ulisséia*, VIII, 87 .

"Arrojam grandes lanças, seguem logo
Graves *teas* de pez ardendo em fogo".

O verbo *atear*, cognato de *teia* (= facho), é de uso comum:

b) Línguas pre-romanas. As línguas que os romanos encontraram na península Ibérica deixaram vestígios, um tanto difíceis de apurar, em nosso léxico. Citam-se como tais : *lousa*, *Lima* (proveniente de Limia), e o sufixo *-arro*, que aparece, por exemplo, em *canzarrão* (can-z-arr-ão).

c) Depois dos romanos foram para a península Ibérica povos germânicos.

Mas antes disso os romanos já tinham tido contacto com povos tais, em suas fronteiras, nas colónias que estabeleceram nas margens do Reno e do Danúbio, ou mesmo com a admissão em suas tropas de indivíduos de raça germânica. Por tudo isto, o nosso léxico acusa elementos germânicos : palavras, como *guerra*, *elmo*, *guisa*, *trégua*, *feltro*, *rico*, *trepar*, etc., e os sufixos *-ardo* e *-engo*, visíveis, por exemplo, em *Ricardo*, *bastardo*, *realengo*, *solarengo*.

d) Os árabes invadiram a península Ibérica, e a sua língua se juxtapôs ao latim que lá se falava, deixando-lhe no vocabulário numerosos termos, ainda hoje usados em nossa linguagem corrente.

Em sua maioria se referem à indústria, ao comércio, à agricultura, à administração, bem como às ciências, que se ensinavam nas grandes universidades de Córdova, Sevilha e Granada.

São de procedência arábica: *açafata, açafate, açafrão, açame* ou *açamo, acelga, acéquia, acicate, açorda, açougue, açucar, açucena, açude, adarga, adibe, adufe, aguazil, albornoz, alcaçuz, alcaide, alcorão, alcova, alface, alambique, alarido, alarve, alaúde, alcáçar, alcanzia, alcatifa, alcatrão, alcatruz, álcool, aldeia, aldraba, alecrim, alfageme, alfaia, alfaiate, alfafa, alfândega, alfanje, alfarrábio, alfarroba, alfazema, alfenin, alferes, alforge, algarismo, álgebra, algema, algeroz, algibebe, algibeira, algodão, algoz, alizar* (1), *alguidar, alicece* (arc.), hoje *alicerce, aljava, aljôfar, almácega, almaço, almadia, almanaque, almargem, almíscar, almofada, almofariz, almoxarife, almadraque, almanjarra, almude, alvaiade, alvará, alveitar, alvorôço, âmbar, ameixa, amir* ou *emir, anafil, anil, argola, armazém* (arc. e pop. *almazém*), *arrais, arrátel, arrôba, arrôbe, arroz, arsenal, atabale, atafona, atalaia, ataúde, auge, axorca, azagaia, azêbre, azeite, azeitona, azêmola, azenha, azimute, azougue, azul, baxá* ou *paxá, beduím* ou *beduíno, beijoim* ou *benjoim, cabaia, cadimo, café, cáfila, cafre, califa, cânfora, carmesim, ceifa, ceroula, cifra, elixir, enxaqueca, enxôfre, enxoval, enxovia, fulano,* (*fuão*), *gazela, gergelim, girafa, giz, haxixe, jasmim, javalí, julepo, laranja, limão, maravedí, masmorra, mesquinho, monção* ou *moução, nadir, nora* (aparelho para extrair água de poços), *oxalá, pato, refece, rês, romã, sáfaro, salamaleque, sultão, saguão, sorvete, tâmara, tremoço, tufão, turgimão, xadrez, xarife, xairel, xarope, zagal, zenite.*

Atribue-se comumente procedência arábica a *almôndega, bisnaga, garrafa.*

---

(1) E' o substantivo, têrmo de arquitetura; não confundir com o verbo *alisar* cognado de *liso.*

e) O elemento grego está representado por larga cópia de vocábulos, alguns dos quais nos vieram por intermédio do latim. São de origem grega : *bispo, êrmo, gêsso, espada, cadeira, tio, anjo, bôlsa, igreja, avantesma, fantasma, quilate, gôlfo, telégrafo, telefone* (ou telefónio), *telepatia, etc.* (O sr. Dr. Ramiz Galvão é autor de um vocabulário de palavras oriundas do grego, o qual pode prestar grandes serviços aos estudiosos da língua).

f) Do francês ou provençal também figuram representantes em nosso léxico : *batalha, jaula, jóia, chapéu, loja, charrua, chefe, jardim, forja, chaminé, finanças, etiqueta, banalidade, baioneta, sargento, guarita,* etc.

g) Do espanhol mencionaremos *antanho, cochilha, grunhir, lhano, hediondo, amistoso, deslumbrar, vislumbre, colcha, trecho,* etc.

h) Há bastantes termos italianos, muitos dos quais relativos às artes : *violoncelo, soneto, gazeta, piano, tenor, cantata, arpejo, esdrúxulo, bússola, bandido, pilôto, fragata, tessitura,* etc.

i) Eis algumas vindas do alemão e de outras línguas germânica, que não o inglês : *níquel, zinco, gás,* etc.

j) São de origem inglêsa : *clube, tênder, túnel, bife, bonde, revólver, juri,* etc.

k) Formariam longa lista as vozes de procedência tupí : *xará, manacá, caipora, perereca, capim, pereba, catapora, pindaíba, mocotó, etc.* (Veja-se, a êste respeito, o livro do sr. Teodoro Sampaio, *O tupí na geografia nacional*, 1914).

l) Além do tupí, outras línguas da América (Antilhas, México, Perú, etc.) têm representantes em nosso léxico : *canoa, colibrí, furacão ; tomate, chocolate, chícara ; condor, jaguar, pampa ;* etc.

m) São africanos (1): *cochilar, batuque, moleque, quitanda, senzala, tanga, cachimbo, quingombô,* etc. Supõe-se que também o seja *banana.* (2).

n) De línguas asiáticas (chinês, japonês, persa, malaio, etc.): *bambú, bazar, bengala, biombo, bonzo, bule, cacatua, canja, carambola* (fruta), *caravana, caravançará, casimira* (tecido), *cassa* (tecido), *catana, catual, caulim, chá, chale, chávena, chatim, chita, corja, gaza* ou *gaze, jaca, jambo, jangada, leque, manga* (fruta), *morim, nardo, pijama* (através do inglês *pyjama*), *pires, quimão* (*quimono*), *tafetá, tamarindo* (sign. *tâmara da India*), *zuarte* (pano), e outros mais.

13. OBS. I. A origem de algumas dessas palavras é duvidosa. Por isso, consultando-se mais de um compêndio, encontram-se às vezes designadas, para a mesma palavra, procedências diversas.

14. OBS. II. A respeito de *café* lembra Monsenhor Rodolfo Dalgado que se dá comumente por étimo um vocábulo árabe, mas acha provável que o verdadeiro étimo seja o nome geográfico *Kaffa,* na Abissínia, primitiva vivenda da planta. "O conhecimento e o uso do café — ensina o mesmo filólogo — propagaram-se à Europa por via da Turquia, que já tinha uma casa de café em Constantinopla em 1554 e que emprega o vocábulo *kaphe.*"

Quanto a *chá,* diz o sábio orientalista citado:

«Ao ideograma chinês, representativo da planta de chá, correspondem duas formas fonéticas: *chá* no dialeto mandarino, e *te* no dialeto de Fun-Kien. A primeira foi adotada pelo Japão e pela Indo-China, e por Portugal, pela Grécia e pela Rússia; e a segunda, pelas outras nações européias, bem como pelas línguas malaio-polinésias. Vê-se das mais anti-

---

(1) Dois trabalhos aparecidos recentemente mostram que o elemento africano vai sendo investigado com carinho: o do prof. JAQUES RAIMUNDO, que menciono em a nota seguinte, e o do prof. RENATO MENDONÇA: *A Influência africana no Português do Brasil.*

(2) Vid. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático,* s. v. *banana,* e JAQUES RAIMUNDO, *O elemento afro-negro na língua portuguesa,* 1933, pág. 105.

gas referências que os portugueses receberam o vocábulo diretamente dos chineses e dos japoneses.»

15. O que ficou dito pode ser resumido dêste modo :

Léxico Português
- vocábulos latinos (a maioria).
- ,, de línguas ibéricas pre-romanas.
- ,, germânicos.
- ,, árabes.
- ,, gregos.
- ,, franceses e provençais.
- ,, espanhóis.
- ,, italianos.
- ,, alemães.
- ,, inglêses.
- ,, tupís e de outros idiomas americanos.
- ,, africanos.
- ,, asiáticos.
- ,, de línguas que não mencionámos.

Formas divergentes : vários vocábulos portugueses que têm um étimo comum.

Formas convergentes : vocábulos portugueses de formas iguais, mas de étimos diferentes.

3. O latim clássico e o familiar. O latim popular

16. Vou dividir o estudo dêste ponto em duas partes: na primeira procurarei dar idéia do que seja o latim clássico, o latim familiar e o popular; na segunda apontarei as diferenças principais entre o latim clássico e o latim falado.

I

17. Leiam-se os seguintes trechos

1. Era a hora mágica do declinar do dia.

Os últimos raios do monarca da luz franjavam de ouro as nuvens do ocidente, coroavam de uma auréola fulgurante os cumes garfados dos Órgãos e vinham refranger-se em miríades de estrêlas nas límpidas águas da formosa Guanabara.

A harpa da natureza vibrava melancòlicamente a corda dessa saudade vaga, que o anjo da tarde sacode do pólen de suas asas como nota misteriosa das harmonias eternas.

Era uma dessas tardes plácidas e serenas dos trópicos, em que as brisas deixam dormir a atmosfera tranquila, em que o hino das aves emudece para só deixar lugar ao cicio etéreo dêsses ecos incertos e inefáveis, que a linguagem humana chama o remanso da natureza, e que nada mais é que a repercussão longínqua do mundo invisível e o bater enfraquecido das ondas da eternidade nas regiões do infinito.

(Barão de Paranapiacaba.

2. — Machado de Assiz imaginou que uma pessoa morta póde escrever de além-túmulo as memórias de sua vida terrena : são as "Memórias póstumas de Braz Cubas". O trecho que se vai ler é o prólogo do livro dêsse defunto autor.

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira nem provàvelmente consternará é se êste outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Braz Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe metí algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escreví-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair dêsse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nêle o seu romance usual ; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseguintemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nìmiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo : se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa ; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

BRAZ CUBAS.

(MACHADO DE ASSIZ — *Braz Cubas*, IX-X).

3. »E'-lé Graviel ! — disse êste (o sacristão), por fim, com um sorriso. — Você hoje campou. O patrão é festeiro ; fica o moinho a dormir ! Heim? Galdére ; não é assim?

Mas, c'os dianhos ! não sei como não vieste cá dormir. Bota os olhos acolá para o arraial. Vês? Duas bolacheiras, e a tia Sezila com queijadas ; e disse. Ainda nem sequer o Chico apareceu para começar o ripique. Pois para isso não é cedo, que a missa da festa é às dez em ponto. Já o padre Chaparro e frei José dos Prazeres estão na sancristia, e dizem que não tarda aí frei Narciso, que vem servir de mestre de ceremónias. »

« Oh sô João de Permecena ! — acudiu o saloio, que tornara, ao ouvir o nome do Chico, a enterrar o barrete na cabeça, mas desta vez à banda — com a sua licença, há-me de perdoar : não sei o que fêz em chamar num dia dêstes aquele jimento do Chico para tocar os sinos. Aquilo !? Ora, deixe-me rir. Há-de-a fazer bonita ; não tem dúvida ! Olhe, sempre lhe digo... »

« Não digas nada : bem sei. Mas que dianho querias tu com uma cravela de doze que dá a mêsa da irmandade, e nicles? Mesmo o Chico, deu-me água pela barba para o resolver. Se aquilo são uns dianhos duns fonas ! »

« Pois, se vossemecê quer — interrompeu Gabriel, em cujos olhos se acendia o desejo, o deleite e a esperança — eu lá vou. Hoje o patrão deu-me licença até às trindades. Salto na tôrre, e vai tudo raso. Toco, até, aquela cantiga de Lisboa, que dizem que canta um tal Catragena em S. Carlos :... totro, trã-balão, re-pim, pi-ri-pim-pão. »

(HERCULANO — *Lendas e Narrativas*, II, 216-217).

4. « — É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei êle na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e êle deixou a quitanda para ir na venda beber ».

(MACHADO DE ASSIZ — *Braz Cubas*, pág. 191).

Todos êsses trechos estão redigidos em português, mas em linguagens diversas.

18. O trecho 1 tem estilo elevado, como convém à descrição, que êle é, de um quadro grandioso e grave que nos levanta a alma às coisas eternas e a Deus. Os termos são

escolhidos com rigor, a própria cadência e o desenrolar da frase moldam-se ao majestoso do pensamento.

19. Não caberia nêle a toada e o tom do trecho 2, vazado em forma irónica e que já se inclina ao familiar. A palavra *piparote* que, aquí, cai tão bem, não poderia absolutamente ser admitida no primeiro trecho : desafinaria, quebrando, de chofre, a fôrça que em todo êle nos mantém o espírito suspenso e arrebatado.

20. No trecho 3, o autor procura dar idéia do falar saloio. Há que notar as expressões comuns na linguagem falada e familiar, como *nicles, dar água pela barba, há-de-a fazer bonita*, irmã de outras tão conhecidas *fêz da boa, fêz das suas*, etc. ; a alteração fonética de certas palvras : *Graviel, Permecena* (= Nepomuceno), *sancristia, sô* (= senhor, que no Brasil dizemos *seu*), *jimento* (forma que já foi literária, e também existe na linguagem dos nossos sertões) ; *mēsa* por mesa ; e a colocação, outrora literária, do pronome pessoal átono : *há-me de perdoar* (1).

21. No trecho 4, Machado de Assiz apresenta um negro a falar, e conserva-lhe a sua sintaxe : *deixei êle, ia na cidade, ir na venda*, corrente em nossa língua popular.

22. As diferenças que os trechos 3 e 4 apresentam em relação à linguagem apurada do trecho 1, são maiores do que as que se notam entre êste e o trecho 2. É que os trechos 3 e 4 são imagens do falar descuidado do povo, ao passo que o trecho 2 representa a linguagem escrita familiar.

Há, pois, diferença entre a língua escrita e a língua falada, a não ser que naquela se queira reproduzir esta fielmente, como vimos nos trechos 3 e 4.

23. As divergências podem ser de caráter fonético, v. g. a preposição que escrevemos *para* mas pronunciamos *pra* (*vou pra casa*) ; podem ser do domínio da morfologia, como é o caso de fazermos diminutivos de certas expressões que os não admitem em língua literária caprichada (2) (*até lo-*

---

(1) "Mas há-se de sofrer..." (CAMÕES, *Lus.*, I, 75).

(2) Na tradução de "*O Corvo*" MACHADO DE ASSIZ empregou *devagarinho* (*Poesias*, 1901, 299).

guinho, agorinha mesmo) ; ou pertencerem à esfera da sintaxe, como o nosso tão usado *vi êle* e outras que tais locuções, que *se dizem*, mas *não se escrevem*. O vocabulário da língua escrita é mais rico e mais escolhido que o da língua falada ; vocábulos que se usam nesta são por aquela repelidos totalmente, ou pelo menos em certas significações.

24. A própria linguagem falada oferece modalidades conforme a educação e a classe de quem fala, e também as circunstâncias em que se está falando. Numa conferência pública não se fala do mesmo modo que num diálogo íntimo.

25. De tudo isso que acima ficou exarado, ressalta êste corolário : uma mesma língua mostra diversas feições, segundo se manifesta nos trabalhos aprimorados dos mestres, na conversação familiar, cuja imagem escrita é, por excelência, a carta, ou no falar descuidado e sôlto do povo.

26. Isto que se passa no português dava-se de modo mais frisante no latim. Os grandes autores dessa língua, entre os quais Cícero e César têm neste particular a primazia, eram rigorosíssimos no escrever, e tornavam assim bem distinta a prosa literária da linguagem familiar e popular. O próprio Cícero nota essa diferença dizendo em uma de suas cartas : «Que tal me achas nas cartas ? Parece que uso contigo a língua vulgar, pois não é ?... Nos discursos aprimoro mais, escolho mais ; nas cartas, porém, teço as frases com expressões cotidianas».

> «Quid tibi ego videor in epistolis ? nonne plebeio sermone agere tecum ?... Causas agimus subtilius, ornatius ; epistolas vero cotidianis verbis texere solemus». (*apud* Bourciez, *Linguistique Romane*, 32).

27. O latim familiar e o latim popular constituem matizes do latim falado. Aquele era o que usavam na conversação ou nas cartas as pessoas bem educadas ; êste era o instrumento de comunicação do povo.

28. Não conhecemos bem o latim falado. Contudo podemos fazer dêle idéia bastante precisa pelas inscrições,

quando exaradas por artífices inhábeis e rudes; pelas correções dos gramáticos a certas expressões correntes e portanto da língua falada; pelos escritos de autores pouco ilustrados, ou dos que de propósito reproduzem a linguagem viva; e, sobretudo, pelo estudo comparativo dos idomas românicos, o qual nos leva a induções seguras a respeito do latim falado, de que são êles transformações diferenciadas no espaço e no tempo, o que já temos afirmado, e havemos de mostrar mais claramente no ponto 4.

II

29. As línguas românicas, entre as quais figura o português, nada mais são, pois, que fases atuais do latim falado. De sorte que nos é interessante ver em linhas gerais as divergências existentes entre o latim apurado dos grandes autores ou *latim clássico*, e o latim falado ou *popular*. Como transição do clássico para o popular interpõe-se o latim familiar, não tão rigoroso e peado como o primeiro, nem tão sôlto e instável como o segundo.

30. São traços característicos do latim clássico:

a) possuir um vasto sistema de flexões (nominais e verbais), o que veremos com maior minúcia no ponto 5;

b) falta dos determinantes chamados artigos, e faculdade de omitir outros, como adjetivos possessivos, etc.;

c) moderado uso de palavras de relação (preposições);

d) liberdade de colocação das palavras na frase, predominando a ordem não natural ou inversa;

e) forte propensão para exprimir sintèticamente o pensamento, isto é, em poucas palavras, qualidade que lhe provém em parte das condições expressas em *a*), *b*) e *c*), em parte do propósito de deixar à perspicácia do leitor o apreender a correspondência entre as palavras e o pensamento.

31. O que vou dizer esclarecerá tudo isso.

Examinemos êste dístico de Ovídio :

«Donec eris felix, multos numerabis amicos ;
Tempora si fuerint nubila, solus eris.»

Significação das palavras : *donec,* enquanto ; *eris,* fores (v.) ; *felix,* feliz ; *multos,* muitos (adj.) ; *numerabis,* contarás ; *amicos,* amigos ; *tempora,* tempos ; *si,* se (conjunção) ; *fuerint,* forem (ficarem, se tornarem) ; *nubila,* nublosos (maus); *solus,* só, sòzinho ; *eris,* serás (ficarás). Traduzindo palavra por palavra e conservando a mesma ordem, se teria o seguinte :

«Enquanto fores feliz, muitos contarás amigos ; tempos se se tornarem maus, só ficarás».

Nota-se a ordem inversa e a falta de artigo. Em português diríamos :

»Enquanto fores feliz, contarás muitos amigos ; se os tempos se tornarem maus (se vier a adversidade), ficarás sòzinho».

Examinemos esta frase de Cícero : «Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia?.»

Significação das palavras : *quem,* que (adjetivo interrogativo) ; *ad,* a, até (preposição) ; *finem,* fim, limite ; *sese,* se (pronome reflexivo) ; *effrenata,* desenfreada (adj.) ; *iactabit,* lançará (v.) ; *audacia,* audácia. Conservando a mesma ordem do original, teríamos : "Que até limite se desenfreada lançará audácia?". Ordem inversa e omissão do possessivo *tua :* tua audácia. Em português : "Até que limite (ponto) se lançará tua audácia desenfreada?".

Em Ovídio encontra-se esta confissão :

«... Video meliora proboque,
Deteriora sequor».

Isto é : «Vejo o bem e o aprovo, mas sigo o mal».

Video, vejo (v.) ; *meliora*, coisas melhores, o bem ; *probo*, aprovo (v.) ; *que*, e (conjunção) ; *deteriora*, coisas piores, o mal ; *sequor*, sigo (v.).

Substituindo cada uma dessas palavras pela sua correspondente portuguesa, notaremos a ordem inversa, a omissão do objeto direto do verbo *probo* (= aprovo), e a falta de uma conjunção adversativa (em português *mas*), para exprimir que a declaração *sigo o mal* é contrária ao que se esperava da pessoa que vê o bem e o aprova.

Como exemplo da feição sintética do latim ainda apresentarei a seguinte exclamação optativa : *Di melius* ! Di, deuses ; *melius*, melhor (advérbio). À letra : *Deuses melhormente*. A tradução portuguesa há-de por fôrça estirar-se : «que os deuses resolvam de modo mais favorável», «afastem de nós êste mal», ou, como traduziu um clássico : «Melhor o faça Deus».

32. Tais são os caracteres principais do latim clássico. O latim popular pendia, porém, para as construções analíticas. Desdobrava em um nome regido de preposição aquilo que em latim clássico se expressava com uma só palavra : em vez de *Petri* (= de Pedro) dizia *de Petro ;* substituía formas verbais simples por formas compostas, como é o caso do emprêgo de *amare habeo* (= amar hei) em lugar do futuro simples *amabo ;* fazia uso de demonstrativos em função de artigo, sendo um dêstes demonstrativos *illu*, *illa* o que vai originar o nosso artigo *o*, *a*, como veremos no ponto 13 ; recorria largamente às preposições para esclarecer as diversas relações entre os termos da oração, as quais as desinências casuais, por confusões que se iam fazendo, já não inculcavam claramente ; e tornava-se vasto campo de ação da analogia, que simplificava grandemente a declinação e a conjugação (v. o ponto 5).

33. Quanto ao vocabulário, tinha uma parte comum com a língua clássica (*pater*, *filius*, *panis*, *canis*, etc.) ; mas também usava palavras não admitidas no latim literário, ou que êste empregava, mas com outro sentido. Assim, dizia *focus* por *ignis*, *cattus* por *felis*, *minacia* por *minae*, e essas

palavras é que produziram, respetivamente, as portuguesas *fogo*, *gato* e *ameaça*. Utilizava-se de dimininutivos com valor de positivo, como *ovic(u)la* por *ovis*, *apic(u)la* por *apis*, etc., os quais deixaram representantes em português e noutras línguas românicas (v. ponto 7).

34. Na pronúncia havia igualmente diferenças entre a língua popular e a clássica. Em lugar de *viridis* o povo proferia *virdis* (donde o port. *verde*) ; *ipse* se alterava em *isse* (donde o nosso demonstrativo *êsse*) ; *vetulus* degenerava em *veclus*, que nos deu *velho* ; etc., etc.

35. A sucessão dos vocábulos na frase tendia para a ordem natural ou direta, e dêste fato nos dão testemunho trechos como o seguinte :

> «Haec est autem vallis ingens et planissima, in qua filii Israhel commorati sunt his diebus, quod sanctus Moyses ascendit in montem Domini, et fuit ibi quadraginta diebus et quadraginta noctibus». (Per. 37, 21-224) — *apud* Grandgent, 31.

36. Resumo

<table>
<tr><td rowspan="2">Latim</td><td colspan="2">Clássico
(o das obras dos grandes escritores, entre os quais sobressaem Cícero e César).</td><td>Caracteres :
sintético ; flexivo ; moderado uso de preposições ; ordem inversa.</td></tr>
<tr><td>Falado</td><td>popular
familiar</td><td>Caracteres :
analítico ; formas verbais compostas ; redução das flexões ; largo uso de preposições ; uso de determinantes (artigos) ; ordem natural ; vocabulário mais reduzido e algo diferente do do latim clássico ; alterações e reduções fonéticas.</td></tr>
</table>

4. O mundo romano. Dialetos ramânicos

37. As origens de Roma são lendárias, mas parece que a princípio foi uma cidadela situada de modo favorável ao seu desenvolvimento (1). Organizou-se fortemente e estendeu a sua influência por larga superfície geográfica. Subjugou a Itália do Sul, a Sicília, a Sardenha e a Córsega, bem como a alta Itália, conhecida também pelo nome de Gália Cisalpina. Tornou províncias romanas a Espanha (península Ibérica) e a Gália. Dominou a Récia, ao norte da Itália, e no Oriente a Ilíria, a Grécia (Acaia), o Nórico, a Panónia, a Dácia. Não lhe escaparam ao poder a Grã-Bretanha, o norte da África, a Ásia Menor e a Síria. Todo o Mediterrâneo ficou banhando praias romanas.

38. Da civilização romana ao ocidente da península Ibérica, que é a parte do mundo romano de maior interêsse para nós, por ter sido lá que se formou a língua portuguesa, há numerosos vestígios. Cita-os o sr. Dr. José Leite de Vasconcelos em suas "*Lições de Filologia*", 1911, pág. 363-364 ; e são : em *Bracara* (Braga), um templo fontanário e inscrições latinas ; em *Conimbriga* (Condeixa), muralhas, mosaicos e esculturas ; em *Collippo* (Leiria), mosaicos ; em *Scallabis* (Santarém), esculturas e inscrições ; em *Olisipo* (Lisboa), notícia de um teatro e duas termas ; em *Ebora* (Évora), um belo templo, um arco e muitos objetos no Museu Eborense ; em *Pax Iulia* (Beja), um arco, e capitéis, cerâmica, inscrições ; em *Ossanoba* (Faro), algumas termas ; em *Balsa* (Tavira), esculturas, lápides epigráficas, cerâmica, vidros e bronzes.

---

(1) Bourciez, *Eléments de Linguistique Romane*, 1910, pág. 28.

39. Os romanos levaram a sua língua — o latim — para as províncias e em geral sob as duas feições que já examinámos : o *latim literário*, ensinado nas escolas, e o *latim falado*, que era o instrumento de comunicação dos colonos, dos comerciantes e dos soldados, e que, com a propagação da civilização romana, foi adotado pelas populações dos países conquistados.

40. Da implantação do latim na península Ibérica e em outras regiões do mundo romano são prova as numerosíssimas inscrições latinas que nelas se encontram, e o que disseram Estrabão, geógrafo grego falecido no século I, e Santo Agostinho.

Estrabão : «os Turdetanos, e mòrmente os ribeirinhos do Betis, adotaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembram da própria língua» (1)

Santo Agostinho : «Trabalharam para que a altiva Roma não só impusesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua língua depois de associados pela paz» (2).

41. Ora, essa língua, falada em vasto território e introduzida entre povos muito numerosos, e além disso diversos nas raças, nos hábitos linguísticos, nos costumes e tendências, não podia conservar uniformidade perfeita ; produziram-se variedades locais, que se foram acentuando e dividiram a língua em dialetos, entendendo-se aquí por dialeto o «modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes partes do mesmo reino».

42. Êstes são os dialetos românicos, que, contidos pelo ensino oficial da língua, se acharam, após o desmembramento do império romano, sem freio algum, e então se diferenciaram de tal maneira, que vieram a constituir línguas independentes, a maioria das quais ainda hoje existem, e se conhecem pelo nome de línguas românicas ou neo-latinas, a que já nos referimos em outro ponto.

43. Para formar-se idéia clara das diferenciações dialetais do latim no largo território do império, vou apontar alguns fatos expressivos.

(1 e 2) Veja SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Selctos*, pág. 6.

O grupo consonântico inicial *pl-* dos vocábulos latinos foi sendo pouco a pouco modificado na pronúncia, mas seguindo, em cada região, rumo diverso, de sorte que ao cabo de longo tempo êle passou a *pi* no italiano, *ch* no português, *ll* (= *lh*) no espanhol, tendo-se, porém, mantido em francês ; e a terminação latina *-enu* evolveu para o italiano e o espanhol *eno*, para o português *eio* e para o francês *ein*. Por isso a palavra latina *plenu*, que quer dizer cheio, tornou-se na italiana *pieno*, na portuguesa *cheio*, na castelhana *lleno* (lê-se *lheno*), e na francesa *plein*. Isso esclarece no tocante a alterações fonéticas.

Para se notar a escolha de palavras, bastarão os seguintes fatos. *Avunculus* significava em latim tio materno, e ficou em francês, mas transformado em *oncle* e com o sentido geral de tio ; nos países mediterrâneos recebeu preferência o vocábulo *thius* (de origem grega), o qual perdura no português e espanhol *tio* e no italiano *zio*. O latim *dies* < > *dia* produziu em português *dia* e deixou representantes em outros idiomas românicos (francês, provençal, rético, italiano, romeno) ; mas o seu derivado *diurnus* (adjetivo) é que vai originar o francês *jour*, o italiano *giorno* e o provençal *jorn*. Na Ibéria, Récia e Oriente permanece o lat. *mensa*, donde o port. e esp. *mesa ;* mas na Itália e Gália cria raízes *tabula*, que se metamorfoseia no italiano *távola* e se reduz ao francês *table*.

Podiam ser patenteadas diferenças na conjugação e ainda outros fatos, mas êsses que aí ficam expostos permitem-nos compreender bem como uma língua se fragmente em línguas diferentes e, em particular, como do latim despontaram os dialetos românicos.

44. Resumo

Mundo romano : grande parte da Europa, pequena parte da Ásia, norte da África.

Dialetos românicos : variedades regionais do latim.

5. O latim bárbaro: a declinação e a conjugação

45. Costuma-se entender por latim bárbaro o latim que aparece nos textos dos escrivães ignorantes da idade média : latim sem norma, que podia exibir todos os erros de que cada escrivão era capaz (1). Neste ponto do programa, porém, é evidente que se denomina latim bárbaro a última fase do latim vulgar.

46. Para que se possam compreender bem as alterações que a declinação e a conjugação apresentavam no último período do latim falado, cumpre dar idéia, ainda que sucinta, do sistema de flexões do latim clássico. Dividiremos então o nosso estudo em duas partes.

I

47. Nesta primeira parte trataremos da declinação e da conjugação no latim clássico.

Declinação

Os substantivos latinos (e também os adjetivos e pronomes) não se mostram sempre com o mesmo aspeto : variam nas desinências. Cada forma com que o mesmo substantivo se pode manifestar na frase chama-se *caso*, e o conjunto de todos os casos de um substantivo constitue a decli-

---

(1) "Não devemos confundir *latim vulgar* com *latim bárbaro*. Aquele é língua viva, que pouco a pouco se modificou, e deu origem às línguas românicas ou *romanço*; êste é o latim dos escrivães da idade-média, latim não só estropiado, mas mesclado de palavras e expressões da língua falada". (Dr. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Lições de Filologia*, Lisboa, 1911, pág. 14-15).

nação. Enunciar sistemàticamente todos os casos é o que se chama *declinar*.

48. Há em latim seis casos : o nominativo, o vocativo, o genitivo, o dativo, o ablativo e o acusativo. De modo geral se pode ensinar o seguinte : o nominativo é o caso do substantivo sujeito ; o vocativo é aquele em que pomos o nome da pessoa ou coisa a quem chamamos quando lhe dirigimos a palavra ; o genitivo é o caso do adjunto atributivo ; o dativo, o do objeto indireto ; o ablativo, o de certos adjuntos adverbiais, não sendo raro estar regido de preposição ; e finalmente, é o acusativo o caso do objeto direto e de certos complementos adverbiais, vindo, quando desempenha esta última função, quasi sempre acompanhado de preposição. O acusativo também pode ser sujeito de um infinitivo.

49. Os substantivos latinos têm dois números : o singular e o plural ; e três gêneros : o masculino, o feminino e o neutro. Grupam-se em cinco declinações, caracterizadas pela terminação do genitivo do singular.

50. A 1.ª DECLINAÇÃO compreende substantivos femininos e alguns masculinos, terminados em *-a* no nominativo singular e em *-ae* no genitivo do mesmo número : *stella, ae,* f. (= estrêla), *nauta, ae,* m. (= nauta, marinheiro).

51. A 2.ª DECLINAÇÃO abrange substantivos masculinos e alguns femininos, terminados em *-us* no nominativo do singular ; masculinos em *-er* e em *-ir ;* e neutros em *-um* e em *-us* (êstes mui raros) ; todos com o genitivo do singular em *-i.* Exemplos : *dominus, i,* m. (= senhor) ; *fraxinus, i,* f. (= freixo) ; *ager, agri,* m. (= campo) ; *puer, pueri,* m. (= menino) ; *vir, viri,* m. (= homem, varão) ; *templum, i,* n. (= templo) ; *vulgus, i,* n. (= vulgo, povo).

52. A 3.ª DECLINAÇÃO consta de substantivos masculinos, femininos e neutros, e apresenta variadas terminações no nominativo do singular ; o genitivo dêste número termina em *-is.* Quanto ao genitivo do plural, uns substantivos têm-no em *-um,* outros em *-ium,* e alguns possuem ambas as formas. Exemplos : *labor, laboris,* m., trabalho ; *auris, auris,* f., orelha ; *cubile, cubilis,* n., covil, leito.

53. A 4.ª DECLINAÇÃO constituem-na substantivos masculinos e femininos, e alguns neutros que não é costume declinarem-se no singular, e, sim, só no plural. O genitivo do singular desta declinação termina em *-us*. Ex. : *manus, us*, f., mão ; *arcus, us*, m., arco ; *cornu, us*, n., chifre.

54. A 5.ª DECLINAÇÃO tem o genitivo do singular em *-ei*, com *e* longo ou breve, e o nominativo do mesmo número em *-es*. Todos os substantivos desta declinação são femininos, exceto *dies* (= dia), ora masculino, ora feminino, e *meridies*, sempre masculino. Ex. : *materies, -ēi*, f. (= madeira), *fides, -ĕi*, f. (= fé).

55. Os nomes neutros, seja qual fôr a sua declinação, têm iguais ao nominativo do singular, o vocativo e o acusativo do mesmo número ; e iguais êsses três casos do plural, os quais terminam ou em *-a* ou em *-ia*.

56. O quadro abaixo mostra resumidamente as cinco declinações latinas.

DECLINAÇÕES

		1.ª	2.ª	3.ª		4.ª	5.ª
Singular	N.	rosa	dominus	labor	auris	manus	dies
	V.	rosa	domine	labor	auris	manus	dies
	G.	rosae	domini	laboris	auris	manus	diei
	D.	rosae	domino	labori	auri	manui	diei
	Abl.	rosa	domino	labore	aure	manu	die
	Ac.	rosam	dominum	laborem	aurem	manum	diem
Plural	N.	rosae	domini	labores	aures	manus	dies
	V.	rosae	domini	labores	aures	manus	dies
	G.	rosarum	dominorum	laborum	aurium	manuum	dierum
	D.	rosis	dominis	laboribus	auribus	manibus	diebus
	Abl.	rosis	dominis	laboribus	auribus	manibus	diebus
	Ac.	rosas	dominos	labores	aures, auris	manus	dies

57. DECLINAÇÃO DE UM NOME NEUTRO

Singular		*Plural*	
N. V. Ac.	corpus (=corpo)	N. V. Ac.	corpora
G.	corporis	G.	corporum
D.	corpori	D.	corporibus
Abl.	corpore	Abl.	corporibus

Conjugação

58. A conjugação é o conjunto sistemático de tôdas as flexões de um verbo.

59. Há em latim quatro tipos de conjugação : a 1.ª, com o infinitivo terminado em *-are* (*amare*) ; a 2.ª, em *-ēre* (*debere*) ; a 3.ª, em *-ĕre* (*legere*) ; a 4.ª em *-ire* (*audire*).

60. Há verbos que exigem um complemento, não circunstancial, em acusativo ; chamam-se verbos transitivos.

61. O acusativo regido por um verbo transitivo é o que se costuma denominar *objeto direto*, e, em regra geral, representa a pessoa ou coisa que recebe a ação expressa pelo verbo e praticada pelo sujeito, ou que é o produto daquela ação.

Quando digo : «O vento levou a fôlha», faço a respeito do vento uma declaração. *O vento* é o sujeito do verbo *levou* ; e aquilo que se anuncia a respeito do sujeito, isto é, *levou a fôlha* é o predicado. Mas o verbo *levou* por si só não diz tudo: requer um complemento designativo da pessoa ou coisa, que foi levada, ou em quem logo se exercitou a ação atribuída ao vento : êste complemento é o objeto direto *a fôlha*.

Nestoutra frase : "*O pedreiro construíu a parede*", o sujeito é *o pedreiro ;* o predicado é *construíu a parde*, e consta do verbo *construíu* e do objeto direto *a parede*, que representa

porém, não uma coisa existente que recebesse a ação do verbo, mas a coisa que tomou ser desta ação, isto é, o produto, o resultado dela.

62. Quando um verbo tem por sujeito a pessoa ou coisa a quem se atribue a ação expressa por êle, diz-se que está na *voz ativa:* o vento *levou* a fôlha.

63. Quando um verbo tem por sujeito a pessoa ou coisa que representa o objeto direto da ação indicada por êle e praticada por uma pessoa ou coisa, expressa ou não na frase, diz-se que tal verbo está na *voz passiva:* a fôlha *foi levada* pelo vento ; o soldado *foi ferido* na guerra.

64. Em latim há essas duas vozes : a ativa — *amo* (eu amo), e a passiva — *amor* (eu sou amado). Além disso, há verbos de forma passiva mas significação ativa : chamam-se depoentes. Exemplo : *sequor,* que diz *eu sigo,* mas que tem forma parecida com a de *amor* (= eu sou amado), e é, portanto, uma forma passiva.

65. No português, que vimos ser uma transformação do latim, restam vestígios dos depoentes da velha língua. Em expressões como esta de A. F. de Castilho : «os cavaleiros eram partidos caminho de Zamora» (1), ou estoutra de uma cantiga muito conhecida "são chegados os três magos da parte do oriente", os verbos *eram partidos* e *são chegados* têm forma passiva, mas significação ativa, pois querem dizer respetivamente *tinham partido* e *chagaram.* Também são depoentes os particípios passivos, de significação ativa, como *homem lido, criança sabida,* etc.

66. Recordadas estas noções necessárias, vamos conjugar, em ambas as vozes, o verbo *amare.*

---

(1) CASTILHO, *Quadros Históricos,* I, 101.

VOZ ATIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	amo amas amat amāmus amātis amant	amem ames amet amēmus amētis ament
Imperfeito	amabam amabas amabat amabāmus amabātis amabant	amārem amāres amāret amarēmus amarētis amārent
Futuro	amabo amabis amabit amabĭmus amabĭtis amabunt	
Perfeito	amavi amavisti, amasti amavit amavĭmus amavistis, amastis amavĕrunt, amavērunt, amārunt ou amavēre	amavĕrim, amārim, amavĕris, amāris amavĕrit, amārit amaverĭmus, amarĭmus amaverĭtis, amarĭtis amavĕrint, amārint
Mais que perfeito	amavĕram, amāram amavĕras, amāras amavĕrat, amārat amaverāmus, amarāmus amaverātis, amarātis amavĕrant, amārant	amavissem, amassem amavisses, amasses amavisset, amasset amavissēmus, amassēmus amavissētis, amassētis amavissent, amassent
Futuro anterior	amavĕro, amāro amavĕris, amāris amavĕrit, amārit amaverĭmus, amarĭmus amaverĭtis, amarĭtis amavĕrint, amārint	

VOZ PASSIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
Presente	amor	amer			
	amāris, amāre	amēris, amēre	amāre	amari	
	amātur	amētur			
	amāmur	amēmur			
	amamĭni	amemĭni	amamĭni		
	amantur	amentur			
Imperfeito	amābar	amārer			
	amabāris, amabāre	amarēris, amarēre			
	amabātur	amarētur			
	amabāmur	amarēmur			
	amabamĭni	amaremĭni			
	amabantur	amarentur			
Futuro	amābor				
	amabĕris, amabĕre		amāre	amātum iri	
	amabĭtur			(invariável)	
	amabĭmur				
	amabimĭni		amamĭni		
	amabuntur				
Perfeito	amātus (-a, -um) sum	amātus -a, -um) sim		amātum } esse	amātus }
	amātus (-a, -um) es	amātus (-a, -um) sis		amātam } esse	amāta }
	amātus (-a, -um) est	amātus (-a, -um) sit		amātum } esse	amātum }
	amāti (-ae, -a) sumus	amāti (-ae, -a) simus			
	amāti -ae, -a) estis	amāti (-ae, -a) sitis			
	amāti (-ae, -a) sunt	amāti (-ae, -a) sint			
Mais que perfeito	amātus (-a, -um) eram	amātus (-a, -um) essem	ADJETIVO VERBAL		
	amātus (-a, -um) eras	amātus (-a, -um) esses			
	amātus (-a, -um) erat	amātus (-a, um) esset	amandus }		
	amāti (-ae, -a) erāmus	amāti (-ae, -a) essēmus	amanda }	*que deve ser amado*	
	amāti (-ae, -a) erātis	amāti (-ae, -a) essētis	amandum }		
	amāti (-ae, -a) erant	amāti (-ae, -a) essent			
Futuro anterior	amātus (-a -um) ero				
	amātus (-a, -um) eris				
	amātus (-a, -um) erit				
	amāti (-ae, -a) erĭmus				
	amāti (-ae, -a) erĭtis				
	amāti (-ae, -a) erunt				

VOZ ATIVA

	IMPERATIVO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
Presente	ama amāte	amare	amans, gen. amantis (=amando)
Imperfeito			
Futuro	ama, amāto amate, amatōte	amaturum, -am, -um esse	amaturus, -a, -um (=que há-de amar, que está para amar)
Perfeito		amavisse ou amasse	

Há ainda as formas chamadas SUPINO e GERÚNDIO.

SUPINO. . . . { amātum (=para amar)
amātu (1) (=de amar)

GERÚNDIO : { *Acusativo* (ad) amandum (=para amar)
Genitivo amandi (=de amar)
Dativo amando (=a amar)
Ablativo amando (=com amar)

(1) Esta forma do supino é passiva e ficaria melhor, incluída no paradigma da voz passiva.

67. Para melhor compreensão das noções ministradas, traduzamos uma fábula de Fedro : a do cão que, atravessando um rio, levava na bôca uma posta de carne.

TEXTO :

Amittit merito proprium qui alienun adpetit.
Canis per flumen carnem qum ferret natans,
Lympharum in speculo vidit simulacrum suum,
Aliamque praedam ab alio cane ferri putans
Eripere voluit : verum decepta aviditas
Et quem tenebat ore dimisit cibum
Nec quem petebat adeo potuit tangere.

VOCABULÁRIO :

amittit =perde, v.
merito, adv. =merecidamente.
proprium, i, adjetivo substantivado =o próprio, o seu.
qui, nominativo de um pronome =aquele que, quem.
alienum, i, adjetivo substantivado =o alheio.
adpetit, v. =cobiça (v. cobiçar), deseja.
canis, is, subst. m. =cão.
per (preposição que rege acusativo) =por, através de.
flumen, fluminis, subst. n. =rio.
caro, carnis, subst. f. =carne.
qum, conjunção =como.
ferret, v. =levasse (verbo *levar*).
natans, particípio presente do v. *natare* (=nadar).
lympha, ae, subst. f. =linfa, água.
in (preposição que está regendo ablativo) =em, dentro de.
speculum, i, subst. n. =espelho.
vidit, v. =viu (v. ver).
simulacrum, i, subst. n. =imagem.
suum, i, adj. possessivo n. =seu.
aliamque =*aliam* (acusativo de *alia, ae,* adj. indefinido, outra) +conjunção copulativa *que* (=e).
praeda, ae, subst. fem. =presa.
ab, preposição com ablativo =por.
alius, i, adj. indefinido =outro.
ferri, v. no infinitivo passivo =ser levado.
putans, part. pres. do v. *putare*=supor, julgar.
eripere, v. no infinitivo=arrebatar, roubar.
voluit, v. =quis (v.*querer*).
verum, conj. adversativa=mas.
decepta, ae, adj. f. =enganada.
aviditas, aviditatis, subst. fem. =avidez.

et, conj. =e.
quem, acusativo masc. do pron. relativo *qui*=que.
tenebat, v. =tinha, imperf. do v. ter.
os, oris, subst. n. =bôca.
dimisit, v. =largou, deixou escapar.
cibus, i, subst. masc. =cibo, alimento.
nec, conj. =nem, e não.
petebat, v. =buscava.
adeo, advérbio intensivo=ainda, além disso, sequer.
potuit, v. =pôde (v. poder).
tangere, v. no infinitivo =tocar, atingir.

TRADUÇÃO

Qui adpetit	Quem cobiça
alienum (ac., obj. dir.)	o alheio
amittit merito	perde merecidamente
proprium (ac., obj. dir.)	o seu.
Qum	Como
canis (nom., sujeito)	um cão
natans	nadando
per flumen (ac., adj. adv.)	por um rio
ferret	levasse
carnem (ac., obj. dir.)	uma [posta de] carne
vidit	viu
suum simulacrum (ac., obj. dir.)	sua imagem
in speculo (abl., adj. adv.)	no espelho
lympharum (gen. pl., adj. atr.)	das águas
que	e
putans	supondo
aliam praedam (ac., suj. do inf.)	outra presa { =que outra presa
ferri	ser levada { era levada
ab alio cane (abl., adj. adv.)	por outro cão
voluit eripere	quis arrebatar [essa outra presa]
verum	mas
aviditas decepta (nom., suj.)	a avidez enganada (=o ávido cão enganado)
et	(*não se traduz*)
dimisit	largou
cibum (ac., obj. dir.)	o alimento
quem (ac., obj. dir.)	que
tenebat	tinha
ore (abl., adj. adv.)	na bôca
nec adeo	e nem sequer
potuit tangere	pôde atingir
[cibum] (ac., obj. dir).	o alimento
quem (ac., obj. dir.)	que
petebat	buscava.

II

Declinação em latim vulgar

68. Vimos que o latim clássico tinha cinco declinações :

I rosa, ae.
II lupus, i.
III auris, is.
IV manus, us.
V dies, ei.

69. Relativamente pouco numerosos, os substantivos da quarta e quinta foram sendo absorvidos pelas outras declinações, de sorte que, de modo geral, se pode dizer que o latim popular (ou, como está no programa, o latim bárbaro) reduziu o sistema de declinações, de cinco que eram, a três.

70. Já em latim clássico havia substantivos que seguiam a primeira e quinta declinação, como *materies*, que se dizia também *materia*, e nesta forma foi origem do vocábulo português *madeira*. Isso explica porque é que, sendo em latim clássico *dies*, em português temos *dia*.

71. Os substantivos da quarta declinação, em regra geral, emigraram para a segunda. Já em autores antigos se encontram genitivos como *fructi* por *fructus*, e outros. Entretanto, *nurus* e *socrus* passaram para a primeira declinação : *nura* (*nŏra*) e *socra*. Provam êsse fato as nossas palavras *nora* e *sogra*, que daquelas derivaram respetivamente, bem como o aparecerem as formas *nura* e *socra* em diversas inscrições e serem censuradas pelos gramáticos (1).

72. O latim popular desenvolveu profusamente o uso das preposições, e nestas circunstâncias ia-se tornando inútil e supérflua a distinção dos casos pelas desinências. Daí muito naturalmente devia decorrer a redução do número de casos

(1) Lindsay, *The Latin Language*, pág. 343.

e o mau emprêgo dêles com algumas preposições, como se dá com as seguintes combinações, e outras semelhantes, respigadas em inscrições : *cum filios, ex litteras, cum collegas* (devia ser *cum filiis, ex litteris, cum collegis*). Entram neste caso geral as formas *noscum* por *nobiscum* e *voscum* por *vobiscum*, que existiram na linguagem falada (1), pois as censuram os gramáticos, e são as fontes dos nossos vocábulos arcaicos *nosco* e *vosco*, que depois se compuseram com a preposição *com*, produzindo *connosco* e *convosco*.

73. Na península Ibérica — a parte do império romano para onde se dirige constantemente a atenção de quem estuda o português — o caso sobrevivente da declinação latina foi o acusativo, que é, salvo algumas exceções, aquele donde procedem os substantivos portugueses. Assim os nossos plurais *cavalos, rosas*, emanaram dos acusativos do plural latinos *caballos, rosas*.

74. Outra simplificação notável realizada pelo latim popular nas declinações é a que se refere aos gêneros. O neutro pode-se dizer que desapareceu, se bem que tenha deixado alguns vestígios em português e noutras línguas românicas. Foi muito comum a passagem dos neutros para o gênero masculino. Os gramáticos censuram *pratus* por *pratum*, n. (= prado), *solius* por *solium*, n. (= sólio), e em inscrições há *collegius* em vez de *collegium*, n., *monimentus*, em lugar de *monumentum*, e, sobretudo, *fatus* por *fatum*, n. (= fado, destino). Em latim clássico o substantivo *lac* (genitivo *lactis*) é neutro ; o seu acusativo é, pois, *lac*, igual ao nominativo, e não poderia gerar o português *leite ;* êste há-de explicar-se ou pela forma arcaica *lacte*, ou, como parece melhor, pelo acusativo *lactem* (2), que mostra bem a mudança de gênero daquele substantivo.

75. Como o nominativo-acusativo do plural dos neutros termina em *-a*, e o nominativo do singular da primeira declinação tem igual desinência, deu-se, com certa frequência, a passagem de plurais neutros para feminino singular da pri-

---

(1) Vide Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, pág. 9.

(2) *Lactem* se encontra em Petrónio (vide Bourciez, *Eléments de Ling. Rom.*, pág. 94).

meira declinação, passagem favorecida pelo fato de se tomar o plural neutro por um coletivo da primeira declinação. Isto explica a existência, em português, de *fôlha*, feminino singular, correspondente ao latim *folia*, neutro plural, cujo singular é *folium*.

76. Muitos outros fatos, grande parte dos quais ocasionados pela analogia, se passaram na declinação. Mas não cabe mencioná-los numa exposição elementar.

Conjugação em latim vulgar

77. A conjugação em latim falado na sua última fase, ou latim bárbaro, como diz o programa, mostra as seguintes particularidades principais, comparada com a do latim clássico :

78. Voz ativa.

a) O presente e o imperfeito do indicativo conservaram-se.

b) O perfeito do indicativo também se conservou, mas apareceu uma forma composta, constituída pelo particípio passivo do verbo e o presente do indicativo do auxiliar *habēre* (= haver) : *invitatum habes*.

c) O mais-que-perfeito do indicativo conservou-se, mas surgiu uma forma composta do particípio passivo do verbo e do imperfeito do indicativo do auxiliar *habēre : invitatum habebas*.

d) O futuro do indicativo foi substituído por uma forma perifrástica constituída pelo infinitivo do verbo e o presente do indicativo de *habēre* (= haver) : em vez de *amabo* dizia-se *amare habeo*.

e) O futuro anterior confundiu-se com o perfeito do subjuntivo e dessa confusão resultou para o português o futuro do subjuntivo.

f) O presente do subjuntivo conservou-se, e adquiriu novos empregos.

g) O imperfeito do subjuntivo cedeu o lugar ao mais--que-perfeito do mesmo modo verbal, e supõem alguns que deu origem ao nosso infinitivo pessoal.

h) Com o perfeito do subjuntivo sucedeu o que dissemos na alínea *e*).

i) O mais-que-perfeito do subjuntivo passou a usar-se como imperfeito.

j) O imperativo conservou-se, mas para imperativo negativo se adotaram formas do subjuntivo, e de tal prática proveio a nossa maneira de formar o imperativo negativo (*não digas, não faças, não ames*, etc.).

As formas especiais do futuro do imperativo desapareceram.

k) O infinitivo presente conservou-se, e adquiriu novos empregos que veremos nas alíneas *m*) e *n*); mas o perfeito e o futuro pode dizer-se que desapareceram.

l) O particípio presente foi substituído pelo gerúndio ablativo, e passou à categoria de adjetivo ou substantivo; e o particípio futuro foi desaparecendo.

m) O gerúndio, em regra geral, foi substituído pelo infinitivo regido ou não de preposição, e na forma de ablativo tomou, como vimos na alínea *l*), o lugar deixado pelo particípio presente.

n) O supino foi alijado, sendo substituído pelo infinitivo. E com o infinitivo o temos de traduzir em português. Vejamos o uso do supino. *Scriptum, scriptu* é o supino do verbo *scribĕre* (= escrever); *facilis* quer dizer *fácil*: a combinação *facilis scriptu* traslada-se *fácil de escrever*.

Deiectum, deiectu é o supino do verbo *deicĕre* (= derrubar). Usou-o Horácio descrevendo uma enchente do Tibre: o rio barrento, ou louro, como poèticamente o qualifica o vate, sai do leito e rolando as águas vai derrocar os monumentos reais e os templos sagrados:

"Vidimus flavum Tiberim... *ire deiectum* monumenta regis templaque Vestae".

Tradução literal :

vidimus.	vimos
flavum Tiberim (acus., suj. de *ire*)	o louro Tibre
ire (v. no infinitivo).	ir
deiectum (supino)	derrubar
monumenta (ac. pl. neutro, obj. dir.)	os monumentos
regis (gen. adj. atrib.)	do rei
que (conj. copulativa que só se usa posposta a uma palavra)	e
templa (ac. pl. n., obj. dir.)	os templos
Vestae (gen. adj. atrib.)	de Vesta

o) Surge, mas tardiamente, uma nova forma verbal, o condicional, constituída pelo infinitivo do verbo e o imperfeito do indicativo do auxiliar *habere : invitare habebas.*

79. Voz passiva.

Pode-se dizer que das formas sintéticas latinas da voz passiva só persiste nas línguas românicas o particípio passado. Isso nos leva a crer que já no latim vulgar fôssem elas sendo substituídas por formas perifrásticas, compostas do particípio passivo perfeito + o verbo *esse* (= ser) como auxiliar. *Amatus est*, que em latim clássico era igual, como vimos, a *foi amado*, passaria a corresponder a *é amado ; amatus fuit* valeria *foi amado ; amatus erat* diria *era amado* ; *amatus fuerat* significaria *fôra amado.*

O particípio futuro passivo, adjetivo verbal ou gerundivo tem representantes em português em formas como *lavandeira, lavandaria, lavanderia, fiandeira* (1), nas quais se mostra claro e nítido o radical do gerundivo dos verbos *lavare* e *filare* (em port. *fiar*, pela queda normal do *l* intervocálico) ; em palavras de uso corrente como *examinando* (= o que vai ser examinado), *doutorando*, etc., e noutras vislumbradas aquí e alí na literatura, e de que damos a seguir alguns exemplos :

«. . . inférias, *tributandas* aos silenciosos manes" (Castilho, *Fastos*, III, 49) ; «as *intangendas* roupas" (Id., *ibid.*, 163).

(1) V. Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pág. 207 ss.

"Morrer? Descanso fôra às mágoas suas,
Mais que descanso, perdurável gôzo,
Que a nossa eterna pátria aos infelizes
Dêste destêrro, guarda alvas capelas
De *não-murchandas* e cheirosas flores".

(MACHADO DE ASSIZ, *Poesias*, 1901, 198).

80. DEPOENTES.

Foram, na língua vulgar, convertidos em ativos. Dêstes verbos e de formas depoentes existentes em nossa língua, já tivemos ocasião de falar (pág. 45).

81. FATOS DIVERSOS.

Além das alterações mencionadas, muitas mais se deram, em grande parte causadas pela *analogia*. Muitos verbos mudaram de conjugação, muitas formas surgiram, deduzidas, por analogia, de outras.

Não posso, neste curso, descer a minúcias. Tenho de caracterizar as coisas em traços largos e gerais. Por isso, a respeito da passagem de verbos de uma conjugação para outra, só direi o seguinte. Os verbos da 4.ª conjugação tinham o infinitivo em *-ire*, e a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo em *io*: *audire* (= ouvir), *audio* (= eu ouço). Os da 2.ª tinham o infinitivo em *-ēre*, e a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo em *-eo*: *lucere* (= brilhar), *luceo* (= eu brilho). Ora, em latim vulgar a desinência *-eo* pronunciava-se *-io*, de sorte que *lúceo* soava *lúcio*, como se fôra verbo da 4.ª conjugação: o infinitivo *lucire* devia aparecer então muito naturalmente, e de fato apareceu, produzindo, de acôrdo com as leis, o verbo português *luzir*.

Quanto a formas verbais, desconhecidas ao latim clássico, e que foram tiradas, por analogia, de certas formas correntes, citarei sòmente, por brevidade, o que se passou com o verbo *posse*, infinitivo (= poder). Fazia êste no pretérito perfeito do indicativo *potui* (= pude; muitos verbos da 2.ª conjugação tinham essa desinência no mesmo tempo: *monēre* (advertir), *monui* (eu adverti); *debēre* (dever), *debui* (eu deví). E assim como a *debui* correspondia *debere*, a *monui*,

monere, assim se fêz a *potui* corresponder o infinitivo *potēre*, que, com a passagem normal do *t* intervocálico a *d*, originou o infinitivo português *poder*.

Houve mistura de verbos diferentes numa só conjugação.

Na península Ibérica, por exemplo, mesclam-se num só paradigma *sedere* e *esse*. Por isso o nosso infinitivo *ser* vem de *sedere*, com a queda normal do *-d-* intervocálico, do que resultou *seer* com duas sílabas, contraído depois em *ser*; mas o presente do indicativo deriva-se de *sum*, *es*, *est*, *sumus*, **sŭtis*, *sunt*, e não de *sedeo*, presente de *sedere*.

Disse que o infinitivo *seer* foi dissílabo, e, de fato, como tal se mostra nos cancioneiros. Assim deve ser lido nos seguintes versos:

> "Tal sazon foi en que eu já perdi
> quanto ben ouv' e nen cuidei aver
> que par podess' a outro ben *seer*".
>
> Conde D. Pedro de Portugal, *apud* Nunes, *Crestomatia Arcaica*, 228.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tal	sa	zon	foi	en	que	eu	já	per	di
quan	to	ben	ou	v'e	nen	cui	dei	a	ver
que	par	po	de	ss'a	ou	tro	ben	se	er

É também de notar o emprêgo de construções reflexas como passivas: *littera se scribit* (= *littera scribitur*, a carta é escrita), que se tornaram de largo uso nas línguas românicas.

82. Resumo

Declinação:
- *latim clássico*
  - Seis casos
  - Cinco declinações
  - Três gêneros (masc., fem., neutro)
- *latim vulgar*
  - Redução e confusão dos casos
  - Três declinações
  - Dois gêneros (dada a tendência do neutro para desaparecer).

Conjugação

- *voz ativa*
  - *pres.*, *imperf.*, *perf.*, *mais-que-perf.* *do indic.* — mantêm-se
  - *pres. do subj.* — mantém-se, embora adquirindo novos empregos.
  - *mais-que-perf.subj.* – passa a *imperf.subj.*
  - *imperativo* — mantém-se, mas só nas *formas do presente.*
  - *imperativo negativo* — faz-se com *formas do subj. presente.*
  - *infinitivo presente* — conserva-se, e adquire novos empregos, suprindo o *gerúndio* e o *supino*, que desaparecem, salvo o gerúndio ablativo que fica em lugar do particípio presente.
  - *particípio pres.* — como tal vai desaparecendo, e passa a adjetivo ou substantivo.
  - *gerúndio ablativo* — fica, suprindo o *particípio presente.*
  - Surgem *formas compostas* para . . .
    - o *perf.* e *mais-que-perf.*
    - o *fut. do ind.* cuja forma simples se deixa de usar
  - Cria-se o *condicional.*
- *voz passiva*
  - Conserva-se o *particípio passado*, e para o resto da conjugação se adotam formas compostas com aquele particípio e o verbo *esse* (=ser).

Verbos depoentes: passam a ATIVOS.

Fatos diversos: criação de inúmeras formas analógicas, mudanças de conjugação, fusão de vários verbos num só paradigma, etc.

6. Da corrupção fonética

83. Não se pode estudar bem êste ponto, em que vamos fazer considerações sôbre a corrupção ou melhor — segundo me parece — as mudanças fonéticas, sem que se tenha idéia clara a respeito do aparelho fonador, do seu funcionamento e dos sons que produz.

Por isso vou dar, à guisa de introdução, as noções indispensáveis que o presente estudo requer, e que também serão úteis em outros pontos do nosso programa.

Aparelho fonador

DESCRIÇÃO, FUNCIONAMENTO E SONS QUE PRODUZ

84. Assim se denomina o aparelho que o homem possue para produzir os sons da fala ou *fonemas*. Compõe-se das seguintes partes principais : a LARINGE, a TRAQUÉIA, OS BRÔNQUIOS, OS PULMÕES, a FARINGE, as FOSSAS NASAIS, a BÔCA e órgãos anexos, e, mais, músculos e nervos.

85. A laringe é uma modificação da parte superior da traquéia ; e esta é um tubo cartilaginoso que desce pelo pescoço, na frente do esôfago, e penetra na caixa torácica, onde se bifurca nos brônquios, cujas ramificações se embebem nos pulmões.

86. Dentro da laringe há que notar a *glote*, estreita abertura, limitada adiante pelas *cordas vocais inferiores* (fig. 1) e atrás pela face interna das cartilagens aritenoidéias. As cordas vocais inferiores são em número de duas, uma de cada lado, e, a pesar do seu nome de cordas, não passam de simples relevos da superfície interna da laringe. Acima da glote estão

as duas cordas vocais superiores, uma para cada lado, formadas por uma prega da mucosa e pelo ligamento tiro-aritenoideu.

87. Na bôca são de notar : a língua, o palato duro, o palato mole, a úvula ou campaínha, os dentes, as gengivas, os lábios, as bochechas.

88. Os pulmões, dilatando-se, chamam a si, pelo desequilíbrio de pressões, certa porção de ar atmosférico. Êste penetra pelo nariz ou pela bôca, e vai ter aos pulmões percorrendo o seguinte itinerário : faringe, laringe, traquéia, brônquios e pulmões.

89. Se, depois de cheios de ar, os pulmões se contraem, o ar volta à atmosfera por caminho inverso : é esta corrente de ar expirado a que produz os sons da fala ou fonemas. De sorte que *fonemas* são tôdas as sensações auditivas determinadas pelas modificações que os órgãos da palavra imprimem à corrente de ar expelida dos pulmões (1).

90. O ar que vem dos pulmões para ser lançado na atmosfera, tem de atravessar a glote. Pode dar-se então um de dois casos : ou a glote está fechada, ou quasi, e o ar, forçando-lhe a passagem, põe em vibração as cordas vocais ; ou está aberta, e, passando o ar sem dificuldade, não vibram as cordas vocais. O fonema produzido no primeiro caso diz-se *sonoro ;* o que se produz no outro, *surdo.*

91. Transposta a glote, o ar vai dar na faringe, e dalí sai para a atmosfera, ou passando todo pela bôca e produzindo um fonema *oral* (2), ou passando totalmente ou em parte pelas fossas nasais, e fazendo soar um fonema *nasal.*

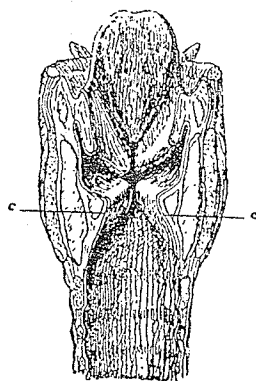
92. Pronunciemos diversos vocábulos : *pá, luta, cabeleira.* O primeiro, dizemo-lo numa só expiração : *pá ;* o segundo, em duas : *lu-ta ;* o terceiro, em quatro : *ca-be-lei-ra.*

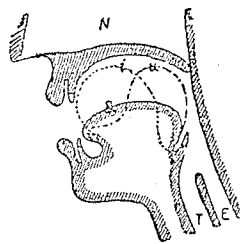
Cada som ou grupo de sons que se profere numa só expiração, se denomina *sílaba* (3). Assim, *pá* tem uma sílaba, *luta* tem duas e *cabeleira* tem quatro.

---

(1) MAX NIEDERMANN, *Précis de Phonétique Historique du Latin*, 1906, pág. 1.
(2) Do latim *os, oris*, n., bôca.
(3) Esta exposição do que seja sílaba é puramente didática : uma análise mais penetrante revela grande dificuldade na definição da sílaba. Veja-se DR. OLIVEIRA GUIMARÃES, *Fonética Portuguesa*, 1927, pág. 21 e ss.

93. Examinemos as sílabas dessas ou de outras palavras, pronunciando-as claramente. Observar-se-á que em cada sílaba há um som que se salienta a todos os outros da mesma sílaba : é a vogal : o *á* em *pá*, o *u* em *lu* (primeira sílaba de *luta*), o *a* em *ca* (primeira sílaba de *cabeleira*).

94. O som ou sons que acompanham a vogal de uma sílaba chamam-se *consoantes*, o que vale dizer fonemas que

1

Corte longitudinal da laringe, mostrando as cordas vocais inferiores (cc').

2

Posição da língua para emissão das vogais *a*, *i* e *u*.

soam com a vogal. São, pois, consoantes, o *p* em *pá*, o *l* em *lu-(ta)*, o *c* em *ca(beleira)*.

95. Anàlogamente, se digo *pau*, *meu*, tenho como vogais, na primeira palavra, *a*, e na outra *ê*, e como consoantes, na primeira, *p* e *u*, e na segunda *m* e *u*.

Vê-se que *u* é em *pau*, *meu* um som consoante, mas uma vogal em *tu* ou *lu(ta)*. Semelhantemente, *i* é vogal em *vi*, *tinir* (*ti-nir*), mas é consoante em *rei*, pois soa com a vogal *ê* numa só sílaba.

Por isso os sons *i* e *u*, que na escrita aparecem respetivamente representados por *i* ou *e*, e *u* ou *o*, e às vezes nem

vêm notados gràficamente (como o *u* em *amavam*, que proferimos *amávãu*), chamam-se semivogais, sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

96. E o grupo de duas vogais proferidas numa só sílaba, e uma das quais funciona como consoante, chama-se *ditongo* : *eu*, *pai*, *foi* (1). Não confundir ditongo com *hiato*, que é o encontro de duas vogais, cada uma em sua sílaba : *tua* (tu-a), *baeta* (ba-e-ta).

97. O ditongo é *decrescente* se a vogal soa primeiro que a semivogal : *ai*, *mais*, *meu*, *foi*, *oiro*. É *crescente* (2), se o contrário disto se dá. No seguinte verso de Gonçalves Dias o possessivo *tuas* há-de pronunciar-se como monossílabo, e então o *ua* forma o ditongo crescente *uâ* (*wa*) :

> Teu chão tinges de azul, tuas ondas correm"
> (*Poesias*, I, 144, ed. SAID ALI).

Teu–chão–tin–ges–de a–zul–tuas–on–das–co–rrem
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

98. À vogal de um ditongo chamaremos *base* ; à sua semivogal, *subjuntiva* se o ditongo fôr decrescente, e *prepositiva*, se fôr crescente. Assim no ditongo *ai* que se ouve em *vai*, a base é o *a* e a subjuntiva o *i* ; e no ditongo *uá* que se ouve em *quatro*, a base é o *a*, e o *u* é a prepositiva.

99. O grupo de três vogais, uma tónica, e as outras acompanhando-a como consoantes numa sílaba, chama-se *tritongo* : *uai* em *Uruguai*, *iei*, em *criei*, lido numa sílaba.

100. Dada a noção prática de vogal e consoante, cabe agora apresentar-lhes a definição teórica, que tomaremos de Gonçalves Viana. As vogais são fonemas "produzidos por expiração e mediante disposição dos órgãos da fala, *sem contacto* dêles, ou *fricção* do ar na sua passagem : *a*, *i*, *u*". As

---

(1) Esta definição de ditongo refere-se à impressão acústica ; a realidade objetiva apanhada pela fonética experimental é outra : os ditongos são apenas uma variedade das vogais acentuadamente longas ou longuíssimas. Cf. DR. OLIVEIRA GUIMARÃES, *Fon. Port.* 44.

(2) Alguns autores, fazendo uma análise minuciosa dos grupos de fonemas denominados *ditongos crescentes* (ou *ascendentes*), concluem que êles não constituem ditongos, e assim só admitem como tais os ditongos decrescentes. Cf. F. DE SAUSSURE, *Cours de Linguistique Générale*, 2.ª edição, 1922, pág. 92, e ROUDET, *Eléments de Phonétique Générale*, 1910, pág. 109.

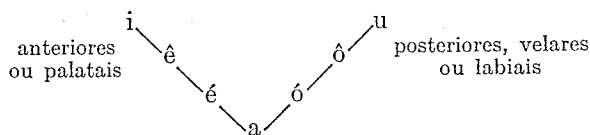
consoantes são fonemas «produzidos, ou pela fricção do ar, constrangido a passar pelo canal formado por dois órgãos fatores do som (consoantes fricativas : *f*, *v*, *s*, *z*, *x* (xarope), *j*) ; ou pela expulsão do ar após a separação súbita de dois órgãos fatores, entre os quais se havia estabelecido *preclusão*, ou contacto prévio". Neste caso, isto é, quando há contacto prévio, pode ficar, durante êle, completamente fechada a passagem do ar, e as consoantes produzidas chamam-se oclusivas (*p*, *b*, *t*, *d*, *c*, *g*,) ou ficar completamente fechada a passagem do ar pela bôca mas permitida pelo nariz por um abaixamento do véu do paladar, e neste caso as consoantes emitidas são nasais (*m*, *n*, *nh*), ou finalmente, não obstante o contacto dos dois órgãos fatores, pode não haver completo fechamento na cavidade bucal, e as consoantes proferidas nestas circunstâncias recebem o nome de laterais (*l*, *lh*) ou vibrantes (*r*, *rr*) (1).

101. Recordadas essas noções gerais, enumeremos e classifiquemos os principais fonemas da nossa língua.

VOGAIS ORAIS

102. Quando pronunciamos a vogal *a*, a língua se mantém na posição chamada de indiferença ; dizendo-se, porém, *é*, *ê*, *i*, ela arqueia-se e avança, aproximando-se cada vez mais da abóbada palatina : por isso essas vogais têm o nome de anteriores ou palatais.

103. Emitindo-se a série *a*, *ó*, *ô*, *u*, a língua, da posição de indiferença, vai recuando para o fundo da bôca, em busca do véu do paladar, e os lábios se vão aproximando, o que faz denominarem-se labiais ou velares as vogais *ó*, *ô*, *u*. (V. fig. 2).

104. O seguinte diagrama mostra as duas escalas vocálicas.

(1) As laterais e as vibrantes têm o nome genérico de *líquidas*.

VOGAIS NASAIS

105. São *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ*, que a ortografia representa de vários modos.

DITONGOS ORAIS DECRESCENTES

106. São os doze seguintes:

áì (p*ai*, v*ai*)
âi (f*ai*na, p*ai*rou, tr*ai*dor)
au (p*au*, c*ao*s, quando monossílabo)
éi (fi*éi*s, past*éi*s)
êi (r*ei*, s*ei*)
éu (chap*éu*, v*éu*)
eu (*eu*, m*eu*)
iu (v*iu*, r*iu*)
ói (far*ói*s, r*ói*s)
ôi (b*oi*, s*oi*s)
ou (*ou*ro, t*ou*ro)
ui (f*ui*, az*ue*s)

DITONGOS NASAIS DECRESCENTES

107. São cinco:

ãi (mãe, cães)
ãu (mão, cristãos)
ẽi (*vem*, vint*ém*)
õi (sermões, supões)
ũi (muito).

DITONGOS CRESCENTES E TRITONGOS

108. Êstes ditongos, quer os orais, quer os nasais, são muito numerosos e quasi sempre resultam da condensação de um hiato numa sílaba.

109. Os tritongos, que, na pronúncia brasileira, são raros como parte integrante de vocábulos, apresentam-se com certa frequência, na enunciação da frase, pelo encontro de duas palavras, principalmente no verso.

110. Exemplo de ditongo crescente :

iâ neste verso :

«Eram tudo memór*ia*s de alegria» ;

uã em q*uan*do.

111. Exemplo de tritongo :

uai em Parag*uai* ;

uau neste verso de sete sílabas :

«Em març*o* *ao* findar das chuvas».

112. CONSOANTES

	OCLUSIVAS		FRICATIVAS		LATERAIS	VIBRANTES	NASAIS
	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
bilabiais . . .	p	b					m
lábio-dentais .			f	v			
línguo-dentais	t	d	s	z	l	r rr	n
palatais . . .			x	j	lh		nh
guturais ou velares . . .	c	g					

a) Nesse quadro, convém acentuar que a letra *c* está representando a consoante que se ouve em *cá*, *aquí*. Se fizéssemos a análise fonética do vocábulo *aquí*, teríamos de dizer : dissílabo oxítono ; primeira sílaba constituída pela vogal átona *a*, segunda sílaba constituída pela vogal tónica *i*, acompanhada da consoante oclusiva gutural surda *c*- (leia-se *quê*), representada na escrita pelas letras *qu*.

O *g* indica o som que tem em *gato*, *guerra*. Nesta última palavra, a consoante *g* (*guê*) está figurada pelas letras *gu*.

O *s* está representando a consoante inicial do vocábulo *sábio*, a qual a ortografia pode figurar por *ss* (êsse), *c* (cecém), *ç* (caça), *x* (próximo), etc.

O *z* denota a consoante inicial de *zêbra*, e pode na escrita estar assinalada pela letra *s* (casa), por *x* (exame), etc.

O *x* está representando a consoante inicial de *xarope*, que a ortografia indica de várias maneiras : *ch* (chave), etc.

O *ĵ* expressa a consoante inicial de *jaca*, que pode estar indicada gràficamente por *g* (fugir), etc.

Quanto às outras letras inscritas no quadro, não há lugar para dúvida a respeito da sua significação.

b) As consoantes oclusivas também se chamam *explosivas ;* as vibrantes e as laterais reúnem-se sob a denominação comum de *líquidas*.

CONSOANTES GEMINADAS (1)

113. Em português não há consoantes geminadas, considerando-se isolado o vocábulo : letras, ou sinais, há-os dobrados (*rr*, *ss*), mas representam consoantes simples, e não geminadas.

Do encontro, porém, da parte final de uma palavra com o início de outra pode resultar a formação de uma consoante dupla ou geminada, principalmente no falar de Portugal, em que há o *e mudo*. Se em frases como *dou-te tudo, fique cá, disse-se*, não pronunciarmos o *e* final do penúltimo vocábulo, proferiremos as consoantes geminadas *tt, cc, ss : dou-t'tudo, fiqu'cá, diss'-se*. Semelhantemente emitimos um *rr* dobrado quando dizemos, por exemplo, *quero ficar rindo*.

114. Em latim havia, contràriamente ao que se dá em português, consoante geminada no corpo da palavra e representava-se na escrita por duas letras iguais. A distinção na pronúncia entre a consoante simples e a geminada era tal, que na transição do latim para o português elas foram tratadas de modo diferente, como veremos adiante (*consonantis-*

(1) Veja-se GONÇALVES VIANA, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa*, pág. 20, e MAX NIEDERMANN, *Phonétique Historique du Latin*, 90, 91.

mo, ponto 7.º), e os gramáticos podiam preceituar que se escrevessem letras dobradas quando o ouvido percebia uma consoante dupla: «ubi duarum consonantum sonus percutiet aures» (1). Já podemos traduzir essa frase latina:

ubi, *conj. temporal*.	quando
sonus, *subst. nominativo s*.	o som
duarum, *genit. plural*	de duas
consonantum, *genit. plural de* consonans, -tis .	consoantes
percutiet, *v. no fut. ind.*.	ferir (bater)
aures, *ac. pl. de* auris, -is	o ouvido (as orelhas)

---

115. Adquiridas essas noções àcêrca do aparelho fonador e dos sons que êle produz, podemos penetrar no estudo das alterações fonéticas.

Os fenómenos da linguagem apresentam grande complexidade, que nem sempre se consegue desatar. Devem atuar nêles como fatores importantes as raças, o meio, o clima, o solo, a altitude, as relações dos povos entre si, a perfectibilidade, as causas psicológicas e sociais, o menor esfôrço, etc.

Cabendo-nos aquí examinar as alterações fonéticas, cumpre desde logo estabelecer a distinção entre o fato positivo, o fato histórico e real que o filólogo observa e consigna, e as explicações razoáveis e plausíveis que a ciência propõe para esclarecê-los e justificá-los, e que podem ser modificadas e não raro substituídas por outras, ao passo que a ciência progride e se aperfeiçoa. Nem se cale que muitos fatos ainda carecem de explicação científica.

116. Entre os fatores de alteração de sons vem pôr-se logo à frente a imperfeição das imagens auditivas e a insuficiência ou dificuldade fisiológica para reproduzir o som ouvido. Por esta causa é que um alemão não pronuncia *já* e sim *chá*; por aquela é que, no trecho de Alexandre Herculano, (pág. 32), o saloio transforma João Nepomuceno em *João de Permacena*. Por ambas as causas mencionadas é que, quan-

(1) Lindsay, *The Latin Language*, pág. 110.

do um povo recebe um vocábulo estrangeiro, costuma acomodar-lhe os sons aos seus hábitos fonéticos, e altera, portanto, alguma coisa o vocábulo primitivo. Assim, o inglês transformou o nosso *cajú* em *cashew* (pronuncia-se, mais ou menos, *câchiu,*) como se pode ver neste trecho :

«*Cashew-nuts* are imported into Bombay from Goa in very considerable quantities». (Watt, *apud* Dalgado, *Glossário Luso-Asiático,* I, pág. 177). Em italiano aparece o nome da mesma fruta transcrito *caiu, cagiu, casu.* (Dalgado, *ibidem*). É que o italiano não tem o som do nosso *j.*

São provàvelmente devidas a essas mesmas causas certas vacilações em nomes nossos de origem indígena ou africana : *maitaca* < > *baitaca* (1), *Caxambú* < > *Caxambí.*

117. As vogais tónicas, por serem pronunciadas com maior relêvo e mais claramente, opõem grande resistência a qualquer modificação ; as vogais átonas, mais apagadas, e proferidas com menos individualidade, se alteram e se confundem mais fàcilmente. Muitas vezes, até, a modificação da vogal tónica é acarretada pela da mesma vogal quando átona. Nos infinitivos *estourar, roubar, afrouxar,* o ditongo *ou* é pronunciado como *ô* fechado átono : *estorar, robar, afroxar,* e então o povo tira dêsses infitivos as formas do indicativo *estóra, róba* e *afróxa* em lugar, respetivamente, de *estoura, rouba* e *afrouxa,* e assim procede por analogia com verbos como *apavorar,* que faz *apavóra.*

118. A alteração fonética pode dar-se independentemente dos sons vizinhos, ou produzir-se por influência dêstes, e neste caso nota-se tendência ora par igualar fonemas, ora para diferençá-los ou mesmo eliminar um dêles. Entre as modificações ocasionadas por influência de sons, há que notar as que parecem devidas à situação da palavra numa série : o latim clássico *quinque* por dissimilação produziu a forma popular *cinque* (2), origem do nosso numeral arcaico *cinque* (3),

---

(1) Ambas estas formas vêm consignadas no vocabulário de *Os caboclos* de VALDOMIRO SILVEIRA, 1920, edição da *Revista do Brasil,* pág. 211.

(2) Forma achada em inscrições : v. CARNOY, *Le Latin d'Espagne d'apres les Inscriptions,* pág. 214 e BOURCIEZ, *E'léments de Linguistique Romane, pág. 97.*

(3) Vide *Crestomatia Arcaica* de NUNES, pág. 93, 94, 95, 96.

mas a terminação de *quatro*, após o qual, na série dos cardinais, vinha *cinque*, transformou êste em *cinco*.

119. Entre as alterações explicáveis por influência de um som em outro, são dignas de registo as que se passam com os ditongos *ai* e *au*. No primeiro, a vogal extrema da escala palatal, o *i*, frequentemente aproxima de si o *a* com que está em contacto, tornando-o *ê*, e dêsse modo altera o ditongo para *êi*, reduzido em certas pronúncias a *ê* : *arraigar, arreigar ; lacte, *laite, leite*. Para surpreeender êste fenómeno em flagrante, basta recitar os numerais de vinte para cima : *vinte e um, vinte e dois... vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois*, etc. Verifica-se que, quando à conjunção *e* (= 1) precede o numeral *vinte*, que termina em *e* reduzido, a pronúncia faz-se como se não existisse essa terminação : *vint'i-um, vint'i-dois ;* mas quando a terminação do numeral antecedente à conjunção é *a*, a conjunção, que se lê *i*, transforma êste *a* em *ê* : *trinteium, trinteidois*, etc.

120. O ditongo *au* muda-se não raro em *ô* e *ou*, graças à ação que sôbre a sua vogal tónica — o *a*, exerce a vogal *u*, última da escala das labiais, transformando-a em *ô* : o *Appendix Probi* (1) ensina que se deve dizer *auris* e não *oricla* (= auricula), e há fatos atestadores de que na própria língua popular de Roma se realizou cedo a transformação do ditongo *au* em *ō* (2). Mesmo em português ela se mostra em *bacalhau* e *bacalhoada, cacau* e *cacoeiro* (êste a par com *cacaueiro*).

121. Leiam-se em voz alta versos em português : observando com atenção, notar-se-á que a junção, numa sílaba, de um *a* com um *i* (e), e de um *a* com um *u* (o), não raro se faz dando em resultado, no primeiro caso, o ditongo *êi*, às vezes reduzido a *ê*, e no outro o ditongo *ou*, condensado em *ô*. É o que pode ocorrer neste verso de Bilac :

"Última flor do Lácio, inculta e bela".
= ei

(1) Carnoy, *Le Latin d'Espagne*, 89 ; Breal, *Dict. Etymologique*, s. v. *faux* ; Grandgent, *Vulgar Latin*, 89.

(2) *Vide* Max Niedermann, *Phonétique Historique du Latin*, pág. 41.

Êsse fenómeno explica a nossa expressão, tão corriqueira, «ê vem fulano». O *ê* deve ser contração do advérbio *aí*, tornado monossílabo (*âi*).

122. A próclise também é responsável por alterações fonéticas. Um vocábulo que, isolado, é dissílado paroxítono, pode, em próclise, ficar monossílabo por formação de um ditongo, e, até, perder a vogal que, quando o vocábulo não está em próclise, é tónica.

Sucede isto com o adjetivo *boa* na expressão *boa noite*, pronunciada, na linguagem despreocupada, *bwa-noite* e *ba-noite*. (1). Pode o dissílabo perder a primeira sílaba tornada átona em virtude da próclise: *uma porção* em fala popular não raro se diminue em *ma-porção*. O determinativo latino *illu* em próclise com o substantivo que modificava, ficou, por êsse processo, sem a primeira sílaba, e originou a forma *lo* do nosso artigo, já muito cedo reduzida a *o* devido a circunstâncias fonéticas que exporemos no ponto 13.

123. Há alterações fonéticas de nomes especiais. São, mencionando só as principais:

OCLUSÃO: consiste na passagem das vogais extremas *i* (e) e *u* (o) a semivogais, formando, portanto, ditongo com a vogal anterior: *vaidade*, tetrassílabo, *va-i-da-de*, tornado trissílabo: *vai-da-de*; *caos*, dissílabo, conservado tal nos seguintes versos de Gonçalves Dias:

"E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste *caos*, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte".
(*Poesias*, ed. de SAID ALI, I, 174).

"Do *caos* medonho
A triste harmonia".
(*Ibidem*, 182).

E ainda nestes de António Feliciano de Castilho, *Fastos*, III, 5:

(1) "— *Bàs noite*, nhozinho". (Lúcio Cardoso, *Maleita*, 1934, p. 281).

"Mal do *caos* um tríplice universo
Brotou, de espécies várias conformado,
Do pêso constrangida a térrea mole
Veio o baixo ocupar, trazendo os mares".

Mas já reduzido a monossílabo em Camões, *Lus.*, VI, 10 :

"E vê primeiro em côres variadas
Do velho *Caos* a tão confusa face".

No *Devanear do cético* de Bernardo Guimarães notou Manuel Bandeira, na sua *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, pág. 122 e 123, que o poeta ora contou duas sílabas, ora uma em *caos.*

Assimilação ou aproximação de um som a outo, podendo esta aproximação ser levada à igualdade : lat. *vipera* > *vibera* (1), tornado *víbora*, por assimilação da vogal átona da penúltima sílaba à consoante labial *b* : essa vogal que era palatal (e), passou a labial (o=u).

Dissimilação ou diferenciação de sons idênticos ou semelhantes, podendo essa diferenciação chegar à eliminação de um dos sons : *rotundu* > *retondo*, por dissimilação do primeiro *o*, e depois *redondo* ; lat. *prora* > port. *proa*, com eliminação do segundo *r* ; *cribru* > *crivo* ; *Bracara* > *Brágara* e, com dissimilação do segundo *r*, *Brágala*, donde *Brágaa* e, por fim, *Braga.*

Metafonia ou «influência da vogal átona sôbre o timbre de outra antecedente tónica : *subo, sobe*" (2).

Crase, ou fusão de duas ou mais vogais numa só. Assim o latim *sagitta*, por transformações fonéticas nornais, produz *saêta, seêta*, que, graças à crase, se reduz a *seta.*

Elisão ou desaparecimento de vogal final quando o vocábulo seguinte começa por vogal : *dum* (≐ de um).

Próstese ou *prótese :* acrescentamento de som no princípio da palavra : *alevantar, avoar.*

Epêntese, ou acrescentamento de som no interior do vocábulo : *mastro* por *masto* (3), e a forma popular *seletra* por

(1) *Bibera* em Heitor Pinto, *Imagem*, I, 95, 96 ; *bibora* em Sá de Miranda, *Obras*, 1784, I, 180.
(2) Goçalves Viana, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa*, pág. 19.
(3) Masto : *Lusíadas*, V., 20.

seleta. Há uma espécie de epêntese que consiste na intercalação de uma vogal, destruíndo um grupo de consoantes : lat. popular *febrariu* > *fevereiro*, com interposição de um *e* entre o *v* (b) e o *r*.

Epítese ou *paragoge :* acrescentamento de som no fim do vocábulo. Do lat. *amabant* se fêz *amavam* (= amávã), hoje pronunciado *amávãu*, com um som paragógico ; semelhantemente de *santo*, *sam*, depois *são*.

Aférese ou supressão de som inicial : *maginação* (1) por *imaginação ; bispo* de *episcopu.*

Síncope ou supressão de som no interior do vocábulo : *solitariu* > *solteiro ; viride* > *verde.*

Apócope ou supressão de som no fim do vocábulo : lat. *aut* > *ou ; et* > *e.*

Metátese ou mudança de situação de sons. *Contrairo* por *contrário ; palrar, palreiro* por *parlar, parleiro ; melro* por *merlo* (lat. *merulus*). Exemplos de algumas formas sem metátese : «águas muito *parleiras*" (Elpino Duriense, *Poesias*, 1812, II 212 ; outro ex., pág. 254) ; «*merlo*» (id., ib., I, 200, Pôrto-Alegre, *Col.*, 532, Herculano, *Poesias*, 1860, 195).

Nasalização : dá-se quando uma vogal se nasaliza, o que pode ser por influência de consoante nasal contígua ou não a essa vogal, ou por causas não bem apuradas, como acontece com o *i* tónico final (*si, sim ; assi, assim*), e o *e* inicial de alguns vocábulos (*enxame, enxuto*, derivados, respetivamente, de *examen* e *exsuctus*). (2).

Desnasalização : perda de nasalidade de um fonema. O *o* da primeira sílaba de *monstro* é nasal ; mas, em vez de *monstrengo*, diz-se *mostrengo* por desnasalização daquela vogal, provocada pela dissimilação dos sons nasais das duas primeiras sílabas.

Haplologia, ou redução a uma só de duas sílabas contíguas iguais ou semelhantes : *vaidoso* em vez de *vaidadoso*, *Candinha* em lugar de *Candidinha* (3) ; *esplendíssima* por *esplendidíssima* em Pôrto-Alegre, *Col.*, 450.

(1) *Maginações :* Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, 1843, II, 6.
(2) Nunes (*Gram. Hist.* 2, pág. 359 n. 4) atribue a nasalidade de *sim* à do seu antónimo *nom, não.*
(3) Mais exemplos em Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 281.

7. Vocalismo e consonantismo

I

Vocalismo

124. Vocalismo é o estudo especial das vogais.

125. O latim clássico distinguia as vogais em longas e breves. Uma consoante geminada, ou um grupo de consoantes, que em geral tornavam longa a sílaba, abreviavam, pelo contrário, a vogal precedente (1). Assim é breve o *i* de *sagitta, littera, strictus*; o *u* de *fructus, gutta, bucca.*

O latim popular eliminou a distinção das vogais pela quantidade (longa ou breve) e diferençou-as pelo timbre (vogais abertas e fechadas), e reduziu certos ditongos a vogais. O *ā* (longo) e o *ă* (breve) confundiram-se em *a*; o *ē* (longo) passou a *ê* (fechado); o *ĕ* (breve), a *é* (aberto); o *ī* (longo), a *i*; o *ĭ* (breve), a *ê* (fechado); o *ō* (longo), a *ô* (fechado); o *ŏ* (breve), a *ó* (aberto); o *ū* (longo), a *u*; o *ŭ* (breve), a *ô* (fechado); o ditongo *ae* degenerou em *é* (aberto) e o ditongo *oe* em *ê* (fechado) (2).

126. O quadro seguinte mostra a correspondência entre as vogais do latim popular e as vogais e ditongos do latim clássico.

---

(1) NIEDERMANN, *Phon. Histor. du Latin*, pág. 143 ss.; PASSY, *Changements Phonétiques*, 1890, pág. 199 e 128; BRUNOT, *Histoire de la Langue Française*, I, 1913, pág. 66.

(2) FOUCHÉ (*E'tudes de Phonétique Générale*, 1927, pág. 22) admite que o *e* breve do latim clássico era fechado como o *e* longo: a diferença é que êste era tenso (*tendu*) e o primeiro afrouxado (*relâché*).

Latim popular		*Latim clássico*	
a		ā,	ă
è	(aberto)	ĕ,	ae
ê	(fechado)	ē,	ĭ, oe
i		ī	(longo
ò	(aberto	ŏ	
ô	(fechado)	ō,	ŭ
u		ū	

Êsses valores das vogais do latim popular conhecemo-los pelo estudo das línguas românicas e por textos e inscrições, em que não raro figura *e* onde devera estar *i*, *ae* ou *oe*, e aparece *o* onde a escrita clássica punha *u*.

127. Quando nos ocupámos da corrupção fonética, vimos que, das vogais de um vocábulo, a que é tónica oferece maior resistência a qualquer alteração. Pode-se mesmo estabelecer, como regra geral, que as vogais tónicas se conservam e mantêm o acento na transição do latim para português.

Exemplos :

a: *ăquila* > águia ; *pāce* > paz.
e: *dĕce* > dez ; *fĕlle* > fel ; *caecu* > cego ; *caelu* > céu
ê: *acētu* > azêdo ; *vĭr(i)de* > verde ; *ĭlle* > êle ; *cena* > cẽa > cea > ceia ; *stoeba* > esteva.
i: *fīlu* > fio ; *rīvu* > rio.
ó: *rŏta* > roda.
ô: *labōre* > lavor ; *lŭpu* > lôbo ; *ŭnda* > onda.
u: *acūtu* > agudo.

Observações

128. 1. Quando ao *a*, ainda que tónico, se segue um *i*, formando com êle ditongo, pode-se dar, segundo já vimos, a passagem do *a* para *ê* : *lacte* > *laite > leite ; *factu* > *faito > feito ; *primariu* > *primairo > primeiro.

II. O ditongo *au*, ainda que o *a* seja tónico, transforma-se em *ou* (e *oi*) : *tauru* > touro ; *auru* > ouro. (Também já vimos isto : pág. 69).

III. Não raro, ainda quando tónico o *a* da combinação *al*, esta evolve para *ou : alt*(e)*ru* > outro ; *falce* > fouce (foice). Deve-se isto à confusão fonética fácil entre *al* e *au*, confusão de que é semelhante a que se nota entre *el* e *éu :* chapel (arc.) (1) e chapéu ; vergel e vergéu (2) ; alvanel e alvanéu (formas ainda oscilantes).

IV. O *ĕ* breve tónico pode passar a *ê* fechado por influência de um *i* ou *u*, que se lhe siga mediata ou imediatamente: *matĕria* > madeira, *pĕctu* > peito, *prĕtiu* > prêço, *sĕdea* (= sédia) > seja, *Deus* > Déus (nos cancioneiros medievais) > Deus, *eo* > eu (lat. clàss. *ĕgo.*)

V. O *o* breve tónico pode passar a *o* fechado em português por metafonia devida a um *o* final : *mŏrtu* (por *mortuu*) > morto, *iŏcu* > jôgo.

129. As vogais átonas resistem menos às alterações fonéticas. Se inúmeros são os casos em que se conservam, são também bastante numerosos aqueles em que se trocam em outras, por assimilação, dissimilação, influência de fonemas vizinhos, ou simples confusão de umas com outras pelo tênue de sua pronúncia ; e não raro caem, ou desaparecem fundindo-se com outras (crase).

130. A queda de vogal átona inicial e medial mostrámos quando definimos aférese e síncope (pág. 72). O desaparecimento da vogal átona final vê-se, por exemplo, em *mal* derivado do lat. *male.*

131. A confusão de vogais pode exemplificar-se com formas como *empôla* (também *ampola*) e *enteado*, provenientes, respetivamente, de *ampulla* e *antenatu.*

132. Sôbre nasalação de vogais já falámos (pág. 72). Aquí acrescentaremos que é mui vulgar uma consoante nasal

---

(1) "chapel de ferro" (NUNES, *Crestom, Arc.*, 168).

(2) "vergeu" (Idem, ibid., 172).

(*m* ou *n*) comunicar ressonância nasal à vogal seguinte que forma sílaba com ela. Viu-se isto no trecho de Herculano (pág. 31), onde aparece a pronúncia vulgar mẽsa por mesa ; e vê-se no vocábulo *muito* que se profere *mũito*. Neste curso ainda teremos oportunidade de presenciar o fenómeno.

133. Da assimilação e dissimilação de vogais já tratei (pág. 71).

134. Quanto a alteração ocasionada por influência de som vizinho, direi apenas que o *r* e o *l* têm particular tendência para fazer regressar a *a* a vogal com que estão em contacto : *verrere* > varrer ; reinha (arc.) > rainha ; elefante > alifante (Lus., X, 110).

135. A semivogal de um ditongo, seja êste crescente ou decrescente, cai com bastante frequência : *cidra*, de *citrea* (pronunciado *citria*) ; *cuitelo* (arc. e pop.) e *cutelo ; muito* e *munto* (1) ; *apousento* (ainda em Camões, *Lus.*, I, 41) e *aposento ; augustu* e *agustu* > *agôsto*. Ótimo espécime é o que nos fornece *auscultare*. Já em latim falado se dizia, com omissão da semivogal, *ascultare*, forma que os gramáticos reprovavam (2). De *ascultare* o português fêz *escoitar* (3) e *escuitar ;* caindo a semivogal *i*, ficou *escutar*. Na evolução, pois, de *auscultare* para *escutar*, nada menos de dois ditongos perderam as semivogais.

136. Em compensação, não é raro aparecerem semivogais : vimos isto quando definimos e exemplificámos paragoge (pág. 72). De *santo* se fêz *sam* (= sã) ; com aposição de uma semivogal, se passou a dizer *são* (= *sãu*). A forma não paragógica persiste no nome próprio *Sampaio*, igual, etimològicamente, a Sam Paio (Santo Pelágio).

---

(1) Na língua popular do Brasil também existe *munto* (v. CORNÉLIO PIRES. *Conversas ao pé do fogo*, 1921, pág. 181). Em latim popular ja havia *muntu* por *multum* (GRANDGENT, *Vulgar Latin*, 123, § 289), mas entre o *muntu* latino e o *munto* português há, apenas, simples coincidência de formas : os fenómenos fonéticos que conduziram a uma diferem dos que conduziram à outra. A forma latina deve-se à passagem de *lt* a *nt*, a qual também se observa em *cultellum* e *cuntellum*. Em Ernout, *E'léments Dialectaux du Vocabulaire Latin*, 1928, pág. 147, vem explicação aceitável dêste fenómeno fonético.

(2) BRUNOT, *Hist. de la Langue Française*, I, 66.

(3) Escoitar (*Frades Menores*, 312 — edição de J. J. NUNES).

As formas antigas *area*, *vea* e outras semelhantes receberam também semivogal, e ficaram sendo *areia*, *veia*, etc.

137. No fim do vocábulo o *i* longo passou a *e*, e o *u* longo a *o*. Nos monossílabos, porém, o *i* longo pode conservar-se como *i* se o monossílabo é tônico : *mi* > *mi*, depois *mim*. Sendo átono o monossílabo, é de regra passar o *i* a *e* reduzido, o qual a nossa pronúncia brasileira identifica com *i* átono : lat. *si* > *se* (conj.) ; lat *qui* > *que* (pron. relat.) (1), etc.

* * *

138. Tudo quanto aí fica dito e o mais que se dirá adiante representa o que de constante tem podido distinguir, no complicado acervo da linguística românica, a investigação paciente e benemérita de inteligências perspicazes e dedicadas. Numerosas formas aberram das tendências gerais apontadas, mas não abalam sequer a solidez dos princípios estabelecidos, pois a maioria delas têm explicação na interferência das muitas fôrças (analogia, influência dialetal, de uns sons em outros, de uma forma em outra, reação literária, confusão de quantidade das vogais, ação psicológica, etc.), fôrças às quais se acham expostos, pela sua extrema complexidade, os fatos da linguagem ; e os casos raros e esporádicos, para os quais ainda se não logrou descobrir explicação satisfatória, testificam, pelo próprio isolamento com que se manifestam, a singularidade da perturbação que os desintegrou da corrente geral em que deveriam ir arrebatados. Como exemplos dêsses fatos excepcionais apontarei os seguintes : o port. *fome* (2) correspondendo ao latim *fame* e mostrando alteração da vogal tônica ; *pomes*, relacionando-se com *pumex* (3), em que o *u* longo deveria ter como representante em português *u* ; a nossa palavra *hora* com *ó* aberto, quando em latim o *o* que lhe corresponde é longo : *hōra*.

---

(1) Excelentes autores atribuem ao relativo *que* outro étimo. Vid. adiante, na Etimologia dos pronomes, a parte referente aos relativos.

(2) Em port. arcaico houve o vocábulo regular *fame*.

(3) MEYER LÜBKE trata dêste fato na "Introdução ao estudo da Glotologia Românica", pág. 202 da redação portuguesa de GUERRA JÚDICE (*Lisboa*, 1916).

II

Consonantismo

139. Assim se denomina o estudo especial das consoantes.

Em outro lugar (pág. 61, 63, 65) já mostrámos o que é consoante, e demos um quadro das principais que existem em português.

Agora consideraremos as consoantes latinas, e examinaremos o seu destino na transformação do latim em português.

140. Ei-las classificadas no quadro abaixo :

CONSOANTES LATINAS

	OCLUSIVAS		FRICATIVAS		LATERAIS	VIBRANTES	NASAIS
	surdas	sonoras	surdas	sonoras			
Labiais. . . .	p	b	f	u	—	—	m
Dentais . . .	t	d	s	—	—	r	n
Guturais ou palatais . . .	c, k, q,	g	—	i	l	—	ṅ

Cumpre advertir o seguinte :

1. Não estão no quadro :

a) o *h*, quer sòzinho, quer formando os grupos *th*, *ph*, *ch*, *rh*, porque em qualquer dêsses casos indicava uma aspiração que veio a desaparecer, ou não existia na língua popular, a qual, neste estudo, é a que mais nos interessa ;

b) *j* e *v*, sinais introduzidos no fim da idade média, e aos quais correspondiam, em latim, os sons do *i* e *u* consoantes, que são os que figuram no quadro acima (1) ;

c) a fricativa dental sonora *z*, que não era pròpriamente latina.

2. *ṅ* representa a nasal gutural que a ortografia indicava por *n* antes de oclusiva gutural (*angulos, anceps*) e por *g* antes de nasal (*dignus*).

3. *l* representa ou o *l* palatal, com o ponto de articulação nos alvéolos dos incisivos superiores, ou o *l* velar ou gutural, com o ponto de articulação no véu do paladar. O primeiro ocorria : a) quando o *l* era inicial ; b) quando, interno, vinha antes de *i ;* c) quando geminado.

O segundo aparecia : a) quando final ; b) quando, no interior, vinha antes de *a, e, o, u,* ou antes de consoante.

141. Vejamos agora o estado final a que chegaram em português as consoantes latinas ; mas advirtamos que o *c* e o *g* antes de *e* e *i* adquiriram som fricativo, e como fricativos é que serão considerados sempre que estiverem naquela situação.

Consoantes simples

142. 1. Iniciais.

Estas permanecem, salvo o seguinte :

a) o *c*, às vezes, passa a *g* (no próprio latim popular como em *cattu* > gattu > gato) ;

b) o *b* e o *v*, por confusão frequente (2) entre êses dois fonemas, estão, não raro, representados respetivamente por *v* e *b* (*betulariu* > vidoeiro ; *vitta* > bêta) ;

---

(1) Algumas das boas edições modernas de obras latinas não trazem nem *j* nem *v*, e sim *i* e *u*, como a edição de Fedro feita por Havet (Paris, 1895) ; outras como as da biblioteca oxoniense (Oxford), banem o *j* mas adotam o *v* (pelo menos as de Horácio e Vergílio, que tenho em mãos).

(2) Esta confusão entre *b* e *v* é antiga : a *Mulomedicina Chironis* traz *bulbus*, *vulbos* e *vulvos*, e nas inscrições há mais exemplos (v. Brunot, *Hist. de la Langue Française*, I,70). Interessante é a forma antiga *bívora* que aparece, por ex., em Camões, *Lus.*, V, 11.

c) o *i* e *u* consoantes evolvem, respetivamente, para *j* e *v*.

Assim :

p- > p : *pace* > paz
b- > b : *bucca* > bôca
t- > t : *tauru* > touro
d- > d : *dare* > dar
c- > c : *caballu* > cavalo ; *q(u)aternu* > caderno (houve mudança de letra, *q* para *c*, mas não de som) ; *caelu* > céu ; *cista* > cesta.
g- > g : *gutta* > gota ; *generu* > genro.
f- > f : *feroce* > feroz.
u(v)- > v : *vacca* > vaca ; *vipera* > víbora.
s- > s : *siccu* > sêco.
i(j)- > j : *ieiunu* > jejum ; *Hieronymu* > Jerónimo.
l- > l : *lacu* > lago.
r- > r : *rivu* > *riu* > rio.
m- > m : *malu* > mau.
n- > n : *nocte* > noite.

143. 2. Intervocálicas.

a) As oclusivas e fricativas surdas sonorizam-se, isto é :

-p- > b : *ripa* riba ; *populu* > poboo > povo.
-t- > d : *vita* vida.
-c- (k, q) > g : *pacare* > pagar ; *antiq(u)u* > antigo.
-f- > v : *profectu* > proveito.
-s- > s (sonoro) : *casa* (=cassa) > casa.
-c(e)-, -c(i)- > z : *facere* > fazer ; *vicinu* > vizinho.

b) -r- permanece na escrita, mas passa a ter som brando : *caru* > caro.

c) -b- > v, mas em algumas palavra se mantém, graças à confusão, a que já nos referimos, entre êsses dois fonemas : *amabam* > amava ; *debere* > dever ; *tabula* > távoa (arc. e pop.), mas lit. *tábua*.

d) o -d- cai : *fidele* > fiel ; *radiu* > raio. (Quando seguido de um *i*, que se torna consoante, e êste de vogal, o

grupo consonântico formado *di* (dy) > j : *hodie* > hoje, *invidia* > enveja, inveja).

e) o -l- cai : *malu* > mau, *gelare* > gear, *palatiu* > paaço > paço, *soles* > soes > sóis.

Obs. : Se, caindo a vogal seguinte, o *l* deixa de ser intervocálico, mantém-se : *male* > mal, *fidele* > fiel, *cubile* > covil, *sole* > sol, *padule* (por *palude*) > paúl, *solitariu* > > *soltariu > solteiro.

f) -g-, que antes de *e* e *i* adquire som fricativo palatal, permanece algumas vezes, outras cai ou vocaliza-se : *vagativu* > vaadio > vàdio (vadio), *plaga* > praia (1), *legere* > leer > ler, *vigilare* > vigiar, *rogare* > rogar, *rigare* > regar.

g) o -v- (*u* cons.) cai na terminação *-ivu* e em *bove* > > boi, mas nos outros casos em geral permanece : *rivu* > > rio, *aestivu* > estio, *genetivu* > gentio ; *lavare* > lavar, *nive* < neve. Conserva-se em vivo < *vivu*, por claramente se relacionar esta palavra com "viver".

h) -i- cons. ora se mantém como *i*, ora passa a j : *maiore* > maior, *peiore* > peior [>peor > pior] ; *cuiu* > cujo.

i) o -m- fica : *amicu* > amigo.

j) o -n- desaparece como consoante, mas comunica ressonância nasal à vogal precedente : *arena* > arẽa, *vinu* > > vĩo, *una* > ũa, *manu* > mão.

Esta ressonância nasal :

1) conserva-se : *mão* ;

2) desaparece sem deixar vestígio : *area* (*areia*) ;

3) desaparece deixando um fonema nasal de transição (*nh* e, muito raramente, talvez num só caso, *m*) : *vĩo*, *vinho* ; *ũa*, *uma*.

Obs. I. — Seguindo-se ao *n* a semivogal *u*, não é êle pròpriamente intervocálico e por isso conserva-se : *ianuariu* > janeiro, **ianuella* > janela.

Obs. II. — Em certas pronúncias de Portugal e do Brasil, a nasalidade se mantém a pesar do fonema nasal de transição : vĩnho. Não é de uso, porém, notá-la na escrita.

(1) Nem todos aceitam esta vocalização.

144. I. A ressonância nasal *costuma* desaparecer sem consequência nos seguintes casos :

a) quando a vogal anterior ao *n* é antetónica e não é ī longo : *sanativu* > sãadio > saadio > sàdio (sadio) ; mas *divīnare* > adivĩar > adivinhar ; (1).

b) quando essa vogal é tónica e igual a *e* (<e, oe, ae, ĭ lat.) e a vogal seguinte ao *n* é *a* ou *o* (>lat. *u* ou *o*) ; isto é nas terminações *-ena, enas, -enu, -enos* : *arena* > arẽa > area > areia ; *arenas* > arẽas > areas > areias ; *frenu* > frẽo > freo > freio ; *sinu* > *senu* > sẽo > seo > seio, e os plurais dêstes nomes *freios* e *seios*, feitos por analogia com os acusativos masculinos do plural da 2.ª declinação : *frenos* (2) em lugar de *frena* e *sīnos* em vez de *sinus ;*

c) quando a vogal anterior ao *n* é tónica e igual a *o* ou *u* e a vogal seguinte ao *n* é *a ;* isto é, nas terminações *-ona, -onas, -una, -unas : corona(s)* > corõa(s) > coroa(s), *luna(s)* > lũa(s) > lua(s).

Obs. : Em o numeral e artigo indefinido *ũa*, derivado do lat. *una*, desenvolveu-se a labial *m : una* > ũa (arc. e popular) > uma (3).

145. II. Desaparece deixando o fonema *nh* de transição, quando é *i* longo a vogal anterior ao *n*. Assim sucede nas terminações muito comuns -ína(s), íno(s) (<lat. *-ina, -inas, -inu, -inos, -inus*) : *regina* > reĩa > reinha (rainha) ; *vinu* > vĩo > vinho.

146. III. Conserva-se nas terminações paroxítonas seguintes, que se tornam oxítonas em português :

-ana > -ãa > ã : *lana* > lãa lã.

-ane > -ã > -ão: *cane* > cã > cão.

-anes > -ães : *canes* > cães.

---

(1) V. casos especiais no § 153, 8, *a*), *b*) e *c*).

(2) Já em latim clássico havia os plurais *frena* e *freni* (v. Bréal, *Dict. Etym. Latin*, s. v. *frenum*).

(3) Veja-se em Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pág. 62, a explicação dêsse fenómeno.

-anu > -ão : *manu* > mão ; vanu > vão.
-anos, -anus > -ãos : *romanos* > romãos (1) ; *manus* > > *manos* > mãos.
-ene, -eni > -ẽ (-em) : *bene* > bẽe > bem.
-enes, -enis > -ẽes > -ens : *venis* > vẽes > vens.
-ine, -ini > -ĩ (-im) : *fine* > fim ; **vini* > vim.
-one > -õ > -ão : *sermone* > sermon > sermão.
-ones > -ões : *sermones* > sermões.
-onu > õo > õ > (-om) : *sonu* > sõo > som.
-unu > -ũu > -um : *unu* > uũ > um ; *ieiunu* > jejũu > jejum.

147. IV. Conserva-se na terminação *-ŭdĭne* (por *-ūdĭne*), que evolve assim : -ŭdĭne > -õe > -om, -ão : *multitudine* > multidõe (arc.) > multidão ; e conserva-se ou tem sido restituída na desinência átona *-ĭne* (*s*), igual, em latim popular, a *ene*(*s*) : *ferrugĭne* > ferruge(m) ; *imagĭne* > image (m) (2) ; *homĭne* > home(m) (3).

148. 3. Finais.

Em geral caem ; contudo :

-s permanece quasi sempre : *rosas* > rosas ;

-r fica, mas troca de posição com a vogal anterior : *quatt*(*u*)*or* > quatro, *semper* > sempre ; *inter* > entre ;

-m desaparece em alguns monossílabos (já < *iam*) e nos vocábulos de mais de uma sílaba (4), (*amabam* > amava), mas na maioria dos monossílabos permanece na escrita, indicando que a vogal precedente se tornou nasal : *cum* > > com ; *quem* > quem ; *rem* > rem (arc.) ;

-n, nos monossílabos *in* e *non*, desaparece como consoante, mas comunica à vogal anterior nasalidade que se conserva : *in* > en (arc.), em ; *non* > nõ, non, nom (arcaicos) > > não.

---

(1) "Os famosos romãos em paz e guerra". (António Ferreira, *Castro*, ato II, nos *Poemas Lusitanos*, 1598, f. 217, v.º).

(2) "image" em Côrte-Real, *Naufrágio de Sepúlveda*, Lisboa, 1840, II, 201.

(3) A forma arc. *home* é popular tanto em Portugal como no Brasil Nos *Textos Arc.* de L. de Vasconcelos, 3.ª ed., pág. 48, "homẽes".

(4) Já em latim o *m* final tinha som mui débil : "*M* in extremitate verborum obscurum sonat". (Quint., apud Cliquennois, *Le Grec et le Latin*, pág. 23). Veja-se também Brunot, *Hist. de la Langue Franç.*, I, 69-70.

Consoantes geminadas

149. Reduzem-se a simples, pois os sinais *ss* e *rr*, usados em português, não representam consoantes geminadas e sim, respetivamente, os mesmos sons simples do *s* e *r* iniciais como em *sábio* e *rei*.

Assim :

stuppa > estôpa, mas *lupu* > lôbo.
abbate > abade, mas *debere* > dever.
gutta > gota, mas *vita* > vida.
adducere > aduzer (arc.), mas *pede* > pee > pé.
vacca > vaca, mas *lacu* > lago.
effectu > efeito, mas *profectu* > proveito.
ossu > osso, mas *rosa* > rosa.
collu > colo, mas *colare* > coar.
carru (car-ru) > carro (ca-rro), mas *caru* (carru) > caro.
annu > ano, mas *granu* > grão.
flamma > chama.

150. Consoantes agrupadas

1. Iniciais

pr-
br-
tr-
dr-
cr-
gr-
fr-

} conservam-se: *pratu* > prado; *breve* > breve; *trans* > > trás; *dracone* > dragão; *credere* > crer; *granu* > grão; *freno* > frẽo > freo > freio.

Obs. : Às vezes o *cr-* inicial está representado em português por *gr*: *crate* > grade; *creta* > greda; *crupta* > gruta (grôta).

pl- >
- ch : *plorare* > chorar ; *plangere* > changer, arc. (1) ; *plenu* > chẽo > cheo > cheio.
- pr : *planctu* (2) > chanto (3), arc. / pranto.

cl- >
- ch : *clamare* > chamar ; *clave* > chave.
- cr : *claru* > craro (arc. e pop.) ; *clavicula* > cravelha

fl- >
- ch : *flamma* > chama ; *flagare* > cheirar.
- fr : *floccu* > froco.

bl- > br : *blandu* > brando.

gl- >
- gr : *glute* > grude ; *gloria* > glória, arc.
- l : *glattire* > latir.

sc- > c fricativo : **scinticula* (por *scintilla*) > centelha.

s+cons. > lat. pop. *is*+cons. > es+cons. : *speculu* > espelho ; *scopulu* > escolho.

di- (sendo o *i* consoante) > j : *diaria :* (diá-ri-a) > jeira (geira). Quando o *i* é vogal, não há grupo, e o *d* como consoante simples inicial permanece : *dia* (4) (di-a) > dia.

qu- > c (escrito às vezes *qu*) : **quomo* (forma abreviada de *quomodo*) > como ; *quindecim* > quinze.

---

(1) "Enton a Condessa et el Conde *changian* (=choravam) a gentil dona". (Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, 1933, pág. 11).

(2) Bater no peito era uma demonstração de dôr : "os peitos a punhadas ferindo". (Od. Mendes, *Verg. Bras.*, 229). O lat. *planctus* significa pancadas no peito em sinal de dôr, lamentações ; e daquí a significação que tem em português.

(3) "Fazian gran doo e gran *chanto*" (apud Nunes, *Crest.*, 99).

(4) Por *dies* (v. pág. 51).

151. 2. Internas

Sendo intervocálicas :

-pr- > br : *ap(e)rire* > abrir.

-br- > vr : *lab(o)rare* > lavrar.

-tr- > dr : *petra* > pedra.

-dr- > ir : *cathédra* > cadeira.

-cr- > gr : *lŭcru* > lôgro.

-gr- > { gr : *nĭgru* > negro
ir : *intégru* > enteiro (inteiro).

-fr- > vr : *afrĭcu* > ávrego.

Mas conservam-se, quando precedidas de consoante :

scalpru > escoupro > escopro ; *membru* > membro (1) ; *monstrare* > mostrar ; *congru* > congro ; *esfrĭcare* > esfregar, etc.

intervocálicas :	Precedidas de consoante :
-pl- > { lh: *scop(u)lu* > escolho; br : *dŭplare* > dobrar.	**-pl-** > { ch : *implere* > encher. pr : *complere* > *complire* > comprir, cumprir.
-cl- > lh : *spec(u)lu* > espelho.	**-cl-** > { ch: **mancla* > mancha. cr : *concludere* > *concludire* > concruir (arc.)

(1) Houve a forma arcaica *nembro* resultante de dissimilação análoga à que fêz *memorare*, *mem'rar* passar ao arc. *nembrar*. Êste se pode ver em Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 2.ª ed., pág. 350.

Observações

I. Em latim popular o grupo *tl* pronunciava-se *cl* : "*vetulus* non *veclus*" ensinavam os gramáticos (v. Grandgent, *Vulgar Latin*, 120). Sofre, pois, o mesmo tratamento que *cl* :

vet(u)lu > *veclu* > velho ; *rot(u)la* > **rocla* > rolha ; *sĭt(u)la* > **sĭcla* > selha.

II. Quando a consoante que precede o grupo *-cl-* é *s* ou *r*, às três consoantes, isto é, a *scl* ou *rcl* corresponde em português *ch* :

-scl- > ch : *masc(u)lu* > macho ; *ast(u)la* > **ascla* > acha
-rcl > ch : *torc(u)la* > tocha ; *sarc(u)lu* > sacho.

Intervocálicas :	Pecedidas de consoante :
-bl- > { br : *nob(i)le* > nobre; lh : *trib(u)lu* > trilho }	**-bl-** > br : *amb(u)lare* > ambrar (arc.)
	-fl- > { ch : *inflare* > inchar. fr : *affligere* > afrigir (arc.). }
-gl- > { gr : *reg(u)la* > regra; lh : *teg(u)la* > telha }	**-gl-** > lh : *cing(u)la* > cinlha (arc.).

Nota : — -ngl- pode dar *nh* : *ung(u)la* > unha, *sing(u)lariu* > senlheiro > senheiro ;
ou *lh* : *cing(u)la* > cilha.

152. OUTROS GRUPOS OU ENCONTROS DE CONSOANTES

-ct- > it : *nocte* > noite ; *octo* > oito ou *ut* : *tractu* > trauto.

-lb- > lv : *albu* > alvo.

-rb- > rv : *arbore* > árvore ; *carbone* > carvão.

-rs- > ss : *persona* > pessõa > pessoa ; *persĭcu* > pêssego.

-ps- > ss : *ipse* > êsse ; *gypsu* > gêsso ; *campsare* > cansar.
-ns- > s : *monstrare* > mostrar ; *ansa* > asa ; *mensa*> > mesa ; sufixo *-ense* > ês : português, francês, cortês, burguês, montês, pedrês, etc.

-mn- > n : *autumnu* > outono ; *somnu* > sono ; *dom(i)nu*> > dono.

-gn- >
- in : *regnu* > reino.
- un : *magnu* > mauno, arc. (1)
- nh : *lignu* > lenho.
- n : *dignu* > dino (depois *digno*, reação erudita).

-nct- > nt : *cinctu* > cinto ; *sanctu* > santo.

-mpt- > nt : *promptu* > pronto ; *exemptu* > isento.

-sc(e)
-sc-(i) } > c : *nascere* (por *nasci*) > nacer (escrito e por muitos também pronunciado *nascer*, em consequência de reação erudita).

Contudo, *miscere* > mexer ; *pisce* > pexe e peixe.

-pt- > tt > t : *septe* > sete ; *ruptu* > rôto ; *captare* > catar ; **subreptariu* > sorrateiro ; *inceptare* > encetar.

Obs : Às vezes *pt* > *ut : Baptista* > Bautista, ou *it : conceptu* > conceito.

-m'r- > mbr : *um(e)ru* (2) > ombro ; *num(e)ru* > nombro e numbro (arc. e pop.).

-z'd- > z : *amicitate* >amizidade > amiz'dade > amizade ; *placitu* > praz(i)do (3) > prazo ; *recitare* > rez(i)dar > > rezar.

---

(1) " *mauno* Alexandre do mundo senhor". (*Cancioneiro Geral*, III, 66).

(2) A boa escrita é *umeru* e não *humeru* : veja-se Bréal., *Dict. Etym. Latin*, s. v. *humeru ;* Walde, *Lat. Etym. Wörterbuch ;* Antoine, *Manuel d'Orthographe Latine*, pág. 96 ; as edições dos clássicos latinos de Oxford ; etc., etc.

(3) *plazdo* no *Poema do Cid*, pág. 36 da edição de Alfonso Reyes, Madrid, 1919.

x (=cs) > { is : *sex* > seis.
ss : *dixi* > disse ; *anxia* > ânsia.
(i)x : *mataxa* > madeixa ; *luxu* > luxo.

Grupos formados com a semivogal *i* :

li, **le** (= li) } > lh : *filiu* > filho ; *palea* > palha.

ni, **ne** (= ni) } > nh : **maniana* > manhã ; *aranea* > aranha.

-re-, **-ri-** } > ir : *area* (=aria) > eira ; *primariu* > primeiro.

ci, **ti** } > ç e z : *iudiciu* > juízo ; suf. *-aceu* > aço ; *ratione* > > razão e, talvez, ração ; *gratia* > graça.

sti > ch : *mustione* > mochão ; *comestione* > comechão > > comichão.

di- > { j : *hodie* > hoje.
A respeito de *radiu* > raio, vid. § 143, *d.*

NOTA : Vindo depois de ditongo ou consoante, *di* > *ç* : *audio* > ouço ; *ardeo* > arço (1).

si, **se** (= si) } > j : mas a semivogal passa para antes do *j*, formando ditongo com a vogal anterior : *caseu* > *caijo > queijo ; *basiu* > beijo.

-ssi- > x, passando a semivogal para antes do *x*, e constituindo ditongo com a vogal antecedente (2) : *passione* > > paixão.

---

(1) "Um fogo de que eu arço". (ANTÓNIO FERREIRA, *Poemas Lus.*, 1598, f. 6, v.º).

(2) Pela facilidade com que cai a semivogal dos ditongos, são vulgares, e já foram literárias, pronúncias como *paxão*, *baxo*, etc. V. *Lus.*, III, 14).

153. Aditamento aos pontos 6.º e 7.º

Como aplicação prática do exposto nos pontos 6.º e 7.º, e para que o estudioso apreenda melhor o espírito do método empregado no estudo e indagação do étimo dos vocábulos, passamos a mostrar a origem de algumas palavras.

1. Dois

O cardinal subsequente a "um" diz-se em latim *duo*, no masculino, cujo acusativo é *duos*. Vimos que *ŭ* era pronunciado *ô*; logo *dŭos* deve ter sido pronunciado *dôos*; em virtude do fenómeno denominado *oclusão* (pág. 70), *dôos* passa a *dous*, e êste a *dois* pela alternância, comum em nossa língua, dos ditongos *ou* e *oi* (cfr. *cousa* e *coisa*, *ouro* e *oiro*, *doudo* e *doido*, etc.).

2. Arraigar ou arreigar

Raiz diz-se em latim *radix*, gen. *radĭcis*. Dêste radical deve-se ter formado com o prefixo *ad-* o verbo *adradicare* e, com assimilação do *d* ao *r*, *arradicare*. Aplicadas a êste vocábulo as leis fonéticas já estudadas (queda do *-d-* intervocálico, sonorização do *-c-* intervocálico e queda do *-e* final precedido de *r* intervocálico), êle reduz-se a *arraigar*. A tendência, já mostrada (pág. 69), que tem o ditongo *ai* para se transformar em *ei*, origina a outra forma, *arreigar*, do vocábulo em questão.

3. Esfregar

Há em latim o verbo *frĭcare*, que diz "esfregar" e de que é cognato o substantivo *frictio*, gen. *frictionis*, étimo do port. *fricção*. Com o prefixo *ex-* forma-se *exfricare*; pela evolução normal do prefixo *ex-* para *es-* (cfr. *extendere* < estender), passagem de *i* breve para *e*, abrandamento do *-c-* intervocálico e queda do *-e* final subsequente a *r* intervocálico, *exfricare* fica sendo o nosso *esfregar*.

4. Rasgar

Em latim, o verbo *secare* (supino *sectum*) significa *cortar*. O infinitivo *secare* produziu *segar* em português (pois *-c-* > *g*, *-are* > *-ar*, como em *mare* > mar, *amare* > amar); temos também *segador* (=ceifeiro, indivíduo que corta a seara madura). O radical do supino aparece, já por alguns escrito sem o *c*, em *bissectriz*, reta que *corta* o ângulo, dividindo-o em duas partes iguais; em *sector*; e, alterado, em *secção*. derivado de *sectione* (*ti*+vog. > *ç*); etc.

Com o prefixo *re-* forma-se *resecare*; êste se reduz a *rasgar*, em consequência das seguintes alterações fonéticas: queda comum de vogal átona (pág. 75), o que se deu aquí depois da sonorização do *-c-* intervocálico; queda do *e* na terminação *-are*, e passagem frequente de *e* a *a* por influência do *r* (pág. 76).

Não confundir *secare* com *siccare*. Em *siccare*, *o i*, breve por seguir-se-lhe geminada (pág. 73), passa normalmente a *e*; a consoante geminada *cc* reduz-se a simples (pág. 84), e *-are* encurta-se em *-ar*, pela queda comum do *e* final nessa terminação. De *siccare* nos resultou, pois, *secar*, ao passo que *secare* nos deu *segar*.

5. Bêta

A palavra latina *vitta* quer dizer *fita*. A consoante geminada em regra tornava breve a vogal antecedente, e, passando para o português, se reduzia a simples: assim, ao latim *vĭtta* corresponde em nossa língua *bêta* com permuta, não muito rara, de *v-* inicial com *b*. *Bêta* significa lista, mancha comprida:

> "O seio e o rosto da monja, suavemente pálidos, estão sulcados por *bêtas* escuras, que serpeiam por aquele gesto, como as víboras estiradas ao sol sôbre um busto grego tombado entre as ruínas de antigo templo pagão".
>
> (Herculano, *Eurico*, 20.ª ed., 152).

6. Tosar

Dois verbos com esta forma : um, equivalente a *cortar, tosquiar*, outro a *bater, sovar, dar tosa*. São, pois, formas convergentes. Vejamos o étimo de cada um. Para isso recordemos que o latim, sobretudo o popular, era fácil em modelar verbos com o radical dos supinos : o supino do verbo *canĕre* (1) é *cantum*, e dêle se fêz *cantare* > cantar ; o de *audēre* (2) é *ausum* e dêle proveio *ausare* > ousar ; por igual processo muitos outros verbos se criaram.

Tondēre, tosquiar, cortar, segar, tem por supino *tonsum*. O particípio passivo *tonsus* vê-se claramente em português no adjetivo *intonso* (=não cortado, crescido) : "Um matagal *intonso* cobria os caminhos". (Coelho Neto, *Apólogos*, 1910, pág. 16). Do radical do supino *tonsum*, fêz-se *tonsare*, que, de acôrdo com a evolução normal (ns > s, e -are > -ar) passou a ser, em português, *tosar*, com o significado de *tosquiar, cortar*.

O adjetivo *tonsorius* exprimia *que serve para tosquiar, para rapar*, e aparecia frequentemente junto a nomes de instrumentos cortantes ; no feminino *tonsoria*, produziu **tosoira*, e com a dissimilação, muito comum, de *o-o* em *e-o*, *tesoira*, que também se diz *tesoura* (*ou* < > *oi* : louro, loiro ; cousa, coisa ; ouro, oiro).

Havia o verbo *tundĕre* (supino *tunsum* e *tusum*) significando *dar repetidas pancadas, bater muitas vezes, malhar*. Do radical do infinitivo, bem como do supino, existem representantes em português : *contundir, contuso, contusão*. Do supino *tunsum* derivou-se o infinitivo *tŭnsare ;* daquí o nosso *tosar*, sinónimo de *dar pancada, bater*. A consoante geminada ou o grupo de consoantes abreviava a vogal ; sendo assim, o *u* de *tunsare* é breve, e produz *o* em português.

---

(1) O radical *can-* vê-se no adjetivo *canoro :* aves canoras.

(2) O radical *aud-* aparece em *audácia, audaz, audacioso*, etc.

7. DIA

Em latim clássico dizia-se *dies*, gen. *diei*. Vimos, porém, (pág. 51) que havia substantivos da 5.ª declinação que também tinham formas da 1.ª. Por isso, em latim popular deve ter existido *dia*: desta palavra é que proveio o nosso substantivo *dia*. O que há de notável é que, sendo breve o *i* do latim *dies*, *dia*, êle está contudo representado em português por *i* e não por *ê*. É que o *i* breve, e mesmo o *e* de um hiato, podem passar a *i* para distanciar as duas vogais, facilitando dest'arte a pronúncia: por isso, lat. *dĭa* > port. dia; lat. *mea* (adj. possessivo) > port. mia, e, com a nasalação do *i* provocada pelo *m*, *mĩa*, depois *minha*.

8. ONTEM

Dêste vocábulo há as formas arcaicas *oõyte* (oõite), *oonte*, *oontem*, que qualquer etimologia que se proponha para a palavra tem obrigação de explicar. Ora, o latim vulgar que originou o português, para indicar o dia seguinte como complemento circunstancial, valeu-se do nome da primeira parte do dia, **maniana*, precedido da preposição *ad* ou *a*, *a+maniana*, *amanhã*; para exprimir o dia enterior, isto é, o posto de "amanhã", era natural que recorresse ao nome da última fase do dia, *nocte*, regido da mesma preposição: *anocte*.

Tal combinação vocabular não é, porém, um fato isolado nas línguas românicas: o espanhol tem *anoche*, o francês arc. *anuit*, o suiço rom. *anê*, o asturiano *anueiti* (1). Além disso, *véspera*, que é o nome da parte final do dia pròpriamente dito, a tarde, igualmente significa o dia anterior.

Constituída a expressão adverbial *anocte*, que se arrima, como acabamos de ver, na analogia com o étimo de *amanhã* e tem formas paralelas, quanto à formação, em outras línguas românicas, a evolução fonética subsequente é fácil e natural. O *-n-* nasala a vogal anterior, e cai; o *ct* passa a *it*, e temos então *ãoite*. O *o* tónico assimila o *a* nasal, e o vocá-

---

(1) V. NUNES, *Gram. Hist.*, e DR. L. DE VASCONCELOS, *Liç. de Fil.* 372.

bulo converte-se em *õoite*. A nasalidade do primeiro *o* desaparece, comunicando-se, porém, ao segundo, o que dá lugar à forma arcaica citada *oõite* ou *oõyte ;* a queda da semivogal, mui comum, como já vimos, produz o outro arcaismo, *oõte* ou *oonte ;* êste, com a contração dos dois *oo*, se reduz ao vocábulo popular *onte*. A repercussão, na desinência, da nasalidade inicial ocasiona o advérbio atual *ontem*.

Para convencer da legitimidade desta etimologia importa mostrar que os fatos fonéticos apontados são naturais na língua. A queda do *-n-* intervocálico após nasalamento da vogal precedente, e a passagem de *ct* a *it* são leis fonéticas já indicadas (pág. 81 e 87) ; a assimilação de uma vogal a outra e posterior fusão de ambas em uma só podemos mostrar agora : *portucalense* (=natural de Portucale) produziu, pelas leis fonéticas que já nos são familiares, *portugaêse* e *portugaês*, e a assimilação do *a* ao *ê* originou a forma *portugueêse*, com cinco sílabas, que se vê no trecho abaixo :

"El-rei portugueese
barcas mandou fazere".
(Joan Zorro, *apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 339).

Por fim, a absorção do *e* átono no *ê* tônico fêz surgir *português*.

A queda frequente da semivogal vimos a pág. 76. No vocábulo *mũito* ela também caíu, produzindo *munto*, popular em Portugal e no Brasil. Usou-o A. F. DE CASTILHO :

"De outro qualquer assunto
Só para ociosos bom, cansou-se o povo há *munto*."
(*Geórgicas*, 139).

Também DURÃO no *Caramurú*, II, 73 ; III, 43 ; V, 39. Em falar brasileiro é bastante comum :

"Num ai *munto* tempo"
(CORNÉLIO PIRES, *Conversas ao pé do fogo*, S. Paulo, 1921, 181).

Resta mostrar a possibilidade da repercussão de uma nasal na parte final do vocábulo. Citarei dois casos :

o lat. *nube-* > nuve > nuvem.
o lat. *ánate* > ãade > aadem > adem.

Para maior confirmação do exposto, apontarei casos de evolução fonética em que houve fenómenos semelhantes a alguns ou a todos que se deram na passagem de *anocte* para *onte*, isto é, na série :

anocte > ãoite > õoite > oõite > oonte > onte.

Ei-los :

a) O particípio analógico de *venire* é, no acusativo popular, *venitu*, e evolucionou assim :

venitu > vẽido > vĩido > viĩdo ou viindo > vindo.

Houve : queda do *n* e nasalamento do *e* precedente, assimilação do *e* nasal ao *i* tónico, comunicação da nasalidade ao *i* tónico, fusão dos dois *ii* em um só.

b) *Benedictus*, pronunciado *benedectus* por ser breve o *i* (vid. pág. 73), evolucionou dêste modo :

benedectu > *bẽeeito > bẽeito > bẽeto > beento > > bento.

c) Do lat. *benedicat* (bendiga, abençoe) : *benédicat* > > bẽeiga > *bẽega > beenga > benga.

No *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* cita D. Carolina Michaëlis a forma *bẽeiga* na frase "e bẽeiga Deus a senhor !", e quanto a "benga", não dá exemplos, mas diz que nesta forma "havia de redundar e positivamente redundou *bẽeiga*".

Nunes, na *Gramática Histórica*, pág. 336 da 2.ª edição, regista as formas *bẽeiga*, *bẽega* e *beenga*.

Problemas

154. Depois de repassar bem o vocalismo e o consonantismo, e, com igual cuidado, reler êste aditamento, o estudioso dirá que palavras portuguesas se originaram dos se-

guintes vocábulos latinos (as soluções vão ao lado e um pouco abaixo de cada problema, escritas em caracteres miúdos, e invertidas).

1. pĭcare (=untar com pez, substância aglutinante).
(pegar)

2. mágĭcu (não esquecer o fenómeno chamado oclusão).
(meigo)

3. sanativu.
(saadio, sàdio, sadio)

4. acūtu (=pontudo).
(agudo)

5. acutiare (verbo formado do adjetivo precedente, por meio do sufixo *-iare*, mui produtivo no latim popular).
(aguçar)

6. altiare (verbo formado do adj. *altus*, alto, elevado, pelo mesmo processo que o anterior).
(alçar)

7. strĭctu.
(estreito)

8. granu.
(grão)

9. pannu.
(pano)

10. globellu (diminutivo de globus=bola, globo ; não esquecer a dissimilação, vulgar na língua, de *l* — *l* em *n* — *l*:
(novêlo)

11. anellu (signif. *anelzinho, anel.* Não esquecer a evolução : *ae* > *ee* > *e* aberto).
(elo)

12. plumaciu (derivado de *pluma*, pena de ave).
(chumaço)

8. Arcaismos léxicos, anomalias vocabulares

155. Arcaísmos são fatos da velha língua que não se verificam na língua atual.

Neste ponto só nos incumbe considerar os arcaísmos léxicos, isto é, os que dizem respeito à forma das palavras.

Dos vocábulos do português arcaico, *a*) uns chegaram até nós sem alteração, como *ama* (<lat. amat), *sol*, s. (<lat. sole); *b*) outros evolucionaram, como *frẽo* (< lat. frenu), depois *freo*, e, finalmente, *freio*; *lũa* (<lat. luna), que passou a *lua*; *fẽestra* (lat. fenestra) > *feestra* > *fresta*; *amades*, v. (<lat. amatis,) depois *amais*; *c*) tais houve que, sendo formas sincréticas de uma mesma palavra, desapareceram: *antre*, *ontre* (1), *entre* concorriam, mas as duas primeiras deixaram de usar-se na língua literária; *d*) alguns foram substituídos por outras formas, como *alifante* (*Lus.*, X, 110); *cocodrilo* (H. Pinto, *Imagem*, II, 376); *estâmago* (*Lus.*, II, 85); *relâmpado* (*Lus.*, VI, 78), em cujo lugar vieram pôr-se, respetivamente, *elefante*, *crocodilo*, *estômago*, *relâmpago*; e neste grupo são dignas de especial menção as flexões verbais resultantes de alterações fonéticas normais, como *perdon* (2)

---

(1) "E, indo-se os fraires, começou frey Junipero de pensar *ontre* sy de fazer aquela cozinha". (*Crónica da Ordem dos Frades Menores*, ed. de J. J. Nunes, 1918, pág. 110).

"Quantas cousas lhe lembrárom
Que *antre* mim, Maria e ela
Em outros tempos passárom!"

(Cristóvão Falcão, *Crisfal*, ed. de Sousa da Silveira, pág. 35).

(2) "Que Deus vos *perdon*!" (Guilhade, *Cantigas*, ed. de Nobiling, 25).

< perdonet, *sol* (1), v. < solet, *arço* (2) < ardeo, etc., substituídas mais tarde por formas analógicas (*perdoe*, *sóe* ou *sói*, *ardo*, etc.) ; *e*) muitos não circulam na língua atual porque representam idéias, atos e coisas que, deixando-se de ter, praticar ou usar, já não fazem parte do tecido vivo da sociedade moderna : está neste caso o verbo *bafordar*.

Constituem arcaismos léxicos (3) as formas primitivas e intermediárias das palavras a que se alude em *b*), e as de que se fala em *c*), *d*) e *e*).

156. É de notar que alguns vocábulos, eliminados como primitivos, subsistem em derivados ou compostos ; outros que eram substantivos comuns e como tais se tornaram arcaismos, existem na língua atual, mas só como nomes próprios. Assim, houve o adjetivo *quisto*, que se arcaizou, mas são correntes os compostos *benquisto* e *malquisto* ; *frol* (=flor), que existe em dialetos brasileiros modificado em *frô* (4), perdura no verbo *esfrolar* (5), roçar, tocar ao de leve, e é, com a forma de plural, o substantivo próprio *Fróis* (6) ; *diabro*, do lat. *diab(o)lu*, como *nobre* de *nob(i)le*, e que NUNES diz encontrar-se na *Crónica dos Frades Menores* (7), vive nos derivados

---

(1) *Sol*, verbo = sói, costuma :

"E muy gran queyxum'ey d'amor,
Ca sempre mi coyta sol dar".

(GUILHADE, *Cantigas*, escolhidas e anotadas por OSKAR NOBILING, pág. 21).

(2) "Um fogo, de que eu arço". (ANTÓNIO FERREIRA, *Poem. Lus.*, 1598, f. 6, v.º).

(3) Entenda-se na língua literária, pois na do povo muitas dessas formas arcaicas subsistem. Trataremos disto no ponto 18.º : "A língua portuguesa no Brasil".

(4) "Quando um hôme do sertão
Passando, vê uma *frô*
Não panha a fulô cum a mão !...
Apara, e despois siguindo
Leva a *frô* no pensamento
E o oroma no coração".

(CATULO CEARENSE, *Meu sertão*, pág. 137).

(5) "Afla a brisa, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas..."

(VICENTE DE CARVALHO, *Poemas e Canções*, 4.ª ed., 1919, 252).

(6) Segundo J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., pág. 237 n. 2. LEITE DE VASCONCELOS, nos *Opúsculos*, vol. III, Coimbra, 1931, pág. 102, dá, porém, *Froes ou Fróez* como derivado de *Flórici*.

(7) J. J. NUNES, *Gram. Hist.*, pág. 116.

diabrete e *diabrura;* nos textos arcaicos mostra-se-nos frequentemente a palavra *coita* (1), desgraça, tristeza, mágoa: hoje não a usamos, mas o seu derivado *coitado* quasi nos não sai da bôca na linguagem cotidiana.

157. Alguns arcaismos léxicos: *adur* (=apenas), *suso* (=acima), *vegada* (=vez), *marteiro* (=martírio), *eivigar* (=edificar), *rem* (=coisa), *mais* (=mas), *repostas* (=resposta), *áa* (<lat. ala) que quer dizer *asa:* "...são como avezinhas novas, ainda não bem cubertas de tôdas as suas pẽnas, que ainda que comecem de sacudir as *aas*, e voar algum tanto, todavia não se apartam inda longe do ninho, nem se lançam ao ar aberto, nem ousam ainda de atravessar as alturas indo ferindo os ventos com a fôrça de suas *aas*." (HEITOR PINTO, *Imagem da Vida Cristã*, Lx.ª, 1843, I, 81).

* * *

158. Anomalia é o mesmo que irregularidade.

As anomalias vocabulares são tudo o que nas palavras escapa às regras gerais e se apresenta, para quem as conhece, como inesperado e erróneo.

A maior parte das anomalias vocabulares são devidas à analogia, à etimologia popular, ao influxo de uma palavra em outra, etc. Vejamos alguns exemplos.

O nosso verbo *pedir* vem do verbo latino *petĕre*, tornado da 4.ª conjugação: *petire;* *impedir* é palavra erudita (portanto fora de ação das regras gerais, já estudadas, de transformação fonética), e tirada do lat. *impedire.* Não ha entre elas parentesco nenhum; por isso o português antigo dizia *peço* (<petio), e *impido, impida* (*Lus.*, VIII, 75). Mas a falsa presunção de que *impedir* era um composto de *pedir* levou a usar *impeço* e *impeça*, e estas ficaram sendo as formas correntes hoje em dia.

---

(1) GUILHADE, *Cantigas*, ed. de Nobiling, pág. 21, 24 e *passim*.

Dizia-se outrora *reposta* (*Lus.*, I, 50), do lat. *repos(i)ta*. Aproximou-se essa palavra de *responder*, e fêz-se *resposta*, forma literária atual.

O verbo correspondente a *reposta* é *repor*, que vemos com a significação de "responder" nos seguintes versos :

"D'ímproba gula eis movido o Lôbo,
Motivo levantou de queixa, e disse :
¿ Porque estando eu bebendo, a água me turbas?
A lanígera rês *repõe* tremendo :
¿ Como posso fazer, te rogo, ó Lôbo,
O mal, de que te queixas?"
(ELPINO DURIENSE, *Poesias*, I, 1812, 367).

Do antigo vocábulo *foresta* (cf. o francês *forêt*), se passou a *floresta* supõe-se que por interferência do substantivo *flor*.

Do lat. *sensu* era de esperar, pelas leis fonéticas, *seso*, como se tinha *sesudo* (*Lus.*, III, 122) ; mas a forma existente é *siso*, e atribue-se à influência da palavra *juízo*, com a qual tem relação ideológica.

Em vez de *sacristão* pronuncia o povo em alguns lugares *sancristão*, introduzindo no vocábulo o elemento *sam* (<santo), que êle antepõe a nomes de santos : Sam Tomé, e outros.

Seria fácil multiplicar exemplos, mas os que aí ficam já dão idéia nítida dêste fenómeno linguístico.

9. Os descobrimentos marítimos dos portugueses: sua repercussão na língua

159. O grosso comércio da Idade Média fazia-se pelo Mediterrâneo. Os comerciantes iam buscar as mercadorias à Síria e ao Egito, e compravam-nas pelos altos preços com que as taxavam os árabes. As especiarias (canela, cravo, noz moscada, etc.), as substâncias aromáticas, o marfim e outros produtos que a Europa tanto apreciava, eram vendidos muito mais caros do que na Arábia ou na Índia. Seria então vantajoso aos europeus encontrar caminho marítimo para as Índias: fariam as suas provisões diretamente nos empórios asiáticos e poderiam, vendendo a fazenda nêles adquirida, granjear lucros substanciosos.

Era assim natural que a ambição de riqueza e de comércio, juntamente com as instigações do ânimo belicoso e aventureiro, e também o espírito religioso, que tornava uma obrigação o propagar a fé, levasse um povo, que se confinava em estreita faixa de terra à beira do oceano, a tentar descobrir comunicação, através das ondas, com as opulentas paragens orientais.

Êsse povo foi o português.

160. Em 1412 o infante D. Henrique funda a escola de Sagres; e os descobrimentos se sucedem, atestando a coragem e a pertinácia daquela gente heróica e navegadora: descobrem a ilha de Pôrto Santo e a Madeira (1418-19), e depois Santa Maria (1432); Gil Eanes dobra o cabo Bojador em 1433; Diogo Cão chega ao Zaire em 1484, Bartolomeu Dias em 1486 passa o cabo das Tormentas, cujo nome D. João II, augurando melhores sucessos, muda no de Boa

Esperança, e, finalmente, Vasco da Gama consegue chegar à Índia em 1498, e Pedro Álvares Cabral vem ter ao Brasil em 1500.

Estende-se por larguíssimo âmbito o domínio português, fundando-se um dos mais vastos impérios coloniais que têm existido.

161. Os portugueses põem-se em contacto com povos numerosos e diversos ; familiarizam-se, pela sua extraordinária facilidade de adaptação, com muitos dêles. Os missionários, no empenho de estender a fé e de catequizar o gentio, estudam os idiomas indígenas, e muitos espíritos curiosos procedem a investigações sôbre os povos, as línguas, as literaturas e as lendas do Oriente.

Pulula tôda uma literatura de roteiros, descrições de viagens e de naufrágios, história, e acende-se o desejo de que apareça alguém, dotado de suficiente gênio, que celebre, em poema imperecível, os épicos feitos daquela gente que soube lutar com o Oceano e vencê-lo, e firmar, à custa de cruas guerras, o seu domínio em solo estranho e tão remoto.

162. Como consequência de tão grande movimento de expansão e para expressão de novas idéias, a língua se enriqueceu com basto número de dições asiáticas, africanas e americanas, de que em outro ponto dêste programa já demos notícia, e, transplantando-se para longe da metrópole, originou vários dialetos : os insulares, que são, segundo a classificação do sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, o açoreano e o madeirense, e os ultramarinos, que são, de acôrdo com a mesma classificação : o brasileiro, o indo-português, o dialeto crioulo português de Ceilão, o macaista ou de Macau, o malaio-português, o português de Timor, o cabo-verdeano, o guineense, os dialetos crioulos do gôlfo de Guiné e o português das costas de África.

163. A língua, recìprocamente, influíu em muitos idiomas com os quais teve relações. Gonçalves Viana já tinha apresentado em suas "*Palestras Filológicas*" (1911, pág. 194) um rol de vocábulos portugueses introduzidos no léxico japonês, e, em 1913, monsenhor Rodolfo Dalgado deu a lume

o seu valiosíssimo trabalho intitulado "Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas". Seguiu-se do mesmo autor o "Glossário Luso-Asiático", em dois volumes, o 1.° de 1919, o 2.° de 1921.

164. A conciência do alto valor do "peito ilustre lusitano, a quem Netuno e Marte obedeceram", e da revolução científica e política que os descobrimentos marítimos e as grandes viagens acarretavam, pôde, fazendo vibrar a alma de homens de gênio, provocar o aparecimento de escritos em linguagem opulenta, ampla, sonora e pura, entre os quais ocupam lugar primacial, na prosa, as Décadas (ou Ásia) de João de Barros e, na poesia, "Os Lusíadas", de Luiz de Camões, considerados uma das grandes epopéias da humanidade.

Contudo, para o largo sôpro vital que anima estas obras foi também parte prestantíssima o movimento intelectual e artístico que naquele tempo agitava os principais centros europeus, e que ficou conhecido na história pelo nome de Renascença, da qual nos impende falar no ponto imediato a êste.

10. A Renascença: a erudição e resultante ação sôbre a língua

165. Há um período na história européia — o que vai dos fins do século XV aos meados do século XVII, — em que a humanidade se desentranhou em tal florescência de artistas (arquitetos, escultores, pintores e poetas), que se recebeu a impressão de que a arte, morta durante a Idade Média, renascia pujantemente. Dessa primeira impressão, resultante da observação superficial dos fatos, ficou para aquela época o nome de Renascença (ou Renascimento), o qual ainda hoje se conserva, a pesar de atualmente se considerar aquele movimento artístico e intelectual, não como um ressurgimento, mas como um simples apogeu da arte, revigorada pelos ideais antigos.

Apontam os historiadores, para tão esplêndido fenómeno, o concurso de várias causas : a invenção da imprensa (1436), que facilitou a divulgação do pensamento ; os descobrimentos, que modificaram a concepção, que se tinha, do mundo ; o desenvolvimento das riquezas : a proteção concedida por muitos príncipes aos artistas ; a emigração dos sábios gregos em consequência da tomada, pelos turcos, de Constantinopla (1453) ; a vulgarização dos escritos dos autores gregos e latinos, estudados e comentados pelos humanistas.

São dessa época nomes assaz conhecidos : Ariosto, Tasso, Machiavel, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Rafael, Montaigne, Erasmo, Cervantes, e, entre os que particularmente nos interessam neste curso, Camões, António Ferreira, Sá de Miranda, João de Barros, Gil Vicente, Damião de Góis, Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão....

166. Os sábios gregos, emigrados de Constantinopla para a Itália, levaram consigo os manuscritos dos autores gregos. Os dos escritores latinos jaziam abandonados e dispersos nas bibliotecas dos conventos e dos príncipes. Muitos se perderam pelo pouco caso que até então dêles se fazia: chegavam, às vezes, a raspá-los para em seu lugar exararem novos escritos.

167. O carinho e admiração pela antiguidade fêz que se procurasse salvar as obras que ainda restavam. Lavrou então uma verdadeira febre: compravam-se manuscritos, tiravam-se cópias, e, por fim, adotada a imprensa, puderam espalhar-se abundantemente os livros da antiguidade. Ao trabalho de revelação das letras clássicas juntava-se outro não menos estimável, o de restauração, pois também se desvendavam os bons textos de muitas obras, já conhecidas na Idade Média, mas que corriam grandemente deturpadas.

168. Portugal não ficou estranho a êsse bafejo animador da antiguidade. Além dos nomes ilustres já mencionados, lembre-se o de André de Resende, um dos mais notáveis representantes da erudição em Portugal.

O estudo febril dos modelos clássicos havia por fôrça de repercutir na língua. Avigora-se a concepção da descendência latina do idioma português, do que são testemunho os versos de Camões, a que noutro lugar aludimos (pág. 19) e frases como esta de André de Resende: "nostra lingua, quae pene latina est" (=nossa língua que é quasi a latina). Alguns dos eruditos daquele tempo chegaram a lançar os fundamentos da demonstração de que as línguas românicas são transformações do latim (V. Epifânio Dias, ed. dos *Lusíadas*, Porto, 1910, comentário a I, 33).

169. Do comércio constante com as letras clássicas, sob a idéia da filiação latina da nossa língua, deveria resultar, como resultou, o aparecimento nela de inúmeros latinismos: *gráficos*, complicando a escrita mais singela dos primeiros tempos; *fonéticos*, aproximando formas populares, muito alteradas, das formas clássicas conhecidas; *morfológicos*, com a adoção de sufixos, prefixos e radicais da língua mãe; *sintáticos*, com a transplantação para vernáculo de

construções latinas não usadas em português, e, finalmente, *léxicos*, constituídos pela introdução de muitos dos vocábulos denominados eruditos ou literários.

170. Não será fácil, com os estudos até hoje feitos, discriminar com segurança os latinismos, e mesmo alguns grecismos, apadrinhados naquela época, dos que, por ventura, já o tivessem sido antes. Contudo, parecem devidas à influência clássica reinante naquele tempo estas, e outras semelhantes, expressões e dizeres :

a) *coroado as frontes* paralela à maneira latina, imitada do grego, *nuda genu* (VERGÍLIO, *Eneida*, I, 324) (=*com os joelhos nus*, ou *nus os joelhos*) ;

> "Vem Maio de mil ervas, de mil flores
> *As frontes coroado*, e riso, e canto,
> Com Venus, com Cupido, cos Amores".
> (ANTÓNIO FERREIRA, *Poemas Lus.*, 1598, f. 52).

Ainda num poeta do século XIX :

> "Junto dêle, de penas variegadas
> *Cingido a frente e rins*, imberbe um homem
> De brônzea tez, jazia malferido".
> (GARRETT, *Camões*, 1844, pág. 49).

b) O imperfeito do subjuntivo usado como condicional :

> "O' ditosa cigarra, se tu amasses,
> Eu sei que nem *dormisses*, nem *cantasses*".
> (ANTÓNIO FERREIRA, *Poem. Lus.*, 1598, f. 101, v.º)

> "S'esta minh'alma triste perguntasses,
> Sampaio, de que vive, ou em que espera?
> Sei que de seus desejos só *chorasses*."
> (*Idem, ibid,*. f. 154).

c) "a língua, *na qual quando imagina*, com pouca corrupção crê que é a latina" (CAMÕES, *Lus.*, I, 33), expressão adotada em lugar de "a língua, que, quando nela imagina, com pouca corrupação crê que é a latina", e que tem correspondente em latim (v. EPIFÂNIO, *Lus.*, com. a I, 33) ;

d) "espingardas de aço *puras*" (*Lus.*, I, 67) por "espingardas de aço *puro*", "reino Melinde" (*Lus.*, II, 73) em vez de "reino de Melinde", "*lusitânicas* fadigas, *que* eu favoreço", (*Lus.*, IX, 38) equivalente a "fadigas dos lusitanos, os quais eu favoreço", expressões tôdas explicáveis pela imitação de construções latinas semelhantes (v. os comentários de Epifânio aos lugares indicados dos *Lusíadas*, e Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, pág. 325) ;

e) palavras como *ponto* (=mar, *Lus.*, IX, 40), e outras.

11. Etimologia dos prefixos e dos sufixos

171. Obs : Muitos dos prefixos e sufixos aquí relacionados não constituem, em português, elementos vivos de formação de palavras novas, nem sequer sugerem ao comum das pessoas nenhuma idéia modificadora da significação do radical. Mas como entram na composição de várias palavras portuguesas, achámos bom examiná-los para dotar o estudante da possibilidade de melhor compreender e sentir uma boa parte do vocabulário da nossa língua.

I

Prefixos

172. *a*) Prefixos de origem latina

a- < **ad-.** Designa aproximação, adicionamento, passagem para um estado : *acercar-se, abeirar-se, ajuntar, adoçar, aquecer.*

ante- < **ante-.** Designa anterioridade, antecedência : *antepor, antegôsto, antebraço, antever.*

bem- ou **ben-** < **bene-.** Designa o bem como objeto de uma ação, tendência para o bem, excelência de uma qualidade : *benfazejo, benfalante, bendizer, benfadar.*

com-, **con-**, **co-** < **com-.** Designa companhia, sociedade : *compadre, condoído, condómino, comadre, coirmão, coherdeiro, colaborar.*

contra- < **contra-**. Posição fronteira, oposição, proximidade hierárquica : *contrapor, contraprova, contramestre.*

de- < **de-**. Designa origem, direção para baixo (tanto no sentido material como no moral), separação, extração, ablação, intensidade, significação contrária : *derivar, decair, depor, deportar, depenar, decantar, decompor.*

des- { < **dis-** / < **de+ex-** } Designa separação, dispersão, afastamento, ablação, significação contrária, intensidade, e, às vezes, como que nenhuma idéia acrescenta à que vem expressa pelo radical : *despartir-se, deslado, desvão, desvio, descascar, desfazer, desgastar, deslindar, desabusado, desnudez, descante* (subst.).

es- < **ex-**. Designa ablação, exaurição, movimento para fora, intensidade, atividade, esfôrço : *esfolhar, esgotar, esvaziar, esquecer, esvoaçar, esforçar, escoicear.*

em- / **en-** / **e-** } < **in-**. Designa introdução, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, provimento, revestimento ; *engarrafar, embeber, enrijar, enroscar, engrinaldar, enevoar, emalar, emudecer, enovelar, enastrar.*

im- / **in-** / **i-** } < **in-**. Designa sentido contrário, privação : *impenitente, infeliz, imerecido, imortal.*

entre- / **antre-** (arc.) / **inter-** } < **inter-**. Designa posição intermédia, reciprocidade : *entreabrir, entrecortar, entreolhar-se, interpor, intervalo.*

intro- < **intro-**. Designa movimento para dentro, situação interior : *intrometer, introdução, introspectivo.*

per- < **per-**. Designa a idéia expressa por *através*, e também *muito, completamente : percorrer, perfazer, perfeito.*

pos-
post- } < **post-**. Designa a idéia expressa por *atrás, depois, em seguida*: *pospor, pospasto, postónico, postfácio, posverbal* ou *post-verbal, post-escrito, post-dorsal.*

pre- < **prae-**. Designa anterioridade, antecedência: *predizer, prever, pressupor.*

pro- < **pro-**. Designa a idéia expressa por *diante, para diante*: *propor, projetar, procriar.*

re- < **re-**. Designa repetição, volta, movimento reflexo, corroboração, intensidade: *requentar, reproduzir, reler, reenviar, reaviar-se* (=voltar ao caminho deixado ou perdido), *requeimar, reverdade* (como neste trecho de CASTILHO: "Será ou não verdade que...? Verdade e reverdade").

so- < **sub-**. Designa situação em baixo, inferioridade, ação que se realiza apenas um pouco: *sopé, socava, socavção, socapa* (*à socapa*), *sofralda, sobraçar, soverter, sonegar, soabrir, soerguer.*

sobre- < **super-**. Designa situação superior, saliência, parte final de um ato ou fenómeno: *sobrecéu, sobrepor, sobressair, sobremesa, sobremanhã.*

tras-
tres-
tra-
tre-
trans- } < **trans-**. Designa as idéias expressas por *através, além,* e é também intensivo: *traspassar* ou *trespassar, trasbordar, tresdobrar, tresvariar, trajeto, trejeito, transpor, transmontar, trasmontar, tramontar.*

173. *b*) PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

a-, an-. Designa privação, negação: *ateu, apatia, anemia, anónimo, anarquia.*

anfi-. Designa duplicidade : *anfíbio, anfiteatro.*

ana-. Designa idéias várias, entre elas inversão, mudança, reduplicação : *anamorfose, anagrama, anabatista, anamnese.*

anti-. Designa oposição, ação contrária : *antídoto, antipirina, antipatia, antítese.*

apo-. Designa afastamento : *apogeu, apofonia.*

arqui-.
arce- (através do lat. pop.) } Designa superioridade hierárquica, primazia : *arquidiocese, arcebispo, arcediago.*

cata-. Designa movimento para baixo : *catarata, catadupa, catarro.*

dia-. Designa a idéia de *através : diáfano.*

di- Designa duplicidade : *dissílabo, diedro.*

dis-. Designa dificuldade : *dispnéia, distrofia.*

ec-, ex-. Designa exterioridade, movimento para fora : *ecsarcoma, exartrose.*

en-, em-. Designa interioridade : *entusiasmo, encéfalo, empíreo.*

endo-. Designa movimento ou direção para dentro : *endosmose, endoscópio.*

epi-. Designa a idéia expressa por *em cima, sôbre : epiciclóide, epiderme.*

eu-. Designa excelência, bondade, perfeição : *eucalipto, eucaristia.*

hemi-. Designa metade, divisão em duas partes : *hemicrania, hemisfério, hemistíquio.*

hiper-. Designa excesso : *hipérbole, hipertrofia.*

hipo-. Designa posição inferior: *hipoderme, hipogeu.*

meta-. Designa sucessão, mudança: *metacarpo, metacentro, metamorfose.*

para-. Designa proximidade, semelhança, defeito, vício: *parágrafo, parâmetro, parapétalo, parónimo, parótida, parasita, parafasia, paramnesia.*

peri-. Designa situação em redor de alguma coisa: *pericarpo, perífrase.*

poli-. Designa coleção, multiplicidade: *polinómio, polissílabo.*

pro-. Designa anterioridade: *programa, prólogo.*

pros-. Designa adjunção: *próstese.*

proto-. Designa anterioridade, início, comêço: *protótipo, protomártir.*

sin- sim- si-. Designa conjunto, simultaneidade: *sintaxe, síntese, simpatia, simetria, silogeu.*

tele-. Designa distância, afastamento: *telégrafo, telefone, telepatia.*

II

Sufixos

174. *a*) Sufixos nominais

Mencionam-se os principais sufixos; em seguida, indica-se-lhes a origem (que será latina quando nada se diga em contrário), a categoria de palavras que costumam formar, o que estas palavras exprimem, e dão-se exemplos.

-aça < **-acea** ou **-acia**
-aço < **-aceu** ou **-aciu**
-iça < **-icia**
-iço < **-iciu**

Substantivos e adjetivos : idéias várias, entre elas a de pequenez, predominando, porém, a de coleção, grandeza, principalmente em sentido pejorativo : *fumaça, barcaça, barbaça, mordaça, arruaça, ricaço, bagaço, chumaço, espinhaço, palhaço*(1), *corrediça, carniça, linguiça, nabiça, rabiça, palhiço, caniço, fronteiriço, embarcadiço, levadiço, dobradiço, alagadiço*, etc.

-acho
-echo
-icho
-ucho

Talvez da combinação dos sufixos *-asco, -esco, -isco, -usco* com *-c(u)lu*. Formam substantivos, e alguns adjetivos diminutivos : *riacho, vulgacho, penacho, capacho, ventrecha, rabicho, gorducho, papelucho.*

-ada
-ado
-ato
-ida
-ido

< **-tu- -ta** (desinência do acusativo de particípios passivos latinos). Substantivos : ação, resultado de ação, golpe ou pancada, espaço de tempo em que se dá uma ação ou se exerce um cargo, ajuntamento, congérie, grande quantidade, dignidade ou emprêgo, doces, bebidas : *marrada, entrada, laçada, pedrada, braçada, carrada, papelada, ossada, queixada, saída, arremetida, silvado, papado, reinado, canonicato, baronato, pariato, ladrido, brasido, balido, marmelada, laranjada.*

Também particípios e adjetivos : *malhado, perdido.*

-al < **-ale.** Substantivos : lugar plantado ou coberto de alguma coisa, terreno, coleção, objetos : *olival, pinhal* ou *pinheiral, bananal, bambual laranjal, taquaral, rosal,*

---

(1) *Palhaço :* vestido ou feito de palha : "fomos ao outro dia à véspera, surgir defronte de uma grande povoação de *casas palhaças*" (MENDES PINTO, *Peregr.*, I, 69).

nabal, trigal, arrozal, milhal, milharal ou *milheiral, cafezal* ou *cafeeiral, sarçal, azinhal, zorzal, chavascal, areal, lodaçal, lamaçal, colmeal, dedal, cabeçal, punhal.*

Também adjetivos: *oval, piramidal, teatral,* etc.

-alha < **-alia** (neutro pl.). Substantivos: coleção, coisas de grandes dimensões, muitas vezes com sentido pejorativo: *limalha, cordoalha, muralha, canalha* (de *canis, -is* = cão).

-alho, **-elho**, **-ilho**, **-olho**, **-ulho** } **-c(u)lu**. Substantivos diminutivos: *ramalho, rapazelho, folhelho, fedelho, pecadilho, ramilho, cartilha, vasilha, ferrolho, bagulho, graúlho.*

-ança, **-ância** } < **-antia**
-ença, **-ência** } < **-entia**
} Substantivos: ação, resultado de ação, sentimento, qualidade, estado: *mudança, matança, folgança, maridança* (arc.), *trigança, esperança, detença, crença, parecença, doença, constância, abundância clemência, indolência.*

-anho < **-aneu**
-enho < ***-eneu,-ignu**
-onho < **-oneu**
} Adjetivos: estado, qualidade, quasi sempre causativa do que indica o radical; substância ou matéria; naturalidade: *soterranho, ferrenho, estremenho, enfadonho, risonho, tristonho.*

-ante, **-ente**, **-inte** } **-nte** (desinência do acusativo dos particípios presentes latinos, como *amans, amantis*). Substantivos e adjetivos: agentes, qualidades ou estados: *amante, tratante, despachante, doente, requerente, pedinte, ouvinte.*

-ão < **-one**. Aumentativos: *salão, casacão, paredão,* etc.

-ão } **-anu.** Adjetivos: qualidade, origem, naturalidade:
-ano } *vilão, comarcão, alentejano, sergipano.*

-ardo < **-ardo** < germânico **-ard.** Substantivos e adjetivos, algumas vezes com idéia pejorativa: *covardo* (*covarde*), *galhardo, bastardo, moscardo.*

-aria < **-ar(iu)+-ía** (êste de origem grega). Substantivos: coleção, oficina, depósito ou estabelecimento onde se vendem os objetos indicados pelo radical; ofício, profissão: *casaria, cavalaria, artilharia, livraria, tinturaria, padaria.* (Não raro aparece com a forma *-eria*: *infanteria* em ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico*, 93; *artilheria*, CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 89).

-arrão < **-arro+ão.** Substantivos e adjetivos aumentativos: *homenzarrão, canzarrão, doidarrão.*

-arro } Supõe-se que são de origem ibérica. Substantivos e
-orro } adjetivos em geral com sentido depreciativo e também aumentativo: *bocarra, bebarro, chibarro, chinchorro, cachorro, cabeçorra, santorro, beatorro.*

-ádego
-agem (pelo francês) } < **-atĭcu.** Substantivos: imposto,
-ático } renda, fôro, cargo, dignidade, aglomeração, coleção, ação: *padroádego, papádego, cardialádego, messiádego, portagem, passagem, viagem, romagem, raspagem, ferragem, folhagem, plumagem, viático.*

Também adjetivos: *selvagem, selvático, errático.*

-ame < **-amen** }
-ume } < **-umen** } Substantivos: coleção, intensidade, qua-
-um } lidade, estado: *correame, cordame, raizame, vasilhame, cartuchame, negrume, azedume, queixume, chorume, fartum, cheirum, azedum* (arc.e pop.)

-asco
-esco
-usco
Do grego ισκος > lat. *-ĭscu* > port. *-esco*, e, por analogia com êste, *-asco* e *-usco*. Substantivos e adjetivos : *verdasca, borrasca, penhasco, soldadesca, parentesco, gigantesco, chamusco.*

-ção
-çom (arc.)
< **-tione**. Substantivos : ação, resultado de ação : *tentação, criação, exceção, perdição, tição, rendição.*

-dade < **-tate**
-tude < **-tute**
-dão < **-tŭdĭne** (1)
-eza < **-ĭtia**
-ez < **-ĭtie**
-ice < **-itie**
-or < **-ore**
Substantivos : qualidade, estado : *bondade, orfandade, verdade, realidade; pretidão, escuridão, certidão; longitude, altitude; certeza, rudeza, fereza ; altivez, maciez, rapidez ; meninice, faceirice ; alvor, negror, frescor, palor, candor, fulgor.*

-deiro < **-tariu**
-ário
-eiro
< **-ariu**
Substantivos : profissão, instrumento, recipiente ou objeto que contém alguma coisa, lugar, aglomeração, reunião, árvores ou arbustos, moléstias, defeitos físicos.

Sufixo : *-deiro : padeiro* (< panatariu), *lavadeira, apeadeiro, despenhadeiro, picadeiro, paradeiro.*

Sufixo *-eiro* e *-ário : marinheiro, sapateiro, remeiro, barqueiro, colmeeiro, banqueiro, formigueiro, vozeiro, mosqueiro, palheiro, isqueiro, viveiro, mealheiro, areeiro, tinteiro, açucareiro, banheiro, tocheiro, farinheira, fruteira, carteira, chapeleira, pedreira, barreira, abacateiro, jaqueira, jaboticabeira, roseira, cegueira, gagueira, papeira ; boticário, sagitário, noticiário, receituário, larário, hinário, lampadário.*

---

(1) Clássico : *-tūdĭne*, com *u* longo.

Também adjetivos: *fragueiro*, *galhofeiro*, *fraldeiro* (cão fraldeiro), *cimeiro* (cimeiros montes), *roqueiro* (castelo roqueiro), *perdigueiro* (cão perdigueiro), *viageiro* (aves viageiras), *veleiro* (fragata veleira), *carniceiro* (animal carniceiro), *domingueiro* (trajo domingueiro), *ser useiro e vezeiro*, etc.

-doiro ou **-douro** / **-tório** } < **-toriu**. Substantivos: lugar, recipiente, meio, instrumento, objeto, ação: *miradouro, logradouro, sorvedouro, ancoradouro, embarcadouro, coradouro, suadouro, lavadouro, bebedouro, babadouro, dobadoura, manjedoura, lavatório* (1), *oratório, escritório.*

Também adjetivos: *morredouro, vivedouro, casadouro, vindouro.*

-dor / **-tor** } < **tore**. Substantivos: agente, instrumento, objeto: *falador, vencedor, cantador, pregador, segador, regador, coador, ralador, passador, agricultor, progenitor, reitor, leitor, escritor.*

Também adjetivos.

-edo < **-etu (m)**. Substantivos: lugar plantado, terreno onde abunda qualquer coisa, ajuntamento, grande quantidade, objeto de vasta corpulência, de grandes dimensões: *arvoredo, vinhedo, figueiredo, olivedo, relvedo, mirtedo, folhedo, mosquedo, passaredo, rochedo, penedo, fraguedo, lajedo, lapedo.*

Forma feminina: *alameda.*

-ejo. Parece de origem hespanhola. Substantivos diminutivos, quasi sempre com sentido depreciativo: *lugarejo, animalejo.*

---

(1) Exemplos de "lavatório" significando o ato de lavar:

"Após o *lavatório* (dos pés dos pobres) subiu-se ao púlpito, e prègou o Mandato" (SOUSA, *Arc.*, I, 441).

"e operava o quarto *lavatório* da untuosa cara" (CAMILO, *O carrasco de Vítor Hugo José Alves*, 1872, 93).

-ela < **-ella**. Substantivos diminutivos, alguns dos quais perderam a significação diminutiva: *viela, cidadela, costela, rodela, portela, donzela, fivela.*

-engo < germânico **-ing**. Substantivos e adjetivos: *avoengo, solarengo, abadengo, mulherengo, realengo, reguengo, mostrengo.*

-ento < **-entu**. Adjetivos: abundância, côr: *poento, poeirento, sedento, peçonhento, amarelento, cinzento.*

-ês
-ense } < **-ense**. Adjetivos: qualidade, origem, naturalidade: *pedrês, montês, burguês, cortês, francês, português, setubalense, fluminense, rio-grandense, parisiense, brasilense* ou *brasiliense.*

-esa
-essa
-isa
-issa } < grego – ισσα (–issa). Substantivos femininos: *princesa, prioresa, duquesa, abadessa, condessa, profetisa, poetisa, sacerdotisa, pitonissa* (1) e *pitonisa, diaconisa* e *diaconissa* (2).

-ête (origem duvidosa). Substantivos (e adjetivos) diminutivos: *lugarete, cavalete, ramalhete, ramilhete, topete.*

-ía < grego **-ia**. Substantivos: qualidade, estado, ajuntamento, ciência, dignidade, sistema filosófico ou político: *burguesia, clerezia, alegria, ufania, companhia, filosofia, senhoria, monarquia.*

-ico < **-icu**. Êste sufixo apareceu primeiro na África em nomes próprios femininos; depois passou a outras regiões (v. Grandgent, *Vulgar Latin*, §37, pág. 19). Forma substantivos e adjetivos diminutivos: *Joanico, burrico, docico.*

---

(1) "pitonissas" em Bernardes, *Nova Floresta*, II, 1708, pág. 2.
(2) "diaconissas" em Bernardes, *Nova Floresta*, II, 1708, pág. 78.

-il < **-ile**. Substantivos concretos, a maioria dos quais designativos de lugares onde se alojam ou guardam animais : *ovil, canil, cabril, poldril, touril, covil, redil, pernil.*

-inho < **-inu**. Substantivos e adjetivos diminutivos ; às vezes, com o infixo **-z-** : *livrinho, florinha florzinha, paizinho, bonitinho.*

Outra forma dêste sufixo : *-im.* Exemplos : *espadim, camarim, lagostim.*

-io < **-ivu**. Substantivos e adjetivos: aglomeração, qualidade, estado, capacidade de produzir algo : *mulherio, casario, senhorio, poderio, gentio, escorregadio, fugidio, lavradio.*

-isco < grego -ισκος ou germânico **-isk**. Substantivos diminutivos, ou que sugerem a origem ou proveniência : *chuvisco, pedrisco, marisco, ventrisca.*

-ismo < grego -ισμος (-ismos). Substantivos : escola, crença, sistema filosófico, opinião, seita, origem, ação, etc. : *classicismo, romantismo, monoteísmo, positivismo, islamismo, latinismo, grecismo, batismo.*

-ista < grego -της. Substantivos : agente, pessoa que pratica frequentemente uma ação ou exerce um emprêgo ou profissão, adepto de uma escola ou partido : *artista, jornalista, demandista, arquivista, realista, positivista.*

-ito < **-itu**, de origem não sabida. Há quem o suponha resultante do cruzamento de *-ĭttu* com *-iccu.* Substantivos e adjetivos diminutivos : *rapazito, Pedrito, florzita, pequenito, bonito, altito.*

-lento < **-lentu**. Adjetivos : abundância, côr ; *corpulento, sanguinolento, sonolento.*

-mento < **-mentu** (m)
-menta < **-menta** (n. p.)
} Substantivos : ação, resultado de ação, objetos, instrumentos : *bombardeamento, crescimento, rendimento, ferimento, ferramenta, vestimenta.*

-ola (de origem duvidosa). Substantivos diminutivos: *rapazola, camisola, bandeirola.*

-oso < **-osu**. Adjetivos: abundância, qualidade que produz o que o radical sugere: *relvoso, saudoso* (=*cheio de saudade*, e, também, *que produz saudade*), *temeroso* (=*que sente* ou *que inspira temor*), *frondoso, arenoso.*

-oto < **-ottu**. De origem desconhecida. Substantivos diminutivos, ou designativos de animais ainda pequenos: *perdigoto, laparoto.*

Aparece também a forma *-ote*, devida talvez a influência de outra língua: *rapazote, baleote, mamote.*

-ugem }
-uge } < **-ugĭne** (nominativo-*ugo*). Substantivos: idéias várias: *penugem, lanugem, ferrugem, amarugem, salsugem, babugem.*

-ura < **-ura** }
-dura } < **-tura** }
-tura } Substantivos: ação, resultado de ação, instrumento, objeto, qualidade, estado: *frescura, doçura, amargura, grossura, travessura, gordura, mordedura, semeadura, atadura, ligadura, escritura, tintura, feitura, criatura, cintura.*

-uça. Parece tirado, por analogia, dos sufixos *-aça, -aço*. Substantivos aumentativos: *dentuça.*

-udo < **-utu**. Adjetivos: qualidade, simples posse ou posse de muitos objetos ou de um objeto de grandes dimensões: *campanudo, repolhudo, batatudo, pontudo, peitudo, cabeludo, folhudo, ramudo.*

-vel < **-bĭle**. Adjetivos: qualidade: *amável, louvável, terrível.*

175. *b*) Sufixos verbais

-ar < **-are** : *arear, alegrar, capinar.*

-çar < **-t+iare** : *aguçar* (< acutiare), *alçar* (<altiare), *caçar* (< captiare).

-cer / **-scer** } < **-scere** : *anoitecer. amanhecer, endurecer, encanecer, aquecer, aparecer ; florescer.*

-ear < **-ejar** < **-idiare** / **-izar** < **izare** } < grego -ιζειν : *ombrear, festejar, batizar, realizar.*

-egar / **-gar** / **-icar** } < **-icare** : *sossegar, carregar, outorgar, comungar, cavalgar, empolgar, comunicar, claudicar.*

-itar < **-itare** : *saltitar, dormitar.*

-ntar < **-nt+ar** : *quebrantar, aquentar, afugentar.*

176. *c*) Sufixo adverbial

É *-mente,* que produz advérbios de modo. A princípio ablativo do substantivo *mens, mentis* (=mente, alma, espírito, intenção, desígnio), juntava-se a adjetivos para indicar disposições do espírito : *forti mente obstinata mente, firma mente.* A combinação se generalizou a todos os adjetivos capazes de formar com o dito ablativo advérbios de modo, e o ablativo, perdendo pouco a pouco a sua autonomia, passou a simples sufixo. Contudo, no próprio português se respigam exemplos em que os dois elementos — substantivo e adjetivo, se mostram separados :

"...nũa profunda cova escura
Os inquietos ventos encerrados
Júpiter pôs, e com bem forte e dura
Prisão a todos tem presos e atados:
E para que inda possa mais *segura*
Mente alí seus furores ser domados,
Lhe pôs também um grande monte em cima,
E um rei lhes deu que os mande e que os reprima."

(F. DE ANDRADE, *apud* Mendes dos Remédios, *Hist. da Lit. Port.*, 1914, pág. 233).

Observações

177. I. — Não devemos esquecer que as palavras podem sofrer modificações semânticas. Assim, há vocábulos que, sendo diminutivos na forma, deixaram de o ser no sentido: *caneta*, *corpinho* (peça de vestuário), *folhinha* (calendário), *abelha* (< dim. *apicula*), *ovelha* < dim. *ovicula*), etc. *Camisola*, além do significado diminutivo, tem outro aumentativo, quando designa blusa de operário ou camisa ampla, como é a de dormir, a que nós brasileiros (pelo menos em alguns pontos do Brasil) chamamos camisola (1).

178. II. — Quando estudámos o 2.º ponto, mostrámos que há palavras iguais na forma, mas diferentes quanto à origem e significação: chamámos-lhes, de acôrdo com o uso, *formas convergentes*. Tendo analisado agora a composição dos vocábulos, devemos notar que êles também podem apresentar elementos iguais na aparência, mas diversos pela origem e significado. Assim, *a-* pode ser um simples som prostético, vazio de qualquer conteúdo semântico, como em *alevantar* (= levantar), um prefixo de proveniência latina, como em *adoçar*, ou um prefixo grego, como em *apatia*; *hipo* pode corresponder ao grego **ὑπὸ**, como em *hipótese*, ou a **ἵππος** (= cavalo), como em *hipódromo*. Isto sucede tanto no portu-

(1) Cf. MARTINS PENA, *Comédias*, pág. 38: "Enquanto assim falam, entra um moleque de 5 para 6 anos, vestido com uma *camisola* de baeta azul, *que lhe chega até aos pés*". E. M. DE ASSIZ, *D. Casmurro*, 254.

guês como em outras línguas : em francês *anti-* provém do grego em *antipathique* mas do latim *ante*, em *antichambre*. (Veja-se Clédat, *Grammaire de la vieille langue française*, pág. 8, nota 1.).

Há quem opine que se deve, para evitar confusões, fazer distinção gráfica dos elementos iguais, escrevendo-os com as letras das respetivas línguas de origem : por exemplo, *hypothese*, mas *hippodromo*. Êsse recurso, porém, sôbre ser inútil, é insuficiente. Insuficiente, porque, se é possível lançar mão dêle em uns casos, em outros não o é : como distinguir na escrita o *a-* de *alevantar*, *adoçar*, *acéfalo*? Inútil, porque quem conhece a composição do vocábulo sabe a significação e a origem dos seus elementos formativos, estejam êles escritos como estiverem, e até os corrige quando se mostram errados ; e quem os não conhece, em geral não lhes atina com o sentido só por os ver grafados desta ou daquela maneira, nem pode, salvo por acaso, escrevê-los corretamente. Não vemos, a cada passo, confusões como *hypodromo* por *hippodromo* ou *hipódromo*, *phthysica* por *phthísica* ou *tísica*? A tais deslizes não escapam os próprios escritores, e escritores ilustres, como se poderia mostrar. Acentue-se bem isto para salientar a necessidade urgente de se adotar a simplificação e uniformização científica da escrita da nossa língua, simplificação e uniformização acessível a todos, doutos e indoutos, que de boa mente queiram seguir as regras da ortografia oficial portuguesa (1).

---

(1) Referia-me ao sistema ortográfico de 1911. Hoje como se sabe, há uma ortografia resultante do Acôrdo que, sôbre a matéria, firmaram a nossa Academia de Letras e a das Ciências de Lisboa. E' a mesma de 1911 com algumas simplificações aceitáveis, mas com deploráveis erros de filologia e de bom senso, como *Luiz* com *z* e *Luísa* e *luís* (moeda) com *s*, *Tomaz* e *Tomásia*, *Queiroz* e *queirosiano*. O nosso Govêrno Provisório oficializou essa ortografia em 1931, e em 1933 tornou-a obrigatória. E' nela que está escrito o presente livro. No artigo 26 das Disposições Transitórias da nossa Constituição de 1934 há referência a ortografia, numa oração incidente relativa ; mas com redação tão atrapalhada, que não se sabe ao certo o que alí se determina a respeito da questão. O que parece fora de dúvida é que a simplificação ortográfica vai triunfando, e não está longe a sua vitória definitiva.

(O Govêrno do Estado Novo, instituído em novembro de 1937, revigorou o decreto ortográfico do Govêrno Provisório, introduzindo-lhe algumas alterações relativas à acentuação gráfica.)

12. O português arcaico. Arcaismos e anomalias sintáticas

179. Vimos (pág. 19) que a língua portuguesa pode ser dividida, para o seu estudo, em duas grandes fases : a arcaica, desde as origens até a primeira metade do século XVI, e a moderna, de lá aos nossos dias.

Cabe-nos agora examinar o português arcaico, mostrando as suas características principais e pondo em relêvo o que o distingue do português moderno.

180. Considerando primeiro os fatos fonéticos, notaremos logo que naquela época se fazia distinção entre os sons de *ss* e *ç*, e entre os de *-s-* intervocálico e *z*. Por isso, é difícil encontrar-se em documentos do tempo confusão gráfica a respeito daqueles sons : entretanto, uma ou outra vez se encontra (1). Do século XVI em diante é que a confusão se foi tornando geral na língua literária, e de então para cá, aumentou consideràvelmente. Em alguns falares de Portugal mantém-se todavia a antiga diferença fonética (2) e é provável que o mesmo aconteça em sub-dialetos brasileiros.

Também soavam diversamente, um do outro, *ch* e *x* : tal discriminação de sons ainda se verifica em falares portugueses e em pronúncias locais brasileiras (3).

Havia a terminação *-om* correspondente ao latim *-one*, *-on* e *-unt* (verbos) : *cajom*, *aqueijom*, *oqueijom* < **accasione*, *occasione* (4) ; *nom* < *non*, *amárom* < *amarunt* ; e *-am* re-

---

(1) V. J. J. Nunes, *Gram. Hist.* 1919, pág. 191, nota.

(2) Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filol.*, 178.

(3) V. Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, S. Paulo, 1920, p. 22.

(4) "A mi livrou d'*oqueijões*, de mortes et de lijões" (Afonso X, *Cant. de Santa Maria*, 52).

sultante de *-ane* : *pam* < *pane*, *cam* (1) < *cane* ; terminações estas que no português moderno se converteram em *-ão*, escrito *-am* quando desinência átona de verbo : *ocasião*, *não*, *cão*, *amarão*, mas *amaram*, *disseram*, etc.

Subsistia claramente o hiato consequente a queda de consoante intervocálica, e que mais tarde se fundiu numa só vogal ou recebeu um fonema de transição : *poboo* (<populu), hoje *povo* ; *caente* (<calente), hoje *quente* ; *seer* (<sedere), atualmente *ser* ; *creo* (<credo), depois e agora *creio* ; *vĩo*, depois *vinho*.

Ainda soava a nasalidade comunicada por um *n* intervocálico à vogal anterior, e que no português moderno literário desapareceu, desenvolvendo ou não um som de transição (v. pág. 81) : *pessõa* (<persona), *vĩo* (<vinu), hoje *vinho* ; *arẽa* (<arena), depois *area*, hoje *areia* ; *lũa* (<luna), atualmente *lua* ; *mẽor*, depois *meor*, substituído por *menor*, mais próximo do latim *mĭnore*.

Havia as terminações *-vil* ou *-bil*, que parecem latinismos, e que foram suplantadas por *-vel* ; contudo, existem hoje formas eruditas como *débil*, *flébil*, *núbil*, e mais algumas.

181. São fatos morfológicos dignos de registo :

a) a terminação verbal *-om*, a que já nos referimos ;

b) *-des* e *-de* na 2.ª pessoa do plural : *amades*, *fazedes*, *partides*, *sodes* (=sois), *amávades* (=amáveis), *déssedes* (=désseis), *dade* (=dai) ;

c) *-udo* em particípios passados da 2.ª conjugação, como *perdudo*, *recebudo* ;

d) formas verbais fonèticamente regulares, como *estê* (2) (< stem), *arço* (<ardeo), *som* e *são* (< sŭm), *sol* (<sole)t,

---

(1) "Irmão, que farias tu ao *cam* vindo contra ti pera te morder?" (*Crónica da Ordem dos Frades Menores*, ed. de NUNES, I, 158).

(2) Ainda em CAMÕES, *Lus.*, VIII, 5.

conhosca (<cognoscat), e outras, substituídas depois por formas analógicas (*esteja, ardo, sou* (1), *sói, conheça,* etc.) ;

e) particípio presente em *-nte: temente o dia de mia morte* (=temendo o dia de minha morte) ;

f) pretérito perifrástico, formado com o pretérito do verbo *ir* e o infinitivo do verbo principal : *fostes vencer* (2) (=vencestes) ;

g) certos pronomes que já se não usam, como *todo* (=tudo), *aqueste* (3) (=êste), *aquesse* (=êsse), *ello* (*êlo*), *aquello* (*aquelo*), *esto, esso, en, medês, senho* (4) (=cada um seu) ;

h) nomes uniformes em *-nte, -or, -ol* e *-ês* como *ifante* (m. e f.), *senhor* (m. e f.), *português* (m. e f.) ; (5).

i) pronomes átonos como *mia* (6) (escrito *mha*), a par de tónicos como *minha ;*

j) plurais como *ourívezes, alférezes* (7) ;

---

(1) Da forma *sõ* ou *som*, formou-se *sõo* por analogia com a 1.ª pessoa do singular dos outros verbos, a qual terminava em *-o*: *amo, digo, ouço,* etc. O sábio filólogo Pe. Augusto Magne diz que, perdendo *sõo* a nasalidade, ficou *soo*, donde o moderno *sou*. Veja-se Augusto Magne, S. J. ,*Princípios Elementares de Literatura*, São Paulo, 1935, vol. I, pág. 372.

(2)
"E dizem que eu moça era
Ao tempo que isso *foi ser*"
(Cristóvão Falcão, *Crisfal*, ed. de Sousa da Silveira, 54).

Isto é: *ao tempo que isso foi* (= aconteceu).

(3) "O cavaleiro fez *todo* quanto lh'el mandou" (D. Afonso X, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, 1933, pág. 23).

"*Aqueste* é o pastor
Que já veo aquí buscar-me."
(Id., *ibid.*, 23).

(4) "E ũa noite avẽo que sonharon ambos *senhos* sonhos". — (*Crest. Arc.*, 87).

(5) Em Arrais, quinhentista, (*Diálogos*, 1846, pág. 245) há "molheres *espanhóis*".

(6) "Mia senhor" (Guilhade, na *Crest. Arc.*, de Nunes, 257).

Mia é monossílabo : o *ia* é um ditongo crescente, cuja vogal é o *a*, sendo o *i* a prepositiva.

(7) Ainda em Camões :

"Alférezes volteiam as bandeiras".
(*Lus.*, IV, 27).

k) *em no(s)*, *em na(s)*, *eno(s)*, *ena(s)*, expressões resultantes da combinação da preposição *em* com o artigo definido na sua forma antiga *lo* (1).

182. Um fato interessante do português arcaico é o subentender-se o verbo auxiliar do futuro ou condicional (2) : "*viver hei* se de mim pensar, ou *morrer*, se mim nom amar", isto é, viver hei (=viverei), se em mim pensar, ou morrer hei (=morrerei), se me não amar (3).

183. Dos arcaismo sintánticos mencionaremos os seguintes :

a) Emprêgo de pronomes pessoais átonos enclíticos ao futuro e condicional :

> "Eu te daria un capon assado e ũa regueifa e *faria-te* todo comeer e dar-te-ia en cima ũa copa chea de vinho que bevesses."
>
> (*Apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 68).

b) Variabilidade do particípio auxiliado pelo verbo *ter* ou *haver :*

> "Mui maa cousa *avedes feita* !"
>
> (*Crest. Arc.*, 94).

Ainda em Camões :

> "despois de *ter pisada*... a areia ardente".
>
> (*Lus.*, V, 47).

c) Pleonasmo da negação pre-verbal :

> "Ora fazede o milhor que poderdes, ca *iamais nõ* seyredes d'aqui se nõ mortos !"
>
> (Dr. Leite de Vasconcelos, *Textos Arc.*, 39).

---

(1) "Mais *em no* anno do Senhor de mil e duzentos e nove..." (*Crónica dos Frades Menores*, I, 4 e *passim*).

(2) V. Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 28.

(3) Não só em português, mas em outras línguas românicas, espanhol, provençal, catalão e alguns dialetos do norte da Itália, na idade média ainda se podia separar o infinitivo do auxiliar do futuro e condicional. Veja-se Grégoire, *Petit Traité de Linguistique*, 1923, pág. 20, § 16.

Ainda usado por alguns poetas nossos :

"Arrôjo, que *jamais* assim *não* viram !"
(G. Dias, II, 321).

"*Ninguém não* foi como êles !"
(Id. *ibid.*, 275).

"E entra no mundo que *jamais não* mente."
(Machado de Assiz, *Poesias*, 1901, 263).

d) Omissão do artigo definido em alguns casos em que não o dispensamos hoje :

"Aquel dia que os romãos foram vençudos vẽeron *a rei Artur* ũas mui maas novas". (*Apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 43).

e) Formas tónicas dos pronomes pessoais (*mi* ou *mim, ti, si, êle, êles, ela, elas, nós, vós*) usadas como objeto direto :

"Quen vus ouve, *min* ouve." (*Apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 26).
"E Judas dezia a Josef que tomasse *ele* per servo." (*Ibid.*, 94).

f) Formas oblíquas de pronomes pessoais em orações comparativas :

"Sou mais moço que *ti*." (Ant. Ferreira, *Obras*, II, 430, ed. do Cónego Fernandes Pinheiro, 1865).

g) Uso da partícula *de* com os comparativos :

"peior d'outra rem." (*Apud* Dr. Leite de Vasconcelos, *Textos Arc.*, 22).

* * *

184. As anomalias sintáticas devem-se a várias causas : influência de uma expressão em outra, cruzamento de duas expressões regulares, predomínio do pensamento sôbre a forma gramatical, etc.

185. Exemplos de anomalias sintáticas :

a) *Do que me admiro é disto*, construção de uso muito comum em vez da construção regular "o de que me admiro é isto" :

"*do que* se tratava *era de* representar a vitória da caridade evangélica sôbre a rigidez da lei antiga" (Carlos de Laet, *Revista de Cultura*, n.° 127, julho de 1937, pág. 69).

Semelhantemente :

"O primeiro indivíduo com quem topou em cheio foi *com* o Gabriel" (HERCULANO, *Lendas*, 1859, II, pág. 247).

b) "Esta é a verdade" por "isto é a verdade".

c) "A virgem... *meia* suspensa", "a rosa... *meia oculta*" (G. DIAS, I, 198 ; II, 35) ; «E eu te encontrei... *meia-quebrada*, oh cruz». (HERCULANO, *Poesias*, 1860, pág. 122) ; "uns caem *meios* mortos" (CAMÕES, *Lus.*, III, 50). A construção regular seria conservando invariável o adjetivo *meio* tornado advérbio, do que há bons exemplos, como êste : "*Meio* nua, e *meio* armada, com os braços *meio* tomados do terror, *meio* furiosos, a gigante condenada se debate na sua agonia". (CASTILHO, *Quadros Históricos*, II, 121).

d) A seguinte construção de Camões, a qual resulta do cruzamento de duas construções normais (1) : *havendo tanto já que vêem* e *vendo há tanto já :*

"Agora vêdes bem que cometendo
O duvidoso mar num lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a fôrça, a mais se atreve ;
Que *havendo tanto já que as portas vendo*
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia."

(*Lus.*, I, 27).

e) Estoutra, oriunda do cruzamento de *faz que jurem* com *os faz jurar* (2) :

"Cornélio moço *os faz que* compelidos
Da sua espada *jurem* que as romanas
Armas não deixarão."

(CAMÕES, *Lus.*, IV, 20).

O anacoluto, de que trataremos no 17.º ponto, é igualmente uma anomalia sintática, bem como tôdas as construções que se fazem atendendo mais ao pensamento do que às

(1) EPIFÂNIO, *Os Lusíadas* de Luiz de Camões, comentário a I., 27, 5-7.

(2) EPIFÂNIO, *Os Lus.*, coment. a IV, 20.

exigências gramaticais, como a silepse, que definiremos e exemplificaremos também no ponto 17.º.

Aditamento ao 12.º ponto

186. Vamos ler umas fábulas escritas em português arcaico, acompanhando-as de algumas notas. (As fábulas são extraídas da "*Crestomatia Arcaica*", 2.ª ed., de José Joaquim Nunes).

1. [O lôbo e a grua]

Conta-se que ũa (1) vez ũu (1) lobo avia (2) grande fame (3) e achou carniça (4) que avia muitos ossos. E, comendo com grande pressa da dita carniça, atravessou-se-lhe ũu osso na garganta, pela qual razom (5) o lobo estava em ponto de morte e andava buscando físico (6) que lhe tirasse o osso e achou a grua (7) e rogou-lhe aficadamente que lhe tirasse o dito osso, prometendo-lhe que (8), se o desse são, que lhe faria muito algo (9).

E a grua, ouvindo seu prometimento, prometeo (10) de lhe dar saude e disse :

— Abre a boca.

E o lobo abrio a boca, e a grua lhe tirou o osso que trazia na garganta travessado. Depois a grua lhe rogou que lhe desse o que lhe prometera e o lobo lhe disse :

— Eu fize (11) a ti maior graça que tu fezeste (1) a min, porque eu dei a vida a ti, ca (13) eu te podera (14) talhar o colo (15) com os meus dentes, quando tu meteste a cabeça e o teu colo na minha boca, e nom te quis matar : seja descontamento do serviço que tu me fezeste.

E per (16) esta guisa (17) ficou enganada a grua.

Per esta estoria o doutor nos demostra (18) que nós nom devemos (10) d'ajudar os maos omẽs, porque os maos nom agradecem, nem som conhocentes (19) do bom serviço

que lhe (20) outrem faz, mais (21) muitas vezes dam mao grado a quem lhe faz bom serviço. No enxemplo (22) diz que a engratidõe (23) seca a fonte da piedade.

(1) Do numeral lat. *unu* proveio o nosso art. indef.: *unu* > *ũu* > um; *una* > ũa (arc. e pop.) > uma. ‖ (2) avia (havia) = tinha. ‖ (3) *fame* < lat. *fame;* signif. *fome;* o radical *fam-* mostra-se em *faminto,* e, com acréscimo de semivogal, em *esfaimado.* ‖ (4) *carniça;* sufixo *-iça.* ‖ (5) *razom* < < lat. *ratione;* forma arc. em *-on* ou *-om,* depois *-ão: sermon, sermom, sermão,* etc. ‖ (6) *físico*=médico; cf. o inglês *physician,* e êste trecho do cap. XVI da "Inocência" de Taunay:

— O senhor, declarou êle voltando-se para o doente, está empalamado.
— E' verdade, sr. doutor.
— Eu, que não sou *físico,* observou Pereira, diria logo isso...

‖ (7) *grua,* forma fem.; o masc. é *grou:* espécie de cegonha. *Grua* também significa guindaste. Para mais exemplos de nomes de animais designando máquinas, peças mecânicas, objetos, v. Sousa da Silveira, *Trechos Seletos,* 247-248; aos que lá vêm, acrescente-se *escorpião,* que me foi lembrado pelo meu distinto amigo, o erudito professor catedrático do Colégio de Pedro II, Dr. Antenor Nascentes. ‖ (8) *que, se o desse são,* QUE *lhe faria:* repetição frequente da conj. *que* no port. antigo e no port. familiar europeu. Veja-se *Lus.* I, 55, e *passim:*

"Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refrêsco, e *que* o Regente
Que esta terra governa, *que* vos veja
E do mais necessário vos proveja".

"Eu creio que as damas *que* estão mal informadas, e sei que os elegantes *que* são uns tolos" (GARRETT, *Viagens na minha terra,* I, 67).

‖ (9) *algo=alguma coisa,* e, no port. arc., também *riqueza, soma de dinheiro;* cf. a expressão usual *fulano tem alguma coisa,* isto é, *algum cabedal, alguma riqueza.* Aquí, *lhe faria muito algo* = lhe daria boa paga, lhe faria grande mercê. ‖ (10) *prometeo de lhe dar.* Hoje se preferiria *prometeu dar-lhe.* Note-se que, depois de certos verbos, a língua tolera o uso de um infinitivo regido da preposição *de:*

Determina *de dar* a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida."
(*Lus.*, III, 37).

"Leva o Paraguai as águas,
Leva-as no mesmo correr,
E as aves descem ao campo
Como usavam *de descer*".
(Machado de Assiz, *Poes.*, 209).

"— Que novos males
Nos resta *de sofrer*?
(G. Dias, I, 49).

|| (11) *fize*, arc. = fiz. || (12) *fezeste*, arc. = fizeste. || (13) *ca*, arc. = pois, porque, por isso que. || (14) *podera* (= pudera): forma do mais-que-perf. do indic. servindo de condicional (*poderia*), o que na língua moderna ainda é usual. || (15) *colo* < lat. *collu(m)* (= pescoço). O *ll* lat. produz *l* em port., como já vimos. Havia, com um só l, *colum* "espécie de peneira de junco ou vimes, para coar vinho, leite, azeite, etc.", e cognato dêste substantivo o verbo *colare*, donde, pela queda normal do *l* simples intervocálico, resultou o port. *coar*. Notar, mais uma vez, a diferença de tratamento entre o *l* simples intervocálico e o *ll* geminado. || (16) *per*, preposição arcaica, da qual temos vestígio nas combinações *pelo* (<*per*+*lo*, artigo), *pela* (< *per*+*la*). || (17) *guisa* = maneira; vocábulo de origem germânica. || (18) *demostra* = demonstra. Esta é forma erudita; aquela é popular, e deixa ver a transformação fonética já estudada *ns* > *s*, pois *demostra* vem do lat. *demonstrat*. || (19) *conhocente*, adjet., originàriamente particípio presente latino (v. pág. 54); o verbo correspondente é *cognóscere* > *cognoscére* > *conhocer*, de acôrdo com as transformações fonéticas normais. De *conhocer* se passou a *conhecer*, forma moderna, por dissimilação (o—o > o—e), favorecida pela assimilação do segundo *o* ao *ê* tônico da última sílaba. || (20) *lhe* (= lhes). O português antigo usava *lhe* referindo-se também a um substant. plural. Hoje ainda fazemos o mesmo nas combinações *lho(s)*, *lha(s)*, que podem equivaler tanto a *lhe*+*o(s)*. *lhe*+*a(s)*, como a *lhes*+*o(s)*, *lhes*+*a(s)*. || (21) *mais*, conjunção adversativa, do lat. *magis*; hoje se

escreve *mas*, porém os brasileiros ainda a pronunciamos, na língua corrente, *mais*. || (22) *enxemplo* (=exemplo). Observe-se a nasalação de certas vogais iniciais (*e*, *i*) : lat. *examen* ou **examine* > *enxame*; *hibernu* > *inverno*, etc. || (23) *engratidõe* (=ingratidão) ; v. pág. 83).

2. [O vilão que recolhe a serpente]

Conta-se que no tempo do inverno ũa serpente mui fremosa (1) jazia arriba (2) dũa auga (3) corrente e jazia tanto (4) fria com o regelado que nom sabia de si parte (5). E ũu vilão (6), passando per (7) o dito ribeiro, vio a dita serpente muito fremosa com muitas diversas colores (8) e ouve doo (9) dela, por que a via assi (10) morta de frio, e tomou-a e meteu-a no seo (11). E levou-a a sua casa e mandou fazer (12) mui grande fogo e tirou a serpente do seo (11) e posse-a (13) acerca dele e aqueentava- (14)a o milhor (15) que ele podia, e, quando a serpente foi (16) bem queente (14), vio-se poderosa e levantou-se em pee (17) contra o vilão, deitando contra ele peçonha (18) pela boca (19) e queria-o morder. E o vilão, veendo (20) esto (21), fez quanto pôde, ataa (22) que a lançou fóra de casa com gram trabalho.

Em aquesta (23) estoria (24), o doctor (25) nos ensina que nom devemos ajudar os maos omẽes (26) quando os veemos (20) en algũus prigos (27), por que, se algũu bem lhe fazemos, sempre deles averemos maos merecimentos, como fez esta coobra (28), que deu mao galardom àquel (29) que a livrou do prigo (27) da morte.

(1) *fremoso*, metátese de *fermoso* ; êste do lat. *formosu*, tendo havido dissimilação de *o—o* em *e—o*, a qual é mui comum : *relógio* < (ho)rologiu, *pesponto* < posponto ; em inscrições há *serōribus* por *sororibus* (dat. abl. pl. do lat. *soror, sorōris*) (v. Carnoy, *Le Latin d'Espagne d'aprés les Inscriptions*, pág. 100). || (2) *riba* < lat. *ripa*. Significa *margem;*

arriba=à margem, ao lado, ao pé. ‖ (3) *auga* < lat. *aqua ; auga*=água. O *a* tónico atraíu a semivogal *u*, como também costuma atrair a semivogal *i : contrairo* (*Lus.*, VIII, 41) por *contrário, capitaina* (*Lus.*, II, 22) por *capitânia, primeiro* < *primariu*, etc. ‖ (4) *tanto :* forma plena ; a contrata *tão* é que hoje se empregaria aquí. ‖ (5) *non sabia de si parte* = =não dava acôrdo de si. ‖ (6) *vilão* < *villanu ;* signif. *habitante de vila, camponês.* ‖ (7) *per*, preposição=por. ‖ (8) *colores*=côres. A conservação do *-l-* intervocálico mostra que a palavra é um latinismo, ou, talvez, castelhanismo. ‖ (9) *doo*=dó (pena, compaixão). *Ouve* (houve) *doo*=teve pena. A correspondência entre o substantivo *cantus* e o verbo *cantare*, *saltus* e *saltare*, etc., fêz surgir, de outros verbos, novos substantivos, a que, por êsse motivo, se deu a denominação de *post-verbais :* um dêles é *dolus* (v. Grandgent. *Vulgar Latin*, pág. 13), tirado do verbo *dolēre*, de que veio o port. *doer.* A evolução de *dolus* é regular : *dolu* > *doo* > *dó.* ‖ (10) *assi*= =assim (v. pág. 72). ‖ (11) *seo* (=seio) ; do lat. *sinu :* sendo breve o *i*, pronunciava o povo *senu*, cuja evolução é normal : *sinu* > sẽo > seo > seio (v. pág. 82). O radical *sin-* inalterado aparece em *sinuoso, sinuosidade ;* transformado pelas leis fonéticas, vemo-lo em *enseada* (en-se-ada). Em port. antigo *seo* ou *seio* significa também *gôlfo, curva litoral :*

"Logo os dálmatas vivem ; e no *seio*
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas — que tão baxa começou ! —
(*Lus.*, III, 14).

‖ (12 *fazer*, forma ativa, mas significação passiva : *ser feito ;* cf. o seguinte passo dos *Lusíadas* (X, 115) :

"O corpo morto manda ser trazido,"

equivalente a : "manda trazer o corpo morto". Pode também considerar-se ativo com sujeito indeterminado. ‖ (13) *posse*=*pose* (=pôs, v. pôr) ; po(s)se-a=pô-la. Acêrca da conjugação de um verbo com o pronome *lo* enclítico, v. Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, pág. 59 e ss. ‖ (14) *aqueentava*= =aquentava ; observa-se aquí o hiato *ee* resultante de queda

de consoante intervocálica. Lat. *calēre*, estar quente ; o radical *cal-* vê-se em *calor*, *cálido*, *caldeira*, *rescaldo*, *escaldar*. O particípio presente de *calēre* é *calens*, *calentis*, cujo acusativo *calente(m)* evolve assim : *calente* > *caente* > *queente* > > *quente* (queda do *-l-* intervocálico, assimilação de uma vogal a outra, crase ou fusão das duas vogais em uma só). De *calente* se fêz *adcalentare*, donde *acaentar* > *aqueentar* > *aquentar*. ‖ (15) *milhor*, forma antiga = melhor. É comum nos *Lusíadas* (IX, 58 e *passim*). Atribue-se a palatização do *e* a influência da palatal *lh*, com a qual está em contacto. ‖ (16) *foi* = ficou. ‖ (17) *pee* (<lat. *pede*), pé ; *levantou-se em pee* = levantou-se, ergueu-se, aprumou-se ; contrapõe-se à idéia acima expressa por *jazia* e *sem saber de si parte :* há pouco era uma coisa inerte, dócil, inteiramente sem vontade ; agora já se levanta, já mostra a sua intenção perversa. ‖ (18) *peçonha* = veneno. Em latim há o verbo *potare*, beber, cujo radical *pot-* se mostra no adj. port. *potável* (água potável, isto é, boa para beber). O subst. lat. *potio*, *potionis* significa ação de beber, bebida, beberagem medicinal, bebida com veneno. De *potione* temos *poção* (= beberagem medicinal). O nosso vocábulo *peçonha* deve provir de **potionea*, com a dissimilação muito frequente, como já vimos, de *o—o* em *e—o*. ‖ (19) *bôca* < lat. *bŭcca*. ‖ (20) *veendo* = vendo. Note-se o hiato *ee*, resultante da queda do *-d-* intervocálico : lat. *vĭdēre* > veer > ver. ‖ (21) *esto* = isto. ‖ (22) *ataa* = até. ‖ (23) *aquesta* = esta. ‖ (24) *estoria* = história. ‖ (25) *doctor* por *doutor*. ‖ (26) *omẽes*, homens ; forma normal tirada do plural *homĭnis* (hómenes). ‖ (27) Do lat. *pericŭlu* > perígoo > perigo. Com síncope do *e : prigo*. ‖ (28) *coobra* = cobra. Do lat. *colúbra*, paroxítono e com *u* breve igual a *ô ;* ou melhor de *cŏlŏbra*, segundo ensina Pidal no *Manual de Gram. Hist. Esp.*, 1929, pág. 51. ‖ (29) *àquel* = àquele.

3. [O rato da cidade e o da aldeia]

Conta-se que ũa vez ũu rato que morava em ũa cidade, andando a ũa aldea onde morava outro rato, seu amigo, quando este rato da cidade chegou aa (1) aldea (2) onde mo-

rava este rato, seu amigo, ouve (3) com ele grande prazer e dei-lhe (3a) a comer favas e triigo e ervanços com outros manjares.

E, depois que assaz comerom, o rato da cidade deu muitas graças (4) ao rato da aldea de quanta cortesia lhe fezera (5) e rogou-lhe que viesse aa (1) cidade com ele, aa (1) casa onde morava, que alí lhe entendia de dar (6) muitas delicadas iguarias. Tanto o rogou que o dito rato se veo (7) con el (8) aa cidade.

E levou-o a ũa cozinha onde ele morava, na qual avia (9) muitas galinhas e carne de porco, com outros boos (10) comeres, e rogou-lhe que comesse aa (1) sua vontade. E, estando eles assi comendo seguros a seu talante (11), chegou o cozinheiro e abrio a porta da cozinha ; e o rato da cidade, que sabia o custume (12) da casa, fugiu logo, e o outro rato, porque nom sabia o custume, ficou. E o cozinheiro, andando em pos (13) el con ũu pao na mão pera o matar, ferio (13a) mui mal (14) ; empero (15) fugio-lhe e partio-se mui mal ferido (14).

E o rato da cidade, veendo-o, chamou-o, que outra vez viesse a comer com ele e nom ouvesse medo ; e o outro rato lhe respondeo :

— Amigo meu, ora fosse eu jajuum (16) do convite (17) que me fezeste ! (18) A mim praz (19) mais de comer (20) triigo, (21) favas e ervanços em paz que galinhas e capões com temor e prigo (22) de morte. A paz, a qual eu sempre tenho comigo, me faz a mim os meus comeres seerem (23) delicados. E porém (24) teus comeres guarda-os pera ti, ca (25) eu me contento do que ei (26).

E, as palavras ditas, partirom-se (26a).

Em aquesta estoria o doctor (26b) louva a proveza (27) e diz que, quando a probeza (27) se toma (28) com alegria de coraçom, nom se deve chamar probeza (27), mas riqueza, porque a probeza é a mais segura cousa que no mundo seja (29) ; que milhor é a proveza (27) que a riqueza, a qual riqueza sempre faz viver o omem (30) com gram temor, e o pro-

be (27) que se contenta da sua proveza (27) mais rico é que o rico que nom se contenta, mais (31) sempre e nunca é farto (32).

(1) *aa* (=à) : prep. *a*+art. def. *la*, com queda do *l* tornado intervocálico. || (2) *aldea :* note-se o hiato *ea ;* forma atual : aldeia. || (3) *ouve* (=houve) : teve. || (3a) *dei :* é 3.ª pessoa, e corresponde ao lat. *dedit*. Pode também admitir-se que a forma *dei* tenha resultado de *deu* por influência da palatal *lh*, que se lhe segue : *deu-lhe* > *dei-lhe*. || (4) *graças* = =agradecimentos. || (5) *fezera*=fizera. || (6) V. nota (10) da fábula *O lôbo e a grua*. || (7) *veo*=veio. || (8) *el*=êle < lat. *ĭlle*. || (9) *avia*=havia. || (10) *bõos* < lat. *bonos*, ac. pl. de *bonus*. Com desnasalização, *boos*. || (11) *a seu talante* = à sua vontade. || (12) *custume*=costume. || (13) *em pos el*= =atrás dêle. || (13a) *ferio*=ferio-o. || (14) *mal*, modificando o verbo *ferir*, significa *gravemente*. Também em autores nossos :

"...eu, se tenho nos olhos *malferidos*
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos".
(Machado de Assiz).

"Hão-de os teus, acossados nas matas,
Malferidos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti" !
(G. Dias, I, 27).

|| (15) *empero*=contudo, todavia. || (16) *jajuum*, de *jajũu* (=jejum) < lat. *ieiunu ; ora fosse eu jajuum do*, optativo : *nunca tivesse eu comido o...!* Cf. a construção «ser jejum (adjet.) de algo» com Dante, *Inferno*, XVIII 42 «Già di veder costui non son digiuno» e XXVIII 87 : «vorrebbe di vedere esser digiuno». || (17) *convite*=banquete (v. Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, pág. 252). || (18) *fezeste*=fizeste. || (19) *praz*=apraz, agrada. || (20) V. a nota (10) da primeira fábula || (21) *triigo*=trigo ; do lat. *trĭtĭcu*, com eliminação do segundo *t ;* a eliminação de um segundo *r* é mais comum : *aratru* > arado ; *prora* > proa. São casos de dissimilação

(v. pág. 71). Pidal explica (*Gram. Hist.*, § 54, 1) : *triticum, tridigo, *tridgo, trigo.* || (22) *prigo* < *perigo* < *perígoo* (=perigo) <lat. *pericŭlu.* || (23) *seerem*=serem, infin. pessoal de *ser ;* lat. *sedēre* > *seer* > *ser* (v. pág. 57). || (24) *porém*=por isso. || (25) *ca*=porque. || (26) *ei* (hei)=tenho, possuo. || (26a) *partirom-se*=separaram-se, apartaram-se. || (26b) *doctor* por *doutor.* || (27) *proveza* ou *probeza,* formado do adjet. *prove* ou *probe* por meio do sufixo *-eza. Prove* ou *probe,* é forma arc. e pop. de *pobre.* Em latim clássico dizia-se *pauper,* gen. *paupĕris ;* mas o latim popular substituía frequentemente o ditongo *au* por *o* (v. Grandgeant, *Vulgar Latin,* pág. 97, § 229, 7). Do acusativo pop. *póp(e)re* vem *pobre* e *probe,* êste graças ao deslocamento, muito comum, do *r* para junto de uma consoante anterior : *capĭstru* > *cabresto ; fenestra* > > *fẽestra* > *feestra* < *freesta* (1) > *fresta.* Quanto a *b* < > *v,* veja-se, a pág. 79, o que a respeito dessas consoantes se diz no texto e na nota (2). || (28) *se toma* (=é tomada). || (29) *seja* = *exista.* || (30) *omem*=homem. || (31) *mais* = mas, antes ; e pelo contrário. || (32) *é farto*=se farta, fica farto.

---

(1) *freesta* (Nunes, *Crest. Arc.*, 2.ª ed., pág. 19).

13. Etimologia das diversas espécies de palavras (1)

I. Substantivos

187. Na sua maioria originam-se de substantivos latinos : *paço* (arc. *paaço*) e *palácio*, de *palatiu* ; *cavalo*, de *caballu* ; *livro* de *libru* ; mas há-os provenientes de adjetivos latinos : *pêssego*, de *persĭcu*, *fogaça*, de *focacia* [*pasta*], *maçã*, de [*mala*] *matiana* (2), *inverno*, de *hibernu*.

188. Muitos se formaram, já em plena autonomia da língua portuguesa, por composição (prefixação, juxtaposição e aglutinação), ou derivação por meio de sufixo : *reverdade*, *rosa-chá*, *tremeluzir*, *bilheteiro*, *jaqueira* ; ou se tiraram de verbos, e por isso se conhecem pela denominação de post-verbais : *chôro*, proveniente do v. *chorar* e êste do lat. *plorare* ; *honra* do v. *honrar*, e êste do lat. *hon(o)rare*.

189. Quasi todos os nossos substantivos se derivam de acusativos latinos : *lebre*, de *lép(o)re*, *rosas*, de *rosas* (ac. pl.). Entretanto, alguns promanam de nominativos : Deus < *Deus*, Venus < *Venus*, Cícero < *Cicero*, sendo *Cicerão*, (3) que existiu na língua, a forma correspondente ao acusativo *Ciceronem*. Há vestígios de outros casos : Chaves < abl. *Flaviis* (i. é, Aquis Flaviis), Sagres < *Sacris* (abl), etc. (4).

---

(1) Êste ponto vai aquí um pouco mais desenvolvido do que o dei na Escola Normal.

(2) V. Bourciez, *Ling. Rom.*, 226.

(3) Intitula-se o *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catão mayor, ou da Velhice* um trabalho de Damião de Góis — v. Mendes dos Remédios, *Hist. da Lit. Port.*, 1914, pág. 186.

(4) Veja-se Leite de Vasconcelos, *Lições de Filol.*, 43.

190. Entre os nomes próprios merecem especial referência os patronímicos terminados em *-az*, *-ez*, *-iz*, terminação que, quando átona, hoje se escreve com *s* : *Dias*, *Ferraz*, *Bernardes*, *Álvares*, *Nunes*, *Moniz*.

191. Entre as diversas fontes de nomes próprios são notáveis o latim (António, Emília, Júlia, Vergílio, etc.), o grego (Atanásio, Cristóvão, Jerónimo, etc.), o hebraico (Adão, José, João, Maria, etc.), o germânico (Afonso, Bernardo, Carlos, Luiz, Henrique, Frederico, etc.), e, para nós brasileiros, os idiomas americanos, de que temos Iracema, Arací, Jurací, etc., e outros da nossa geografia : *Ibiapaba*, *Paranapiacaba*, *Cambuquira*, etc.

192. Muitos nomes próprios são originàriamente nomes comuns : *Luz*, *Pereira*, *Silveira*, etc.

II. Adjetivos qualificativos

193. Em regra geral, provêm de adjetivos latinos em acusativo : bom < *bonu*, mau < *malu*, amável < amabĭle, pior (peior) < *peiore*.

* * *

194. O plural dos nomes (substantivos e adjetivos) terminados em *-l* pede, quanto à etimologia, uma ligeira explanação. Êsses plurais originam-se de acusativos latinos, em que ao *l* precedido de uma das vogais *a*, *e*, *i* breve (=e), *i* longo, *o*, *u* se segue *-es*, isto é, de acusativos do plural terminados em *-ales*, *-eles*, *-ĭles* (=*eles*) *-iles*, *oles*, *-ules*.

Estando o *l* entre vogais, desaparece em português, de acôrdo com a lei fonética, e aquelas desinências se tornam *-aes*, *-ees*, *-ies*, *-oes*, *-ues* ; depois dá-se o fenómeno denominado *oclusão* (pág. 70) : o *e* passa a semivogal (*i*) e os hiatos convertem-se em ditongos : *-ais*, *-eis*, *-ĭis*, *-ois*, *-uis*, contraindo-se, porém, *-ĭis* em *-is*. Entretanto parece conservar-se

iis em pronúncias brasileiras, pois escrevemos *covís*, mas há entre nós quem profira *covíis* (1).

195. O quadro abaixo mostra mais claramente a transformação dessas desinências :

-ales > -aes > -ais : lat. *mortales* > *mortaes* > *mortais* (2) ;
-eles > -ees > -eis : lat. *fideles* > *fiees* (3) > *fiéis ;*
-ĭles > -ees > -eis : lat. *terribĭles* > *terrivees* (3) > *terríveis ;*
-iles > -ies > -is : lat. **cubiles* (por *cubilia*) > *covies* > > *covís ;*
-oles > -oes > -óis : lat. *soles* > *soes* > *sóis ;*
-ules > -ues > -uis : lat. **padūles* (por *paludes*) > *paues* > *paúis*. (4).

196. Em textos arcaicos não raro aparecem plurais como *perdurávis* (=perduráveis), *razoávis* (=razoáveis), de difícil explicação. Talvez fusão do ditongo final *ei* em *i* como sucedeu ao inicial da forma arcaica *Einês* para se converter em *Inês*.

III. Numerais

197. *a)* Cardinais

um < arc. **ũu** < **unu.**

uma < arc. **ũa** < **una.**

dois ou **dous** < **dŭos**, acusativo de *duo*.

---

(1) V. Sousa da Silveira, *A língua nacional e o seu estudo*, pág. 6.

(2) *Animais, naturais, tais*, etc., *Lusíadas*, ed. 1572, III, 24 ; X, 1 e *passim*.

(3) *Fiees*, *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 15 ; mais exemplos em Said Ali, *Lexiologia do Port. Histórico*, 49.

(4) A ortografia do Acôrdo, com prejuízo da uniformidade, grafa o ditongo *ui* de duas maneiras diversas : com *i* em *fui, Rui, uivo*, mas com *e* em *contribue, azues, paues*, Escrevi *paúis* para mostrar o ditongo final da evolução de *padules*. No correr do texto escreveria, porém, *paues* em obediência à ortografia oficial, ainda que contrariado nas minhas convicções.

duas < **dŭas-** acusativo de *duae* (o *u* breve não passou a *ô* por estar em hiato com o *a*).

três < **trēs.**

quatro (pop. *catro*) < **quatt(u)or.**

cinco, arc. **cinque** < lat. pop. **cinque**; clássico: **quinque,** com *i* longo.

seis < **sex** (=**secs**).

sete < ***sette** (1) < **septe(m).**

oito < **octo.**

nove < **nove(m).**

dez < **dece(m).**

onze < ***ŭnd(e)ce** < **undecim** (**d'ce** > **ze**).

doze < **dōd(e)ce** < **duodecim.**

treze < **trēd(e)ce** < **trĕdĕcim** (com os dois *ee* breves).

quatorze, catorze (2) < ***quattord(e)ce** < **quattuordecim**

quinze < **quind(e)ce** < **quindecim** (com o primeiro *i* longo).

dezasseis (3) < **decem ac sex,** ou *dez+a+seis,* sendo *a* preposição (DR. L. DE VASC., *Opúsculos,* IV, 1929, pág. 956 e 1.115).

dez e seis (arc.) } < **decem et sex.**
dezesseis, dezeseis (4) }

---

(1) Cf. *settembris* em inscrições: v. JURET, *Phonétique Latine,* 1921, pág. 220.

(2) "*Quatorze, quaderno,* pronunciam-se *catorze, cadérno,* e assim ortografaremos". (MIGUEL LEMOS, *Normas Ortográficas,* 1901, pág. 10).

(3) "Dezaseis" (J. DE ALENCAR, *O ermitão da Glória,* 1873, pág. 47).

(4) "E eu que ainda não tenho senão *dezeseis...*" (GARRETT, *Teatro,* IV, 1846, pág. 43).

dezassete (1) < **decem ac septem**, ou *dez*+prep. *a*+*sete* segundo o Dr. Leite de Vasconcelos.

dez e sete (arc.) (1a)
dezessete, dezesete (2) } < **decem et septem**.

dezóito < **dezooito** (3) < **dezaoito** (4) < **decem ac octo** ou *dez*+prep. *a*+*oito*, segundo o Dr. L. de Vasconcelos. *Dezoito* com *ô* fechado é pronúncia resultante de influência de *oito*. *Dezóito*, com *ó* aberto, é a pronúncia regular, devida à contração de *ao* em *ó*, através de *oo*. Note-se que *dezóito* também se ouve em São Paulo (v. Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, pág. 133).

dez e oito < **decem et octo** : "dez e oito" (*Frades Menores*, I, 173).

dezanove (5) < **decem ac novem**, ou *dez*+prep. *a*+*nove* (Dr. Leite de Vasconcelos).

dez e nove (arc.)
dezenove (6) } < **decem et novem.**

vinte < **vinti** (7) <* **vīgīntī** < cláss. vīgĭntī. O ĭ breve, entre dois *ii* longos, um dos quais final, poderia alongar-se, o que justifica a forma hipotética intermediária.

Obs. : Em português antigo encontra-se *vintatrês*, *vintaquatro:* vid. Epifânio Dias, *Obras de Cristóvam Falcão*, 107. Parece que nessas formas se verifica o mesmo processo que originou *dezasseis*, *dezassete*, etc., com *a*.

---

(1) "O século *dezasete*". (João Ribeiro, *Seleta Clássica*, 1905, pág. 121).

(1.ª) Ainda em Fr. Luiz de Sousa : "*dez e sete*" (*Arc.*, 1763, II, pág. 459).

(2) "*dezesete* Lusitanos". (*Os Lus.*, VIII, 35, ed. *princeps* de 1572).

(3) "*dezooito*" em Fernão Lopes, no Cap. CLXXII da *Crónica de D. Fernando*, *apud* Agostinho de Campos, *Antologia Portuguesa* (Fernão Lopes), pág. 270.

(4) "*dezaoito*" na *Crónica* de Góis, 1566-1567, f. 27, segundo informção do Dr. Leite de Vasconcelos nos *Opúsculos*, IV, pág. 1115.

(5) "*dezanove*" empregado por Capistrano de Abreu na sua nota preliminar à edição da *História do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador, 1918, pág. III.

(6) "*dezenove*" (Garrett, V, 1848, pág. 51).

(7) V. Lindsay, *The Latin Language*, 1894, pág. 165.

trinta < **trígin ta** (1) < **trīginta** (longo o primeiro *i*).

quarenta, arc. e pop. *corenta* (2) < **quareenta** < ***quaraenta** < **quadragĭnta**.

cinquenta < **cinqueenta** < **cinquaenta** (3) < **cinquagĭnta** < **quinquagĭnta**.

sessenta (arc. e pop. **sassenta**) < **sesseenta** < **sessaenta** (4) < **sexagĭnta**.

setenta (arc. e pop. **satenta** < **seteenta** < **setaenta** < < ***settagĭnta** < **sept(u)agĭnta**. (5)

oitenta < **oiteenta** < **oitaenta** < ***octagĭnta** (6) < <**octogĭnta**. Em BERNARDES, *Luz e Calor*, 1696, pág. 411: «outenta».

noventa < **noveenta** < **novaenta** < ***novagĭnta** (lat. cláss. **nonaginta**).

cento (arc.) < **centu**.

cem, forma contrata de **cento**, devida à próclise.

duzentos < **dozentos** (*Lusíadas*, X, 86) < **dŭcentos** (acus).

trezentos < **trecentos**.

quatrocentos < **quatro+centos**.

quinhentos < **quingentos** (através, talvez, de uma forma *quinientos*, como a que existe em espanhol).

---

(1) Pronúncia proparoxítona atestada por Consêncio: v. GRANDGENT, *Intord. al Latín Vulgar*, Madrid, 1928, § 142, pág. 108.

(2) "*corenta* mil reaes". (GIL VICENTE, *Obras*, 1562, f. CXV, v.º).

(3) "çinquaenta", em espanhol, no *Poema del Cid*, ed. de Alfonso Reyes, Madrid, 1919, pág. 180.

(4) "sessaenta", *Poema del Cid*, ed. cit., pág. 18.

(5) Há "septagesima" em inscrições (CARNOY, edição e página citadas na nota seguinte), e daí se tira o substrato românico "septaginta". Quanto a *pt* > *tt*, v. a nota 1 da página 142.

(6) Em inscrições (CARNOY, *Le Latin d'Espagne d'apres les inscriptions*, 2.ª ed., 1906, pág. 241) há "octagensima", que supõe o cardinal "octaginta".

seiscentos < **seis+centos.**

setecentos < **sete+centos.**

oitocentos < **oito+centos.**

novecentos < **nove+centos.**

mil < **mille.** (1)

198. *b*) Ordinais

primeiro < **primariu** (lat. clássico : **primus**).

segundo < **secundu.**

terceiro < **tertiariu** (lat. clássico : **tertius**).

quarto < **quartu.**

quinto < **quintu,** com *i* longo.

sexto, ant. **seisto** < **sextu.**

sétimo, ant. **seytimo** (sêitimo) < **septimu.**

oitavo < **octavu.**

nono < **nonu.**

décimo < **decimu.**

undécimo < **undecimu.**

duodécimo < **duodecimu.**

vigésimo < **vigesimu** (**vicesimus**).

trigésimo < **trigesimu** (**tricesimus**).

quadragésimo < **quadragesimu.**

---

(1) O *i* é longo, e os *ll* representam não *l* geminado, mas palatizado, como em *villa*, *stilla*. V. Juret, *Manuel de Phonétique Latine*, 1921, pág. 228.

quinquagésimo < quinquagesimu.

sexagésimo < sexagesimu.

septuagésimo < septuagesimu.

octogésimo < octogesimu.

nonagésimo < nonagesimu.

centésimo < centesimu.

E assim os demais, tirados dos correspondentes ordinais latinos, e pouco usados, salvo *milésimo,* que é de emprêgo frequente.

Houve na língua antiga ordinais em *-eno,* como o que aparece nos *Lusíadas,* IV, 60:

"Foi Joane segundo, e Rei *terzeno*", isto é *trezeno,* décimo terceiro.

Para o conhecimento dêsses numerais, hoje fora de uso, vid. SAID ALI, *Lex. do Port. Hist.*, pág. 61.

199. IV. Pronomes

a) PESSOAIS

Os da 1.ª e 2.ª pessoas provêm de pronomes pessoais latinos; os da 3.ª pessoa, do pronome demonstrativo latino *ille,* que foi pouco a pouco sendo empregado como pronome pessoal.

1.ª PESSOA DO SINGULAR

N. **ego > eo > eu.** O *-g-* intervocálico desapareceu, dando em resultado *eo,* que se encontra em manuscritos do VI século segundo a estimativa de MEYER-LÜBKE (1). Em *eo* deu-se oclusão: o *o* passou a semivogal (*u*), e formou-se o ditongo *eu.*

(1) GRANDGENT, *Vulgar Latin,* pág. 161.

G. **mei** (nada produziu em português).

Dat. **mihi, mi** > **mi** (arc.) > **mim**. A passagem de *mi* para *mim* deve-se à nasalação do *i* provocada pela nasal *m* (v. pág. 72 e 75).

A forma átona *mi* passou a *me,* como o lat. *si* > *se* (conj.), e o relativo *qui* (nominativo) > *que* (v. pág. 77).

Ex. de *mi* (=me) :

"A dona que eu am'e tenho por senhor (=senhora)
amostrade-*mi*-a Deos, se vus én prazer for,
senon dade-*mi* a morte".

(BONAVAL, *apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 253).

Abl. **me**. Combinado com a preposição *cum* (=com), formava o vocábulo composto **mecum,** depois *megum,* que se lê em inscrições. Êste originou o arcaico **mego**, transformado em *migo,* supõe-se que por influência de *mi.*

Tendo-se desvanecido a conciência de que a sílaba desinencial *-go* representava a preposição latina *cum,* antepôs-se a *migo* a preposição portuguesa *com* e fêz-se *commigo* > *comigo.* Esta última forma provém da absorção, no *m* de *migo,* da nasalidade da vogal de *com,* fenómeno idêntico ao que se observa em *comadre* (com+madre) e em *no mais* ou *nòmais*(1) (nom mais). A nasalidade de *com* conservou-se em *compadre* por não haver consoante nasal em que se embeber.

Ac. **me** > port. **me**.

2.ª Pessoa do singular

N. **tu** > port. **tu**.

G. **tui** (nada originou em português).

(1) Nos *Lusíadas,* III, 67 : "Sendo êstes que fizeram tanto abalo *Nomais* que só sessenta de cavalo". Em X, 145 ; "*No mais,* Musa, *no mais,* que a lira tenho Destemperada, e a voz enrouquecida".

Dat. **tibi** > **ti** (1) (por analogia com **mi**) > port. **ti** > **te**.

Abl. **te**. Com a preposição **cum** : **tecum** > **tego** > **tigo** (por influência de **ti**).

Ac. **te** > port. **te**.

1.ª PESSOA DO PLURAL

N. **nos** > **nós**.

G. { **nostri** / **nostrum** } Nada geraram em português.

Dat. **nobis** (nada produziu em português). Como dativo o português usa **nos**, forma igual à do acusativo, o que faz por analogia com *me* (1.ª pess. sing.) e *te* (2.ª pess. sing.) que tanto são acusativos como dativos.

Abl. **nobis** (nada ocasionou em português). O latim clássico combinava-o com a preposição *cum* e formava *nobiscum*. mas em latim popular já se usava *noscum* (v. pág. 52). De *noscum* nos veio *nosco*, a que, por esquecimento da composição da palavra, se antepôs a preposição *com* : **connosco**.

Ac. **nos** > **nos**, outrora também grafado *nus*.

2.ª PESSOA DO PLURAL

N. **vos** > **vós**.

G. { **vestrum** / **vestri** } > (nada).

Dat. **vobis** > (nada). Usa-se em port. **vos** (**vus**, arc.).

---

(1) Vid. GRANDGENT, *Vulgar Latin*, pág. 162, § 385.

Abl. **vobis** > (nada). Em vez de *vobiscum* do latim clássico, usava o povo *voscum*. **Voscum** > **vosco**; mas hoje dizemos **convosco**, de *com+vosco*, recomposição que se fez por esquecimento da idéia da preposição, já contida na palavra.

Ac. **vos** > **vos** (arc. **vus**).

3.ª Pessoa do Singular

Provém do demonstrativo latino *ille, illa*.

N. **ĭlle** (masc.) > **êle, el** (arc.) (1); **ĭlla** (fem.) > **ela**.

G. **illius** (nada produziu em português).

Dat. **illi** > **(i)li** > **li** > **lhi** (2) > **lhe** (masc. e fem.).

Abl. **illo, illa** (nada produziram em português).

Ac. **illum** (masc.) > **(i)lu** > **lo** > **o**; **illam** (fem.) > **la** > **a**. A forma *o, a*, resultante de *lo, la*, com a perda do *l-*, explica-se pela queda do *l* tornado intervocálico quando o pronome vinha enclítico a uma flexão verbal terminada em vogal: *ama-lo* (=*âmalo*) > *ama-o* (=*âmao*). A forma *o, a*, decorrente de uma circunstância especial, generalizou-se na língua atual a todos os casos, menos os seguintes:

a) nas combinações enclíticas do pronome com flexões verbais em *-r*, *-s* e *-z*, como *amá-lo, tu dize-lo, êle fê-lo*, e com o advérbio *eis*, por exemplo *ei*-lo, pois nestas condições o pronome conserva, como se vê, a forma arcaica *lo*;

b) nas combinações com os pronomes átonos da 1.ª e 2.ª pessoas do plural: *no-lo, vo-lo*.

c) quando enclítico a flexões verbais acabadas em fonema nasal, visto como se opera então a assimilação

---

(1) V. pág. 136, (8).

(2) V. Leite de Vasc., *Lições*, 52.

parcial do *l* do pronome, que passa a *n* : *fazem-no, dão-no, vim-no visitar* (1).

Acêrca da aférese do *i* de *illu, illa,* v. pág. 70.

3.ª PESSOA DO PLURAL

N. **illi, illae** (nada produziram em português). O plural *êles, elas,* é feito de *êle, ela,* com a desinência *-s,* característica do plural em português.

G. **illorum** (masc.), **illarum** (fem.) (nada produziram em português).

Dat. **illis** (masc. e fem.) nada produziram em português, pois o nosso dativo *lhes* é feito do singular *lhe+s*. Em português antigo *lhe* servia também de plural (v. pág. 132), e ainda serve nas combinações do tipo de *lho,* que pode equivaler a *lhe o* e *lhes o.*

Abl. **illis** (nada produziu em português).

Ac. **illos** > **(i)los** > **los** > **os** ; **illas** > **(ĭ)las** > **las** > **as**.

PRONOME REFLEXO (3.ª PESSOA)

se < lat. **se**.

si (2) < lat. **si** < **sibi** (como *ti* < *tibi*).

sego }
sigo } < **secum**.

consigo < *com+sigo.*

---

(1) Êste fenómeno ocorria também depois de certas palavras terminadas em fonema nasal, como *quem, ninguém, não, sem, em, bem.* Na língua literária contemporânea não é geral, mesmo em Portugal. Creio que Eça de Queiroz, falando por si, nunca escrevia "não *no* quero", "bem *no* digo", etc. No Brasil da minha observação o fato rareia ainda mais. Todavia, o sr. AMANDO FONTES, autor brasileiro, que no ano de 1933 se revelou seguro romancista no seu livro *Os Corumbas,* escrito em linguagem pouco disciplinada, mas expressiva e, por vezes, forte, diz, por exemplo, "Não houve quem *na* pudesse deter". (Pág. 162) ¿ Reminiscência literária, ou fato linguístico ainda vivo em certos pontos do Brasil?

(2) Há "sim" analógico a "mim"

"Chorou ela amargamente;
Disse lástimas sem fim,
Mal da vida, e mal de *sim*"
(R. LÔBO, *E'glogas,* ed. JOSÉ TAVARES, 1928, pág. 197).

200. *b*) Possessivos

1.ª Pessoa

meu < lat. **meu** ; **meus** < lat. **meos**.

minha(s) < **mĩa(s)** < **mia(s)** < lat. **mea(s)**. O hiato *ea* (*e* tónico) pode evolver para *eia* : *tea* > *teia*, ou para *ia*, passando o *e* a *i* para ficarem mais distanciadas entre si as vogais do hiato : *mea* > *mia*, *habeba* > *habea* > *havia*.De *mea* vem, pois, *mia;* o *m* nasala o *i*, e o vocábulo converte-se então em *mĩa*, depois *minha*, pelo desenvolvimento da nasal palatal *nh* de transição (cf. pág. 82, II).

nosso < **nostru** ; **nossos** < **nostros**.

nossa(s) < **nostra(s)**. E' difícil explicar a passagem de *str* para *ss*.

2.ª Pessoa

teu(s) < lat. vulgar *teu* e *teos*, formas analógicas a *meu*, *meos ;* em latim clássico corresponde-lhe *tuus* (acusativo singular *tuum* e pl. *tuos*). De *tŭu* há o arc. *tou* (1).

tua(s) < lat. **tua(s)**. O *u* é breve, e não passou, como devia, a *ô* graças ao hiato que tende a manter afastadas na escala vocálica as vogais que o constituem.

vosso < **vostru** ; **vossos** < **vostros**. *Voster* é forma latina arcaica e popular ; em latim clássico era *vester*. É difícil explicar a passagem de *str* para *ss*.

---

(1) Nunes, *Gram. Hist.*, pág. 242.

3.ª Pessoa

seu(s) < lat. vulgar *seu* e *seos*, por analogia com *meu*, *meos*. Em latim clássico *sŭus*. De *sŭu* se derivou o arc. *sou* (1). A forma analógica *seus* encontra-se em inscrições latinas.

sua(s) < lat. **sua(s)**.

Observações

I. As formas *mia*, *tua*, *sua*, estando em próclise, podiam pronunciar-se como monossílabos : *-ia* e *-ua* formavam então ditongos crescentes ; as semivogais *i* e *u* podiam cair (v. pág. 76), reduzindo aqueles possessivos às formas *ma*, *ta*, *sa* que existiram em latim popular (2) e têm correspondentes na língua arcaica portuguesa :

"Este rrey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amava-as muito. E huum dia ouve *sas* rrazões com ellas e disselhes que lhe dissessem verdade, quall d'ellas o amava mais". (*Apud* Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos*, 31).

II. A forma *nostro* < lat. *nostrŭ* aparece em português arcaico na expressão *nostro Senhor* referida a Deus (veja-se a *Crest. Arc.* de Nunes, pág. 232, 235, 236 e *passim*).

III. No português arcaico existia a forma literal *inha* ou *enha* (=minha), que se pode ver a pág. 67 dos *Textos Arcaicos* do Dr. Leite de Vasconcelos, num trecho de Gil Vicente :

"enha molher" (= minha mulher).

201. *c*) Demonstrativos

êste < lat. **ĭste**. O plural *êstes* é formado com acréscimo de *-s* ao singular ; não vem do ac. plural latino, que é *istos*.

---

(1) Nunes, *Gram. Hist.*, pág. 242.

(2) V. Brunot, *Hist. de la Langue Franç.*, I, 83.

esta < lat. **ĭsta**.

aqueste (arc.) < **eccu+iste** ou **atque+iste**.

aquesta (arc.) < **eccu+ista** ou **atque+ista**. O latim vulgar usava certos elementos, entre os quais *eccu-* e *atque-*, como prefixos demonstrativos de adjetivos determinativos : mesmo em textos arcaicos não são raros compostos como *eccillum, eccillam, eccillud, eccistam.* (Veja-se GRANDGENT, *Vulgar Latin*, pág. 14, § 24 ; LINDSAY, *The Latin Language*, pág. 432, § 15, e BRUNOT, *Hist. de la Lang. Fr.*, I, pág. 83).

esto (arc.)
isto } < lat. **istud**.

aquesto (arc.)
aquisto (arc.) } < **eccu+istud** ou **atque+istud**.

esse < **ĭsse** < **ĭpsse**
essa < **ĭssa** < **ĭpsa** } Houve mudança de sentido, pois **ipse** = mesmo, (eu, tu, êle) mesmo.

aquesse (arc.) < **eccu+ipse** ou **atque+ispe**.

aquessa (arc.) (1) < **eccu+ipsa** ou **atque+ipsa**.

esso (arc.)
isso } < **ipsu(m)** ou **ipsud**. (Sôbre **ipsud** veja-se GRANDGENT, *Vulgar Latin*, pág. 163, § 390).

***aquesso** (arc.)
aquisso (popular) (2) } < **eccu+ipsu** ou **atque+ipsu**.

---

(1) O sr. FERNANDO DE CAMPOS, no *Correio do Estado* (Mato Grosso), de 10-x-1925, mostrou o pronome *aquessa* no *Cancioneiro Geral*, pág. 135 e 306 do tômo IV, edição de G. Guimarães, e o DR. LEITE DE VASCONCELOS ouviu-o pelo concelho de CASTEL-BRANCO e no Alto-Alentejo. (Vid. LEITE DE VASCONCELOS, *Lições*, 2.ª ed., p. 55, n.º 4).

(2) LEITE DE VASC., *Lições*, 57.

aquele < **eccu+ĭlle** ou **atque+ĭlle.**

aquela < **eccu+ĭlla** ou **atque+ĭlla.**

elo (**ello**) (arc.) < **ĭllud.**

o < **lo** < **illud.**

aquelo (arc.) }
aquilo } < **eccu+illud** ou **atque+illud.**

mesmo < **meesmo** (arc). < ***medipsimu** < **metípsimu.**

mesma < **meesma** (arc.) < ***medipsima** < **metípsima**

medês (arc.) < ***medesse** < **metipse.**

-met era a princípio uma partícula pospositiva de refôrço, muito usada com os pronomes pessoais ; em combinações como *semet ipsum* ela desaglutinou-se do vocábulo anterior e foi incorporar-se no seguinte : *se metipsum.* O nominativo *metipse* produziu o port. arc. *medês.*

Mas havia outra forma de *ipse: ipsimu, ipsima.* Anteposta a esta a partícula *met-*, ficava **metipsimu*, **metipsima*, mencionados acima.

(Veja-se Grandgent, *Vulgar Latin*, 14, § 24 ; Brunot, *Hist. de la Lang. Franç.*, I, 83 ; Lindsay, *The Lat. Lang.*, 421, 423, 429).

São de D. Diniz (1261-1325) os seguintes versos :

"ũa pastor se queixava
. . . .
e sigo medês falava".

(*Antologia Geral da Literatura Portuguesa*, de Fidelino de Figueiredo, 1917, 626).

Neles se vê o artigo arc. *ũa*, o pronome *sigo* (consigo), o subt. *pastor* (=pastora) e o pronome *medês* (=mesma), confirmando estas duas últimas palavras um fato já aquí

assinalado (pág. 126, *h*) : que os nomes em *-or* e *-ês* tinham uma só forma para ambos os gêneros.

202. *d*) Relativos e interrogativos

que < lat. **qui** e **quid**. (1)

quem < lat. **quem**.

qual < lat. **quale**.

cujo < lat. **cuiu**.

quanto < lat. **quantu**.

203. *e*) Indefinidos

1) Pronomes adjetivos

todo < lat. **totu** ; **tôda** < lat. **tota**.

algum < arc. **algũu** < lat. **aliq'unu**.

alguma < arc. **algũa** < lat. **aliq'una**.

nenhum < arc. **nẽũu** < arc. **neũu** < **ne ũu** (êste *ne* é o *nec* làtino com a queda normal do *-c*).

nenhuma < **nenhũa** < arc. **neũa** < arc. **neũa** < **ne ũa**.

arc. **nengũu** < **negũu** < ***necunu** (**nec+unu**).

certo < lat. **certu** ; **certa** < lat. **certa**.

---

(1) Há quem derive *que* do lat. *quem*, fundido com *quid* ; e quem o tire de *quod*. Vid. Nunes, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., pág. 268, e Zauner, *Romanische Sprachwissenschaft*, I, 1921, pág. 140.

ambos < lat. **ambos** ; **ambas** < lat. **ambas**.

cada < lat. **cata** (=grego **κατά**). Veja-se Grandgent, *Vulgar Latin*, 37, § 71.

muito < lat. **multu** (*ult*>*uit* : cultellu>cuitelo>cutelo).

pouco < lat. **paucu**.

mais < lat. **magis**.

tanto < lat. **tantu**.

tal < lat. **tale**.

um < lat. **unu**.

outro < lat. **alt(e)ru**.

2) Pronomes substantivos

al (=outra coisa) < **ale** por *aliud* (analogia com *tale-*, *quale-*), ou **alid**.

algo (=alguma coisa) < lat. **aliquod**.

alguém < lat. **aliquem**, pronunciado oxítono, e com a nasal final talvez por influência de *quem*.

ninguém < ***neguém** < lat. **ne(c)quem**.

outrem < **outr(o)** + terminação *-em* de *quem*, *alguém*, *ninguém*. Talvez tenha sido oxítono, *outrém*, e se haja tornado paroxítono por analogia com *outro*. De fato, D. Carolina Michaëlis observou no "Cancioneiro da Ajuda" *outren* em rima com *ren*, *ten*, *sen*, *ben*, *aven*.

nada < lat. (**res**) **nata**. Lat. *res*=coisa; lat. *nata*=nascida, existente.

rem (=coisa) < lat. **rem**, acusativo de *res*. (A respeito da conservação do *-m* na escripta, veja-se pág. 83).

arc. **todo** (=tudo) < lat. **totu**. ("E fez o despenseiro *todo* como lhe mandou seu senhor Josep". — *Crest. Arc.*, de NUNES, 93).

tudo deve provir de **totu** ; mas como explicar o *u* tônico?

homem (usado como o fr. *on*) < lat. **homine**.

"Desque *homem* nasce té que morre, não trata cousa de mor pêso, que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente". (SÁ DE MIRANDA, *Obras*, 1784, II, 116).

"Na verdade, jamais *homem* há visto
Cousa na terra semelhante a isto".

(MACHADO DE ASS., *Poes.*, 1901, 302).

3) PRONOMES COMPOSTOS

Há pronomes compostos de palavras portuguesas: *cada um, cada qual, qualquer* (plural *quaisquer*), *quenquer, quem quer que, viv'alma, estoutro, essoutro, aqueloutro*, etc.

V. Artigos

204. *a*) DEFINIDO

O determinativo lat. *illu* passou a **elo* pela ação regular das leis fonéticas. De *elo, tornado átono em próclise e com aférese da vogal inicial (v. pág. 36 e 70), resultou a forma *lo* do nosso artigo, visível em expressões como as seguintes:

"so *lo* avelanal" (=sob o avelanal)
"so *lo* verde pinho" (=sob o verde pinho).

O primeiro dêstes exemplos é extraído de uma cantiga de Nuno Fernandes Torneol, transcrita a pág. 311 da *Crestomatia Arcaica* de NUNES, e o outro, que é de Pero Gonçal-

ves, de Portocarreiro, tirei-o da cantiga XII da pág. 315 da mesma obra.

Nas páginas 50 e 79 da 2.ª edição da referida crestomatia vemos também o artigo arcaico *lo*:

"estremados ẽ beldade de caualaria sobre *las* gẽtes do mũdo".

"E depoys partiron-nas pelos bispos e pelos arcebispos de Lonbardia, nas arcas sobre *los* altares, por rreligas".

A passagem de *lo* para *o* se explica pela queda do *l* tornado intervocálico quando precedia ao artigo uma palavra acabada em vogal, e com a qual o artigo, pela sua atonicidade, se agregava na pronúncia.

As outras formas do artigo definido são:

a < **la** < ***ela** < lat. **illa**.

os < **los** < ***elos** < lat. **illos**.

as < **las** < ***elas** < lat. **illas**.

205. *b*) Indefinido

Provém do numeral latino *unus*:

um < arc. **ũu** < lat. **unu**.

uma < arc. e pop. **ũa** < lat. **una**.

VI. Verbos (1)

206. A etimologia dos verbos portugueses constitue matéria das mais complexas da nossa filologia, e daquelas em que, por falta de documentação de formas que as línguas ro-

(1) Releia-se o 5.º ponto na parte concernente à conjugação.

mânicas denunciam e que, portanto, devem ter existido, mais abundam as hipóteses científicas; além disso, não se lhe pode fazer um estudo satisfatório sem conhecimentos um pouco desenvolvidos de latim. Por isso procurarei ministrar apenas algumas noções gerais, mantendo ao livro o seu caráter elementar.

207. As formas verbais portuguesas em regra se originam de formas do latim popular, modificadas fonèticamente de acôrdo com as leis ou tendências já por nós indicadas (pág. 71-89), ou são criações analógicas, realizadas já em plena língua portuguesa.

208. Recordando-se o que se disse no 5.º ponto (pág. 53-55), pode-se organizar o seguinte quadro indicador da origem das flexões verbais portuguesas:

presente do indicativo < pres. do ind. latino.

imperf. do indicativo < imperf. do ind. latino.

perfeito do indicativo < perf. do ind. latino (do qual existiam duas formas: simples e composta; v. pág. 53).

mais-que-perf. do indicativo < mais-que-perf. do ind. latino (do qual existiam duas formas: simples e composta; v. pág. 53).

futuro do indicativo < infinitivo latino + presente do ind. de *habere.*

presente do subjuntivo < presente do subj. latino.

imperfeito do subjuntivo < mais-que-perfeito do subj. latino.

perfeito do subjuntivo (forma-se com o presente do subj. de *ter* ou *haver*+o particípio passado do verbo principal).

mais-que-perf. do subj. (forma-se com o imperfeito do subj. de *ter* ou *haver* + o particípio passado do verbo principal).

futuro do subjuntivo < confusão do futuro anterior do indicativo latino com o perfeito do subjuntivo latino.

condicional < infinitivo latino + imperfeito do indicativo de *habere*.

imperativo < imperativo presente latino.

infinitivo presente < infinitivo presente latino.

infinitivo perfeito (forma-se do infinitivo presente de *ter* ou *haver*+o particípio passado do verbo principal

particípio presente < gerúndio ablativo latino.

particípio passado < particípio passado passivo latino.

209. As flexões verbais do latim formavam quatro conjugações (v. pág. 44) :

I — infinitivo em *-are* : *amare* ;

II — infinitivo em *-ēre* : *debēre* ;

III — infinitivo em *-ĕre* : *legĕre* ;

IV — infinitivo em *-ire* : *partire*.

Os verbos da III passaram ou para a II ou para a IV. Como resultado, a III desapareceu na transição do latim para o português.

210. Ficaram, pois, em português três conjugações : a I, com o infinitivo em *-ar*, correspondendo à I do latim ; a II, em *-er*, correspondendo à II do latim e contendo muitos verbos que tinham sido da III latina ; e a III, em *-ir*, correspondendo à IV do latim, e abrangendo bastantes verbos que haviam pertencido à III conjugação latina, e mesmo à II.

211. No quadro seguinte indicamos a origem das desinências das nossas flexões verbais.

a) Indicativo

Presente do indicativo port. < presente do indicativo latino.

Terminações :

	Português	Latim popular
I conjugação	-o	-o
	-as	-as
	-a	-at
	-amos	-amus
	-ades, -ais	-atis
	-am	-ant
II conjugação	-o	-o
	-es	-es (-ĭs)
	e	-et (-ĭt)
	-emos	-emus
	-edes, -eis	-etis
	-em	-ent
III conjugação	-o	-(i)o
	-es	-is
	-e	-it
	-imos	-imus
	ides, -is	-itis
	-em	-ent

Imperfeito do indic. port. < imperf. do indic. latino.

Terminações :

	Português	Latim popular
I conjugação	-ava	-aba(m)
	-avas	-abas
	-ava	-abat
	-ávamos	-ábamus
	-ávades, -áveis	-ábatis
	-avam	-abant

	Português	Latim popular
II CONJUGAÇÃO	-ia	*-ea(m)
	-ias	*-eas
	-ia	*-eat
	-íamos	*-éamus
	íades, -íeis	*-éatis
	-iam	*-eant
III CONJUGAÇÃO	-ia	*-ia(m)
	-ias	*-ias
	-ia	*-iat
	-íamos	*-íamus
	-íades, -íeis	*-íatis
	-iam	*-iant

Perfeito do indic. port. < perfeito do indic. latino.

TERMINAÇÕES :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ei	-ai
	-aste	-asti
	-ou	-aut
	-ámos	-amus
	-astes	-astis
	-árom, -aram	-arunt
II CONJUGAÇÃO	-i	*-í
	-este	-esti, ĭsti
	-eu	*-eut (ĭut)
	-emos	*-emus
	-estes	-estis, -ĭstis
	-êrom, -eram	*-erunt
III CONJUGAÇÃO	-i	*-íi
	-iste	-isti
	-iu	*-íut
	-imos	-imus
	-istes	-istis
	-írom, -iram	*-irunt

Mais-que-perf. simples do ind. port. < mais-que-perf. do indic. latino.

TERMINAÇÕES :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ara	-ara(m)
	-aras	-aras
	-ara	-arat
	-áramos	-áramus
	-árades, -áreis	-áratis
	-aram	-arant
II CONJUGAÇÃO	-era	-ēram
	-eras	-ēras
	-era	-ērat
	-êramos	-éramus
	-êrades, -êreis	-ératis
	-eram	-ērant
III CONJUGAÇÃO	-ira	-iram
	-iras	-iras
	-ira	-irat
	-íramos	-íramus
	írades, íreis	-íratis
	-iram	-irant

b) SUBJUNTIVO :

Presente do subj. port. < presente do subj. latino.

TERMINAÇÕES :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-e	-e(m)
	-es	-es
	-e	-et
	-emos	-ēmus
	-edes, -eis	-ētis
	-em	-ent

	Português	Latim popular
II CONJUGAÇÃO	-a	-a(m)
	-as	-as
	-a	-at
	-amos	-amus
	-ades, -ais	-atis
	-am	-ant
III CONJUGAÇÃO	-a	-(i)a(m)
	-as	-(i)as
	-a	-(i)at
	-amos	-(i)amus
	-ades, ais	-(i)atis
	-am	-(i)ant

Imperfeito do subj. port. < mais-que-perf. do subj. latino.

TERMINAÇÕES :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-asse	-asse(m)
	-asses	-asses
	-asse	-asset
	-ássemos	-ássemus
	-ássedes, -ásseis	-ássetis
	-assem	-assent
II CONJUGAÇÃO	-esse	-esse(m)
	-esses	-esses
	-esse	-esset
	-êssemos	-éssemus
	-êssedes, -êsseis	-éssetis
	-essem	-essent
III CONJUGAÇÃO	-isse	-isse(m)
	-isses	-isses
	-isse	-isset
	-íssemos	-íssemus
	-íssedes, -ísseis	-íssetis
	-issem	-issent

Futuro do subj. port. < fusão do futuro anterior do indic. com o perfeito do subj. latino.

TERMINAÇÕES:

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ar	-are (-arim, -aro)
	-ares	-aris
	-ar	-arĭt
	-armos	-arĭmus
	-ardes	-arĭtis
	-arem	-arint
II CONJUGAÇÃO	-er	-ē̆re (-erim, -ero)
	-eres	-ē̆ris
	-er	-ē̆rit
	-ermos	-ē̆rĭmus
	-erdes	-ē̆rĭtis
	-erem	-ē̆rĭnt
III CONJUGAÇÃO	-ir	-ī̆(e)re (-iĕrim, -iĕro)
	-ires	-ī̆(e)ris
	-ir	-ī̆(e)rit
	-irmos	-ī̆rĭmus (por -ierĭmus)
	-irdes	-ī̆rĭtis (por -ierĭtis)
	-irem	-ī̆(e)rĭnt

c) IMPERATIVO

Imperativo português < imperativo latino (formas do pres.).

TERMINAÇÕES:

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-a	-a
	-ade, -ai	-ate
II CONJUGAÇÃO	-e	-e
	-ede, -ei	-ete
III CONJUGAÇÃO	-e	-i
	-ide, -i	-ite

d) Infinitivo

Infinitivo pres. port. < infinitivo pres. latino.

Terminações :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ar	-are
II CONJUGAÇÃO	-er	-ere
III CONJUGAÇÃO	-ir	-ire

e) Infinitivo pessoal

Há dúvida àcêrca da sua etimologia : supõem-no alguns flexionado por analogia com os modos finitos ; outros, seguindo o sr. Dr. José Maria Rodrigues, o derivam do imperfeito do subjuntivo latino.

f) Particípio

Particípio presente português < gerúndio ablativo latino.

Terminações :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ando	-ando
II CONJUGAÇÃO	-endo	-endo
III CONJUGAÇÃO	-indo	-indo (por *-iendo*)

Particípio passado português < particípio passado latino.

TERMINAÇÕES :

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-ado	-atu
II CONJUGAÇÃO	-udo (arc.) -ido	-ūtu -ītu (analogia com particípios da IV lat.)
III CONJUGAÇÃO	-ido	-ītu

Observações

212. I. Convém não esquecer que o latim donde procedem as nossas terminações é o popular, cujas formas, contudo, não raro coincidem com as do latim clássico.

Muitas das terminações do latim popular inscritas no quadro anterior e dadas como origem de terminações portuguesas, podem ser documentadas ; outras, porém, são induzidas de formas existentes em português e em outras línguas românicas, e devem-se admitir, a-pesar-de não terem documentação conhecida em seu abono.

Entre as que sabemos que existiram, pois se encontram em textos e inscrições ou foram censuradas pelos gramáticos, estão, por exemplo, a 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo da I conjugação, em *-aut* (LINDSAY, *The Latin Language*, 163 ; BOURCIEZ, *Ling. Romane*, § 91, *a*) ; a 1.ª pessoa do singular do mesmo tempo e conjugação, em *-ai* (GRANDGENT, *Vulgar Latin*, § 424); *deleram* por *deleveram*, usado por SÍLIO ITÁLICO (1), e que representa uma contração analógica a *amaram* por *amaveram*. (Aquela ter-

(1) V. SARAIVA, *Dic. Lat.*, s. v. *deleram*.

minação contrata *-eram* generalizou-se aos nossos verbos, chamados regulares, da II conjugação).

213. II. Às vezes precedem às terminações latinas as semivogais *i* (*e*) ou *u*, que, na passagem para o português, seguem um dos destinos a que estão sujeitas ; isto é, em geral :

a) caem : *debeo* (1.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *debere*) > *devo ;*

b) formam grupo com a consoante anterior, e êsse grupo transforma-se em outro fonema : *valeo* (1.ª pess. sing. pres. ind. do v. *valere*) > *valho ; teneo* (v. *tenere*) > *tenho ; facio* (v. *facere*) > *faço ; ardeo* (v. *ardere*) > *arço* (arc.) ; *audio* (v.*audire*) > *ouço ;*

c) mudam de lugar, passando para depois da vogal tônica, com a qual constituem ditongo, que permanece ou se transforma : *habui* (pret. do v. *habere*) > **hauvi* > *houve ; sapui* (pret. do v. *sapere*) > **saubi* > *soube ; *offerio* > arc. *ofeiro*.

214. III. A terminação *-e* costuma cair quando a consoante que a precede pode formar sílaba com a vogal anterior : *poni(t)* > *pom* (arc., hoje *põe*) ; *sole(t)* > *sol* (arc., hoje *sói*) *; faci(t)* > *faz*, etc.

215. IV. Bastantes formas verbais fortes em latim, isto é, com acentuação no radical, conservaram-se tais em português, e as nossas flexões, delas derivadas, podem apresentar terminações diferentes das que estão no quadro : *sapui* > *soube* (e não *sabí*, que seria a forma analógica com *deví, temí*) *; vídeři(m)* > *vir* (fut. do subj. de *ver*), etc.

216. V. A passagem de *-éa* (imperf. ind. da II conj.) para *-ía* é possível por estarem as duas vogais formando hiato : cf. *mea* > *mia* > *mĩa* > *minha ; dia* (por *dies*), que, visto ser breve o *i*, devia dar-nos *dea*, tem contudo em português a forma *dia*, por causa do hiato.

VII. Advérbios

217. De lugar:

acá, arc. < **eccu+hac** (hoje *cá*).
alá, arc. < **ad+illac** ou, simplesmente, *illac* (1).
acolá < **eccu+illac.**
aquí < **eccu+hic.**
alí < **ad+illic** ou, simplesmente, *illic* (1).
acima < **ad+cima.**
abaixo < **ad+*basseu.**
arriba < **ad+ripa.**
algur, arc.; hoje **algures** < ? (2)
alhur, arc.; hoje **alhures** < ? (2)
nenhures, talvez formação analógica a *algures* (2).
avante < **ab+ante.**
alende, arc. (hoje **além**) < **ad+illi(c)+inde.**
aquende, arc. (hoje **aquém**) < **eccu+inde.**
atrás < **ad+trans.**
detrás < **de+trans.**
dentro < **de+intro.**
diante < **de+in+ante,** ou talvez **de+ante.**
ende / **en** } (arc.) < **inde** (*ende, en=daí*).

---

(1) Nunes, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., pág. 60.
(2) Veja-se a hipótese apresentada por Nunes (*Digressões Lexicológicas*, 1928, pág. 79-84) a respeito da origem de "alhures", "algures" e "nenhures".

foras, arc. (hoje **fora**) < **foras**.

i, arc. (hoje **aí**) < **hic** ou **ibi**.

longe < **longe**.

preto, arc. (hoje **perto**) < **?**

onde < **unde**.

u, arc. < **huc** ou **ubi** (*u* (1) =*onde*).

218. De tempo :

agora < **hac+hora**.

amanhã < **a+manhã** < **ad+*maniana**.

antes < **ante**. (Com *-s* paragógico, talvez por analogia com outros advérbios terminados em *-s*, como *magis* > port. *mais*, *plis* > port. arc. *chus*, *foras* > port. arc. *foras*. Em francês também um *-s* analógico surge em advérbios ou preposições : *sine+s* > *sans*, *onques*, *sempres*, *avuecques*, *guères*, *tandis*, *jadis* : v. Joseph Anglade, *Grammaire Elémentaire de l'Ancien Français*, 1918, pág. 147.

cras, arc. < **cras** (significa *amanhã*).

cedo < **cito** (*i* breve=*e*).

tarde < **tarde**.

eire ou **eiri**, arc. < **heri** (significa *ontem*).

entonce arc. < **in+tuncce**.

estonce, arc. < **ex+tuncce**.

então < **entom**, arc. < **in+tunc**.

---

(1) "E vêo Josep e entrou *u* êles estavan" (*apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 93).

inda ou **ainda** < ?

já < **iam**.

logo < **loco**.

nunca < **nunquam**. (Na língua arcaica "nuncas" com *-s* paragógico. V. o que se disse a propósito de "antes").

hoje < **hodie**.

ontem < **a+noite** < **a(d)+nocte**, segundo CORNU (v. pág. 93).

ora < **ad+hora** (v. NUNES, *Gram. Hist.*, 354).

ogano, arc. < **hoc+anno** (significa *nêste ano*).

antano, arc. < **ante + anno** (significa *no ano passado*). (Aparece com frequência a forma *antanho*, de feição castelhana : um dos capítulos do *Braz Cubas* de Machado de ASSIZ se intitula *Flores de antanho*).

embora < **in+bona+hora**.

despois, arc. e pop.
depois
} Compostos de *pois*, sendo incerta a origem dêste (1). PIDAL, *Manual de Gram. Histórica Espanhola*, 5.ª ed., 1929, pág. 294, dá para o castelhano uma explicação que pode servir ao português : *de+post*, ant. *depués ; de+expost*, *después*. Isto é, admitido que o nosso *pois* provenha de *post*, teremos : *depois* < < *de+post ; despois* < *de+ex+ +post*, como *desde* < *de+ex+de*.

---

(1) Em Rodrigues Lôbo, *E'glogas*, pág. 73 da edição do DR. JOSÉ TAVARES, há *sois* por *sós*. Igualmente em BERNARDIM RIBEIRO (pág. 97 das *Obras* de BERNARDIM RIBEIRO e CRISTÓVÃO FALCÃO, Coimbra, 1932, II) : "nam lhe derõ mais vagar nem tam *sois* pera lhe acordar ho fugir do tempo". *Pois* não estará para *pós* (< *post*) como *sois* para *sós*? O timbre fechado do *o* em *pois e sois* explica-se bem pela influência do *i*.

após < **ad+post.**

quando
cando, arc. e pop. } < **quando.**

219. De negação e afirmação:

não < **nom,** arc. < **non.**

sim < **si,** arc. < **sic.**

220. De modo

como < **quomo,** encurtamento de **quomodo.** (Houve as formas arcaicas *coma* e *come,* ainda populares).

assim < **assi,** arc. < **ad+sic.**

bem < **bene.**

mal < **male.**

talvez < **tali vice.**

quiçá, quiçais < **quid + sapit, quid + sapis** (v. Dr. Leite de Vasconcelos. *Lições de Filologia,* 359).

(Quanto a advérbios em *-mente,* v. pág. 121).

221. De quantidade

assaz < **ad+satie.**

chus, arc. < **plus** (significa *mais*).

mais < **magis.**

meos, arc. < **mẽos**, arc. } < **minus**.
menos (forma atual) }

muito < **multu** (como *cuitelo*, arc. < *cultellu*, *abuitre*, arc. < *vúlture*, etc.).

nada < (**res**) **nata**.

pouco < **paucu**.

222. De designação :

eis < ***hais** (por *habetis*). (Veja-se J. J. Nunes, *Gramática Histórica*, 355).

223. De causa :

porende, porém, arc. < **per inde** (significa *por isso*).

224. VIII. Preposições

a < **ad**.

ante < **ante**.

após < **ad+post**.

até < **?**

com < **cum**.

contra < **contra**.

de < **de**.

dês < **de+ex**.

desde < **de+ex+de**.

em < **in**.

entre < **inter.** Formas arcaicas: *antre* e *ontre.*

pera, arc.
para } < **per+ad.**

per < **per.**

perante < **per+ante.**

por < **pro,** convertido em ***por,** talvez por influência de **per.** (1)

sem < **sine** (*i* breve=*e*).

sob, so arc. < **sub** (*u* breve=*ô*).

sôbre < **super** (*u* breve=*ô*).

trás < **trans.**

Obs.: Não se estranhe a copiosa junção de preposições no latim popular: em português ainda usamos o mesmo processo, como se vê nesta frase de Eça de Queiroz: "a lua... surde, como a escutar, *por detrás dos* negros montes". Aí sucedem-se quatro preposições: *por+de+trás+de.*

225. IX. Conjunções

e < **et.**

nem < **nec.**

mais (arc.)
mas } < **magis.**

se < **si.**

ca (arc.) < ***qua** < **quia** (causal).

ca (arc.) < **quam** (comparativa).

---

(1) Grandgent, *Latín Vulgar*, Madrid, 1928, pág. 31.

ou < **aut.**

vel (arc.) < **vel.**

perém (arc.) < **per inde.**

porém < ***por inde, pro inde.**

pero < **per hoc.**

como < **quomodo**, abreviado em ***quomo** (1). Formas arcaicas : *come* e *coma.*

quando < **quando.**

que < **quid.**

(1) BOURCIEZ, *E'lém. de Linguist. Romane*, 2.ª ed., pág. 118, § 129, *c*), e GRANDGENT, *Introducción al Latín Vulgar*, Madrid, 1928, pág. 183, § 283

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras (1)

1. Substantivo

226. Em geral, o substantivo figura na frase como :

a) *sujeito :*

"O *trabalho* é amargo, mas os seus *frutos* são doces e aprazíveis". (MARQUÊS DE MARICÁ).

b) *predicativo :*

"é *favor*, dado a tempo, um desengano".
(DURÃO, *Caramurú*, VI, 39).

c) *objeto direto :*

"Ó guerreiros, meus *cantos* ouví".
(G. DIAS, *O canto do piaga*).

d) *objeto indireto :*

"Tirar Inês ao *mundo* determina".
(CAMÕES, *Lus.*).

e) *apôsto*, que pode ser simplesmente enumerativo ou explicativo :

---

(1) A substância dêste ponto foi dada na Escola Normal a propósito de fatos ocorrentes nos trechos lidos em classe, nos exercícios de redação e composição, e nos de análise lógica. Aquí reúno tudo isso que foi ministrado esparsamente, e acrescento a necessária documentação, haurida em bons autores, entre os quais saliento MACHADO DE ASSIZ, porque o acho, não só pela excelência da concepção mas também pela da forma, um dos mais notáveis artistas da nossa língua e o nosso maior prosador, feita a comparação com mortos e vivos.

"Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, *pessoa* e *modos*." (M. DE ASS., (1) *Várias Hist.*, 108).

"...Traz do exílio
Um livro, *monumento* derradeiro
Que à pátria levantou".
(M. DE ASS., *Poesias*, 256).

ou exprimir tempo, causa, comparação, modo de ser, etc. :

"*Rainha* esquece o que sofreu vassala".
(BOCAGE, *A morte de Inez de Castro*).

"Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro de homem, penetrou no bosque!"
(G. DIAS, *Poesias*, I, 49).

f) *complemento de preço* ou *medida :* êste livro custa *muito dinheiro ;* o termómetro subiu *dois graus*.

g) *complemento que restringe a alguma coisa a significação geral de uma palavra :* basta *de lamúrias*, são sedentos *de glória*, cheirar *a cravo*.

h) *complemento circunstancial : esta noite* houve geada, partiu *com pressa*.

i) *complemento que indica o novo estado de uma coisa :* a lagarta virou *borboleta*, reduzir um metal *a pó*.

j) *vocativo :* "não chores, meu *filho*".

227. Aparece às vezes empregado como adjetivo, e disto nos dão exemplo as seguintes expressões : É muito *verdade* o que lhe estou dizendo : "palavras-*ouriços*" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 295) ; "tempo *bonança*" (F. MENDES PINTO, *Peregr.*, I, 9 e 38) ; "ventos *bonanças*" (ID., *ibid.*,

---

(1) Daquí por diante o nome de Machado de Assís, que, em obediência à ortografia oficial, eu deveria escrever, como já escreví, como -*z* final, e não -*s*, aparecerá em abreviatura. Faço isso, porque êsse grande nome vai ser citado a cada passo, e convém não habituar a mocidade a uma grafia viciosa, mas antes incutir-lhe aversão a ela. Preparando-se dêsse modo o terreno, será mais fácil reaviar-se um dia ao bom caminho a nossa escrita.

15) ; «... é meu desejo Tê-lo [o céu fluminense] sereno assim, todo estrelado, Ou todo *sol*, aberto sôbre mim». (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 4.ª série, 1928, p. 42).

228. Funcionam como substantivos :

a) as palavras tomadas materialmente : *não* é advérbio;

b) adjetivos e particípios :

"Se o duro combate
Os *fracos* abate,
Aos *fortes*, aos *bravos*,
Só pode exaltar."
(G. Dias, *Poes.*, II, 62).

"Potiguares lá vão de fugida
Inda à fera mais tôrva e bravia
Disputando guarida dum dia
No mais *fundo* do vasto sertão !"
(G. Dias, *Poes.*, II, 32).

"o *benigno* dos ares e o *dadivoso* do solo." (Castilho, *Fastos*, I, XIX).

c) pronomes : "o sol nascente derribando ao *nada* muralhas de negrume" (Fagundes Varela) ; o nosso *eu*.

d) certos advérbios regidos de preposição : venho de *lá*. (Em frases como essa, *lá* não equivale a *naquele lugar*, e sim a *aquele lugar*).

e) certas combinações de preposição com substantivo :

"um *sem conto* (=uma infinidade) de povoações." (Castilho, *Fastos*, I, XXVI).

f) orações subjetivas, objetivas ou que, regidas de preposição, clara ou oculta, restringem o sentido geral de um substantivo ou adjetivo : Convém *que estudes*, quero *que você vá*, tenho esperança *(de) que êle chegue*, estou certo *(de) que ficará contente*.

229. Além disso, qualquer palavra ou expressão pode ser substantivada : "Mais vale um *toma*, que dois *te darei*".

"e pesais com vossa divina sabedoria, quem contra quem, os *porues*, e *pera ques*; e o que de tudo vêdes, calais e sofreis". (TOMÉ DE JESÚS, *Trabalhos*, I, 366).

230. Em certas locuções, ou com certos quantitativos e indefinidos, costuma-se empregar o singular de um substantivo em sentido coletivo em lugar do plural: *de pé descalço, de braço dado*, etc.:

"... *Quanta imagem* tôrva,
Pelo turbado espírito batendo
As fuscas asas, lhe tornou mais triste
Aquele instante fúnebre!"
(M. DE ASS., *Poes.*, 256).

"eu ouví *muito discurso*, quando era vivo, li *muita página* rumorosa de grandes idéias e maiores palavras." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 39).

"Dessas rosas *muita rosa*
Terá morrido em botão..."
(MANUEL BANDEIRA, *Libertinagem*, 1930, pág. 38).

Às vezes até vem, depois do substantivo do singular empregado como coletivo, uma palavra do plural, exprimindo a totalidade ou uma parte dos objetos designados por aquele substantivo:

"*Quanto mal* tam desvairado,
E *todos* para dar fim!?'
(CRIST. FALCÃO, *Crisfal*, ed. de S. da S., 18).

Alí vi um moço da caravela com um prego retrocido, per falta de anzolo, tomar *tanto pargo*, que *muitos dêles* se perdiam." (FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerário*, pág. 79).

"*muita casa* antiga, *algumas* do tempo do rei." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 164).

231. Ao revés, se usa o plural em vez do singular na designação numérica das páginas: *a páginas cinco*; na indicação das datas: *aos onze dias de maio* (= a 11 de maio), e na indagação das horas: *que horas são?* (1).

(1) O meu mestre SAID ALI faz-me ver que semelhantemente a "a páginas cinco" se dizia outrora ou podia dizer-se "nos anos de 1920". Dou êste exemplo: "No mês de maio dos anos do Senhor de mil e quinhentos e catorze" (FREI LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arc.*, 1763, I, 8).

232. É lícito pôr-se no plural o substantivo, qualificado por adjetivos do singular, quando êstes servem de diferençar coisas da mesma espécie ou natureza :

"O quarto e quinto *Afonsos*, e o terceiro."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 13).

"*o sexto, e sétimo preceitos divinos.*" (BERNARDES, *Nova Flor.*, I, 1706, pág. 242).

"*As vidas* intelectual e espiritual." (BERNARDES, *apud* M. BARRETO, *Novos Estudos*, 2.ª edição, pág. 230).

OBSERVAÇÃO. — Já em latim existia tal sintaxe : "*arationes* Campana et Leontina" (CIC.) ; "undeuicesimam et uicesimam *legiones* (T. LIVIO) (v. RIEMANN, *Syntaxe Latine*, 1908, pág. 51, § 24 bis).

Mais exemplos em português se podem ver a pág. 230-231 dos *Novos Estudos*, 2.ª edição, do nosso grande filólogo Mário Barreto.

233. Com a expressão *um e outro* é, porém, de regra ficar o substantivo no singular :

"Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros de *ũa e de outra banda.*"
(*Lus.*, II, 65).

"*Um, e outro sol.*" (CASTRO, *Ulisséia*, II, 13).

"*um e outro pinho.*" (ID., *ibid.*, II, 62).

"*por um e por outro lado.*" (HERCULANO, *apud* SILVEIRA, *Trechos Sel.*, 156).

"Sofia, antes de pôr o pé na rua, olhou para *um* e *outro lado*, espreitando se vinha alguém." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 349).

Do emprêgo do plural só conheço êste exemplo :

"Não eram bem despedidos de *um*, e *outro Arcebispos*, quando o Convento se encheu de alto a baixo da melhor gente da vila." (SOUSA, *Arcebispo*, II, Lisboa, 1763, pág. 205).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

2. Adjetivo

234. O adjetivo ou particípio passado costuma aparecer na frase como :

a) *adjunto atributivo :* rocha *empinada*, fonte *marulhosa.*

b) *predicativo* : "Fiquei *vexado* e *aturdido*" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 3.ª ed., 20).

c) *apôsto* (e neste caso designa o modo de ser, o estado da pessoa ou coisa no tempo em que se dá a ação do verbo (1), causa, tempo ou outra circunstância) :

"Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam as suas maçãs *verdes*, porque as não tinham *maduras*." (EÇA DE QUEIROZ).

"fonte... que vai *marulhosa*." (G. DIAS, I, 15).

"E nisto de *mimosa* o rosto banha em lágrimas ardentes." (CAMÕES, *Lus.*, II, 41).

235. É comum usar-se como substantivo o adjetivo acompanhado do artigo definido na forma do masculino singular :

"Desculpe V. Exa. *o tremido* da letra e *o desgrenhado* do estilo." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 237).

"comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 109.

"*O íngreme, o desigual, o mal calçado* da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas." (M. DE ASS., *Esaú e Jacó*, 1).

---

(1) EPIFÂNIO DIAS, *Sint. Hist.*, 52.

«pondo no empenho o *último* (=o resto) de suas fôrças e escorrendo em sangue... entre o umbral e a couceira se arroja". (CASTILHO, *apud* BARB. DE BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 1910, 445).

"por seu bem e salvação havia regado a terra com lágrimas arrancadas do *vivo* de seu coração." (ARRAIS, *Diálogos*, 1846, 9).

236. O adjetivo, na forma do masculino singular, também funciona como advérbio :

"(mulher) em cujos lábios
Só mentira e traição *eterno* habitam."
(G. DIAS, *Cantos*, Leipzig, 1865, I, 39).

Outrossim, ria *largo*, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 13).

"*Súbito*, nas ondas
Bate os pés, espumante e desabrido,
O corcel da tormenta."
(M. DE ASS., *Poes.*, 256).

"ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (M. DE ASS., *Várias Histórias*, 49).

Citem-se mais os modos de dizer, tão frequentes, como : falar *baixo*, dizer *alto*, partir *breve*, etc.

Neste caso o adjetivo costuma aparecer, como dissemos, na forma do masculino singular ; não é, porém, raro encontrá-lo concordando com um substantivo (e então pode-se classificar quasi sempre como *apôsto circunstancial*) :

"Oh ! sôbre a terra em que pousaste um dia,
Alma filha de Deus, ficou teu rasto
Como de estrêla que *perpétua* fulge !"
(M. DE ASS., *Poes.*, 257).

"A grande água o (1) levou como invejosa.
Nenhum pé trilhará seu derradeiro
Fúnebre leito ; êle repousa *eterno*
Em sítio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhe
Os frios restos."
(M. DE ASS., *Poes.*, 258).

---

(1) Trata-se de G. DIAS, que pereceu em um naufrágio, e nunca se lhe encontrou o corpo.

237. O adjetivo forma, substantivado ou não, certas locuções adverbiais: *de novo, ao certo, ao claro,* etc.

"vendo-se *ao claro* (=claramente) que..." (ARRAIS, *Diálogos*, 1846, 146).

238. Alguns adjetivos podem vir separados do respetivo substantivo pela preposição *de:*

"a boa *da* velha". (HERC., *Lendas e Narr.*, II, 128).

"uma excomungada *de* uma velha." (ID., *ibid.*, 164).

o mau *de* Tioneu." (CAMÕES, *Lus.*, VI, 6).

Um coitado *de* um pastor." (BERNARDIM RIBEIRO, *Éclogas*, 53).

"— Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta *de* sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluíu fazendo tinir o ouro na mão." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 299).

Outros exemplos, que extraio do aparato crítico (pág. 30) com que o sr. DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES enriqueceu a reimpressão "fac-similada" da 1.ª edição de 1572 dos *Lusíadas*, feita em 1921 pela Biblioteca Nacional de Lisboa:

"O triste *de* dom Johám." (*Canc. Geral*).

"O coitado *de* Andrade." (*Eufrosina*).

"O namorado *do* mouro Jusquibel." (*Memorial das proezas da seg. Távola Redonda*).

Sobretudo em certas frases exclamativas é costume vir depois do adjetivo (*triste, pobre, infeliz,* etc.) a preposição *de:*

"*Pobre de mim* que vivendo não no deserto, mas em povoado, não cesso de regalar êste corpo miserável." (ARRAIS, *Diálogos*, 441).

"Dizei vós: Triste *do* bardo!
Deixou-se de amor finar!"

(G. DIAS, *Poes.*, II, 93).

239. O adjetivo empregado como advérbio às vezes concorda por atração com o adjetivo que modifica ou com o substantivo ou pronome a que se refere :

"meios mortos" ou "meio mortos" (v. pág. 129).

"Da cavalgada ao mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais *barata*".
(CAMÕES, *Lus.*, I, 90).

240. A gradação (1) do adjetivo faz-se geralmente por meio de um advérbio (*mais*, o arc. *chus*, *menos*, *tão*, *muito*, etc.). Há, contudo, formas sintéticas, tanto comparativas como superlativas : *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*, *inferior*, *superior*, *máximo*, *mínimo*, *ótimo*, *péssimo*, *ínfimo*, *supremo*, *sumo*, *grandíssimo* (e todos os formados com o sufixo *-íssimo*), *acérrimo*, *aspérrimo*, *facílimo*, etc.

241. As formas comparativas sintéticas dispensam o advérbio *mais*, pois a gradação está implícita nelas, e as superlativas, por análogo motivo, não se devem usar com o advérbio *tão*, nem *muito*. Também diversos adjetivos, dada a sua significação, repugnam qualquer gradação. Entretanto, os grandes escritores, para beleza, vivacidade ou ênfase do estilo, não se pejam de infringir o ditame da lógica, e adotam expressões como as seguintes :

"o lugar *mais interior e inferior*." (VIEIRA, *Sermões*, V, 226).

"a enfermidade *mais universal*." (ID., *ibid.*, 266).

"um tão bom Deus, *tão imenso e infinito*." (HEITOR PINTO, *Imagem*, II, 58).

"a *mais principal* de suas obras." (ARRAIS, *Diálogos*, 1846, 146).

"...o menor gesto me afligia, *a mais ínfima* palavra, uma insistência qualquer." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 318).

"O rei não dormia, desesperado. Parecia-lhe humilhação infamante *tão tenacíssima* resistência." (COELHO NETO, *Apólogos*, 1910, pág. 51).

---

(1) V. MÁRIO BARRETO, *Novos Est.*, 2.ª ed., cap. VI.

242. As formas diminutivas dos adjetivos são às vezes empregadas com o valor de superlativos (1):

"eu (a agulha) é que vou aqui entre os dedos dela, *unidinha* a êles, furando abaixo e acima...." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 231).

243. Consignem-se certos modos analíticos de encarecer as qualidades, quasi exclusivos do estilo familiar ou do falar do povo: *escuro como breu* (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 163), *gabola até alí* (CORNÉLIO PIRES, *Conversas ao pé do ogo*, 1921, 136), *marota como ela só* (ID., *ibid.*, 114), *trabucador como êle só* (TAUNAY, *Inocência*, cap. V); *magro como um espêto* (ID., *ibid.*, 285), *arisca que é um Deus nos acuda* (ID., *ibid.*, 27); *uma dona de casa, que não lhe digo nada* (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 285), *podre de rico* (*Id.*, *Papéis avulsos*, 177); *feio como o pecado* (GARRETT, *Viag.*, I, 46); *bravo como as armas* (ALENCAR, *O Gaúcho*, I, 20); *homem podre de rico* (CASTILHO, *O doente de cisma*, 29); *estou loução como quê* (GIL VICENTE, *Obras*, 1562, CCXXXI v.); *alegre a mais não poder* (VALDOMIRO SILVEIRA, *Os Caboclos*, 1920, p. 2); *sovina até alí!* (LÚCIO CARDOSO, *Maleita*, 1934, p. 185); *bonita a valer*, etc.

* * *

O adjetivo concorda com o substantivo segundo regras que passamos a expor:

Adjetivo atributivo

244. 1.º caso: — O adjetivo modifica um só substantivo.

Regra: — Toma o gênero e número do substantivo único: *mar sereno, casa alta, rios caudalosos, flores amarelas.*

(1) JÚLIO MOREIRA, *Estudos*, II, 3.

245. 2.º caso : — O adjetivo modifica vários substantivos do mesmo gênero e do singular.

Regra : — O adjetivo toma o gênero dos substantivos e pode ir, arbitràriamente, para o plural ou para o singular :

"o âmago e substância da idealidade e poesia *britânicas*." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 291).

"gôsto e desgôsto mais *intensos*." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 36).

"a vontade e disposição *divina*". (ARRAIS, *Diálogos*, 433).

246. 3.º caso : — O adjetivo modifica vários substantivos do singular, mas de gêneros diferentes.

Regra :

a) Se o adjetivo (e também o particípio passivo usado como particípio absoluto) vem antes dos substantivos, em geral concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo :

"Não é *pequena* demonstração, e exemplo disto o muito, e perverso mal a que chegaram as línguas que murmuravam de Cristo Nosso Senhor." (FREI TOMÉ DE JESÚS, *Trabalhos*, I, 346).

"*Pasmando* Diogo e a multidão, que a ouvia,
Calam todos no assombro de admirados."
(DURÃO, *Caramurú*, VIII, 17).

OBS. : — O particípio passivo absoluto põe-se com mais frequência no masculino do plural :

"*Postos* Moisés, e Séfora em termos tão apertados, e perigosos como vimos... ¿que sucedeu?" (VIEIRA, *Sermões*, V, 1689, pág. 162).

b) Se vem depois dos substantivos, pode concordar em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou ir para o plural masculino ;

"vestindo a forma e gesto *humano*."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 77).

"Quando para matar a sêde insana
"Te vi fartar de sangue, e carne *humana*"
(Castro, *Ulisséia*, III, 72).

"sangue e água *verdadeiros*." (Bernardes, *apud* Mário Barreto, *Nov. Est.*, 2.ª edição, 197).

"a vida e o repouso *intimos*." (Herculano, *Eurico*, 11).

247. 4.º caso : — O adjetivo modifica vários substantivos do mesmo gênero, e entre os quais um pelo menos é do plural.

Regra : — O adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai para o plural :

"Vês aquí *as mãos e a lingua delinquentes*."
(Camões, *Lus.*, III, 39).

Faz-se também a concordância com o substantivo mais próximo :

"manifesto, e portentoso sinal do ardente amor às perfeições, e amabilidade *divina*." (Bernardes, *Luz e Calor*, 1696, pág. 330, 2.ª coluna).

"E pôsto que *aos olhos e juizo humano* parece isto serviço de leais vassalos, é obrigação de valerosos soldados." (Tomé de Jesús, *Trabalhos*, 1865, I, 139).

248. 5.º caso : — O adjetivo modifica vários substantivos de gêneros diversos e do plural.

Regra : — O adjetivo vai para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo :

"as paixões, os vícios, os afetos *personalizados*" (Herculano, *Lendas e Narr.*, II, 292).

"Acima de todos os homens eminentes, que levaram os baixéis e as armas *portuguesas* até os mais remotos confins do nosso globo, levanta-se Vasco da Gama." (Latino Coelho, *apud* Silveira, *Trechos Seletos*, 114).

"Nos portos e ilhas atrás *nomeadas*". (F. Mendes Pinto, *Peregr.*, I, 73).

OBS. : — O plural masculino também pode usar-se (principalmente quando entre o último substantivo e o adjetivo atributivo medeia uma palavra ou uma pausa.

"Em Amarração esperavam-nos alguns tios e tias *maternos*, com os quais íamos viver." (HUMBERTO DE CAMPOS, *Memórias*, 6.ª ed., I, pág. 109).

"...obra que vastos e importantes serviços veio prestar à nossa lexicologia, e onde se coligem muitos vocábulos e acepções não *mencionados* nos dicionários." (MÁRIO BARRETO, *De Gramática e de Linguagem*, 1922, I, 218).

"agastamentos, e ameaças *fingidos*". (MORAIS, *Dic.*, 1813, s. v. *bugio*).

"doestos e ironias mais *ferinos*". (COELHO NETO, *Fabulário*, 190).

"à descoberta de rios e terras ainda *desconhecidos*". (JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarani*, 2.ª ed., I, 24).

249. 6.º caso : — O adjetivo modifica vários substantivos de gêneros e números diversos.

Regra : — O adjetivo pode ir para o masculino do plural ou para o gênero e número do substantivo mais próximo:

"Com os cânones e com a disciplina *promulgados* em Trento." (HERCULANO, *apud* EPIFÂNIO, *Sint. Hist.*, 54).

Podia dizer-se : "Com os cânones e com a disciplina *promulgada* em Trento".

Adjetivo predicativo do sujeito

250. 1.º caso : — O sujeito é simples.

Regra : — O adjetivo vai para o gênero e número do sujeito :

"E de mais, quem vos diz que essa opinião, que vos parece *verdadeira e santa*, vos não parecerá com o tempo *absurda e má*, se de sincero coração a seguís?" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 313).

251. 2.º caso: — O sujeito é composto, e constituído de substantivos (ou expressões equivalentes) do mesmo gênero.

Regra: — O adjetivo vai para o número em que estiver o verbo, e para o gênero dos sujeitos:

"Agora a súplica dos olhos e a melancolia dêles eram mais *intensas* e puramente *voluntárias*." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 35).

"..., para conhecerdes experimentalmente que a virtude e glória não é *vossa*, senão *sua*." (BERNARDES, *apud* MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., pág. 199).

"já parecia a gente, e aquela cidade *desamparada* sem sua presença". (TOMÉ DE JESÚS, *Trabalhos*, II, 313).

252. 3.º caso: — O sujeito é composto, e constituído de substantivos (ou expressões equivalentes) de gêneros diversos.

Regra:

a) Se o verbo estiver no singular, o adjetivo vai para o singular e para o gênero do sujeito mais próximo, o qual deve ser do singular:

"onde está *metido* o sr. visconde e a Piedade?" (CAMILO, *apud* M. BARRETO, *Novos Est.*, 2.ª ed., 190).

"*Bom* é (digo outra vez) o ditame e sentença bem sabida de São Jerónimo, o qual assenta que..." (BERNARDES, *ibid.*, 197).

"Era *deserta* a vila, a casa, o templo."
(G. DIAS, *Poesias*, 121).

"o gôsto, e alegria dos ímpios, e mundanos, não pode ser *verdadeira*". (BERNARDES, *Nova Floresta*, I, 1706, 41).

"O Senhor da natureza,
De quem Céu, e terra é *chea*,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real sangue se preza:
Por Rei na Cruz se nomea".
(SÁ DE MIRANDA, *Obras*, I, 1784, 204).

"O esprito e carne é *pronta.*"
(Camões, *Lus.*, IV. 80).

"*Florido* fica o monte, o vale, e a serra".
(Ferreira, *Poemas Lusit.*, 1598, f. 74, v.º)

Obs. I: — Se os sujeitos são dois substantivos do singular e antecedem o verbo, que está no singular, o predicativo pode concordar com o primeiro sujeito, se êste predominar no espírito do escritor:

"Todo o estudo, e aplicação no serviço de Deus, quanto ao presente, não parece *deleitoso*, senão triste." (Bernardes, *Nova Floresta*, I, 1706, 270).

"O riso, ou alegria do pecador não é *animado* com vida do espírito." (Id., *ibid.*, 41).

Obs. II: — Se o verbo estiver no singular, mas fôr um infinitivo, cujo sujeito composto seja ao mesmo tempo objeto direto de um dos verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir*, *fazer* e análogos, pode o predicativo concordar em gênero e número com o substantivo mais próximo, embora esteja êste no plural:

"...e até o sol, e a lua, e as estrêlas, não deixamos *estar ociosas* desta pensão." (Vieira, *apud* S. da Silveira, *Trechos Sel.*, 1.ª ed., pág. 190).

b) Se o verbo estiver no plural, o adjetivo vai para o plural e pode ir para o masculino, ou para o gênero do sujeito mais próximo, quando êste é do plural:

"Mensageiros após mensageiros, cartas sôbre cartas são *vindos* de Toledo" (Herculano, *Lendas e Narr.*, II, 32).

"Por onde quer que os mocelemanos tinham atravessado ficavam *assentados* o silêncio do sepulcro e a assolação do aniquilamento." (Herculano, *Eurico*, 83).

"o céu e as árvores ficariam *assombrados*." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 269).

"A idéia, o motivo eram *os mesmos*." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 73).

"Eu tenho ouvido a pessoas doutas nestas matérias que êstes desejos e pretenções *são boas*, e louváveis, e capazes de se fazer voto de as promover, e aplicar." (Bernardes, *apud* M. Barreto, *Novos Est.*, 198).

"todos os deleites, e consolações que vem a parar no corpo, não são *verdadeiras*". (BERNARDES, *Nova Flor.*, I, 1706, 41).

"...nem tormentos, nem dôres eram *poderosas* para lhe tirar a vida, senão quando êle quisesse." (T. de JESÚS, *Trab.*, 1865, II, pág. 311).

253. OBS. I : Parece esporádica uma construção como a seguinte :

"Êste lugar, esta luz e esta hora eram para êle *funestas* !" (1) (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 179).

254. OBS. II : Assim como em latim se pode pôr no neutro o predicativo do sujeito, seja êste de que gênero fôr, quando se intenta expressar uma idéia como esta : "a torpeza é *uma coisa pior* que a dor" (turpitudo *peius* est quam dolor), assim em português o adjetivo predicativo aparece, em casos análogos, na forma do masculino singular, com o verbo "ser" também no singular, embora o sujeito seja do feminino, ou do plural :

"E' *pouco* ũa alma só, *pouco* ũa vida."
(ANTÓNIO FERREIRA, *Poem, Lusit.*, 1598, f. 2, v.º)

"Holá ! para uma só *é muito* dois maridos"
(CASTILHO, *As sabichonas*, 1872, pág. 217).

"— A sua mão está fria, observou a môça ao Rubião, apertando-a-lha ; porque não espera ? Água de melissa é muito *bom.* Vou buscar". (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 176).

"Uma semana é *pouco*, disse êle ; para pô-lo bom, bom, preciso ainda uns dous meses." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 353).

"Oh fala, fala sempre. — *E' doce* ao velho
Sons d'argentina voz, que as fibras tôdas
Do semivivo coração abalam."
(G. DIAS, *Poesias*, II, 118).

"Os dentes, em tu abrindo
A tua bôca, que *lindo* !"
(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, 1876, pág. 246).

(1) "fataes" na ed. de 1858.

Adjetivo predicativo, ou apôsto, do objeto direto

255. 1.º caso : O objeto direto é simples.

Regra : O adjetivo concorda com êle em gênero e número :

"Quando voltei ao seminário, na quarta-feira, achei-o *inquieto*". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 225).

"...um fraco rei faz *fraca* a forte gente".
(CAMÕES, *Lus.*, III, 138).

256. 2.º caso : O objeto direto é composto, e os objetos diretos componentes são todos do mesmo gênero.

Regra : O adjetivo toma o gênero dos objetos, e pode ir para o plural, ou para o número do objeto direto mais próximo :

"Quasi *inteiras* perdeste a alma e a vida."
(M. DE ASS., *Poes.*, 69).

"Ela, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento."
(CAMÕES, *Lus.*, IX, 24).

"Que os diáfanos céus, e escuro inferno
Vês a teu grão poder *ajoelhado*."
(CASTRO, *Ulisséia*, I, 30, *apud* MÁRIO BARRETO, *Novos Est.*, 202).

257. 3.º caso : O objeto é composto, sendo os objetos diretos componentes de gêneros diversos.

Regra : O adjetivo vai para o masculino plural, ou concorda em gênero e número com o objeto mais próximo :

"Os meus heróis eram... os que jogavam a vida num lance dramático e tinham o nome e as proezas *celebrados* pela bôca do povo." (HUMBERTO DE CAMPOS, *Memórias*, 6.ª ed., I, pág. 285).

"tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro *partidos*". (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 9).

"Nos femininos rostos vê *pintados*
Incerteza e terror."
(M. DE ASS., *Poesias*, 232).

"Vi setas e carcaz *espedaçados*."
(G. DIAS, *Os Timbiras*, Leipzig, 1857, pág. 56).

"Eu tenho *imaginada* no conceito
Outra manha e ardil que te contente."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 81).

"Vendo-se terra e mar no caso incerto,
De petrechos, canhões e armas *coberto*."
(DURÃO, *Caramurú*, VIII, 85).

Neste último exemplo *terra e mar* não é pròpriamente objeto direto, e sim sujeito ; mas a concordância do adjetivo predicativo não mudaria, se a frase fôra assim, isto é, sendo *terra e mar* objeto direto :

Vendo nós terra e mar no caso incerto,
De petrechos, canhões e armas *coberto*.

OBS. : Quando há idéia de reciprocidade, o plural torna-se obrigatório :

"Êle entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sôbre autoridade." (LIMA BARRETO, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Rio, 1915, pág. 174).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

3. Numerais

258. *Cem*, forma contrata de *cento*, usa-se como adjetivo e é invariável : *cem* livros, *cem* páginas.

259. *Cento* só se emprega hoje como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável : *cento e dois* livros, *cento e duas* páginas.

Outrora podia ser adjetivo :

"*Cent'* açoutes no lombo". (GIL VICENTE, *apud* JÚLIO MOREIRA, *Estudos*, I, 5).

"Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavaleiro houvesse *cento.*"
(CAMÕES, *Lus.*, III, 43).

No português arcaico aparecia, até, no feminino do plural, como se vê no seguinte exemplo do *Canc. da Vaticana*, citado por JÚLIO MOREIRA, (*Estudos*, II, 105):

"E nom est ũa velha nem som duas,
Mais som vel *centas.*"

260. Na designação dos séculos, capítulos, etc. e na dos papas e soberanos, costuma usar-se o ordinal até *décimo*, e, daí por diante, o cardinal :

"no capítulo *terceiro*". (VIEIRA, *Sermões*, VIII, 97).

"no capítulo *onze.*" (ID., *ibid.*, V. 116).

"Esta mesma dúvida excitou S. Tomaz na questão *vinte e duas* da terceira parte". (Id., *ibid.*, 252).

Pio *nono*, Leão *treze*, Carlos *quinto*, Luiz *quinze*.

261. Diz-se, não se mencionando o numeral, *número tantos, capítulo tantos*, etc. :

"era na rua do Sacramento, *número tantos*..." (M. de Ass., *Hist. sem data*, 63).

"explicar por um capítulo *tantos*, parágrafo *tantos*" (Herculano, *Lendas e Narr.*, II, 212).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

4. Pronomes

a) Pessoais

262. Formas que se empregam como sujeitos e como predicativos do sujeito :

eu	*tu*	*êle, ela*
nós	*vós*	*êles, elas*

"Quem me dera ser *tu*..." (Herculano, *Poesias*, 1860 pág. 88.)

Obs. : *Tu* e *vós* podem ser vocativos :

"Ó *tu*, que tens de humano o gesto e o peito."
(Camões, *Lus.*, III, 127).

"Ó *vós*, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece,
Cuidado ! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Vai sussurrar no céu, levado pelo vento..."
(Bilac, *Poesias*, 1921, pág. 162).

263. Formas átonas que se empregam como objetos diretos :

me	*te*	*o*	*a*
nos	*vos*	*os*	*as*
		se (reflexo, sing. e plur.)	

264. Formas átonas que se empregam como objetos indiretos :

me	*te*	*lhe*
nos	*vos*	*lhes, lhe*
		se (reflexo, sing. e plur.)

Lhe (sem *-s*) já se usou como plural, e ainda hoje se usa nas combinações *lho(s)*, *lha(s)* quando equivalem a *lhes+o(s)*, *lhes+a(s)*. (V. pág. 132).

Se é um tanto raro como objeto indireto, salvo na expressão *dar-se pressa*, bastante usada.

Exemplo de *se* objeto indireto :

"...o moço indignado contra si mesmo, *se* cortou o pé com uma cutela." (Manuel Bernardes, *apud* Mário Barreto, *Novos Estudos*, 2.ª ed., pág. 244, onde vêm mais exemplos).

É menos raro quando denota reciprocidade :

"Entre os dois travou-se então um longo diálogo em que *se* contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços." (Trindade Coelho, *Os meus amores*, 1901, 17).

265. Formas que se empregam regidas de preposição :

mim (arc. *mi*)	*ti*	*êle, ela*
nós	*vós*	*êles, elas*
		si (reflexo, sing. e plur.)

Ex. : "Vivei, Senhor, *em mim*, peregrinai *em mim*, *por todo mim* andai, e correi, pera que tudo *em mim* santifiqueis, e *a mim* só *em vós* assentai pera que só *a vós* ame." (Tomé de Jesús, *Trabalhos*, I, 134).

266. Com a preposição *com* diz-se *com êle(s)*, *com ela(s)*, mas *comigo*, *contigo*, *consigo*, *connosco*, *convosco*.

Usa-se *com nós*, *com vós* quando *nós* e *vós* estão modificados por atributo ou oração relativa :

"...mas com tudo
Nenhum sinal aquí da Índia achamos
No povo, *com nós outros* quasi mudo".
(Camões *Lus.*, V, 69).

"Senhores, vou assombrar-vos, como teria assombrado a Aristóteles, se lhe perguntasse : Credes que se possa dar um regímen social às aranhas? Aristóteles responderia negativamente, *com vós todos*, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente êsse articulado arisco, solitário." (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 208).

Todavia, encontra-se também, em tais casos, o emprêgo de *connosco e convosco :*

"E se o valor de vossos amadores
Houver de ser igual *convosco mesma,*
Vós só *convosco mesma* andai de amores."

(Camões, *Lírica,* Coimbra, 1932, pág. 135).

"Monólogos, que, afinal, são diálogos de nós *connosco próprios*". (Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal,* 1918, pág. 4).

267. Em português arcaico dizia-se *mi* e, depois, *mim,* que triunfou.

As duas formas ainda concorrem nos *Lusíadas :*

"Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A *mi* e a todos só de ouví-lo e vê-lo."

(Camões, *Lus.,* V, 40).

"Mas quando eu pera cá vi tantos vir
Daqueles cães, de pressa um pouco vim
Por me lembrar que estáveis cá sem *mim*".

(Id., *ibid.,* V, 35).

Gonçalves Dias, não obstante ser escritor moderno, valeu-se não poucas vezes de *mi :*

"Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado
De penas ralado,
Firmava-se em *mi :*
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos de espinhos
Chegámos aquí!"

(G. Dias, *Poes.,* I, 46 e *passim.*).

268. No português arcaico *mego* ou *migo, tego* ou *tigo, sego* ou *sigo, nosco, vosco* aparecem mais frequentemente sem a preposição *com :*

"ũa pastor se queixava
muit', estando noutro dia,
e *sigo* medês falava
e chorava e dizia
con amor que a forçava :
"Par Deus, vi-t' en grave dia,
ai amor !"

(D. Diniz, *apud* F. de Figueiredo, *Antologia*, 626).)

sigo medês=*consigo mesmo* ou *consigo mesma.*

269. Sôbre outros empregos arcaicos das formas dos pronomes pessoais, veja-se § 181, *e*) e *f*).

270. Combinações usuais de pronomes átonos :

mo(s) = me + o(s)	no-lo(s) = nos + lo(s)
ma(s) = me + a(s)	no-la(s) = nos + la(s)
to(s) = te + o(s)	vo-lo(s) = vos + lo(s)
ta(s) = te + a(s)	vo-la(s) = vos + la(s)
lho(s) = lhe + o(s)	lho(s) = lhes + o(s)
lha(s) = lhe + a(s)	lha(s) = lhes + a(s)

se me,	-se-me	se nos,	-se-nos
se te,	-se-te	se vos,	-se-vos
se lhe,	-se-lhe	se lhes,	-se-lhes

Ex. :

"Imagina-o, se o podes, que os meus lábios
Não *to* dirão jamais."

(G. Dias, *Poes.*, II, 108).

"Que outra c'roa melhor, que outra mais bela
Que a auréola, que Deus concede aos vates?
. . . .
. . . .
Eu *ta* cedo, eu *ta* dou !"

(Id., *ibid.*, 153).

"Converte-*se-me* a carne em terra dura".

(Camões. *Lus.*, V, 59).

"Batei e abrir-*se-vos-á*", que é como se costuma traduzir aquele lugar do Evangelho de São Mateus: "Pulsate et aperietur vobis."

271. Nos demais casos substituem-se as formas átonas do objeto indireto pelas respetivas formas tónicas regidas da preposição *a*, pois a língua atual não admite combinações do tipo de *te me*, *te nos*, *me lhe*, etc., que dantes se faziam.

Não diríamos, pois, com JERÓNIMO CÔRTE-REAL (*Naufrágio de Sepúlveda*, II, 8):

"Porque assi *te me* mostras odiosa?"

Mas: *a mim te mostras* ou *te mostras a mim* (1).

Entretanto, dada a relativa liberdade de que gozam os escritores, como artistas que são, pode encontrar-se em autor moderno um ou outro exemplo daquelas combinações pronominais obsoletas. Vemos uma delas empregada pelo sr. RIBEIRO COUTO, jovem e delicado poeta comtemporâneo (2) e nada arcaizante, o que indica ter-lhe caído no verso com a maior naturalidade a referida combinação de pronomes:

"Ó protetora de almas errantes,
Que em alto mar *te nos* apresentas,
Livra-nos de águas atraiçoantes,
E de arrecifes, e de tormentas,
Nossa Senhora dos Navegantes!"

(*O Jardim das Confidências*, 87).

272. Em vez de combinações do tipo de *mo* ou de *a mim o*, *o a mim*, (deste-*mo*, *a mim o* deste, deste-*o a mim*, *o* deste *a mim*), pode-se empregar como objeto direto a forma tónica do pronome regido da prep. *a*, reservando-se a forma átona para objeto indireto. Isto põe em relêvo o objeto direto. Ex.: "Êle é o vosso filho, que em tudo vos fêz a vontade, *a êle me*

---

(1) Para mais exemplos destas combinações pronominais, hoje fora de uso, v. MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, 2.ª ed., pág. 136 e ss., e SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 288.

(2) Isto foi escrito há mais de dez anos. O sr. RIBEIRO COUTO continua jovem, mas cumpre acrescentar que também é excelente prosador, cheio de naturalidade e meiguice. (Nota da 2.ª ed., 1934).

destes por mestre, e pastor" (TOMÉ DE JESÚS, *Trabalhos*, II, 221-2).

273. Enfàticamente se usa, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida de preposição :

"Um avarento cuida que tem dinheiro, e o dinheiro tem-*no a êle*". (HEITOR PINTO, *apud* EPIFÂNIO, *Sint. Hist.*, 66).

"Às vezes, oh ! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que *a mim me* parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece,
Me fazem chorar."

(G. DIAS, II, 24).

"*a nós* é que não se *nos* dá do exame nem do julgamento." (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 81).

Quasi sempre se recorre a êsse expediente quando se intenta salientar o conceito expresso pelo pronome. Sendo átono o pronome, o conceito fica um pouco sumido na frase : tira-o da sombra, dando-lhe relêvo, a forma tônica preposicionada.

Veja-se o efeito da frase acima de HEITOR PINTO e compare-se com o que ela teria sem o refôrço da forma pronominal tônica : "Um avarento cuida que tem dinheiro e o dinheiro tem-no".

274. Uma combinação de pronomes átonos, a que a língua se tem mostrado avêssa, é *se o, se a, se os, se as*, em construções como a seguinte :

"É reivindicar para a Câmara, para o Parlamento, a iniciativa que se lhe tem querido tirar nesta questão, dando-*se-a* ao elemento popular, republicano..."

Tal sintaxe não se nos depara nos autores clássicos, nem nos modernos que timbram em escrever com sabor vernáculo ; e não sendo popular, nem mesmo familiar, e só aparecendo em textos de um ou outro escritor pouco estudioso da língua, parece que deve ser repelida, ainda que a perpetrem excelentes talentos literários como foi o autor do tópico transcrito.

Alguns trechos nos mostrarão como se escreve em bom português sem a referida combinação pronominal :

"Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que *ela se granjeia.*" (MARQUÊS DE MARICÁ, *Máximas*, ed. Garnier, s/d., pág. 26).

"Dão-se os conselhos com melhor vontade do que geralmente *se aceitam*". (ID., *ibid.*, 8).

"Faz-nos o Apóstolo esta lembrança, para que com ela, e com a termos de nossas obrigações, não percamos o tempo. E *perde-se êle*, quando *se gasta* em vícios, e em cousas vãs..." (HEITOR PINTO, *Imagem*, I, 141).

"Um crime, só um crime, pode unir-nos..." Fêz uma pausa, e prosseguiu : — "E porque não *se cometerá êle?*" (HERCULANO, *Eurico*, 280).

"Podia não ser mais que uma galanteria, e as galanterias é de uso *que se agradeçam*". (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 2.ª ed., 135).

Vejam-se mais exemplos no belíssimo artigo de MÁRIO BARRETO estampado na *Revista de Língua Portuguesa*, n.º 13, pág. 99-100, e depois inserto no tômo primeiro, pág. 45, do livro *De Gramática e de Linguagem*, do sábio filólogo.

274-a. Quando o pronome *o* se refere a mais de um substantivo de gêneros diversos, põe-se, geralmente, no masculino plural :

"...... E o leve inseto
E a relva e os matos e a fragrância pura
Das boninas da encosta estão contando
Mil saudades de Deus, que *os* há lançado,
Com mão profusa, no regaço ameno
Da solidão, onde se esconde o justo."
(HERCULANO, *Poesias*, 1860, pág. 42).

275. O pronome arcaico *lo, la, los, las*, objeto direto de um infinitivo, combinava-se na língua antiga com a preposição *por, per*, regente do mesmo infinitivo :

"O batel de Coelho foi de pressa
Polo tomar."
(CAMÕES, *Lus.*, V, 32).

Polo = por+lo, isto é : o batel de Coelho foi depressa por o tomar, para o tomar.

"fique assentado que o gasto ordinário convém que se entregue à mulher, *pela* contentar, *pela* ocupar, *pela* confiar, por lhe dar aqueles cuidados, por lhe desviar outros." (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Carta de Guia de Casados*, 87).

Alguns escritores modernos ainda perfilham essa combinação, mas só sob a forma *pelo :*

"Fiz, antes de mais nada, *pelo* depurar de barbarismos e solecismos". (RUI BARBOSA, *Réplica*, 1904, pág. 598).

Pelo depurar = por o depurar, por depurá-lo de barbarismos e solecismos.

276. É muito usual, quando se quer pô-los bem em relêvo, colocar-se no comêço da frase o objeto direto (mesmo regido da prep. *a*) ou o predicativo, e, depois, resumir aquele pelo pronome *o, a, os, as,* e o outro, seja qual fôr o seu gênero e número, por *o :*

"Noites e noites, gastou-*as* assim, confiado e teimoso". (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 70).

"*Aos vis Tupinambás* nunca *os* eu veja".
(G. DIAS, *Os Timbiras*, 1857, pág. 37).

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já *o* não sou. (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 267).

"A chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quem *a* rege? a quem segue? ou quem *a* move?"
(DURÃO, *Caramurú*, III, 6).

Se o objeto direto fôr constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome *o* põe-se na forma do masculino plural :

"Salas e coração habita-*os* a saudade!"
(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poes.*, 3.ª série, 1928, p. 107)

277. O objeto indireto resume-se pelo pronome *lhe, lhes :*

"*Ao avarento* não *lhe* peço nada, nem *lhe* aconselho que dê a outrem, nem *lhe* louvo o não dar nada a ninguém, e assim não lhe minto nem o molesto." (RODRIGUES LÔBO, na *Antol. Nac.*, 7.ª ed., 285).

"... a terrível guerra
Corta o amoroso vínculo que os prende
E *à moça* o riso *lhe* converte em lágrimas."
(M. de Ass., *Poesias*, 231).

278. Outra construção comum: um pronome pessoal ou o demonstrativo átono *o*, explicados em seguida por uma espécie de apôsto:

"Os homens não são dignos nem de ouví-*las*,
As queixas do infeliz".
(Garrett, *Camões*, c. III, XXI).

"*Ela* perdura, *a virgem dos Timbiras*".
(M. de Ass., *Poesias*, 258).

"¿E onde estão *elas* hoje, *essa austeridade e essa pureza*?" (Eça de Queiroz, *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, 1925, pág. 95).

"Não *lhe* fôra melhor *a Siquém* não ver a Dina" (Vieira, I, 890, *apud*, Epifânio, *Sint. Hist.*, 67).

"Eu *o* vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) *levantar-se*
No ar um vaporzinho e sutil fumo,
E do vento trazido rodear-se."
(Camões, *Lus.*, V, 19)

279. Em circunstâncias ainda não bem definidas, a linguagem popular de Portugal emprega o pron. *êle* destituído de significação, como puro sujeito gramatical de um verbo impessoal, formando assim construções paralelas às que se fazem em francês com o pronome *il* (*il pleut*), em inglês com *it* (*it rains*), em alemão com *es* (*es regnet*):

"*Êle* é verdade, ó Luiz?!" (Trindade Coelho, *Os meus amores*, 1901, 211).

"*Êle* inda aí há pão..." (Id., *ibid.*, 283).

"Ui, Senhor, vossa mercê não se lembra, quando estava com a senhora Alcmena, não *haverá êle* um quarto de hora?" (António José, *Amfitrião*, 135).

Não será de admirar se tal sintaxe também existir em linguagem popular do Brasil.

280. O pronome da 1.ª pessoa do plural é muitas vezes usado por modéstia pela 1.ª pessoa ainda quando fala só de si :

"Havendo *nós* pôsto em linguagem e tirado a lume a gramática latina do sábio dinamarquês Madvig" diz de si EPIFÂNIO DIAS a pág. 5 da 12.ª edição de sua *Gramática Portuguesa Elementar*, 1905.

281. Semelhantemente, o plural do pronome da 2.ª pessoa pode referir-se a um só indivíduo :

"Aborrida cousa é a velhice. Não *vos* parece, Frei Joane?" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 231).

b) POSSESSIVOS

282. O possessivo da 3.ª pessoa pode vir esclarecido pelas expressões *dêle, dela, dêles, delas*, para evitar ambiguidade, ou por simples realce :

"Darão licença os Sênecas, Aristóteles, Plutarcos e Platões; nem ficaremos mal com as Pórcias, Cassandras, Zenóbias e Lucrécias; tudo tão desenrolado nestas doutrinas; porque sem *seus* ditos *dêles*, e sem *seus* feitos *delas*, espero nos faça Deus mercê de que atinemos com o que V. M. deseja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe." (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Carta de Guia de Casados*, 46).

"Êle respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o *seu* assunto *dêle*, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo". (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 139).

"Não disse mais sôbre êste assunto, mas provàvelmente tornará a êle, até alcançar o que lhe parece. Já meu cunhado dizia que era *seu* costume *dela*, quando queria alguma cousa". (MACHADO DE ASS., *Memorial de Aires*, 10).

"A *sua* honra *dêle* não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 251).

283. *Seu, sua, seus, suas* podem referir-se à pessoa com quem falamos, e a quem tratamos na 3.ª pessoa :

"— Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei-de contar tudo a *seu* pai, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmelo, ou um pau." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 41).

284. Pode o pronome possessivo ter sentido objetivo, isto é, designar uma pessoa ou coisa como alvo de uma ação ou sentimento :

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*,
Pois te não move a culpa que não tinha."
(CAMÕES, *Lus.*, III, 127).

"E quando chegarmos a esta perfeição, que não sintamos *nossas* injúrias." (H. PINTO, *Imagem*, I, 55).

"O barão está com umas saudades *suas*." (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 183).

285. Indica a personagem ou herói de um conto ou narrativa, e neste caso, segundo me observa SAID ALI, sempre leva o artigo :

"Chama-se Falcão *o meu* homem". (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 161).

"Mas a ciência tem o inefável dom de curar tôdas as mágoas : *o nosso* médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 3).

286. Às vezes tem valor de indefinido, com o sentido de *certo, um certo, algum :*

"Tenho *minha* vontade de os mandar à fava." (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 397).

"Se pensas que o almôço foi amargo, enganas-te. Teve *seus* minutos de aborrecimento, é verdade." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 391).

"A falar verdade, temiam o *seu* tanto, Perpétua menos que Natividade". (M. DE ASS., *Esaú e Jacó*, 3).

"Há *sua* notável diferença nestes dois modos de acudir ao pensamento." (GARRETT, *apud* EPIFÂNIO, *Sint. Hist.*, 69).

"Na maior paixão, no mais acrisolado afeto do homem que não é poeta, entra sempre o *seu* tanto de vil prosa humana." (GARRETT, *apud* BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 447).

"[êstes ferrabrases] que eu pus a direito", dizia êle, "com *sua* dureza, é verdade; mas não havia outro remédio." (GARRETT, *Teatro*, V, 1848, pág. 35).

287. Serve o mesmo pronome de exprimir cálculo aproximado:

"Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os *seus* cinquenta e cinco anos." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 11).

288. Usados como substantivos, os possessivos denotam, no singular, os bens próprios de uma pessoa, aquilo que lhe pertence:

"Dar *o seu* a cujo é (=a seu dono)." (HEITOR PINTO, *Imagem*, I, 151).

289. Também se usam expressões como *alguma coisa de seu, ter de seu:*

"A mãe, viúva, com *alguma cousa de seu*, adorava o filho." (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 47).

"A minha bela Marília
Tem *de seu* um bom tesouro"
(GONZAGA, *Marília de Dirceu e mais poesias*, ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, 1937, pág. 39).

290. Não é rara a locução *de seu*, significando *de sua natureza:*

"Os grandes cortesãos fazem a vivenda do campo aborrecível, que ela *de seu* não é; antes alegre, e conveniente." (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Carta de Guia de Casados*, 156).

291. No plural indicam os possessivos, empregados como substantivos, os parentes de alguém, as pessoas de sua família, seus companheiros, correligionários ou sequazes:

"Vês, peralta? é assim que um moço deve zelar o nome *dos seus?* Pensas que eu e meus avós ganhámos o dinheiro em casas de jôgo ou a vadiar pelas ruas?" (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 57).

292. São comuns expressões elípticas formadas com os possessivos: *fizeste uma das tuas.*

c) Demonstrativos (1)

293. Os demonstrativos *êste, isto* correspondem à 1.ª pessoa :

"Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. E' preciso nadar bem como eu, e ter *êstes* pulmões, — disse êle batendo no peito, e *êstes* braços ; apalpa." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 334).

"*Esta* ilha pequena que habitamos."
(Camões, *Lus.*, I, 54).

"Há nisto alguma exageração ; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar *êste* escrúpulo de exatidão que me aflige." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 2.ª ed., 149).

294. Designam também espaço de tempo que abrange o momento em que se fala : *esta semana, êste mês, êste século.*

"Mas *isto* é cedo." (Garrett, *apud* Said Ali, *Lexiol.*, 76).

"*Isto* são oito horas." (Garrett, *ibid.*).

295. Usa-se *nisto*, e usava-se o arcaico *naquesto* ou *naquisto*, com o sentido de *então, em tal momento :*

"*Nisto* olhei para o muro." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 39).
"*Naquisto* Jano acordou".
(Bernardim Ribeiro, *E'gloga* II, pág. 184 do vol. II das *Obras* de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, Coimbra, 1932).

296. "O demonstrativo *êste* sugere a noção de proximidade em relação à pessoa que fala ; por isso também o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, conquanto de fato se ache um tanto afastada". (Said Ali, *Lexiologia*, 77).

Bom exemplo disto apresentam as seguintes palavras que Alexandre Herculano faz dizer a Afonso Domingues,

(1) Um escritor que é modêlo inexcedível para o emprêgo dos demonstrativos é Casimiro de Abreu. Veja-se a minha edição dêsse poeta atualmente no prelo (agôsto de 1939).

a quem el-rei D. João I havia tirado o encargo de arquiteto do mosteiro de Santa Maria :

"*Êste* edifício era meu ; porque o gerei ; porque o alimentei com a substância da minha alma ; porque necessitava de me converter todo *nestas* pedras, pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpètuamente por essas colunas e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença !..." (*Lendas e Narr.*, I, 227).

297. "Serve à pessoa que fala *êste, isto* de pronome anafórico (1) para chamar a atenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou anteriormente". (SAID ALI, *Lexiologia,* 78).

Ex. :

"...um bonito relógio com as minhas iniciais gravadas, e *esta* frase : *Lembrança do velho Quincas.*" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 245).

"— Casmurro ! Para quando é que você se guarda ? para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, quer você queira quer não, há-de casar com Nhã-Loló.

"E dizia *isto* a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluta." (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 251).

298. "A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas próprias palavras dá ao pronome anafórico tal importância que o pronome *êste, isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quais, pelas condições de afastamento ou tempo remoto, deveríamos esperar o uso do deíctico (2) *êsse, isso*". (SAID ALI, *Lexiologia,* 78).

Ex. :

"Já *neste* tempo o lúcido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada, e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo."
(CAMÕES, *Lus.*, II, 1).

---

(1) "(o demonstrativo) pode referir-se às nossas próprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é *anafórico.* (SAID ALI, *Lexiologia*, 78).

(2) O demonstrativo é *deíctico* quando indica a situação de pessoas e coisas e o momento da ação em relação à pessoa que fala. (Vide SAID ALI, *Lexiol.*, 78).

"A *esta* mesma hora, em que o velho prior assim vagueava por sendas alpestres... talvez em aposento bem resguardado... algum famoso espírito forte cirzia remendos das páginas soporíferas d'Holbach ou de Diderot" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 132).

299. *Êsse, isso* correspondem à 2.ª pessoa:

"Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: "Quem és tu? que *êsse* estupendo
Corpo certo me tem maravilhado."
(CAMÕES, *Lus.*, V, 49).

"Era uma vez uma agulha, que disse a um novêlo de linha:
"— Porque está você com *êsse* ar, tôda cheia de si, tôda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?" (M. DE ASS. *Várias Hist.*, 229).

300. Entretanto, *êste* pode designar um objeto pertencente à 2.ª pessoa, quando a 1.ª o tem nas mãos, ou muito perto de si e interessando-se por êle:

"Por *êstes* olhos, respondeu ela, beijando-lhe os olhos; por *êstes* lábios, continuou, impondo-lhe um beijo nos lábios." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 200).

301. *Êsse* designa época distante, passada ou futura:

"Por *êsse* tempo recebí uma carta extraordinária, acompanhada de um objeto não menos extraordinário." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 244).

"Mas *nesse* instante que me está marcado,
Em que hei-de esta prisão fugir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido."
(G. DIAS, *Poes.*, I, 145).

302. Também denota coisas afastadas da 1.ª pessoa, ou que se estendem para longe (e êste é um emprêgo, muito elegante, do demonstrativo *êsse*):

"Estão *essas* praças no verão cobertas de pó; dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz?" (VIEIRA, *apud* S. DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 188).

"explicando o passarinho os breves remos de suas ligeiras peninhas, foi cortando *êsse* gôlfo dos ares e desapareceu." (BERNARDES, *apud* S. DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 184).

"Pode ir a S. Paulo, a Pernambuco, ou ainda mais longe. Há boas universidades por *êsse* mundo fora." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 78).

303. Na seguinte fábula, da lavra de Filinto Elísio, vê-se o demonstrativo *êste* referindo-se à 1.ª pessoa (*estas fôlhas*), e *êsse* à 2.ª (*essas ribas, êsse cuidado*, isto é, *êsse teu cuidado*), e ainda *êsse* indicando objeto que se estende para longe da 1.ª pessoa (*êsses contornos*):

"O carvalho ao caniço disse um dia:
'Bem tens que te queixar da Natureza,
Que c'os pés dum picanço frágil vergas:
Um bafejo de vento, quanto baste
A encrespar a flor da água, te assoberba;
Em quanto, igual ao Cáucaso, eu co a fronte,
Não farto de atalhar ao sol os raios,
Dos negros vendavais arrosto as fúrias.

Nortias, com que anseias, são meus zéfiros.
Se ao menos te abrigaras co *estas* fôlhas,
Que *êsses* contornos cobrem,
Tanto não padeceras,
E eu contra os temporais te dera amparo;
Mas vocês nascem *nessas* ribas úmidas,
Aos escarcéus do vento avassaladas...
Com vocês foi injusta a Natureza'.

— Vem de boa alma o dó, que de mim mostras:
Mas cesse *êsse* cuidado.
Menos que a ti me é temeroso o vento:
Que eu curvo-me e não quebro. Tu tègora,
Sem vergares o tronco, hás resistido
Às mais rijas refregas:
Vejamos até o fim. —

Palavras ditas,
Eis do horizonte arranca furioso
O mais terríbil filho,
Que o norte em seus quadrís tèquí trouxera:
Verga o caniço, tesa-se o carvalho;
Reforça o repelão o vento, e alcança
Descarnar a raiz de quem ufano
Roçava os céus co a fronte,
C'os pés calcava o inferno."

(OBRAS DE FILINTO ELÍSIO, *Lx.*ª, 1838, XII, 39).

304. Contudo, *êste* pode designar coisas que se estendem para longe da 1.ª pessoa, quando esta menciona a região onde vive, ou objetos que existem nela, e os quer distinguir dos de outras regiões :

"... Partamos !
Adeus ! Negou-me Aquele que no campo
Deixa a árvore anciã perder as fôlhas
No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,
Negou-me ver por *estas* longas serras
Ir-se-me o último sol."
(M. DE ASS., *Poesias*, 238).

305. *Êsse* pode referir-se àquilo que se mencionou ou disse pouco antes :

"...o próprio ESQUECIMENTO. Vai em versaletes *êsse* nome." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 333).

"E com tanto maior prazer o confesso, quanto que as mulheres é que têm fama de indiscretas, e não quero acabar o livro sem retificar *essa* noção do espírito humano." (ID., *ibid.*, 327).

306. *Êste* e *êsse* podem pospor-se a um substantivo com o qual se denomina ou classifica uma ou mais coisas, ditas anteriormente :

"Logo depois, sentí-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomaz, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas ; *idéia esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade ; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sôbre o ventre, alguém as descruzava (Vergília de certo), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 18).

"os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na côr, tomaram a terrível expressão que êle costumava dar-lhes no revolver dos combates, *olhar êsse* que, só por si, fazia recuar os inimigos." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 20).

307. *Êsse* também se usa determinando um apôsto, que geralmente define uma coisa, lhe salienta uma propriedade, ou a compara a uma outra :

"O olhar da opinião, *êsse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 81).

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil." (ID., *ibid.*, 83).

308. Serve de pôr em relêvo um têrmo da oração em frases como as seguintes :

"Um de nós, o Quincas Borba, *êsse* então era cruel com o pobre homem." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 46).

"O dia, *êsse* passava-o como embriagado na agitação tumultuosa de peregrino." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 310).

309. *Aquele, aquilo* indicam afastamento em relação à 1.ª e 2.ª pessoas :

"Além, muito além *daquela* serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema." (JOSÉ DE ALENCAR).

"Há-de lembrar-se, disse-me o alienista, *daquele* famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 370).

310. Emprega-se muito, denotando tempo remoto, como sucede em frases que a cada passo encontramos nos Evangelhos :

"*Naquele* tempo Herodes Tetrarca ouviu a fama de Jesús." (S. MATEUS, XIV, 1).

311. Quando queremos discriminar pessoas ou coisas mencionadas antes, indicamos as que o foram por último pelo demonstrativo *êste*, e as primeiras pelo demonstrativo *aquele :*

"Nem sempre ia naquele passo vagaroso e rígido. Também se descompunha em acionados, era muita vez rápido e lépido nos movimentos, tão natural *nesta* como *naquela* maneira." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 13).

312. Os demonstrativos *êste*(*s*)... *aquele*(*s*) podem ter sentido indefinido :

"E vimos isto : homens de tôdas as idades, tamanhos e côres, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas

esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócaras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, *êstes* sentados em pedras, *aqueles* encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas." (MACHADO DE ASS., *Braz Cubas*, 309).

313. Note-se a possibilidade de ocorrência de *êste* e *aquele* em frases como as seguintes:

"A dama, como ouviu que *êste* era *aquele*
"Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra."

(CAMÕES, *Lus.*, VI, 63).

"Êste é que é o pinhal da Azambuja?
"Não pode ser.
"*Esta, aquela* antiga selva, temida, quasi religiosamente como um bosque druídico!" (GARRETT, *Viagens*, I, 39).

"*Êste* Quincas Borba... é *aquele* mesmo náufrago da existência, que alí aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia". (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 5).

314. No feminino singular os demonstrativos formam expressões elípticas usuais:

"*Esta* agora é melhor." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, pág. 230).

315. Muito usada é a locução *isto de* com fôrça limitativa, equivalente a *no tocante a, a respeito de:*

"De modo que o livro fica assim com tôdas as vantagens do método, sem a rigidez do método. Na verdade, era tempo. Que *isto de método,* sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à sôlta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão". (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 29).

316. *O, a, os, as* é demonstrativo nos seguintes casos:

a) Determinado por uma oração relativa, e significando *aquele, aquilo:*

"Não se explica *o* que é de sua natureza evidente." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 361).

"Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável *dos* que sabem os seus mortos na vala comum." (ID., *ibid.*, 365).

"Bendito *o* que, na terra, o fogo fêz, e o teto."
(BILAC, *Poesias*, 316).

b) No singular masculino, servindo de predicativo do sujeito em substituição de uma expressão qualificativa, de um particípio passivo ou de um substantivo :

"Essa mulher esplêndida sabia que *o* era." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 208).

"Dirás que sou ambicioso ? Sou-*o* de-veras." (ID., *ibid.*, 211).

"Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que *o* é." (ID., *Quincas Borba*, 42).

"naturalmente não queria incorrer na pecha de fraco, mas a fraqueza, se *o* era, começou nos gestos." (ID., *Memorial de Aires*, 78).

c) No singular masculino, em substituição do substantivo ou adjetivo complemento do verbo *chamar*, quando êste significa *apelidar*, *dar um nome a* : nesse caso o pronome *o* equivale a *isso*, *isto* :

"Rui andava impando, e por isso fizera orelhas de mercador ; mas a palavra "excomungado" proferida, aliás, com a maior inocência do mundo, fê-lo espirrar. Sabia bem que *lho* chamavam pelas costas." (HERCULANO, *O Monge de Cistér*, II, 68).

d) No singular masculino, referindo-se a um sentido e servindo de objeto direto, caso em que equivale a *isso*, *isto* :

"Tomara êste título (de médico) para ajudar a propaganda da nova escola, e não *o* fêz sem estudar muito e muito ; mas a consciência não lhe permitia aceitar mais doentes." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 14).

"Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-*o* eu, e a ciência m*o* agradecerá." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 18).

d) Relativos

Que

317. O antecedente do relativo *que* pode ser pessoa ou coisa e estar no singular como no plural :

"um rapaz aquí do bairro, *que* eu conheço de vista e de chapéu." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 1).

"Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a *que* ela mesma dera alguns pontos." (Id., *ibid.*, 39).

317-a. É, às vezes, o sentido de uma expressão ou oração anterior, e neste caso o relativo pode ser substituído por *o que, coisa que :*

"E c'o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lágrimas aumenta,"
(Camões, *Lus.*, II, 43).

"fechou os olhos, e expirou, *que* foi o mesmo que abrir os da alma para lograr aquele bem, que mil anos da sua vista são como o dia de ontem, que passou." (Bernardes, *apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 4.ª ed., pág. 271).

318. Predicativo, pode *que* referir-se a adjetivos ou particípios (fato muito comum em expressões concessivas) :

"Tio Cosme, por mais modesto *que* quisesse ser, sorria de persuasão". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 17).

"As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azêdas ou astringentes *que* dantes eram". (Marquês de Maricá, *Máximas*, 145).

319. Também pode reportar-se a uma expressão adverbial :

"Calor de rachar, *ali por volta do meio-dia*, *que* foi quando tomaram para a banda das azinheiras, e para os pinheirais, depois." (Trindade Coelho, *Os meus amores*, 1901, 23).

"E assim se conservou até *às cinco horas da manhã*, *que* foi sòmente quando adormeceu." (Júlio Diniz, *Uma família inglêsa*, Lisboa, 1920, pág. 220).

320. Em certas frases, pode não trazer expresso o antecedente *o* (= coisa, palavra, etc.):

"Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo *que* lhe replicasse." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 275).

320-a. Acompanhado de preposição, aparece às vezes com valor consecutivo depois de uma expressão intensiva:

"Daquí levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo."
(CAMÕES, *Lus.*, II, 4).

Entenda-se: «tudo tão sobejo, que, com êsse tudo (ou "com isso") farás o fim a teu desejo».

"eu espero de lhe fazer tais serviços, *com que* (=que, com êles,) me aceite por servidor." (BARROS, *Clarimundo*, I, 248).

Quem

321. Como simples relativo, só aparece regido de preposição:

"Pádua hesitou muito; afinal, teve que ceder aos conselhos de minha mãe, *a quem* D. Fortunata pediu auxílio." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 47).

322. Pode referir-se a um plural:

"sentia muito obrigá-lo a justiça a condenar *aqueles por quem* morria." (TOMÉ DE JESÚS, *Trabalhos*, II, 261).

"*aqueles, a quem* tinha feito maiores e mais particulares mercês." (ID., *ibid.*, 261).

323. A linguagem atual prefere substituir *sem quem* por outra expressão equivalente.

Hoje se evitaria dizer, como disse CAMÕES:

"...O' doce e amado espôso,
Sem quem não quis amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?"
(*Lus.*, IV, 91).

324. Pode ser igual a *aquele que, a pessoa que, pessoa que, uma pessoa que :*

"A verdade ignota aos homens é o delírio de *quem* a anuncia." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 264).

"— Lá entre os meus, suave e amiga morte,
Ah ! porque me não deste ? Houvera ao menos
Quem escutasse de meus lábios frios
A prece derradeira ; e a santa bênção
Levaria minha alma aos pés do Eterno..."

(M. DE ASS., *Poesias*, 184).

325. *A quem* equivale às vezes a *àquele que :*

"*A quem* passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 176).

326. *A quem* pode corresponder a *aquele a quem, aquele a que :*

"E em dizendo isto, parece,
Tresportou-se no seu mal
E como *a quem* o ar falece
Caíu naquele areal".

(BERN. RIBEIRO, *E'clogas*, 36).

Como a quem o ar falece, isto é, como aquele a quem o ar falece, a quem o ar falta.

"E São Bernardo diz nũa epístola, que não é forte, *a quem* não cresce o ânimo na dificuldade das cousas." (HEITOR PINTO, *Imagem*, II, 50).

Isto é : "... não é forte *aquele a quem* não cresce o ânimo na dificuldade das cousas". Hoje em dia tal prática não é corrente.

327. *A quem* também pode significar *àquele a quem, à pessoa a quem :*

"Não faltam amigos fingidos *a quem* não falta que gastar com êles." (ARRAIS, *Diálogos*, 4).

328. Modernamente quasi só se emprega *quem* referido a pessoa, a não ser que se personalize algum ser inanimado, uma faculdade, sentimento ou paixão:

"O único afeto eterno..., o amor da pátria, sentimento confuso e indefinido, mas indelével, é *quem* obriga Eurico a dizer-te o lugar em que veio coar gota a gota as horas aborridas da sua tormentosa existência." (HERCULANO, *Eurico*, 59).

"E a vingança era *quem* o impelia." (ID., *ibid.*, 102).

329. Tal distinção não faziam os nossos maiores, nem a fazem, uma ou outra vez, autores modernos:

"O' glória de mandar! O' vã cobiça
Desta vaidade a *quem* chamamos fama!"
(CAMÕES, *Lus.*, IV, 95).

"Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com *quem* se o povo néscio engana!"
(ID., *ibid.*, 96).

"E outros (adágios) a milhares, com *quem* nenhuma comparação tem os dos Gregos e Latinos." (BERNARDES, *Nova Flor.*, III, 1711, 383).

"...... Intacto e válido
Deixaram-no (1) a dormir seu grande sono;
Intacto, que era o tronco áspero e grosso
Dêsses *a quem*, dentando-se ao ferí-los,
Nem foices lascam, nem machados toram"
(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*, 3.ª série, 1928, p. 138).

329-a. Pode aparecer em construção e com função análogas às que vêm indicadas no § 320a para o relativo «que»:

"Aonde há ser de Deus tão olvidado
Para quem paz e alívio o céu não tenha?"
(ANTERO DE QUENTAL, *Os Sonetos*, 3.ª ed., Pôrto, Companhia Portuguesa Editôra, 1918, pág. 36).

Entenda-se:

"... ser tão olvidado de Deus, *que*, *para êle*, o céu não tenha paz e alívio."

(1) um jequitibá caído com o vento.

330. *Quem... quem* é indefinido quando significa *êste... aquele, um... outro :*

> "*Quem* se afoga nas ondas encurvadas,
> *Quem* bebe o mar e o deita juntamente."
> (CAMÕES, *Lus.*, I, 92).

Qual

331. Como puro pronome relativo, só se usa precedido do artigo definido :

"Tinha havido alguns minutos de silêncio, durante *os quais* refletí muito e acabei por uma idéia." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 145).

332. Só admite como antecedentes substantivos, e não pronomes ou outras palavras : *eu que*, e não *eu o qual, tu que, êle que*, etc.

333. Depois de vocativos (caso em que aliás se pode subentender *tu* ou *vós*), a língua moderna parece repelir o uso de *o qual* não preposicionado. Ao ouvido contemporâneo soa de modo insólito uma frase como esta do português arcaico :

"O' gema preciosa e nobilissima, *a quall* jazes em agreste vill lugar; tu nom fazes a mym nhũu proveyto." (De *O Livro de Esopo, apud* REMÉDIOS, *Hist. da Lit. Port.*, 1914, 68).

334. Mas diríamos ainda, como Tomé de Jesús :

"Oh vida, *sem a qual* morro, tira-me das mortes por onde te perco." (*Trabalhos de Jesús*, II, 327).

335. Vindo *o qual* longe do seu antecedente, pode repetir-se êste, por clareza ou ênfase, depois de *o qual :*

"e vio [o cão] a soombra da carne que leuaua na boca, *a qual soombra* pereçia a elle que era duas tanta carne que aquella que elle leuaua na boca." (De *O Livro de Esopo, apud* REMÉDIOS, *Hist. da Lit. Port.*, 68).

"a môça... começou a cantarolar àtoa, inconcientemente, uma cousa nunca antes cantada nem sabida, na *qual cousa* um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical." (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 56).

336. *Qual* emprega-se para fazer comparações, sòzinho, ou em correlação com *tal* ou palavra equivalente :

"*Qual* a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espêssa,
Tal bem presto há-de ser no Mundo Novo
O Brasil bem fadado."
(José Bonifácio, *Ode aos baianos*).

"És *qual* gazela, que o deserto educa,
No ardor da sesta debruçada exangue
À margem da corrente."
(G. Dias, *Poes.*, I, 22).

"*Quais* pera a cova as próvidas formigas
Levando o pêso grande acomodado
As fôrças exercitam...
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente portuguesa o fim nefando."
(*Lus.*, II, 23).

337. Não é raro, nas comparações, encontrá-lo invariável, equivalendo a *como*, mesmo em autores modernos :

"*Qual* dous leões famintos... assí os monstros da guerra arremetiam". (Castro, *Ulisséia*, VI, 77 ; outro exemplo em VI, 103).

"... — foi pouco a pouco
Condensando-se espêsso, e longes dava
De humana forma irregular — *qual* sóem
Ao pôr do sol fantásticas figuras
As nuvens debuxar pelo horizonte."
(Garrett, *Camões*, c. III, XX).

"[Amou-me] *qual* se amam côres e perfume e vida."
(G. Dias, Poesias, II, 109).

338. Em linguagem familiar emprega-se em forma de exclamação, e quasi sempre invariável, para anular, contestar ou repelir uma afirmação, uma suposição ou insinuação :

"Vinham contar-me cousas dêle mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero... — *Qual* austero ! Já morreu, acabou ; mas era o diabo." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 163).

"— E' um bébé, não é?
"— *Qual* bébé!... E' uma pequena crescida, de seis anos..." (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 351).

"— Mas enfim os clássicos, arriscou tìmidamente o abade.
"— *Qual* clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são e ser forte". (ID., *ibid.*, I, 87).

339. *Qual* vale *aquele que* nas expressões, tão frequentes, *seja qual fôr, fôsse qual fôsse.*

"*Seja qual fôr* a vossa crença, a vossa parcialidade, doei-vos dêle (o foragido político); porque as doutrinas podem ser erros, mas não são crimes." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 313).

340. *Qual... qual* é indefinido: corresponde a *êste... aquele, um... outro:*

"*Qual* do cavalo voa, que não dece;
Qual, co cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas."

(CAMÕES, *Lus.*, VI, 64).

"E é teu gládio mortífero, que gira
No ar, em tôrno a estender rubra hecatombe:
Qual foge; *qual* resiste, até que tombe;
Qual tomba; *qual*, mordendo o solo, expira..."

(RAIMUNDO CORREIA, *Poesias*, 1906, pág. 161).

341. Há exemplos de *qual*, indefinido, em correspondência com *quem*, também indefinido, ou com outros indefinidos usuais (*um, outro, êste, aquele, tal,* etc.):

"Lança-se ao fundo o ignívomo instrumento:
Todo o pêso se alija; o passageiro,
Para nadar no túmido elemento,
A tábua abraça, que encontrou primeiro.
"*Quem* se arroja no mar temendo o vento;
Qual se fia a um batel; *quem* a um madeiro,
Até que sôbre a penha que a embaraça,
A quilha bate, e a nau se despedaça".

(DURÃO, *Caramurú*, I, 12).

"Há rios bem‸fadados como os há infelizes; há-os salutares como os há mortíferos. *Êste* corre, como o Pactolo, sôbre fulgentes areias de ouro, *aquele* espalha diamantes pelas margens; *um* tem flores benéficas e odoríferas, *outro* coalha-se em balseiros pestilentos; *tal* povoa-se de ilhas, *qual* é deserto e lúgubre." (COELHO NETO, *Conferências Literárias*, 1911, pág. 54).

"E incontáveis agora......
São os fantasmas; *um* pela parede, além,
Sobe, *outro* pelo chão arrasta o longo manto;
Qual se encosta a uma porta, *aquele* sai de um canto,
Aqueloutro de lá de um aposento vem."

(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poes.*, 4.ª série, 1928, p. 170).

342. Tem sentido de *cada qual* em frases como as seguintes:

"mas aquela espécie de terror febril que lhe haviam gerado no espírito os trances, *qual* mais doloroso, por que sucessivamente passara, tornou a apossar-se dela." (HERCULANO, *Eurico*, 274).

"Quem conversava com êle sentia vertigens. Imagine uma cachoeira de idéias e imagens, *qual* mais original, *qual* mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 180).

Empregado com êste sentido aparece também precedido da partícula "a":

"Chegou a sexta-feira; e as horas dêsse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto — *a qual* mais longo, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro." (GARRETT, *Viagens*, 1856, I, 172).

"Tôdas desta maneira concertadas
Vão-se logo as três Deusas polas mãos,
A qual mais alva, e loura, assí travadas
Com seus rostos elegres, peitos sãos."

(FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, 1598, f. 66).

343. Forma com *tal* a locução indefinida *tal ou qual*, que indica aproximação:

"tive *tais ou quais* veleidades de escrever uma dissertação a êste propósito." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 50).

Cujo

344. Tem sentido possessivo e raramente objetivo, e emprega-se como adjetivo, seguido imediatamente do seu substantivo :

"aquí mesmo no seminário tive um companheiro que compôs versos, à maneira dos de Junqueira Freire, *cujo* livro de frade poeta era recente". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 159).

345. Em português antigo aparece às vezes como predicativo :

"dar o seu a *cujo* é" [=dar o seu àquele de quem é]. (HEITOR PINTO, *Imagem*, I, 151, 202, 230).

Hoje preferimos dizer : dar o seu a seu dono, dar a cada um o que é seu, dar a cada um o seu, dar o seu a cada um.

Em escritores modernos a antiga prática é bem rara :

"D. João 4.º deu do seu bolsinho para a nova igreja seis mil cruzados, e os frades beneditinos de Santo Tirso, *cujo* era o couto da Foz, pagaram as restantes despesas". (CAMILO, *Mosaico*, 1868, pág. 13).

"Se daí se causou demorar-se-lhe a elaboração todo êste espaço, toque a responsabilidade a *cuja* é." (RUI BARBOSA, *Réplica*, 1904, 598).

"Êle recebeu com o batismo o nome do santo *cujo* era o dia." (JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*, ed. do Anuário do Brasil, 1920, pág. 118).

Quanto

346. Como relativo refere-se a *todo* ou *tudo*, pronomes êstes que se podem omitir :

"Ouví-a ! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n'alma."
(G. DIAS, *Poes.*, II, 245).

"Se olharmos para *tôdas* as cousas *quantas* houve, há, e há-de haver no mundo, então se verá, que tôdas passaram." (VIEIRA, *Sermões*, V, 2).

"De *quantas* côres natureza fértil
Tinge as próprias feições, copiam êles (os índios)
Engraçadas, vistosas louçanias."
(M. DE ASS., *Poesias*, 193).

e) INTERROGATIVOS

347. Com *que* adjetivo indagamos tanto a individualidade como as qualidades de uma pessoa ou coisa, as circunstâncias de um fato :

"A *que* novos desastres determinas
De levar êstes reinos e esta gente?
Que perigos, *que* mortes lhe destinas
Debaixo de algum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão fàcilmente?
Que famas lhe prometerás, *que* histórias,
Que triunfos, *que* palmas, *que* vitórias?"
(CAMÕES, *Lus.*, IV, 97).

348. Como pronome substantivo, *que* significa *que coisa :*

"Ante esta voz que as dôres adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu *que* podes, ó tempo?"
(M. DE ASS., *Poesias*, 3).

349. Modernamente se emprega muito *o que,* em lugar de *que* substantivo :

"Judeu! — replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno que estava no canto mais escuro do aposento, coberto de três altos de pó — *o que* está naquela arca?" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 116).

"Homem, *do que* és capaz!" (HERCULANO, *Poes.*, 1860, pág. 8).

Nos seguintes versos de GONÇALVES DIAS se encontram em concorrência *que* e *o que :*

"A morte, as aflições, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor :
Eterno, imenso, *que* lhe importa a sanha
Do tempo roedor?"
(*Poes.*, I, 146).

Dois exemplos quinhentistas (salvo se nêles o *o* é exclamativo, equivalente a *ó* ou *oh*) :

"Mas *o que* poderá ver
Quem já da vista cegou?"
(CRISTÓVÃO FALCÃO, *Crisfal*, ed. de Sousa da Silveira, pág. 16)

"*O que* farei a êstes rostos, que tão asinha se mudam?" (SÁ DE MIRANDA, *Obras*, II, 98).

Vejam-se mais exemplos de *o que*, uns de HERCULANO, outros de CASTILHO, no precioso livro de SAID ALI, *Lexiologia do Português Histórico*, pág. 87, e os de LATINO COELHO na *Oração da Coroa*, edição da Acad. das Ciências de Lisboa, 1914, pág. CIV, CXLIX.

350. Também se usa *o que é que*, *que é que* e *que é o que*:

"Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, *o que é que* fui achar no fundo do carro?" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 3.ª ed., 332).

"— *Que é que* você tem? disse-lhe o solicitador." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 47).

"— Que é isso? *que é o que* tem?" (JÚLIO DINIZ, *Uma família inglêsa*, Lisboa, 1920, pág. 455).

"*que é o que* diziam"? (VIEIRA, *Sermões*, V, 55).

351. Nas orações interrogativas indiretas aparece *que* ou *o que*:

"foi melhor assim, porque eu não sei *que* diria, se tivéssemos de ir conversando." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 248).

"Descí as escadas não sei como, entrei no carro sem saber *o que* fazia." (ID., *ibid*, 247).

352. Como nome predicativo, também se emprega *que tal* tanto em interrogações diretas como em indiretas :

"D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. *Que tais* eram os ares?" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 61).

"Sabina veio até à porta, e perguntou-me *que tal* achara a filha do Damasceno". (M. DES ASS., *Braz Cubas*, 250).

Quem

353. *Quem*, interrogativo, em geral não se diz de coisas nem de animais, mas sim de pessoas ou espíritos :

"A chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quem a rege? a *quem* segue? ou *quem* a move?
Quem nos derrama a bela claridade?
Quem tantas trevas sôbre o mundo chove?"
(DURÃO, *Caramurú*, III, 6).

354. Empregado com o verbo "ser" pode servir de predicativo a um sujeito do plural :

"Quis saber *quem* eram meus pais." (MACHADO DE ASS., *Páginas Recolhidas*, 30).

"...depois que disseram, *quem* eram, e a que vinham..." (VIEIRA, *Sermões*, V, 1689, 73).

Cujo

355. Como interrogativo não é corrente no português contemporâneo. Usa-o contudo um ou outro escritor moderno arcaizante :

"Quando e por *cujo* mando alcançara alfim a liberdade, não o podemos com certeza discernir". (LATINO COELHO, *Camões*, 238).

Isto é : "Quando e *por mando de quem* alcançara etc.".

Alguns exemplos de *cujo* interrogativo, os quais extraio de SAID ALI, *Lexiologia do Port. Hist.*, pág. 85 :

"*Cujas* sõ estas coroas tã esplandeçentes?" (*S. Josaf.*, 47).

"*Cuja* é esta imagem?" (VIEIRA, *Sermões*, 5, 334).

Qual

356. Tem aplicação quando se pretende distinguir uma pessoa, uma coisa ou qualidade de entre várias :

"Orgulho humano, *qual* és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?" (Herculano, *Eurico*, 25).

"Dizei-me : *qual* é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* S. da Silveira, *Trechos Seletos*, 186).

Quanto

357. Refere-se a quantidade :

"Quem poderá dizer da turba imbele
"*Quantos* a forte mão talha em pedaços?"
(Durão, *Caramurú*, IV, 59).

358. Em orações exclamativas não é raro *que de* em lugar de *quanto :*

"Quantas idéias finas me acodem então! *Que de* reflexões profundas!" (M. de Ass., *D. Casmurro*, 177).

359. *Quanto* usa-se muito em correlação com *tanto :*

"*tanta* conciência *quanta* pode ter a alma tisnada de um cristão." (Herculano, *Lendas e Narr.*, I, 123).

f) Indefinidos

Todo

360. No singular e anteposto ao substantivo, exprime :

a) a totalidade numérica, e neste caso o vemos ora acompanhado de artigo, ora sem êle (prevalecendo no português europeu moderno o emprêgo do artigo (1)) :

(1) Cf. Dr. José Maria Rodrigues, *Os Lusíadas*, ed. nacional, XLVII-XLVIII.

"Cantando espalharei por *tôda* parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte".
(CAMÕES, *Lus.*, I, 2).

"Por *tôda a* parte andava acesa a guerra."
(ID., *ibid.*, III, 51).

"Saiba *tôda a* mulher que o mundo é maior que seu apetite, porque não queira fazer-se necessitar de quanto vir ou ouvir." (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Carta de Guia de Casados*, 64).

"em *todo* caso." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 69).

"em *todo o* caso." (ID. *ibid.*, 110).

"Jurámos pela segunda forma, e ficámos tão felizes que *todo* receio de perigo desapareceu." (ID., *D. Casmurro*, 146).

"Ia a *tôda* parte." (ID., *Páginas Recolhidas*, 31).

"derramavam-se por *tôda a* parte." (ID., *ibid.*, 39).

"*todo o* emblema de diamantes é cristão." (ID., *Hist. sem data*, 262).

"*toda a* notícia pública cresce de dous terços, ao menos." (ID., *Esaú e Jacó*, 192).

b) a totalidade das partes (e neste caso exige o artigo, no português moderno) :

"cousa que deu muito que falar em *todo o* bairro." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 84).

"por *todo o* Portugal" (A. F. DE CASTILHO, *Conversação preambular*, pág. XXXVII, no *D. Jaime* de TOMAZ RIBEIRO, ed. de 1862).

OBS. : Se o substantivo não se usa com artigo, não o obriga a êste o fato de estar precedido de *todo :*

"Êste é o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que *todo Portugal* aos Mouros toma."
(CAMÕES, *Lus.*, VIII, 11, ed. *princeps* de 1572).

"...*tôda Goa*, e tôda a India se poria em armas". (VIEIRA, *Sermões*, VIII, 1694, pág. 372).

"Nesta mesma hora se rompeu também o segrêdo em *tôda Coimbra*". (CASTILHO, *Quadros Hist.*, II, 116).

361. No singular e posposto, indica a totalidade das partes :

"Data daí a opinião particular que tenho do canapé. Êle faz aliar a intimidade e o decoro, e mostra a casa *tôda* sem saír da sala." (M. DE Ass., *D. Casmurro,* 238).

362. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica :

"Dita a palavra, apertou-me as mãos com as fôrças *tôdas* de um vasto agradecimento, despediu-se e saíu." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 163).

"Afinal, contentou-se de pôr *tôdas* as culpas em si." (M. DE Ass., *Quincas Borba,* 341).

363. Antepõe-se ao adjetivo atributivo, apôsto ou predicativo, com a significação aproximada de «em tôdas as suas partes», «completamente», «muito» :

"Alma *tôda* inocente, *tôda* pura".
(FERREIRA, *Poem. Lusit.*, 1598, f. 77).

"*Tôda* assustada, quis saber o que é que me doía." (M. DE Ass., *D. Casmurro,* 124).

364. Pode antepor-se ao artigo indefinido, e então significa "inteiro", "completo" :

"Com *tôda ũa* coxa fora."
(CAMÕES, *Lus.*, X, 31).

"Depois começaram a chegar... caixas sucessivas de livros, outras de instrumentos e aparelhos, *tôda uma* biblioteca e *todo um* laboratório." (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias,* I, 132).

365. Na língua arcaica, como já vimos (§ 181, *g*), *todo* podia equivaler a *tudo :*

"E fez o despenseiro *todo* como lhe mandou seu senhor Josep." (*Apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 93).

366. Indica a totalidade numérica, qualquer indivíduo da classe, nas combinações *todo o que, todo aquele que ;*

"*Todo aquele* pois, que se fizer pequeno como êste menino, êsse será o maior no reino dos céus."

"........*Todo o* que sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Das sombras do presente alçar os olhos,
Prescrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor."
(FAGUNDES VARELA, *Anchieta*, 1875, pág. 98).

Tudo

367. É pronome substantivo, mas aparece como adjetivo nas combinações *tudo isto, tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais, tudo o nosso*, etc..

"E o amor que a *tudo o nosso* entre as duas havia!"
(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poes.*, 4.ª série, 1928, pág. 192).

368. Refere-se geralmente a coisas:

"Vamos, sim, todos e *tudo*, numa torrente infinita, e que sobe sempre". (A. F. DE CASTILHO, *Felic. pela Agric.*, II, 62).

369. Mas pode referir-se a pessoas:

"...saía o Rei mancebo... com uma pequena e lustrosa cavalgada, que não excederia a duzentos e cinquenta cavaleiros; *tudo* gente de bom sangue e provado esfôrço." (A. F. DE CASTILHO, *Quadros Hist.*, II, 112).

"Nesta mesma hora se rompeu também o segrêdo em tôda Coimbra; clerezia, povo, mulheres, *tudo* intercede em roda dos altares". (ID., *ibid.*, 116).

"Os que alí padeceram nas masmorras e muitos dos que eu lá vi bebendo a haustos de felicidade o néctar da vida, *tudo* resvalou no sorvedouro da eternidade..." (CAMILO, *Mosaico*, Pôrto, 1868, pág. 15).

"Quem vai passando, sinta
Nojo embora, alí pára. Ao princípio era um só;
Depois dez, vinte, trinta
Mulheres e homens... *tudo* a contemplar o Jó."
(RAIMUNDO CORREIA, *Poesias*, 139).

"Foi a *tudo* que era médico." (JOSÉ LINS DO RÊGO, *Doidinho*, Rio, sem data, pág. 118).

Algum

370. Posposto ao substantivo, costuma ter, no português atual, valor negativo, correspondendo a *nenhum :*

"Coisa *alguma* escapou !"
(G. Dias, *Poesias*, I, 125).

371. Mas em português antigo podia aparecer posposto em frases afirmativas :

"Desta gente refrêsco *algum* tomamos
E do rio fresca água."
(Camões, *Lus.*, V, 69).

Isto é : "tomamos algum refrêsco".

372. Usa-se em construções elípticas :

"Para quê ? Para lhe armar *alguma*, de certo !" (Eça de Queiroz, *O primo Basílio*, 364).

Certo

373. Anteposto ao substantivo, *certo* é indefinido, e, se o conceito que se expressa o exigir, pode vir precedido do artigo *um :*

"Em *certo* dia."
(M. de Ass., *Poes.*, 299).

"Segundo parece, e não é improvável, existe entre os fatos da vida pública e os da vida particular *uma certa* ação recíproca, regular, e talvez periódica, — ou, para usar de uma imagem, há alguma cousa semelhante às marés da praia do Flamengo e de outras igualmente marulhosas." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 263).

"O que, porém, eu sentia melhor do que hoje, sem então o saber explicar, era a suave e profunda poesia que respirava êsse quadro do velho sacerdote junto do símbolo religioso, àquela luz moribunda da última hora do dia, em que *uma certa* saudade melancólica vem, como precursora da noite, pousar-nos sôbre o coração." (Herc. *Lendas e Narr.*, II, 119).

374. No português atual, é adjetivo qualificativo :

a) Anteposto ao substantivo mas precedido de palavra que denote gradação : *tão certo* amigo não me pode abandonar, *mais certo* amigo é João do que Pedro, *tão certo* amigo é João como Paulo.

b) Posposto ao substantivo, caso em que se torna sinónimo de *seguro, verdadeiro, exato, fiel, constante, com que se pode contar, que não falta : a hora certa, um amigo certo.*

"A piedade filial desmaiou um instante, com a perspectiva da liberdade *certa.*" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 200).

375. Em português antigo podia ser qualificativo, ainda quando simplesmente anteposto ao substantivo :

"Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento,
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 24).

Aí *certo intento* = intento certo, infalível, imutável.

Outro

376. Êste indefinido pode empregar-se como qualificativo, e então quer dizer *mudado, diferente :*

"Era ela ; só a reconhecí a poucos passos, tão *outra* estava, a tal ponto a natureza e a arte lhe haviam dado o último apuro." (M. DE Ass., *Braz Cubas*, 143).

377. A expressão *outro tempo* quasi sempre equivale a *o tempo passado* (*dantes, outrora*) :

"Não podia acabar de crer que essa figura esquálida, essa barba pintada de branco, êsse maltrapilho avelhentado, que tôda essa ruína fôsse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de *outro tempo*, e o sorriso não perdera certo ar escarninho, que lhe era peculiar." (M. DE Ass., *Braz Cubas*, 166).

"Quanto à gesticulação, sem que houvesse perdido a viveza de *outro tempo*, não tinha já a desordem, sujeitava-se a um certo método." (Id., *ibid.*, 282).

378. *Ao outro dia* / *No outro dia* } = no dia imediato:

"— Mas nós de-veras não voltamos à cidade tão cedo? perguntou Venancinha rindo, *no outro dia* de manhã". (M. de Ass., *Vár. Hist.*, 242).

"*Ao outro (dia) que foram dezassete de Dezembro.*" (Castanh., I, 39, *apud* Epifânio, *Sint. Hist.*, 76).

379. Às vezes *outro dia* significa "um dêstes dias passados":

"Mas você achava *outro dia* que eu devia casar quanto antes..." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 314).

380. *Um... o outro* indicando reciprocidade e referindo-se a indivíduos de sexos diferentes, ficam no masculino.

Braz Cubas e sua irmã Sabina reconciliam-se um com o outro, e assim conta Braz Cubas aquela cena:

"Achei-a mais gorda, e talvez mais môça. Parecia ter vinte anos, e contava mais de trinta. Graciosa, afável, nenhum acanhamento, nenhum ressentimento. Olhávamos *um para o outro*, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dous namorados. Era a minha infância que ressurgia, fresca, travêssa e loura; os anos iam caíndo como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a nossa família, as nossas festas." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 218).

Mais alguns exemplos de Machado de Assiz: *Braz Cubas*, 15, 107, 160, 176, 269; *D. Casmurro*, 41 e *passim*.

381. Não indicando reciprocidade, podem ambos os pronomes ficar no masculino quando a idéia de sexo não interesse ao pensamento principal.

É o que se vê nos versos infra de Camões: *um* representa Baco, contrário aos Lusitanos, de receoso que êstes lhe ofus-

cassem a fama de conquistador da Índia, e *o outro* está indicando Vênus, protetora sua, entre vários motivos, por sabê-los propensos a prestar-lhe culto :

> "Assí que, *um* pela infâmia que arrecea,
> E *o outro* polas honras que pretende,
> Debatem, e na perfia permanecem ;
> A qualquer seus amigos favorecem."
> (CAMÕES, *Lus.*, I, 34).

O trecho abaixo exemplifica o emprêgo dos pronomes em gêneros diversos :

> "Conquanto achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão ríspido como nos outros dias, nem a rispidez de *um*, nem a severidade *da outra* podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 56).

382. Se, porém, a distinção de sexos é uma coisa importante no que se está relatando, deve pôr-se, do modo que convenha, um dos pronomes no masculino e o outro no feminino :

> "As molheres e filhos, que se matam,
> Daqueles que vão presos, onde estava
> O Samorim, se aqueixam, que perdidos
> *Uns* tem os pais, *as outras* os maridos."
> (CAMÕES, *Lus.*, IX, 11).

> "Teria a si em conta de um egoista e cobarde se não seguisse os impulsos de seu coração restituindo *uma ao outro* aquela mãe órfã ao filho desamparado." (J. DE ALENCAR, *O Gaúcho*, I, 99).

383. Nas expressões *um e outro*, *um... outro*, referidas a indivíduos de sexos diferentes, a permanência no masculino é preferida. Assim, diz MACHADO DE ASSIZ, falando de Adão e Eva :

> "*Um e outro* caíram aos pés do Senhor." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 140).

> "*Um e outro*, atónitos e confusos, curvaram o colo em sinal de obediência." (ID., *ibid.*, 145).

Alberto de Oliveira (*Poes.*, 3.ª série, 1928, pág. 107) diz, falando de um homem velho e uma casa velha, e notando entre êles relações de analogia:

"O olhar de ambos é o mesmo, as cousas vêem, mas baças,
Um com os óculos, *outro* espiando das vidraças."

E na página seguinte:

"Estalidos em *um*, em *outro* são gemidos."

De acôrdo com o § 381 poderia dizer-se, com artigo antes de *outro*:

"*Um* com os óculos, *a outra* espiando das vidraças" e "Estalidos em *uma*, *no outro* são gemidos", notando-se, porém, que esta sintaxe perturbaria, quanto à métrica, o último verso.

Cada

384. *Cada* só se deve empregar adjetivamente:

"várias outras tolices sem palavras, mas pensadas ou deliradas a *cada* instante." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 305).

385. Substantivamente usa-se *cada um* ou *cada qual*:

"*Cada um* notava alguma cousa." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 27).

"Que lhe importa o meu ar? *Cada qual* tem o ar que Deus lhe deu." (ID., *ibid.*, 229).

386. *Cada um* funcionava como adjetivo no português de outrora:

"*Cada huũ* homem tem desejo de conservar sua vida." (*Virt. Benf.*, 166, *apud* EPIFÂNIO, *Sint. Hist.*, 88).

387. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

"importa a sua sustentação *cada um* ano... trezentos e nove milhões, e novecentos, e noventa e dous mil cruzados." (BERNARDES, *Nova Floresta*, II, 1708, 116).

"um juiz, no exterior pio, e religioso, que comungava *cada oito* dias, e fazia outras obras de virtude." (BERNARDES, *apud* M. BARRETO, *Novos Estudos*, 2.ª ed., pág. 228).

388. Pode ter valor intensivo:

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem!" (EÇA DE QUEIROZ, *A cidade e as serras*, 288).

Qualquer

389. *Qualquer* aparece em português antigo como sinónimo de *cada um:*

"A *qualquer* seus amigos favorecem."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 34).

390. Tem às vezes sentido deprimente:

"A intenção dêle é mostrar que não é criado de *qualquer*". (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 373).

Homem

391. Usou-se como indefinido, e como tal um ou outro escritor moderno ainda o emprega, pôsto não pertença, nesta função, à linguagem corrente:

"...segredos que *homem* não conhece."
(CAMÕES, *Lus.*, III, 69).

"Na verdade, jamais *homem* há visto
Cousa na terra semelhante a isto."
(M. DE ASS., *Poesias*, 302).

392. Mas *um homem*, assim como *a gente* e *uma pessoa*, são elementos da linguagem viva:

"Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interêsses, a luta das cobiças obrigam *a gente* a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à conciên-

cia; e o melhor da obrigação é quando, à fôrça de embaçar os outros, embaça-se *um homem* a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 81).

"— E' pena. Um lugar tão bom para *uma pessoa* se refazer!" (GRACILIANO RAMOS, *S. Bernardo*, 1934, pág. 91).

"Está *ũa pessoa* ouvindo missa, meia hora o cansa, e atormenta, e faz romper em murmurações". (BERNARDES, *Nova Floresta*, I, 1706, 5.ª página, sem numeração).

Ambos

393. *Ambos* significa *os dois, um e outro:*

"...ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, *ambos* pensativos." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 117).

394. *Ambos de dois* é comum no português antigo:

"De *ambos de dous* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha."
(CAMÕES, *Lus.*, IX, 72).

395. *Ambos os dois* ainda em autores modernos não é muito raro. Lembro-me de vê-lo em MACHADO DE ASSIZ, *D. Casmurro*, pág. 291.

396. *Ambos* pode referir-se a substantivos no plural, designativos de duas classes de indivíduos, e então corresponde a *uns e outros:*

"Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se *ambos*." (CAMILO, *Amor de Perdição*, cap. II, pág. 37 da ed. de 1869).

"*Ambos* consolam e esperançam os homens gravemente enfermos, os médicos e sacerdotes." (MARQUÊS DE MARICÁ, *Máximas*, 220).

"Almas, e honras temos: estas *ambas*
A ti, Senhor, se devem, a ti as damos."
(ANTÓNIO FERREIRA, *Castro*, ato II, nos *Poem. Lusit.*, 1598, f. 218).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

5. Artigo

397. De modo geral pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos, os quais a pessoa que fala impõe à atenção do ouvinte.

O artigo indefinido propõe indivíduos desconhecidos ou que ainda não foram mencionados ; o artigo definido executa o contrário: mostra indivíduos conhecidos ou já mencionados.

Machado de Assiz, contando-nos um apólogo, começa desta maneira :

"Era uma vez *uma* agulha, que disse a *um* novelo de linha : etc."

Com o artigo indefinido, o escritor distingue, da classe das agulhas, uma, que submete à atenção do leitor ; o mesmo faz com os novelos de linha : aponta, de entre êles, um, que vai figurar na sua história.

Apresentados, por êsse modo, aqueles dois objetos ao leitor, o escritor usará daí por diante o artigo definido, pois o indefinido já não tem cabimento. E assim acontece realmente:

"Chegou a costureira, pegou do pano, pegou d*a* agulha, pegou d*a* linha, enfiou *a* linha n*a* agulha, e entrou a coser." "E dizia *a* agulha" "*A* linha não respondeu nada", etc.

* * *

398. Não se acompanham de artigo os vocativos e os nomes determinados pelos demonstrativos *êste, êsse, aquele.*

399. Nos superlativos relativos não se deve repetir o artigo *o, a, os, as :*

"A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinàriamente, como *o* homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 390).

E não : "o homem *o* mais puro do mundo." (1)

400. Entretanto, em autores modernos, há exemplos da repetição do artigo, para produzir maior energia de expressão, realçar mais nìtidamente a qualidade apresentada pelo superlativo :

"Não enche êle de bálsamos o calis
Da flor *a* mais humilde, e êsses espaços
Não enche êle de luz?"
(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, 1876, pág. 12).

Entenda-se : "Da flor *ainda a mais humilde*".

401. Repete-se, porém, obrigatòriamente o artigo definido quando, entre o substantivo, que êle precede, e o superlativo, medeia uma palavra que serve de salientar o superlativo : neste caso pode subentender-se o substantivo depois do segundo artigo. Exemplo :

"sarava os males ainda *os* mais antigos." (EÇA DE QUEIROZ, *Contos*, 357).

Isto é : "ainda os [males] mais antigos".

402. Vindo o substantivo sem artigo *definido*, deve levá-lo o superlativo relativo :

"O resplandor dêste ouro nos engana.
E é terra em fim, e terra *a* mais pesada".
(ANTÓNIO FERREIRA, *Poem. Lusit.*, 1598, f. 215, v.º)

"Discípulo de Deus *o* mais amado,
Dêsse divino fogo, em que tu ardeste,
Seja êste esprito meu sempre inflãmado."
(ID., *ibid.*, f. 26).

(1) Em "o mais digno" está bem o artigo porque o substantivo está subentendido.

"Aquí Palas, e Febo se sentaram.
E escolhendo na terra seus assentos
Os mais doces, e frescos, começaram
Aos homens levantar os pensamentos
A cousas, que té-li nunca cuidaram."

(ID., *ibid.*, f. 65).

"O segundo (lugar) foi um monte *o* mais levantado, que havia naquele distrito." (ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*, V, 1689, pág. 211).

403. *Casa* e *palácio*, com artigo ou sem êle, merecem estudo um pouco minucioso, que damos em aditamento a êste ponto.

404. Há muitas locuções em que não é hábito pôr-se o artigo: *declarar guerra a, fazer guerra a,* (1) *fazer oração, fazer penitência, ouvir missa, pedir perdão, pedir esmola, ferir fogo, ter direito a, entender alemão, falar francês,* e muitas outras, que a leitura atenta e constante dos bons autores ensinará, e de que se pode ver lista mais opulenta na *Sintaxe Histórica* de Epifânio Dias, pág. 94 e ss.

405. Também sem artigo: "*bordo* do navio tal", "estar *a bordo*", "vir *de bordo*", etc.:

"Carlos a acompanhara à Foz, *até bordo* do navio." (JÚLIO DINIZ, *Uma família inglêsa*, 1920, pág. 447).

406. Os possessivos, quando, usados como pronomes, têm subentendidos os seus substantivos, não dispensam o artigo:

"queria saber alí mesmo tudo, as perguntas e as respostas, a gente que lá estava à espera, e se era o mesmo destino para os dous, ou se cada um tinha *o seu*". (M. DE ASS., *Esaú e Jacó*, 36).

"Quando não acertava de ter a mesma opinião, e valia a pena escrever *a sua*, escrevia-a." (ID., *ibid.*, 44).

---

(1) Assim: "entrou em pensamento se iria *fazer guerra a* el-rei da Síria" (VIEIRA, *Sermões*, V, 1689, pág. 109) e ainda, na mesma página: "Devo ir *fazer guerra a* Ramot Galaad, ou aquietar-me?", mas: "responderam todos os Profetas a ua voz, que se *fizesse a guerra*, que Deus daria a Sua Majestade vitória" (pág. 110), "resolveu que se *fizesse a guerra*: tocam-se as trombetas, marcha o exército, etc." (pág. 111), porque nos dois últimos trechos não vem expresso o complemento regido por *a*.

407. Empregados, porém, como predicativos, sòzinhos e sem substantivo subentendido, não admitem artigo : "êste livro é *meu*", isto é, "êste livro é de mim, pertence-me".

(A frase "êste livro é o meu" tem outro sentido, e nela o artigo é obrigatório, segundo vimos, por subentender-se o substantivo : êste livro é o meu [livro].)

408. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos usam-se com artigo ou sem êle :

"Já sabes que *a minha alma*, por mais lacerada que tenha sido, não ficou aí para um canto como uma flor lívida e solitária." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 396).

"*Minh'alma* então sentiu-se forte".
(M. DE ASS., *Poesias*, 300).

409. Diz-se, porém, sem artigo : *Nosso Pai* (= o Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, bem como as fórmulas de tratamento *V. Excia.*, *V. S.ª*, *V. M.*, etc.

410. Hoje dizemos, com artigo, *todos os meus livros*, mas o português clássico usava muito *todos meus livros :*

"a imagem, e figura da divindade com *todos seus* atributos." (VIEIRA, *Sermões*, V, 238).

Alguns escritores modernos imitam a sintaxe antiga.

411. Vindo o possessivo posposto ao substantivo, é de regra levar êste o artigo :

"Conta ao vento da noite *as dôres suas*".
(M. DE ASS., *Poesias*, 190).

"Que desvalia *aos olhos teus* me coube,
Se a outro me ligaram natureza,
Religião, destino?"
(ID., *ibid.*, 201).

412. A omissão do artigo, neste caso, dá-se quando exprimimos coisas que não determinamos precisamente, que mencionamos de um modo vago :

"... Já dos lábios
Solta nas asas de oração singela
Lástimas suas..."

(M. DE ASS., *Poesias*, 198).

"um período de *escrito seu*." (B. DE PARANAPIACABA, *apud* SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 107).

413. Ensina SAID ALI, na *Lexiologia do Port. Hist.*, pág. 98 :

«Achando-se a totalidade numérica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a supressão do artigo sòmente quando subentendido esteja o substantivo :

«"Por *todos os quatro* lados" (VIEIRA, *Serm.*, 8, 36). — Subissem *todos três* ao monte (*ibid.*, 8, 315). — "Os criados... eram três ; *todos três* tiveram cabedal" (*ibid.*, 2, 22). — "*Todos os quatro* Doutores da Igreja" (*ibid.*, 2, 421). — "*A todos os doze* Apóstolos disse Cristo" (BERNARDES, *Nova Flor.*, 1, 390). — "Andou tanto... que pudera suprir o caminho de *todos doze*" (*ibid.*, 1, 390).»

* * *

414. À parte os casos que vão indicados adiante, e mais um ou outro involuntàriamente omitido, não se usa artigo com os nomes próprios, salvo :

1) vindo precedidos de qualificação : *a soberba Veneza* (*Lus.*, III, 14), *do velho Portugal* (HERCULANO, *Poes.*, 113), *a grande e santa Jerusalém, a abatida Sião* (M. DE ASS., *Poes.*, 223) ; mas, em virtude de estar a qualificação depois do substantivo, "os muros *de Jericó soberba*" (G. DIAS, *Poes.*, I, 173), "Prófugos *de Tróia arrasada* aportam na Itália" (CASTILHO, *Fastos*, I, XIII), "vai tomar vingança *de Trancoso destruída*" (*Lus.*, III, 64).

2) vindo precedidos ou seguidos de determinação ou qualificação, que indiquem estados ou aspetos de uma mesma pessoa ou coisa, considerada em tempos ou de pontos de vista diversos :

"Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas — como Catão para chamar os servos, *na Roma simples*." (Eça de Queiroz, *A cidade e as serras*, 1903, pág. 240).

"Calisto Elói, aquele santo homem lá das serras, o anjo do fragmento paradísico *do Portugal velho* caiu." (Camilo Castelo Branco, *vol.* VIII da *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*, 106).

"reconhecer-se-á que as maravilhas fictícias *da primeira Roma*, com serem de tamanho vulto, foram igualadas e excedidas pelas *da Roma que hoje é nossa*". (Castilho, *Os Fastos*, I, XII).

"Invertei os termos alto e baixo, terra e céu, e percebereis no poético princípio *da Roma que foi*, a visão precursora *da Roma ressurgida, indisputável, presente e perenal*." (Id., *ibid.*, XIII).

"os críticos formados na escola *do hodierno Paris*" (Odorico Mendes, *apud* Silveira, *Trechos Seletos*, 166).

"Êles não podem, êles não sabem governar isto. Êste já não é o *Portugal dos frades e das beatas*". (Garrett, *Teatro*, V, 1848, 170).

3) vindo precedidos de ordinal, que distingue pessoas do mesmo nome :

"*o* primeiro Afonso" (*Lus.*, I, 13).

"*O* quarto e quinto Afonsos." (*Ibid.*).

Mas : *Afonso I*, *Afonso V*, *Leão XIII*, etc.

Dir-se-á, porém : "*O* Afonso IV, a que me refiro, é o de Portugal e não o de Aragão" ; "*o* Pedro IV de Portugal foi *o* Pedro I do Brasil".

4) estando empregados como nomes comuns, para indicar uma classe de indivíduos com as qualidades ou aptidões daquele que o nome próprio designa :

"Nem digas que nos faltam Homeros, pela causa apontada em Camões ; não, senhor, faltam-nos, é certo, mas é porque *os Príamos* procuram a sombra e o silêncio." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 346).

Obs. : É claro que, em tal caso, estando o nome próprio com valor de nome comum, não lhe pomos artigo quando também o dispensamos neste.

Como dizemos : "Não penses que nos faltam *poetas* do gênio de Homero", assim dizemos também : "Não penses que nos faltam *Homeros*".

5) na linguagem enfática, quando queremos destacar muito uma personalidade ou uma coisa :

> "Por êstes vos darei *um Nuno* fero,
> Que fêz ao rei e ao reino tal serviço,
> *Um Egas* e *um D. Fuas*, que de Homero
> A cítara par'êles só cobiço."
>
> (Camões, *Lus.*, I, 12).

Obs. : Em nomes de santos considera-se a palavra *São* ou *Santo* como parte do nome próprio, de sorte que não se lhe antepõe artigo definido :

> "*S. João Batista* e *S. Francisco de Paula*, duros ascetas, mostravam-se às vezes enfadados e absolutos. Não era assim *S. Francisco de Sales*". (M. de Ass., *Várias Hist.*, 27).

Entretanto, designando-se com o nome do santo, precedido de *São* ou *Santo*, v. g. o tempo em que o mesmo se festeja, o artigo é de regra :

> "aquele catolicismo sem romarias, sem fogueiras *pelo* S. João, sem imagens do Senhor dos Passos, sem frades nas ruas — não lhe parecia a religião." (Eça de Queiroz, *Os Maias*, I, 22).

> "Nós dois sòmente, naquela mesa imensa que vira cheia, de ponta a ponta, nos grandes dias do Santa-Rosa, nas semanas santas de feijão de côco, *nos São Pedros* com os parentes e a alegria do patriarca contaminando todo o mundo." (José Lins do Rêgo, *Banguê*, p. 67).

Também poder-se-á dizer, de acôrdo com o n. 4, *os São Pedros* e, com o n. 5, *um São João Batista*.

6) quando antepomos ao nome próprio o artigo indefinido *um*, equivalendo à expressão *um certo, um indivíduo chamado :*

> "Quer falar-te um sujeito, *um* Clínias, um colega,
> Ex-mercador, como eu".
>
> (M. de Ass., *Poesias*, 128).

7) quando juntamos ao nome próprio o artigo indefinido para indicar que não se trata de uma pessoa ou coisa como ela é na realidade e sim como seria com qualidades ou num estado, que lhe imaginamos :

"Já não exigia de certo, como em rapaz, *uma* Lisboa de Catões e de Múcios-Cévolas." (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 19).

415. Costumam levar artigo os nomes pórprios :

1) De povos : *os brasileiros, os portugueses, os romanos.*

Contudo, nas enumerações, nas construções em que os nomes vão juxtapostos, mas que se poderiam fazer ligando-os pelas palavras *tanto... como...*, o artigo é muita vez dispensado :

"...é dos fados grandes certo intento,
Que por ela [gente de Luso] se esqueçam os humanos
De *Assírios, Persas, Gregos e Romanos.*"

(CAMÕES, *Lus.*, I, 24).

2) Dos continentes e vastas regiões da terra : *a Europa, a Ásia, a África, a América, a Índia*, etc.

Trazendo, porém, preposição, não é raro aparecerem sem artigo :

"Comecem a sentir o pêso grosso
— Que polo mundo toda faça espanto —
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares."

(CAMÕES, *Lus.*, I, 15).

"... ás terras viciosas
De África e *de Ásia*..."

(ID., *ibid.*, 2).

Ainda que mais raramente, tais nomes próprios se encontram sem artigo, mesmo não estando regidos de preposição :

"Horroriza-se Holanda, pasma *Europa*"

(DURÃO, *Caramurú*, IX, 63).

"Nem duvida que seja em tempo breve
A colónia melhor que *Europa* teve".
(Id., *ibid.*, X, 23).

"*Ásia* começa aquí, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta."
(Camões, *Lus.*, X, 98).

3) Os nomes de rios, montes, vulcões, desertos, mares, oceanos e grupos de ilhas : *o Paraíba, o Amazonas, o Itatiaia, o Corcovado, o Chimboraço, o Etna, o Saará,* (ou *o Saara*), *o Báltico, o Atlântico, o Pacífico, as Maldivas, as Cícladas, os Açores.*

Mas os de montes e rios já se usaram com artigo ou sem êle : *de Pindo* (*Lus.*, III, 2), *de Abila* (*Lus.*, III, 77), *de Mondego* (*Lus.* III, 97) ; *do Tinge* (*Lus.*, III, 77), *do Mondego* (*Lus.*, III, 80), *do Tejo* (*Lus.*, VII, 78). (Muitos outros exemplos apresenta o sr. Dr. José Maria Rodrigues a pág. 6 do *Aparato Crítico* da reimpressão "fac-similada" dos *Lusíadas* feita pela Biblioteca Nacional de Lisboa).

Sobretudo nas enumerações, ainda hoje se pode omitir o artigo para brevidade e leveza da frase, ou por necessidade métrica do verso :

"E ao encontro lhe vêm seus grandes tributários :
Vem o Piratininga, o Turvo, que em caminho
Toma o das Pedras ; vem (tantos são e tão vários !)
Agora liso e manso, agora em redomoínho,
Gorgolhando, a bufar, o Mundéus, o Vermelho,
Laje, que o nome tem da pedra em que descansa,
Cachoeira, a refletir o azul em seu espelho,
Taquaral, São José, Formoso e *Barra-Mansa ;*
Vem *Barroso*, e *Quatís ;* vem e dos cerros tomba
Piabanha, e *Paquequer*......"
(Alberto de Oliveira, *Poes.*, 2.ª série, 1912, pág. 203).

4) Os nomes de algumas cidades : *o Cairo, o Havre, a Haia, a Havana* (também *Haia* e *Havana*, sem artigo), e aqueles de cuja origem apelativa perdura lembrança : *o Pôrto, o Rio de Janeiro, a Baía, a Guarda,* etc.

A respeito de Haia e de Havana :

"um tratado de aliança ofensiva e defensiva, assinado *na Haia* a 12 de dezembro de 1642." (João Francisco Lisboa, *Obras*, Maranhão, 1864 I, pág. 39).

"devendo apresentar a ratificação *em Haia*". (Id., *ibid.*, 39).

"um bom cigarro *da Havana*". (Garrett, *Viagens na minha terra*, I, 6).

"levava cargas de pretos para o Brasil, para *a Havana* e para a Nova-Orleans." (Eça de Queiroz, *Os Maias*, I, 32).

Falando-se da capital de Pernambuco, diz-se "o Recife" ou só "Recife":

"Era por essa água quasi dormente sôbre os seus largos bancos de areia que se embarcava o açúcar para *o Recife*." (Joaquim Nabuco, *Minha formação*, 1900, pág. 211).

"E eu... invadí a terra do Fidelis, paralítico dum braço, e a dos Gama, que pandegavam *no Recife*, estudando direito". (Graciliano Ramos, *S. Bernardo*, 1934, pág. 48).

"os jornais d*o Recife*" (Id., *ibid.*, 82).

Também: *Aracajú* ou *o Aracajú*, capital de Sergipe:

"Foi Josefa quem aventou a idéia de se mudarem para *o Aracajú*." (Amando Fontes, *Os Corumbas*, 4.ª ed., 1934, pág. 19).

"Mas, com o transcorrer do tempo, fizeram boas amizades, aclimataram-se melhor *no Aracajú*." (Id., *ibid.*, 88).

5) Os nomes de algumas ilhas: *a Madeira, a Sicília, a Córsega, a Sardenha, a Islândia*, etc.

Entretanto, êsses mesmos podem aparecer sem artigo:

"Nem era o povo seu tiranizado
Como *Sicília* foi de seus tiranos."
(Camões, *Lus.*, III, 93).

6) Os nomes da maioria dos estados e províncias: *a Espanha, a França, a Alemanha, o Brasil, o Perú, o Japão, a China, o Egito, a Beira, o Algarve, a Galiza*, etc.

Mas sem artigo: *Portugal, Castela, Andorra, Mónaco, S. Marino, Pernambuco, Alagoas* (às vezes *as Alagoas*, como em M. de Assiz, *Quincas Borba*, 173, e *passim*: "uma cidade *das Alagoas*"), *Sergipe, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiaz, Minas Gerais, Angola, Moçambique, Trás os*

Montes, *Navarra*, *Aragão* (mas também "Navarra e *o* Aragão" em LATINO COELHO, *Fernão de Magalhães*, Lisboa, 1917, pág. 107), etc.

Regidos de preposição, alguns dêsses nomes que geralmente têm artigo se mostram muitas vezes sem êle :

"o natural *de Inglaterra* não entenderá provàvelmente uma única palavra." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 294).

"O chasse-marée, destinado a transportar gado *de França* para as ilhas do Canal, ia em lastro, e o lastro era d'areia." (ID., *ibid.*, 308).

"Pêso de Nínive, quer dizer, profecia de Nínive ; pêso *de Assíria*, quer dizer, profecia *de Assíria ;* pêso *de Egito*, quer dizer, profecia *de Egito*". (ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*, V, 112).

"As bandeiras *de Grécia* gloriosas"
(CAMÕES, *Lus.*, VII, 54).

Mesmo desacompanhados de preposição, aparecem uma ou outra vez sem artigo :

"Horroriza-se *Holanda*".
(DURÃO, *Caramurú*, IX, 63).

"Tôda a terra foi perdida !
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida :
Ver *Alentejo* era um dó !"
(BERN. RIBEIRO, *Éclogas*, 26).

7) Os nomes dos pontos cardinais e os dos intermédios, quer no sentido próprio, quer quando designam regiões ou ventos :

"vimos uma serra muito alta com um morro redondo para a parte *do leste*" (F. MENDES PINTO, *Peregrinação*, II, 13).

"*No sudoeste*, uma nuvem negra e ampla parecia firmar-se em pé no horizonte, prolongando os cimos dentados pelas alturas do céu ; era a procela, que fugia varrida *pelo nordeste*". (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 317).

"Tíbio o sol entre as nuvens *do ocidente*,
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene
Vai a hora da tarde! — *O oeste* passa
Mudo nos troncos da alameda antiga,
Que à voz da primavera os gomos brota".

(HERCULANO, *Poesias*, 3).

Indicando simples direção, podem vir sem artigo:

"A brisa, que ao sairmos de Jersey era em pôpa, rodou sucessivamente *para noroeste*, e, antes do pôr do sol, soprava já violenta do lado do oeste". (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 286).

"Voltando a proa *para poente*, corremos ao largo da ilha". (HERCULANO, *Eurico*, 40).

"ao fundo do horizonte, *para sul*, o encastelamento fantástico das grandes nuvens plúmbeas, listradas de negro e roxo, metralhando com fúria o largo espaço, aos quatro ventos, era tudo quanto o nosso espírito pode conceber de mais grandioso e de mais sublime". (TRINDADE COELHO, *Os meus amores*, 128).

"No entanto, Febo Apolo descia *para ocidente*." (EÇA DE QUEIROZ, *Contos*, 333).

"desde as alturas até à cheirosa mata de tuias e cedros, que assombreava um gôlfo sereno, *a oriente* da Ilha". (ID., *ibid.*, 319).

"já as sombras principiavam do lado *de leste* a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 5).

Designando vento, mas tomado em sentido vago, não traz artigo:

"ao longe o rio estava turvo, e no ar mole errava um hálito morno *de sudoeste*". (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 343).

8) Os nomes próprios de pessoas e animais, conhecidos dos ouvintes, ou de muita nomeada (neste caso, porém, o não emprêgo do artigo é frequente e talvez mesmo preferido na língua literária):

"Sentiu bater à porta! Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio de espanto: era *o Fiel*, o cão,
Que voltava arquejante, exâmine, encharcado"

(GUERRA JUNQUEIRO).

"— Ah! o senhor é que é *o Pestana*? perguntou Sinhàzinha Mota, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: — Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, *Pestana* respondeu que sim, que era êle.

. . . . Finda a quadrilha, mal teriam descansado uns dez minutos, a viúva correu novamente *ao Pestana* para um obséquio mui particular." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 61 e 62).

9) Os nomes de obras literárias e artísticas: *o Caramurú, a Eneida, a Jerusalém Libertada, o Eurico, a Venus de Milo*, etc.

416. Nos cognomes e alcunhas há grande hesitação:

"Eu sou Azarias filho de Ananias *o Magno*. Como se disséssemos de Carlos *Magno*, de Pompeu *Magno*, de Alexandre *Magno*." (VIEIRA, *Sermões*, V, 90).

E também: *Silva Xavier, o Tiradentes*, mas *Frederico Barba-roxa, Ricardo Coração de Leão*, etc.

* * *

417. É muito costume dispensar-se o artigo em provérbios, e em frases apresentadas à maneira de sentenças, máximas, aforismos ou definições:

"*Água* mole em *pedra* dura tanto dá até que fura." (Provérbio).

"*Gato* escaldado de *água* fria tem mêdo." (Provérbio).

"Uniram-se os três. *Convivência* trouxe *intimidade*". (1) (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 7).

"*Candura* gerou *astúcia*". (ID., *ibid.*, 9).

(1) Compare-se com o trecho abaixo, em que Machado de Assiz acompanhou de artigo "frequência" e "familiaridade", porque está apenas contando um fato sem lhe dar extensão genérica de provérbio ou máxima:

"Tempos depois, estando já formado, e morando na rua de Mata-Cavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e *a frequência trouxe a familiaridade*. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo alí perto, em Catumbí". (*Várias Hist.*, 107).

"*Timidez* não é tão ruim moeda como parece". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 77).

"Pedir, peço, mas pedir não é alcançar. Anjo do meu coração, se *vontade* de servir é *poder* de mandar, estamos aquí, estamos a bordo.". (Id., *ibid.*, 80).

"Morreu sereno, após uma agonia curta. Pouco antes ouviu que o céu estava lindo, e pediu que abríssemos a janela.
— Não, o ar pode fazer-lhe mal.
— Que mal? *Ar é vida*" (Id., *ibid.*, 386).

418. Pode-se dispensar o artigo (definido ou indefinido) quando a clareza ou a ênfase o não requerem, e em particular nas enumerações e nos casos em que o substantivo designa a generalidade de uma espécie:

"..... o dia *últimos raios*
Com o luar mistura"
(Herculano, *Poesias*, 122).

"Lágrima santa, lágrima de gôsto
Vertem *olhos* de Elvira."
(M. de Ass., *Poesias*, 159).

"Chegando, enfim, à c'roa da colina
Viram *olhos* de Heitor o mar ao largo."
(Id., *ibid.*, 161).

"*Mãe* é capaz de tudo". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 183).

"Antes que o sono tácito
Olhos nos cerre"
(A. F. de Castilho, na *Antol. Nac.*, 454).

"...Ave mesquinha,
Inútil foges; *gavião* te espreita".
(M. de Ass., *Poesias*, 199).

"*Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,*
Opostos sentimentos se combatem
No atribulado peito."
(M. de Ass., *Poesias*, 202).

"*Opas* enfiadas, *tochas* distribuídas e acesas, *padre* e *cibório* prontos, o sacristão de hissope e campaínha nas mãos, saíu o préstito à rua". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 88).

"*Moléstia* e *saúde* eram dous caroços do mesmo fruto, dous estados de Humanitas." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 15)

"Quem não sabe que *cavalo* e *cachorro* são os animais que mais gostam da gente? *Cachorro* parece que inda gosta mais..." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 82).

419. Nos versos abaixo, Guerra Junqueiro aproveita-se, artìsticamente, da liberdade de empregarmos o artigo ou omití-lo :

"*Homem, nuvem, granito, onda, serpente,*
A rocha, o ar, o abutre, a fôlha de hera,
O mundo, os mundos, tudo que é vivente,

Do lôdo à água, do metal à fera,
Da fera ao anjo, do covil à cruz,
Move-se tudo, existe e reverbera,

Sonhando, amando, palpitando em luz !..."
(*Oração à luz*)

420. Atualmente, o artigo é obrigatório com o superlativo relativo, não se repetindo, porém, como notámos, antes do adjetivo quando já foi dito com o substantivo ; mas no português antigo vemo-lo muitas vezes dispensado :

"Tôdas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é *milhor*"
(CAMÕES, *Lus.*, III, 18).

"Êste [o dinheiro] *a mais nobres* faz fazer vilezas".
(ID., *ibid.*, VIII, 98).

"O diabo me tomou
sair-me de Jam montês
por servir um tavanês
mor doudo que Deus criou".
(GIL VICENTE, *Obras*, 1562, CCXVII).

"Em meo do spaço mais dentro está ũu paaço fremoso e *maior* que há no mundo." (O livro de Marco Paulo, 55, v.).

Exemplos apresentados pelo sr. Dr. José Maria Rodrigues no já citado *Aparato Crítico dos Lusíadas*, pág. 41 :

"Que quereys que vos diga... se nã que sam *mais malauenturada molher* do mundo". (*Palmeirim*, I, pág. 461).

"Neste (tempo) he *maior bulra* do mundo." (*Eufrosina*, 107).

"Irei de ca *mais cedo* que poder." (*Ibid.*, 109).

421. O artigo é um elemento de clareza e relêvo, de que dispõem as línguas românicas com grande vantagem sôbre o latim, que o não possuía. O português pode não usá-lo em certos casos, como já vimos. Em particular lhe *é possível — mas não obrigatória*, a omissão do artigo indefinido quando o substantivo, que o artigo determinaria, está acompanhado de adjetivo ou expressão equivalente.

422. Como há quem guerreie o uso, neste caso, do artigo indefinido, cabe citar exemplos clássicos em seu abono :

"Estava o padre alí sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrêlas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano ;
Do rosto respirava *um* ar divino,
Que divino tornara um corpo humano,
Com *ũa* coroa e cetro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante".

(Camões, *Lus.*, I, 22).

"Com *um* redondo emparo alto de sêda,
Nũa alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o rei subido."

(Id. *ibid.*, II, 96).

"*Um* mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; *um* riso brando e honesto,
Quasi forçado ; *um* doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso :

Um despeito quieto e vergonhoso ;
Um repouso gravíssimo e modesto ;
Uma pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso :

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um mêdo sem ter culpa, *um* ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento."

(CAMÕES, na *Antol.* de FIGUEIREDO, 391).

Pululam exemplos em outros autores (JOÃO DE BARROS, HEITOR PINTO, SÁ DE MIRANDA, etc.), mas não se transcrevem aquí para não alongar demasiado o presente excurso. Entretanto, indicaremos mais alguns lugares dos *Lusíadas*, onde se encontra o impugnado emprêgo do artigo indefinido: I - 4, 5, 7, 9, 23, 25, 27, 31, 37, 71; II - 37, 56, 58, 64, 95, 101; III - 24, 43, 51, 67, 123, 127, 141, 142, 143; IV - 39, 75, 78, 84, 89, 91, 94; V - 38, 40, 46, 49, 53, 56, 60, 65, 82; VI - 17, 21, 68, 69, 98; VII - 17, 22, 44, 46, 52, 57, 58, 65, 77, 80; VIII - 28, 47, 55, 56, 57, 59; IX - 25, 53, 55, 87, 88, 93; X - 5, 6, 7, 24, 45, 47, 48, 59, 74.

423. O artigo salienta com maior vigor, individua mais enèrgicamente aquilo que o substantivo designa, e que fica sendo uma coisa mais vaga, mais desbotada e mais abstrata quando falta o artigo. Na edição de 1877 das *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano lê-se, a páginas 110 do tômo II: "Dizei-lhe isto, e vereis êsse engenho, que credes moribundo, atirar-se, *como tigre*, ao meio dos juízes". Há aí uma simples e apagada comparação. Mas, na edição de 1859, está "atirar-se como *um tigre*", expressão de muito mais fôrça evocativa, porque o espírito como que vê, concretamente, um tigre que se atira com tôda a sua ferocidade, e com êsse tigre, assim destacado dos mais pelo artigo, é que se faz a comparação.

424. Da possibilidade gramatical de omitir o artigo indefinido pode aproveitar-se o escritor para evitar a excessiva repetição daquela palavra ou para, tirando à expressão a nitidez que lhe dá o artigo, deixá-la com um tom suave de meia tinta. Na 3.ª edição dos *Trechos Seletos*, em que faço o

confronto de dois textos de um mesmo escrito de Coelho Neto, pode-se ver como em vários lugares o grande prosador preferiu suprimir o artigo indefinido, que havia empregado antes.

* * *

425. Quando se menciona um objeto determinado, que imediatamente se descreve, ou se precisa melhor, fazendo-o entrar numa classe, usa-se primeiro o artigo definido e depois o indefinido :

"Ia marcando à toa, esquecendo alguns números, que ela lhe apontava com *o* dedo, — *um* dedo de ninfa, dizia êle, consigo.." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 184).

"Antes de vinte e quatro horas estava em minha casa, com *o* folheto, *um* velho folheto de vinte e seis anos, encardido, manchado do tempo, mas sem lacuna, e com uma dedicatória manuscrita e respeitosa." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 161).

426. O artigo indefinido forma construções elípticas do tipo da seguinte :

"Ria, às vezes, ao lembrar-se de *uma* que êle havia de pregar no outro dia ao Agostinho da tenda". (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 163).

427. Anteposto a um cardinal denota aproximação : *uns três anos.*

428. A mesma coisa na expressão *uma meia hora* e outras análogas :

"Indaguei de Vergília, depois ficámos a conversar *uma meia hora.*" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 255).

429. Pode ter valor intensivo a ponto de provocar o aparecimento da consecutiva *que*, como se em vez de *um* estivesse *um tal :*

"É o deus visível, de *uma* aparência,
De *uma* beleza ! *que* todo o canto
Soa em louvores de seu encanto."

(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*, 4.ª série, 1928, pág. 71).

"Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nela, (1)
Em pedaços a fazem, c'*um* ruído
Que o mundo pareceu ser destruído."
(CAMÕES, *Lus.*, VI, 71).

429-a. Às vezes equivale a «um só», «o mesmo», «um mesmo» :

"*C'um* vento velas vem, e velas vão". (SÁ DE MIRANDA, *Obras*, I, 2).

"Coitado ! que em *um* tempo choro e rio" (CAMÕES, *Lírica*, Coimbra, 1932, pág. 122).

"........e vê na água salgada
Ter o Tigris e Eufrates *ũa* entrada."
(CAMÕES, *Lus.*, X, 102).

* * *

430. O português não desconhece de todo o chamado artigo partitivo :

"e el pediu-lhe *d'água* pela aravia, e ela deu-lha." (*Apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 1906, 66).

"Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos e partirás quando quiseres". (RODRIGUES LÔBO, na *Ant. Nac.*, 286).

"O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o vôo na direção da fonte original, e foi beber *da* água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 77).

---

(1) A grande vela

Aditamento à sintaxe do Artigo

"Casa" e "palácio", acompanhados ou não de artigo

431. Além de outros significados, que não nos importam agora, tem a palavra *casa* os seguintes : edifício destinado a habitação, prédio, residência, morada ; todos os objetos de uma vivenda : mobília, louças, roupas, etc. ; o conjunto das pessoas que habitam uma casa ; família, dinastia, linhagem de um mesmo apelido, descendência ; o conjunto das pessoas ao serviço do rei, do príncipe ; os bens móveis, semoventes e imóveis de uma família ; firma social, que gira no comércio, nas finanças ou na indústria ; repartição de serviço público ; instituição, associação, irmandade, instalada num prédio.

432. Quando *casa*, desacompanhado de determinação ou qualificativo, designa a morada, a residência da pessoa de quem se trata, e é complemento circunstancial regido de preposição, não leva artigo :

Chegava *a casa* (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 50) — Garcia voltou *para casa* (Id. ib. 103, 237) — mudou o laboratório *para casa* (Id. ibid. 111) — Saí *de casa* (Id. ibid, 225) — Voltei *para casa* (Id. ib. 226) — *Em casa*, despindo-me, é que pude refletir um pouco (Id. ibid. 248). E ainda, em *D. Casmurro*, pág. 48, 187, 198, 199, 201, 209, 235 e *passim*.

De outros autores :

Daquí *até casa* não perco o tino. (D. JOÃO DA CÂMARA, *Os velhos*, 36) — tinha uma hora d'estrada *até casa* (EÇA DE QUEIROZ, *A cidade e as serras*, 335) — tinha *até casa* apenas meia légua de estrada (Id. ib. 337) — Voltando despeitada

a casa, contou a albergueira o sucedido (CAMILO, *O carrasco de V. H. José Alves*, 1872, pág. 42) — Menino, venha de pressa *a casa*... (Id. ib. 125). — Quando cheguei *a casa*, o sol já estava alto. (GRACILIANO RAMOS, *S. Bernardo*, 1934, p. 192) — E dirigí-me *a casa*. (Id. ib., 138) — Ela ia *para casa* no fim da aula". (JOSÉ LINS DO RÊGO, *Doidinho*, p. 160). "Passe-se *para casa*." (*Id. ib.*, p. 229).

Exemplos que, neste caso e sem uma razão especial, apareçam com artigo, serão lançados à conta de êrro de imprensa ou descuido do escritor, e não devem ser imitados. Assim, nunca se escreverá: "cheguei *à casa*", "fui *para a* casa", quando se tenha em mente a própria moradia, mas "cheguei *a casa*", "fui *para* casa".

Na página 197 do *D. Casmurro*, pode ver-se bem o cambiante semântico proveniente da presença ou ausência do artigo. Diz D. Casmurro, referindo-se a sua prima Justina:

"Como vivesse de favor *na casa*, explica-se que não desestimasse a dona e calasse os seus ressentimentos, ou só dissesse mal dela a Deus e ao diabo".

Está bem o artigo, porque o autor, falando a respeito da prima, quer frisar que esta vivia em casa alheia e não na sua própria, que a não tinha, ou onde estivesse por direito seu.

Na mesma página, algumas linhas abaixo, escreveu:

"Como minha mãe adoecesse de uma febre, que a pôs às portas da morte, quis que Capitú lhe servisse de enfermeira. Prima Justina, pôsto que isto a aliviasse de cuidados penosos, não perdoou à minha amiga a intervenção. Um dia, perguntou-lhe se não tinha que fazer *em casa*".

Capitú estava em casa da mãe de D. Casmurro, e prima Justina, que morava com esta, perguntou a Capitú se não tinha que fazer na sua própria casa. Por isso o complemento circunstancial está sem artigo: porque designa a residência da pessoa a quem se faz referência na frase.

OBS.: O ouvido brasileiro estranha a expressão *até casa*, que há pouco vimos em autores portugueses. É que não costumamos dizer, v. g., "Daquí *até casa* temos uma légua" e

sim "daquí *até em casa*". Cf. : "E Pedro Muniz conversava com ela. Iam pegadinhos *até em casa* ; êle deixaria Maria Luísa na porta e ficaria de longe fazendo sinais." (JOSÉ LINS DO RÊGO, *Doidinho*, p. 160).

433. Não costuma acompanhar-se de artigo o mesmo substantivo *casa* quando, significando a residência, é complemento circunstancial regido de preposição e está determinado por expressão preposicionada que indica o dono da casa :

"Menina e môça me levaram *de casa de meu pai* pera longes terras." (BERNARDIM RIBEIRO, *Saudades*, cap. I).

"Quando eu era da vossa idade, e estava *em casa de meu pai*..." (ID., *ibid.*, I, 3).

"na véspera à noite, *em casa do C.* (M. de Ass., *Várias Hist.*, 236). — "foi *para casa da irmã*, rua do Lavradio" (ID., *ibid.*, 235). — "Fui *a casa de minha mãe*" (ID., *D. Casmurro*, 365).

Vou-me *até casa do José da Rita*". (D. JOÃO DA CÂMARA, *Os velhos*, pág. 42).

"As duas senhoras continuaram caladas *até casa de D. Maria da Assunção*." (EÇA DE QUEIROZ, *O crime do Padre Amaro*, 414). — "Em silêncio, *até casa da Gouvarinho*, Carlos foi ruminando a sua cólera contra o Dâmaso." (ID., *Os Maias*, II, 64).

"Aquelas duas senhoras... iam... *a casa de D. Maria José*." (CAMILO, *O carrasco de V. H. José Alves*, 25). — "A paixão recrudescera-lhe a termos de não querer outra posição *em casa do padrinho*". (ID., *ib.*, 132).

"vi *em casa de um sapateiro remendão*, em Lisboa, no Bairro-alto, uma cadeira tal e qual" (GARRETT, *Viagens*, I, 105).

434. Pode, contudo, aparecer o artigo :

"Não ! V. Ex.ª lá *na casa do Esgueira* é que não entra !" (EÇA DE QUEIROZ, *A cidade e as serras*, 293).

"Meses depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viúva, em Sintra, *na casa do Dr. Videira*." (EÇA DE QUEIROZ, *Correspondência de Fradique Mendes*, 183).

"levaram-me *à casa de Capitú*". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 110).

"Sancha retirou-se *para a casa dos parentes* no Paraná." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 353).

"cheguei a temer que ela houvesse ido *à casa de minha mãe.*" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 378).

"Chama-se Damião Ravasco, e vive *na casa de Raul de Baldaque*" (CAMILO, *O carrasco de V. H. José Alves*, 152).

"saíu *da casa da mãe*, e foi morar no Hotel de Bragança." (ID., *ibid.*, 166).

"Entregue-lhe vossa paternidade esta carta que vem *da casa da irmã.*" (ID., *A caveira da mártir*, 405).

"Não quero absolutamente nada *da casa de meus pais.*" (ID., *Amor de perdição*, cap. XI).

"E não havia de ir ver a avó, não havia de entrar *na casa dos seus* a consolar a infeliz que só vivia duma esperança, a de ver o filho de sua filha?" (GARRETT, *Viagens*, I, 1856, pág. 239).

OBS. : No caso presente, o brasileiro, para evitar a expressão "até casa", que lhe causa estranheza, usará do artigo. Dirá, por exemplo : "Venha comigo *até a casa* (ou *até à casa*) de minha mãe".

"De tarde, arrastei-me *até a casa da* preta velha". (GASTÃO CRULS, *História puxa história*, 1938, pág. 30).

435. Estando o substantivo *casa*, com a significação de residência e na função de complemento circunstancial, tomado em sentido determinado, a adjunção do artigo é obrigatória se aquele substantivo vier modificado por adjetivo, ou por expressão preposicionada que não indique o dono da casa :

"...enfim ninguém entrava *na casa desbalizada* de sua mãe, senão duas senhoras de baixa origem que a não desampararam até à morte." (CAMILO, *O carrasco de V. H. José Alves*, 22).

A influência do adjetivo é tal, que temos de usar forçosamente o artigo numa frase como a seguinte : "Menina e moça me levaram *DA* casa paterna para longes terras", a pesar de ser quasi regra absoluta não se pôr o artigo na sua equivalente : "me levaram *de casa* de meu pai".

"Havia de lhe explicar o motivo por que fugira *da casa paterna*?" (GARRETT, *Viagens*, I, 1856, pág. 238).

"fugí *da casa materna.*" (GARRETT, *Viagens*, II, 1857, 183).

"José Dias recusou, dizendo que era justo levar a saúde *à casa de sapé* do pobre." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 14).

436. Em sentido vago se dirá porém :

"eu sou de outra espécie ; não vivo papando os jantares nem morando *em casa alheia*". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 155).

"Ela não mora *em casa ao pé da nossa*".

437. Se a expressão designativa do morador ou dono da casa é um possessivo, o emprêgo do artigo é facultativo :

"então eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia *pera a minha pobre casa*". (Bern. Ribeiro, *Saudades*, I, 2).

"Que o senhor leve algumas vezes o parente, o amigo, o ministro, o prelado, o estrangeiro, e homem douto, e principalmente o homem bom, *à sua casa* e lhes faça convite (1), não só o não estranho, mas o louvo". (D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 115).

"Começou a perder dinheiro, jóias, alfaias, que ia mandando buscar *a sua casa*, e eram tôdas grão (2) parte do dote de aquela sua filha." (Id., *ibid.*, 138).

"Amanhã, à hora da tarde que lhe convier, queira enviar-mos *a minha casa...*" (Camilo, *O carrasco de V. H. José Alves*, 176).

"Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mil réis ; mas permita-me que não a vá buscar *à sua casa*". (M. de Ass., *Braz Cubas*, 170).

"despediram-se cerimoniosamente, e foram conversando, para *suas casas*". (Id., *Hist., sem data*, 86).

438. Não se põe artigo na interjeição : *O' de casa* !, com que chamamos as pessoas de uma casa.

439. Na locução adjetiva formada pela palavra *casa* com a preposição *de*, a ausência do artigo costuma indicar, *em certas expressões*, que se trata da própria residência, ou da própria família :

(1) banquete.
(2) grande.

"E uma saudade *de casa* começou a me agoniar." (José Lins do Rêgo, *Doidinho*, Rio de Janeiro, sem data, pág. 319).

"Quando cheguei a esta conclusão final, chegava também à porta *de casa*, mas voltei para trás, e subí outra vez a rua do Catete." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 348).

"À porta *da casa*" seria coisa diversa, fácil de se verificar no mesmo autor :

"Depois saímos, mostrou-me a casa dêle, e, como eu vinha na mesma direção, viemos juntos. Gurgel era homem de quarenta anos ou pouco mais, com propensão a engrossar o ventre; era muito obsequioso; chegando à porta *da casa*, quis por fôrça que eu fôsse almoçar com êle". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 208).

"À porta *da casa*", isto é, daquela casa mostrada por Gurgel e a que o escritor já se referira, um pouco antes. O autor usa o artigo porque se reporta à referência feita. Se abrisse mão desta, podia dizer : "chegando à porta *de casa*, quis por fôrça que eu fôsse almoçar com êle. Então, seria "à porta *de casa*" o mesmo que "à porta de sua casa". e não à porta daquela determinada casa que êle mostrara antes, dizendo ser a sua.

Outro exemplo. D. Casmurro vai a casa de Capitú. Primeiro ficam na sala, depois dirigem-se para o quintal. Estão sòzinhos.

"D. Fortunata chegara uma vez à porta *da casa*, mas entrou logo depois". (pág. 136).

D. Casmurro, do quintal, vê D. Fortunata, mãe de Capitú, aparecer à porta *da casa*, isto é, do edifício, de onde êle já saíra, a pesar de, no quintal, estar ainda *em casa* de Capitú. O artigo discrimina, da residência de Capitú, a casa pròpriamente — o edifício — do terreno pertencente a ela.

Leiam-se os dois trechos abaixo, o primeiro de Bernardim Ribeiro e o outro de Eça de Queiroz : êles mostrarão bem a sutileza semântica proveniente do emprego do artigo.

"Quando eu era da vossa idade, e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noutes de inverno, entre as outras molhe-

res (1) *de casa*, delas (2) fiando, e outras devando (3), muitas vezes pera enganarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não leixassem (4) parecer o serão longo ; e uma molher *de casa* já velha, que vira muito, e ouvira muitas cousas — por mais anciã — dezia (5) sempre, que a ela pertencia aquele ofício. E, então, contava histórias de cavaleiros andantes." (*Saudades*, I, 3).

A interlocutora do romance de Bernardim Ribeiro já não está em casa do pai : mas transporta-se-lhe o pensamento à sua vida de outrora, no lar paterno, e ela fala com as mesmas expressões que usaria então. Por isso, "as outras mulheres *de casa*", "uma mulher *de casa*" equivalem a "as outras mulheres da *nossa casa*", "uma mulher da *nossa casa*", pois a casa do pai era também a sua.

Outro é o caso de Luísa, a protagonista do romance de Eça de Queiroz. Luísa tomou a resolução de abandonar a casa, o marido, e sai com êsse intento. Vai num carro :

"À porta dum livreiro julgou entrever Julião ; debruçou se pela portinhola, precipitadamente ; não o avistou, teve pena : ia-se sem ver um amigo *da casa* !" (*O primo Basílio*, 366).

Pelo ato de Luísa de deixar o lar, Julião já não era, para ela, um amigo D E casa, e sim um amigo D A casa, a casa que já não era sua, porque ela a abandonava.

Creio, todavia, que os antigos não faziam tal distinção ou, pelo menos, não eram rigorosos nela, e que preferiam as fórmulas sem artigo : *a gente de casa, os de casa, um dos conhecidos de casa,* etc. (6).

440. Em outras expressões, a mesma locução adjetiva leva ou não o artigo, conforme se toma *casa* em sentido particular ou geral :

"Sra. Emília, saúde. Andamos então a lidar no govêrno *da casa?*" (D. João da Câmara, *Os velhos*, 8).

---

(1) mulheres.
(2) umas
(3) dobando
(4) deixassem
(5) dizia
(6) Veja-se, por exemplo, Frei Luiz de Sousa, *Vida do Arc.*, I, 1763, pág. 10.

"Pobre Leonor, coitadinha! Essa é a dona *da casa*, é, é, pobre menina! e de tudo quanto aquí há, e de mim, e..." (GARRETT, *Tearo*, IV, 35).

"Fazia-lhe tanta conta achar uma mulherzinha honesta, boa dona *de casa*..." (D. JOÃO DA CÂMARA, *Os velhos*, 147).

"Há seis meses que não sei o que é ser dono *de casa*". (ID., *ib.*, 66).

* * *

441. Como é mais fácil e mais proveitoso fazer sentir as particularidades semânticas de uma língua do que defini-las, examinemos alguns trechos de bons autores que nos ajudem a perceber melhor a propriedade do emprêgo do artigo.

Na página 141 do *Teatro* de Garrett, V, 1848, lê-se:

"Vai, Zefirino, vai ver se encontras o patrão, e dize-lhe que não tenha mêdo, que ninguém cá há-de entrar *na casa* nem na lójia; mas que venha êle sempre o mais de pressa que puder".

Aí, a pesar de ser *casa* a residência, fica-lhe bem o artigo pela espécie de oposição em que está com *lójia* (loja); a separação entre uma coisa e outra ressalta melhor mediante a intervenção do artigo, que discrimina fortemente os dois lugares onde ninguém entrará: *a casa* e *a loja*.

Vejamos ainda dois trechos de Garrett.

O Marquês de Pombal vai a casa de Manuel-Simões e, não o encontrando, queixa-se:

"E chego eu aquí, Manuel-Simões *fora de casa*..." (*Teatro*, V, 76).

Está sem artigo *casa*, de acôrdo com a regra da letra *a*.

Nas *Viagens na minha terra*, pinta o mesmo Garrett um quadro: uma casa e à porta dela, entre o arvoredo, uma velhinha sentada. A velhinha chama pela neta, que está dentro. Joaninha acode logo, faz à avó o serviço desejado e a convida a merendar. A velhinha assentiu, e então:

"Joaninha foi *dentro da casa*, trouxe uma banquinha redonda, cobriu-a com uma toalha alvíssima, pôs em cima fruta, pão, queijo, vinho,

chegou-a para ao pé da velha, tirou-lhe o novelo da mão, e arredou a dobadoira." (I, 110).

Joaninha e a avó estão ambas *em casa*, isto é, na sua residência. A avó achava-se, e continuou, *fora da casa*, fora do edifício, à porta dêle, entre o arvoredo ; a neta foi buscar *dentro da casa*, dentro do edifício, onde estavam guardadas, as coisas da merenda. O artigo tem aquí bom cabimento, embora pudesse faltar (1) ; a sua omissão equivaleria a apagar uma pincelada expressiva do painel. "Joaninha foi *dentro de casa*" tem, com efeito, menos contôrno, menos nitidez, que "Joaninha foi *dentro da casa*".

De Castilho, *Felicidade pela Agricultura*, I, 78 :

"Façamos destas listas de conciência, que possam entrar sem vergonha na urna, só então colocada pròpriamente *na casa* de Deus e da oração."

Seria inadmissível "*em casa de Deus e da oração*" ; porque não se trata da residência de Deus nem da oração, e sim da casa consagrada a Deus e, como tal, destinada a fazer-se nela oração.

De Bernardes, *Nova Flor*, I, 1706, pág. 387 :

"Aquí tendes mil e quinhentos marcos de prata ; que se *da casa* saíram, bem é que *para a casa* tornem."

Não é, nesse trecho, a palavra *casa* o mesmo que residência, e sim uma instituição religiosa, como se vê do que na página anterior escreveu o clássico oratoriano :

"Vagando a abadia de S. Dionísio em París, muitos a pertenderam (2) por ser espôsa ilustre, e com bom dote. Foi logo o prior da mesma *casa* ter com el-rei Filipe, e pelo modo mais cortesão que soube, lhe insinuou serviria a Sua Majestade com quinhentos marcos de prata, dignando-se de apresentá-lo naquele lugar".

---

(1) "Joaninha apertou a avó com ambos os braços ; e sem dizer uma palavra, sem fazer um só gesto, lentamente e silenciosamente se retirou para dentro *de* casa". (GARRETT, *Viagens*, I, 1856, pág. 138).

(2) pretenderam.

Mais dois pretendentes levaram ao rei quinhentos marcos de prata cada um.

Êsses mil e quinhentos marcos que saíram da casa — da ordem ou instituição religiosa — é que el-rei ordena tornem para ela.

Do mesmo Bernardes, na mesma obra, I, 5.ª página, sem numeração :

"Está ũa pessoa ouvindo missa, meia hora o cansa, e atormenta, e faz romper em murmurações. Está *na casa* do jôgo, ou no pátio das comédias, tôda a noite, ou tôda a tarde lhe parece breve".

Aquí também não é o caso de uma residência, e sim de um estabelecimento de exploração do jôgo.

Em "Já se ia o sol ardente recolhendo *Pera a casa* de Tétis" dos *Lusíadas,* III, 115, "*a casa de Tétis*" é uma perífrase para dizer "o oceano". O artigo é obrigatório.

Nos *Lusíadas,* VIII, 87, 6, a expressão "pela casa", com artigo, refere-se ao edifício, a que o poeta discrimina, até, as paredes e o telhado.

Citarei enfim duas observações que me remeteu Said Ali, o mestre cuja amizade é um tesouro para os que versam questões linguísticas.

Diz-me o eminente filólogo :

"A casa pode referir-se à instituição, associação, irmandade, etc., existente no prédio : Mandou a três *da casa* (= do convento) que os fôssem receber, SOUSA, *Arc.*, I, 376 ; esteve três anos em um convento sem conhecer religioso algum mais que pela voz, nem saber aonde estavam as oficinas *da casa*, BERN., *Nova Flor.*, 3, 101."

E em outra carta :

"Feliciano, antigo guarda-livros de Sousa Mendes & Cia., saíu *da casa*, há um mês que não está mais *na casa*. Atualmente está *em casa*, nunca sai *de casa*."

Vê-se bem a falta do artigo indicando a residência, e a presença dêle o estabelecimento de negócio.

* * *

442. Em português arcaico dizia-se, em próclise, *cas*, em expressões dos tipos : en cas del-rei, de cas de Marina Nunes, en cas Estêvão Martins do Vale (êste último sem a preposição *de*).

* * *

443. O substantivo *palácio*, designando a residência do soberano, do príncipe, de uma alta personagem social, também aparece sem o artigo quando é complemento circunstancial e vem desacompanhado de qualquer determinação :

"Sai à pressa *de palácio*". (BERNARDES, *N. Flor.*, I, 1706, 59).

"montou a cavalo, e se recolheu *a palácio*." (ID., *ibid.*, 63).

"E depois disse o Príncipe ao escudeiro : — "Volta *a palácio* e dize a meu pai e senhor que apronte tudo para os festejos do casamento". (D. JOÃO DA CÂMARA, *Os velhos*, 46).

Mário Barreto cita, a páginas 372 do seu livro *Através do Dicionário e da Gramática*, êste exemplo de uma quadra popular do Brasil :

Minha mãe, assuba,
Fale como gente ;
Assuba *a palácio*,
Fale ao presidente.

O sábio filólogo apresenta ainda alguns trechos de Bernardes, atestadores do mesmo fato linguístico.

444. Estando palácio acompanhado de determinação ou atributo, toma obrigatòriamente o artigo :

"Mas, um dia, o corregedor da côrte entrou à fôrça *no palácio do marquês*, apoderou-se de D. Luísa de Portugal, e levou-a para o mosteiro de Santa Ana." (CAMILO, *O carrasco de V. H. José Alves*, 211).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

6. Verbo

Considerações gerais

445. Verbos, geralmente transitivos, podem empregar-se intransitivamente, quando apenas se queira expressar o gênero de ação do sujeito e não se intente indicar a pessoa ou coisa alvo da ação ou produto dela :

"o pai faz que não *vê*". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 8).

"Deus, porém, criou as árvores frutíferas e os vegetais que *nutrem* ou *encantam*." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 139).

446. O contrário disto se dá : verbos intransitivos podem aplicar-se como transitivos, isto é, acompanhados de objeto direto :

"*Andei* longes terras"
(G. Dias, *Poesias*, I, 45).

"*Morrerás* morte vil da mão de um forte"
(Id., *ibid.*, 44).

"Mas, que importava a morte, se era doce
Morrê-la à sombra deliciosa e amiga
Dos coqueiros da terra... ?"
(M. de Ass., *Poesias*, 255).

"O *morrer* cada dia *uma morte sem nome*,
O *morrê-la*, talvez,
Entre bárbaras mãos"
(Id., *ibid.*, 261).

"a primeira noite que passei, na escada de S. Francisco, *dormí-a* inteira, como se fôsse a mais fina pluma." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 283).

447. Elegantemente se usam, a modo de transitivos, os verbos *poder* e *parecer* em frases como as seguintes :

"— Com os meus sessenta e dois anos?
— Oh! não *os parece;* tem a verdura dos trinta." (M. de Ass., *Memorial de Aires*, 9).

"Tu *que podes*, ó tempo?"
(Id., *Poesias*, 3).

"O estado dela é gravíssimo, mas não é mal de morte, e Deus *pode tudo*. (Id., *D. Casmurro*, 200).

Obs. : Êste emprêgo do verbo *parecer* não é mais, talvez, do que sobrevivência do seu uso antigo como transitivo e sinónimo de *mostrar* que ainda se pode ver nos seguintes lugares dos *Lusíadas :*

"Os cabelos da barba e os que decem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem *parecem* (=mostram)
Que nunca brando pentem conheceram." (1)
(VI, 17).

"Ũa delas maior, a quem se humilha
Todo o côro das ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo *se parece* (=se mostra),
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe alí com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia."
(IX, 85).

448. No português atual os verbos *obedecer* e *perdoar* constroem-se na voz ativa com objeto indireto de pessoa, mas admitem voz passiva :

(1) Cfr. Dr. José Maria Rodrigues, *Aparato Crítico* da ed. "fac-similada" dos Lusíadas, 1921, pág. [35].

"— Você *perdoa-lhe*, fazem as pazes, e ela vai estar comigo, na Tijuca, um ou dois meses; uma espécie de destêrro." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 239).

"mas êle teimava tanto que saíssem, que fôssem a tôda a parte, e até a parte nenhuma, que não tinham remédio senão *obedecer-lhe*" (ID., *Hist. sem data*, 186).

"mais de uma vez chegou a sair com o propósito de visitar Sofia e pedir-lhe perdão. De quê? Não sabia; mas queria *ser perdoado.*" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 199).

449. *Chamar*, significando *apelidar, dar um nome a*, usa-se com objeto direto ou indireto:

"nasceu em 1822, na véspera da independência, tanto que o pai, por brincadeira, entrou a *chamá-la* Ipiranga, e ficou-lhe esta alcunha entre as amigas." (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 258).

"Ouviu que *lhe chamavam* homem de bem" (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 181).

450. Muitos verbos se usam, em determinadas significações, sem sujeito: *fazer* em frases como *faz-se tarde, faz calor, faz tantos anos que...; haver* quando com êle se expressa a existência de pessoa ou coisa (*houve combates encarniçados*); *ser* em frases como esta de Machado de Assiz (*Braz Cubas*, 41): "*Era à sobremesa;* ninguém já pensava em comer". E ainda outros mais.

Igualmente sem sujeito os que indicam certos fenómenos da natureza: *gear, escurecer, anoitecer, amanhecer, trovejar*, etc.:

"E tudo porque, durante sete meses do ano do Senhor, *chove, venta, neva, gela*, e o céu é como um teto mortuário, forrado de papel pardo". (EÇA DE QUEIROZ, *Antologia Portuguesa* organizada por Agostinho de Campos, I, 223).

OBS.: Na expressão *faz tantos dias, tantos anos*, etc., o verbo não tem sujeito e *dias, anos* são objetos diretos:

"Bem trinta anos haverá
ou creio que os *faz* agora."
(GIL VICENTE, *Obras*, 1562, f. XXII V.)

Análoga sintaxe cabe ao verbo *haver* em frases como *houve combates;* mas disto se tratará no ponto 16.

451. Qualquer verbo que se costume empregar com sujeito claro, pode aparecer na 3.ª pessoa do plural da voz ativa sem nenhum sujeito, quando se queira deixar completamente indeterminada a pessoa ou pessoas, que praticam a ação expressa pelo verbo:

> "Sôbre as nossas cabeças,
> Sem que o *possam deter*, o tempo corre"
> (GONZAGA, *Marília de Dirceu e mais poesias*, ed. de Rodrigues Lapa, 1937, pág. 38).

CONCORDÂNCIA DO VERBO COM O SUJEITO

I

HÁ UM SÓ SUJEITO

452. Regra: O verbo vai para o número e pessoa do sujeito:

> "— Continue, *disse eu* acordando.
> — Já acabei, *murmurou êle.*" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 1).

> "*Os vizinhos... deram* curso à alcunha." (ID., *ibid.*, 2).

II

HÁ MAIS DE UM SUJEITO

453. 1.º caso: Os sujeitos estão antes do verbo.

Regra: O verbo vai:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figura um da primeira pessoa:

"Eu, o Silêncio e a Solidão *éramos* quem estava aí" (HERCULANO, *Eurico*, 51).

"Tu e eu, tanto pelo cultivo da razão como pela rigidez do caráter, *somos* o que há mais oposto ao vício do furto". (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 118).

"E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu *acabávamos* de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados." (M. DE ASS., *Várias Cist.*, 222).

b) para a 2.ª pessoa do plural se, não sendo nenhum dos sujeitos da 1.ª pessoa, existe um da 2.ª:

"Olhai se estais seguros de perigos,
Que *êles e vós sois* vossos inimigos."
(CAMÕES, *Lus.*, VII, 10).

"*Êle e tu* nesse esplêndido domínio
Vossos nomes *largai;* convêm-vos outros".
(A. F. DE CASTILHO, *Fastos*, III 153).

OBS.: Se o sujeito da 2.ª pessoa é do singular, o verbo pode pôr-se na 3.ª do plural:

"Já *tu* e o filho teu no mar *são* numes"
(A. F. DE CASTILHO, *Fastos*, III, 153).

E se os sujeitos estão gramaticalmente ligados por partícula que, pelo sentido, é separativa, o verbo pode concordar com o último sujeito, isto é, com o mais próximo:

"Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história *poderia* responder mais." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 213).

"Nem eu, nem os leitores, nem os mesmos que os compuseram *creram* tal." (FILINTO ELÍSIO, *apud* SILVA RAMOS, *Prefácio* dos *Fatos da Língua Portuguesa*, de MÁRIO BARRETO, pág. X).

"Farfúncias que nem *eu* nem *tu* nem *os panegiriqueiros acreditam*". (ID., *ibid.*).

"está claro que nem *eu*, nem *ninguém*, *tem* anos nem dias de vida" (HEITOR PINTO, *Imagem da Vida Cristã*, I, 23).

"...os prazeres
Que *eu* nem *tu* nunca *viste.*"
(Gil Vicente, *Obras*, 1562, fl. XXV).

c) para a 3.ª pessoa do plural, ou do número do sujeito mais próximo, quando os sujeitos são da 3.ª pessoa :

"...Alí, sòzinho,
Travou naquela solidão das águas
O duelo tremendo, em que *a alma e corpo*
As suas fôrças últimas *despendem*
Pela vida da terra e pela vida
Da eternidade."
(M. de Ass., *Poesias*, 256).

"A desordem dos gestos, o calor da palavra *tinham* a eloquência da sinceridade." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 106).

"...Nem *gôsto* nem *riqueza*
Te *há*-de faltar, mimosa, e só quero um penhor."
(M. de Ass., *Poesias*, 134).

"Quando nem *mãe* nem *filho estavam* comigo o meu desespêro era grande." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 360).

"Nem *os olhos* nem *o gesto tinham* poesia nenhuma." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 66).

"*Gritos, injúrias, convulsões de raiva,*
Vivo clamor acorda os longos ecos
Das penedias próximas."
(M. de Ass., *Poesias*, 196).

"Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pesso inteira, *iam-se* apurando com o tempo." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 359).

"A 1.ª ed. do *Cancioneiro geral* é de 1516, mas *estilo e linguagem é* do século XV". (João Ribeiro, *Seleta Clássica*, LIII, nota *h*).

"Somos como os que navegando com vento, e maré, e correndo velocìssimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhe que *os montes, as tôrres,* e *a cidade é* a que passa ; e os que passam, são êles." (António Vieira, *Sermões*, V, 1689, pág. 20).

"Uma, e outra doutrina *é* de Salomão nos Provérbios." (Bernardes, *Nova Floresta*, I, 1706, 268).

"Um e outro *é* sagaz e pressentido ;
Um e outro aos ladrões *declaram* guerra."
(A. F. DE CASTILHO, *Fastos*, III, 19).

OBSERVAÇÕES

I. No caso de sujeitos da 3.ª pessoa antecedentes ao verbo, a língua corrente prefere o plural.

II. Sendo o sujeito do verbo uma só coisa que o escritor explica por mais de um substantivo do singular, é óbvio que o verbo irá para o singular :

"*Êsse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,* nunca mais me *esqueceu,* nem achei que lhe fôsse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 36).

"*Um Deus,* diz, *um Tupá, um ser possante*
¿ Quem poderá negar que *reja* o mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante,
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo ?"
(DURÃO, *Caramurú, III*, 5).

454. 2.º caso : Os sujeitos estão depois do verbo.

Regra : O verbo vai :

a) para a 1.ª pessoa do plural, quando há um sujeito da 1.ª pessoa :

"Foi o que *fizemos, Capitú e eu*". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 238).

b) para a 2.ª pessoa do plural, quando há um sujeito da 2.ª pessoa, e nenhum da 1.ª : *Escrevei tu e êle* os vossos nomes.

c) para a 3.ª pessoa do plural, quando os sujeitos são todos da 3.ª pessoa :

"Pouco me *importam* paz ou guerra" (ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poes.*, 4.ª série, 1928, pág. 125).

"A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não *podiam* dar nem *a imaginação* nem *a ciência*." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 24).

"¿ Que desvalia aos olhos teus me coube,
Se a outro me *ligaram natureza,*
Religião, destino?"
(M. de Ass., *Poesias*, 201)

"A pessoa ajustara-se ao meio, mais de pressa do que *fariam* crer *o gôsto natural e a vida da roça.*" (M. de Ass., *Quincas Borba*, 130).

d) ou, em qualquer dêstes casos a), b) e c), para a pessoa e número do sujeito mais próximo :

"Porque os herdeiros atuais dos haveres de meus avós *sou eu* e meu irmão." (Camilo, *apud* Mário Barreto, *Novos Est.*, 2.ª ed., 194).

"A história que eu vou referir, só a *sabe* em Portugal *minha mulher* e eu." (Camilo, *apud* M. Barreto, *op. cit.*, 194).

"E *vai* de braço dado *tu* e ela
Contraír civilmente o matrimónio".
(Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*).

"Faze uma arca de madeira ; *entra nela tu,* tua mulher e teus filhos." (M. de Ass., *Papéis avulsos*, 119).

"*Prepara-se o enxoval,* e outras pertenças
Necessárias agora ao novo estado."
(M. de Ass., *Poesias*, 160).

"qualquer que *fôsse a raça,* o culto ou a língua". (M. de Ass., *Várias Hist.*, 259).

"Êste é o verdadeiro entendimento das palavras de S. Pedro : e assim as *explica S. Tomaz,* e todos os Teólogos." (António Vieira, *Sermões*, V, 120).

PARTICULARIDADES

455. Se o sujeito é um substantivo de significação partitiva, como *parte, porção, metade, resto, o grosso,* etc., pode o predicado concordar com o substantivo que designa o todo :

"No caminho para o cemitério, *iam-lhe* lembrando *uma porção de cousas.*" (M. de Ass. *D. Casmurro*, 392).

456. Se o sujeito é algum dos pronomes interrogativos *quais, quantos,* ou dos indefinidos do plural (*alguns, nenhuns,*

muitos, poucos, etc.) sem substantivo, a concordância do predicado faz-se com o complemento do plural que designa o todo:

"Quais dentre vós — prosseguiu, voltando-se para os cavaleiros que o rodeavam — *sois* neste mundo sós e não *tendes* quem na morte regue com lágrimas a terra que vos cobrir?" (HERCULANO, *Eurico*, 179).

Pode também pôr-se o predicado na 3.ª pessoa do plural:

"isto fizeram os que dentre vós *são* hoje de anos já provectos." (LATINO COELHO, *Oração da Coroa*, 32).

"quantos dentre vós *estudam* conscienciosamente o passado?" (JOSÉ DE ALENCAR, *apud* JOÃO RIBEIRO, *Autores Contemporâneos*, 1916, p. 272).

457. Mesmo estando o indefinido no singular, há exemplos de concordância do verbo com o complemento do plural designativo do todo, quando a idéia do plural avulta na mente de quem fala:

"*Nenhuma* das duas edições *fazem* uso do apóstrofo nem dos acentos nem *ligam* as enclíticas por meio do hífen" (EPIFÂNIO DIAS, *Obras de Cristóvão Falcão*, 1893, pág. 18).

"quasi *nenhum* dos grandes varões romanos *deixaram* filhos ilustres. (HEITOR PINTO, *Imagem da Vida Cristã*, III, 722).

"...e tantas lágrimas quantas *nẽhũu* de nós em nenhũa outra pessoa *viramos*." (*apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 2.ª ed., 94).

O mais corrente é, porém, o emprêgo do singular:

"*Nenhum* dos cavaleiros *se atreveu* a sair contra êle". (REBÊLO DA SILVA, *apud* SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 4.ª ed., pág. 224).

458. O pronome *quem* exige, em regra, o verbo na 3.ª pessoa do singular:

"Eu, o Silêncio e a Solidão éramos *quem estava aí*." (HERCULANO, *Eurico*, 51).

"fôras tu *quem deveria* perecer." (ID., *ibid.*, 190).

459. Contudo, correspondendo *quem* a *aquele que, o que*, e sendo êste *o* ou *aquele* predicativo de um pronome pessoal, o predicado de *quem* pode concordar com o pronome:

"Direis vós se fui eu *quem menti*."
(G. DIAS, *Poesias*, I, 29).

"És tu *quem dás* rumor à quieta noite,
És tu *quem dás* frescor à mansa brisa,
"*Quem dás* fulgor ao sol, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*."

(G. Dias, *Poesias*, I 39).

"Minerva! brada o pai d'homens e deuses,
És *quem*, de todos, *sabes* mais sem dúvida"

(João de Deus, *Flores do Campo*, 1876, pág. 73).

O professor Said Alí apresenta, a páginas 75 da sua *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, um longo exemplo de Bernardes, de que extraio estas linhas:

"Não *sou eu quem*, tomando a Maximila por instrumento, *obrei* diversas e atrocíssimas maldades... ? Não *sou eu quem*, influindo em Ário, *invadí* a Alexandria e *alcancei* o triunfo de que afirmassem ser criatura o Filho de Deus vivo?" (*Nova Flor.*, III, 1711, 406).

O mesmo eminente linguista cita, a êste propósito, vários tópicos de Filinto Elísio, dentre os quais chamo a atenção para o seguinte:

"Nós *fomos quem* no berço o *embalámos* com Délias Cantilenas."

460. Quando o pronome relativo *que* tem como antecedente o predicativo que está ligado a um sujeito pelo verbo *ser*, o predicado daquele pronome relativo costuma concordar com êste sujeito:

"Eu sou aquela flor que *espero* ainda
Doce raio do sol que me dê vida."

(G. Dias, *Poesias*, I, 161).

"Tu és a flor que *despontaste* livre."

(G. Dias, *Poesias*, I, 22).

"Ovelha sou, Senhor, qu'*ando perdida*,
Ingrato filho fui, que mal *gastei*
Os talentos da graça, que me deste"

(António Ferreira, *Poem., Lusit.*, 1598, f. 25).

"Eu sou aquele oculto e grande cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, *fui* notório."
(CAMÕES, *Lus.*, V, 50).

461. Se não avulta a idéia de identidade, de íntima ligação entre o predicativo e o sujeito, o verbo do relativo vai para a 3.ª pessoa :

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 93).

"Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz, nem da Espanha." (HERCULANO, *Eurico*, 212).

462. Quando o pronome relativo *que* tem como antecedente o demonstrativo *o, a, os, as,* e êste demonstrativo é apôsto ou predicativo, o predicado do relativo concorda com a palavra de que o demonstrativo é apôsto ou predicativo :

"*Vós os que* hoje *colheis*, por êsses campos largos,
O doce fruto e a flor,
Acaso esquecereis os ásperos e amargos
Tempos do semeador ?"
(M. DE ASS., *Poesias*, 260).

"Não sou *eu o que a publiquei*?" (VIEIRA, *Sermões*, V, 146).

"Eu sou o *que domei* os leõs, e os ussos (=ursos) no deserto, e não pude domar um ímpeto de ira dentro em mim mesmo !" (ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*, V, 130).

463. Quando o pronome relativo *que* tem como antecedente um vocativo denotador de uma pessoa ou coisa, a quem tratamos na 2.ª pessoa, o verbo do relativo vai para essa mesma 2.ª pessoa :

"Companheiras do meu mal,
Águas *que* d'alto *correis*,
Onde caís desigual,
Parece que me dizeis :
¿ Porque não choras, Crisfal ?"
(CRISTÓVÃO FALCÃO, *Crisfal*, ed. de Sousa da Silveira, 19).

"O' tu, *que tens* de humano o gesto e o peito."
(Camões, *Lus.*, III, 127).

"Bom padre Chagas! — Chamava-se Chagas. — Padre mais que bom, *que* assim me *incutiste* por muitos anos essa idéia consoladora, de que ninguém, em seu juízo, faz render o mal dos outros." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 222).

"O' almas *que viveis* puras, imaculadas
Na tôrre de luar da graça e da ilusão."
(Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*).

464. As construções que se desviam desta regra são raríssimas:

"Fúrias, raios, coriscos, que o ar *consomem*,
¿Como não consumís aquele infame?"
(Durão, *Caramurú*, VI, 38).

465. Quando um sujeito composto é resumido por alguma das palavras *tudo, todo(s), tôda(s), nada, cada um, cada uma, cada qual,* o predicado concorda com êstes pronomes:

"Entretanto, ia-me afeiçoando à idéia da igreja; brincos de criança, livros devotos, imagens de santos, conversações de casa, *tudo convergia* para o altar". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 31).

"A razão é que, logo que minha mãe morreu, querendo ir para lá, fiz primeiro uma longa visita de inspeções por alguns dias, e tôda a casa me desconheceu. No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, *nada sabia* de mim". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 387).

"Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, *tôda* a gente viva do ar *era* da mesma opinião." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 34).

"A notícia correra a cidade, o vigário, o farmacêutico da casa, o médico, *todos mandaram* saber se era verdadeira." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 23).

"Pedro, André, João, e os demais, exceto Judas, bem *sabia cada um* de si, que não era o traidor, nem tal cousa lhe passara pelo pensamento." (Vieira, *Sermões*, V, 30).

Obs.: Sendo *cada um, cada qual,* apenas um explicativo do sujeito cuja idéia de pluralidade se mantém, está claro que o verbo irá para o plural:

"Três cousas diz aquí Cristo aos que quiserem ir trás êle. A primeira que se hão-de negar a si mesmos, a segunda que *hão-de tomar cada um* sua Cruz, a terceira que deixando-se a si hão-de seguir a êle". (H. PINTO, *Imagem*, I, 113).

"Em Berlim e em Lisboa, simultâneamente, *receberam* Antónia Xavier e Josse Frisch *cada um* sua carta". (CAMILO, *A caveira da mártir*, 251).

"...não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo". (J. DE ALENCAR, *O Guaraní*, 2.ª ed., II, pág. 40).

466. Quando o sujeito de um verbo é constituído por um substantivo ou pronome precedido de uma das expressões *mais de, menos de, cêrca de, obra de, cousa de, perto de, passante de*, o verbo costuma concordar com êsse substantivo ou pronome :

"E *mais de um tinha* pena do pobre diabo ; comparando as duas fortunas, *mais de um agradecia* ao céu a parte que lhe coube, — amarga, mas conciente." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 343).

"*Mais de um coração* de guerreiro *batia* apressado." (HERCULANO, *Eurico*, 134).

"eram tantos os mercadores que vinham de tôdas as partes, que se afirmava *serem entradas* nesta cidade *passante de mil e quinhentos embarcações* de diversas partes, com infinidade de fazendas ricas." (F. MENDES PINTO, *Peregr.*, I, 101).

467. Quando o sujeito de um verbo é o substantivo *número* ou outro de significação semelhante, acompanhado de um substantivo do plural regido da preposição *de*, o verbo pode concordar com o substantivo do plural :

"Há três dias, ao romper da manhã, *um grande número de velas branquejavam* sôbre as águas do Estreito." (HERCULANO, *Eurico*, 60).

468. Nas construções feitas por meio de *não* (*nunca*)... *senão*..., ou *não* (*nunca*)... *mais que*... ou *menos que*, o verbo concorda, em geral, com a palavra ou palavras ligadas por *senão* ou *mais que :*

"Ao aparecer do dia, por quanto os olhos podiam alcançar, *não se viam senão cadáveres.*" (HERCULANO, *Eurico*. 27).

"*Não* lhe *ficavam* em Portugal *senão* tristezas, desamparos, desenganos". (LATINO COELHO, *Camões*, 141).

"Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava Daví, *não lhe lembram mais que os seus pecados.*" (VIEIRA, *Sermões*, V, 136).

469. Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, o* (*que*)=*aquilo* (*que*), ou uma palavra de sentido coletivo (*o resto*, etc.), e o verbo vem acompanhado de um predicativo constituído por um substantivo do plural, o verbo concorda, em regra geral, com o predicativo:

"*Isto* que parece um simples inventário, *eram* notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 131).

"*eram tudo* travessuras de criança" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 34).

"Quem não vê que *são isto* preceitos gentílicos?" (SOUSA, *Arc.*, I, 153).

"*Eram tudo* memórias de alegria."
(CAMÕES, *Lus.*, III, 121).

Mesmo estando *tudo* subentendido:

"... a sorte escassa
Quanto me deu *foram* lágrimas..."
(ALB. DE OLIVEIRA, *Poesias*, 2.ª série, 1912, p. 191).

470. Não é muito raro, porém, estar o verbo no singular:

"*é* tudo flores"
(CASTILHO, *Fastos*, I, 17).

"Coisa alguma escapou! — Já tudo *é* cinzas,
Tudo destruição"
(G. DIAS, *Poes.*, I, 125).

"Tudo *é* flores no presente."
(G. DIAS, *Poesias*, II, 77).

471. Quando o verbo *ser*, usado impessoalmente, tem um predicativo, concorda com êste :

"É certo que, após algum tempo, modificou os elogios a Capitú, e até lhe fêz algumas críticas, disse-me que era um pouco trêfega e olhava por baixo ; mas ainda assim, não creio que *fôssem ciúmes*." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 68).

"*Eram* ave-marias, despediu-se". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 120).

"*Eram* sete de maio da era de 1439 ou, como os letrados diziam, do ano da redenção, 1401." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 275).

"*São* 17 dêste mês de julho" (GARRETT, *Viagens na minha terra*, I, 3).

"O quê ! Já *são* 29 d'agôsto ?" (EÇA DE QUEIROZ, *Contos*, 289).

472. A língua arcaica podia, neste caso, pôr o verbo no singular :

"Nossos amos são no Paço ; *é* horas de se virem". (*Aul. apud.* dr. J.M. RODRIGUES, *Apar.*, 39).

"já *é horas de comer*." (FERNÃO LOPES, na *Antologia* de FIDELINO DE FIGUEIREDO, pág. 651).

473. Em Machado de Assiz, a julgar pelos tópicos seguintes, há oscilação quando o predicativo do plural vem precedido da expressão *perto de :*

"*Era* perto de duas horas quando saíu da janela." (*Quincas Borba*, 180).

"*Eram* perto de oito horas." (*Histórias sem data*, 68).

O plural encontro em Herculano :

"*Eram* perto de seis horas da tarde". (*Antol. Port.*, de AGOSTINHO DE CAMPOS, I, 258).

E tambem em José de Alencar :

"*Eram* então perto de quatro horas." (*O Guaraní*, 2.ª ed., II, 54).

Em Eça de Queiroz (*Os Maias*, II, 52) vejo o singular : "*era* perto das cinco quando saí".

O singular, com *pouco mais de*, em Alencar :

"Pouco mais de nove horas *havia de ser*." (*Til.*, vol. IV, 1872, p. 138).

O plural com *cêrca de*, no mesmo :

"*Eram* cêrca de 4 horas de uma formosa tarde de Maio." (*O ermitão da Glória*, 1873, pág. 95).

IRREGULARIDADE DE CONCORDÂNCIA

474. O português arcaico apresentava, com frequência, falta de concordância entre o predicado e o sujeito :

"...e i *morreu* grandes gentes". (*apud* NUNES, *Crest. Arc.*, 142).

"No fim da mesa *foi apresentado*... panos de sirgo" (F. LOPES, *apud* DR. J. M. RODRIGUES, *Aparato Crítico*, 17).

"Nem as penas de cada dia a *faz* provida." (*Memorial das proezas da segunda Távola Redonda* por J. F. DE VASCONCELOS, *apud* DR. J. M. RODRIGUES, *Aparato*, 17).

"*Segue-se* as copras." (*Cancioneiro General*, I, 41).

"Mais *val* (1) amigos na praça que dinheiros na arca." (JORGE F. DE VASCONCELOS, *Eufrosina*, pág. 340 da ed. da Academia das Ciências, de Lisbôa, 1919).

"Curados os cavaleiros e aos mortos *dado* sepultura." (*Palmeirim*, *apud* DR. J. M. RODRIGUES, *Aparato*, 14).

"No sentimento de sua morte *se fêz* mais sinalados estremos" (*Palmeirim*, *apud* DR. J. M. RODRIGUES, *Apar.*, 14).

475. A língua moderna, sobretudo na sua modalidade popular, ainda revela vestígios dessa antiga arbitrariedade, principalmente quando o sujeito do plural vem depois do predicado : tende êste a ficar no singular como se, empregando

---

(1) Talvez esteja subentendido o verbo *ter* : "Mais val ter amigos, etc." Exemplo do plural dá-nos FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, 1598, f. 224, v. : "Não *valem* fôrças, não val gentileza".

primeiro o predicado, a pessoa que fala o deixasse no singular por ainda não ter pensado em que número vai dizer o respetivo sujeito.

Vemos esta discordância, tão comum em linguagem popular, na maneira como aquele vendedor ambulante, de que se recordava o conselheiro Aires, do conhecido livro de Machado de Assiz, apregoava as suas mercadorias. Escreveu o conselheiro :

"Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores : "*Vai* vassouras ! *vai* espanadores !" (M. DE Ass., *Memorial de Aires*, 3).

Outros exemplos :

"e tanto foi no amor de Deus pungida e edificada que *era* de maravilha as lágrimas que dos seus olhos saíam." (*aud* NUNES, *Crest., Arc.*, 2.ª ed., 93).

"*E'* de ver as festas" (CASTILHO, *Geórgicas*, 133).

"Não *bastava* para aflição de um pobre fazendeiro, as enchentes, sêcas, e o mais ; era também preciso que sofresse a falta de pagamentos de seus foreiros." (MARTINS PENA, *Comédias*, edição Garnier, 25).

"Que dona de casa ! Hóspedes, para ela, tanto *fazia* cinco como cinquenta, era a mesma cousa, cuidava de tudo a tempo e a hora, e criou fama." (M. DE Ass., *Quincas Borba*, 282).

"Foi um dilúvio d'água ;
E o furacão, que fêz,
Emília ! até *dá* mágoa
Tantos estragos : vês ?"
(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, pág. 64).

476. Ora, entre as construções em que o sujeito vem posposto ao predicado, as mais comuns são as de verbo na voz passiva sob a forma reflexa : daí o encontrarem-se alguns exemplos de verbo no singular e sujeito no plural, quando a voz passiva está feita com o pronome *se* :

"E como por tôda África *se soa*,
"Lhe diz, os grandes feitos que fizeram"
(CAMÕES, *Lus.*, II, 103).

Junte-se a êste, o exemplo, há pouco citado, do *Palmeirim* de Francisco de Morais : "... *se fêz* mais sinalados estremos". Convertido na passiva com o verbo *ser* daria uma construção semelhante àquela, já referida, de Fernão Lopes : "*foi apresentado*... panos de sirgo", pois ficaria assim : "*foi feito* mais sinalados estremos".

477. Tais construções, que se enquadram, como se vê, nos casos de irregularidade de concordância que a língua costumava apresentar, não podem servir de prova da subjetividade do pronome *se*, como já se tem procurado fazer.

478. A respeito de concordância, vem a propósito inserir aquí o seguinte extrato da lúcida nota 145, que o nosso ilustre escritor e filólogo, o sr. João Ribeiro, pôs a um dos trechos da sua "Seleta Clássica" :

"...os verbos como *fazer*, *ser*, *deixar de haver* (tudo *é* ou *são* flores; *faz* dez anos ; *deixa* de haver motivos) que dão a aparência de discordâncias, vão criando tendências que se generalizam para outros verbos que não exprimem ação, verdadeiros solecismos, explicáveis todavia por fundamentada analogia ; tais são os seguintes : — "Não quero passar tão depressa por esta palavra ciúme ou ciúmes que ou dados ou tomados *significa* um humano inferno." DOM F. MANUEL DE MELO – *Carta de guia*, pg. 151-152. "Aqueles cuidam que todos e tudo *fêz* voto solene de os servir". (ID., *ib.*, pág. 162.

"— Quanto quer? — A mim *bastava-me* dez meias dobras." ANTÓNIO JOSÉ – no *Teatro cómico*, tômo IV, pg. 59 da ed. 1792. "Mas *falta*-lhe (a língua dos índios) três letras das do *abc*". GABRIEL SOARES – *Tratados do Brasil*, pg. 289. O povo diz em Portugal (e também cá) *falta* cinco — *basta* dez — como se dissera com um sujeito neutro : *êle* falta cinco — *êle* basta dez. (E efetivamente êsse sujeito aparece na linguagem popular européia ; *êle* chove (il pleut), e há exemplos em M. BERNARDES, CASTILHO e MACHADO DE ASSIZ."

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

7. Advérbios

479. O advérbio modifica geralmente um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Alguns, porém, podem modificar substantivo ou pronome. Tal o advérbio *assim :*

"Nota que eu não lhe disse tudo, nem o melhor ; não lhe referí o capítulo do penteado, por exemplo, nem outros *assim*". (M. DE ASS., *D. Casmurro,* 228).

480. Numa sequência de advérbios em *-mente,* pode-se dispensar essa terminação em todos os que antecedem o último:

"Se um homem está verdadeiramente arrependido, se conhece *verdadeira, e profundamente* suas culpas, nunca ninguém dirá dêle tanto mal, que êle se não julgue por muito pior." (VIEIRA, *Sermões,* V. 136).

"Donde se segue, que, *mediata ou imediata, direta ou indiretamente,* muito podemos." (CASTILHO, *Felicidade pela Agricultura,* II, 45).

"Que arrojado compromisso ! Mas êle o desempenhou *corajosa, inflexível, eficazmente*". (CARLOS DE LAET, em artigo transcrito no *Brasileiro,* de 21-4-1931).

"não é impossível que ela chegasse *lenta e artificiosamente* até êsse pouco de desespêro e terror." (M. de Ass., *Braz Cubas,* 257).

"...Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm *veloz, larga e fogosamente...*"
(RAIMUNDO CORREIA, *Poesias,* 1906, p. 20).

Exemplo de conservação da terminação *-mente :*

"Depois, ainda falou *gravemente e longamente* sôbre a promessa que fizera". (M. DE ASS., *D. Casmurro,* 126).

A conservação presta-se à ênfase:

"Mas chove, chove *impertinentemente*,
Continuamente, *ininterruptamente*".

(ALB. DE OLIVEIRA, *Poes.*, 4.ª série, 1928, pág. 118).

481. *Bem* pode indicar quantidade, intensidade, correspondendo aproximadamente a *muito*, *bastante*:

"um mínimo pobre, e *bem* mal reparado de roupa" (FREI LUIZ DE SOUSA, *apud* SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Sel.*, 192).

"— Podia-se fazer alguma cousa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria *bem* bom." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 110).

482. Diz-se: *mais bem recompensado* e *melhor recompensado*, *mais mal empregado* e *pior empregado*:

"incentivo para adorações *melhor* recompensadas." (CAMILO, *Mosaico*, Pôrto, 1868, pág. 9).

"já se viram livrarias *mais mal* empregadas." (CASTILHO, no *D. Jaime* de TOMAZ RIBEIRO, 1862, pág. XXIV.)

Mas, na posposição, sempre o comparativo sintético: "adorações recompensadas *melhor*".

483. *Muito* pode servir de salientar grandemente um conceito em frases como a seguinte:

"¿ Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu?" (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 230).

484. *Não* mostra-se às vezes sem valor negativo em frases exclamativas:

"Quantos *não* fêz cadáveres
Num leito o sono brando!"

(A. F. DE CASTILHO, *Cântico da Noite*).

485. Em português antigo *não* vinha em orações objetivas diretas dependentes de verbos como *vedar*, *temer*, e sinónimos :

"Um ministro à solar quentura veda
Que *não* ofenda e queime o rei subido."
(Camões, *Lus.*, II, 96).

Sintaxe ainda popular, e bastante encontradiça em José de Alencar, a pesar de moderno :

"Perí, apenas começou a romper o dia, viu a alguma distância do jardim o cadáver de Rui Soeiro ; e temendo que sua senhora acordando *não* presenciasse êste triste espetáculo, tomou o corpo, e atravessando a esplanada, veio atirá-lo no meio do pátio." (*O Guaraní*, 2.ª ed., II, 84).

Também Lima Barreto :

"...êle não se animava a ir obter o documento, temendo que uma palavra, que um olhar, que um gesto, interpretados por qualquer funcionário zeloso e dedicado, *não* o levassem a sofrer maus quartos de hora." (*Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1915, pág. 199).

Contudo, não são de imitar tais construções.

485-a. *Não*, estando o verbo no subjuntivo, pode ter valor conjuncional com a significação de «para que não», «receoso que» (cf. o latim *ne*) :

"De amor foge /Coração,/ *Não* te arroje /Num vulcão". (*Apud* Castilho, *Tratado de Metrificação*, 1889, pág. 20).

"Parei, pus-me a escutar,
Olhei em roda, *não* me visse alguém
A tremer e a chorar !"
(Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, 1908, pág. 26).

486. *Talvez*, anteposto ao verbo, leva-o habitualmente ao subjuntivo :

"Talvez não *entendas* o que aí fica ; talvez *queiras* uma cousa mais concreta." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 148).

O uso, neste caso, do indicativo parece denotar que a dúvida expressa por *talvez* é mui tênue :

"Talvez essa efusão o *desconcertou* um pouco." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 219).

487. *Onde*, em português antigo, podia significar "*com o quê*," "*e assim*", como nos *Lusíadas*, VII, 87 e X, 31.

488. *Aquí* às vezes indica tempo :

"Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. *Aquí* fiquei com mêdo ; lembrou-me que êles... bem podiam ter-me lido já algum pecado ou gérmen de pecado." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 31).

489. *Sempre* assume em certas ocasiões valor concessivo, significando : *contudo, a pesar disso, não obstante as dificuldades levantadas, o tempo decorrido, o aviso dado*, etc.

"A testa é que era um pouco baixa, vindo a risca do cabelo quasi em cima da sobrancelha esquerda ; mas tinha *sempre* a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 211).

"— Atendei ; Aires Gomes vai dizer-vos as condições a que vos sujeitais ; se estiverdes por elas é negócio decidido.
— Creio que já conheço essas condições, disse o italiano sorrindo.
— Ide *sempre*". (J. de Alencar, *O Guaraní*, 2.ª ed., I, 207).

"— Oh ! não vale a pena repetir : é cousa de somenos.
— Dizei *sempre*, sr. Loredano ; nada é perdido entre dous homens que se entendem". (Id., *ibid.*, 31).

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

8. Preposições

A

490. 1) Rege o objeto indireto pròpriamente dito :

"disse *ao* cocheiro que esperasse." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 14).

2) Rege o objeto indireto que denota o possuidor de uma coisa :

"tomava o pulso *à* doente, e pedia-lhe que mostrasse a língua." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 38).

"Um silêncio de morte entrou no seio *às* selvas."
(M. DE Ass., *Poesias*, 41).

3) Rege obrigatòriamente (na língua moderna) o objeto direto expresso por pronome pessoal não átono :

"Nem êle entende *a nós* nem nós *a êle*"
(CAMÕES, *Lus.*, V, 28).

4) Rege certos apostos do objeto direto expresso por pronome pessoal átono :

"Não tínhamos contado com ela, que nos enfeitiçou *a* ambos, violentamente". (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 86).

5) Pode reger o objeto direto constituído por substantivos ou por certos pronomes :

"Foi por êsse tempo que Rubião pôs em espanto *a* todos os seus amigos". (M. DE Ass., *Quincas Borba*, 270).

6) Acompanha o complemento terminativo ou restritivo de certos substantivos e adjetivos :

"Reunia a isso um grande mêdo *ao* pai". (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 213).

"falou-lhe de castidade, de amor *ao* marido, de respeito público" (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 250).

"amor *à* Natureza" (CASTILHO, *apud* EPIFÂNIO, *Sintaxe Hist.*, 80).

"um hino *aos* dous egressos da criação..." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 146).

"eu louvava as qualidades morais de Capitú, matéria adequada *à* admiração de um seminarista." (M. DE Ass. *D. Casmurro*, 228).

"Pode ser também que a música em demasia doce e mística daqueles outros condiscípulos fôsse aborrecível *ao* seu gênio essencialmente trágico". (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 25).

7) Acompanha o complemento que circunscreve a um objeto a significação geral de um verbo, ou que indica um objeto que se toma como tipo de uma qualidade :

"As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam *a* sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as se mácula." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 39).

8) Prende infinitivos a certos verbos : começou *a* dizer, deitou *a* correr, entrou *a* falar, etc.

9) Rege infinitivos, designando condição, hipótese, concessão ou exceção :

"Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que *a não sermos nós*, já teria voltado para lá" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 15).

"Os perigos, os casos singulares,
Que por mais de mil léguas tolerámos,
Não contara depois que no mar erro
A ter [o] peito de aço e a voz de ferro."
(DURÃO, *Caramurú*, VI, 20).

[a ter o peito de aço=ainda que tivesse o peito de aço].

"aquí no seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, *a não ser* a gente da família, não tenho pròpriamente um amigo." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 226).

10) Rege infinitivos, formando expressões equivalentes a gerúndios :

estar a fazer (= *estar fazendo*)

"— Anda *visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora, defuntos! respondeu Vergília com um muchocho. E depois de me apertar as mãos: — Ando *a ver* se ponho os vadios para a rua." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 15).

11) Rege infinitivos, acompanhados de artigo definido, indicando que uma coisa acontece na ocasião em que outra se realiza, por simples concomitância ou uma provocada pela outra :

"*Ao nascer* da manhã o vívido clarão
Sentiu bater à porta!"

(Guerra Junqueiro, *A Musa em férias*, 1906, 159).

"Foi o que eu pensei comigo, *ao ver* Sabina, o marido e a filha descerem de tropel as escadas," (M. de Ass., *Braz Cubas*, 221).

12) Indica, entre outras, as seguintes relações :

a) o têrmo de um movimento, de uma extensão ou de um transcurso de tempo :

"Pode ir *a* S. Paulo, *a* Pernambuco, ou ainda mais longe." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 78).

"de mandar êle os criados *a* fazer-se a obra vai ainda muito tempo". (Manuel Bernardes, na *Antol. Nac.*, 7.ª ed., 302).

Obs. : Quando o dito têrmo é expresso pelos advérbios *cá*, *lá*, e outros semelhantes, não se emprega a preposição *a* :

"o teu almôço há-de ser como o meu, para o meio-dia : e daquí *lá*, temos tempo de sobejo para ir a casa do general." (Garrett, *Teatro*, IV, 1846, pág. 241).

E assim : venha *cá*, corra *lá*, volte *aquí*, etc.

b) o tempo em que uma coisa acontece:

"Capitú, *aos* quatorze anos, tinha já idéias atrevidas." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 56).

"Mas nada de melancolias; não quero falar dos olhos molhados, *à* entrada e *à* saída." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 324).

"Era lido, pôsto que de atropêlo, o bastante para divertir *ao* serão e à sobremesa." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 14).

c) tempo habitual, ocasião periódica: *aos* domingos, *às* 2.as feiras, etc.

"aquele sujeito costumava passar alí, *às* tardes". (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 217).

"Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam *às* noites." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 7).

"*Ao* domingo, o almôço era no jardim. Já achava o Elisiário à minha espera, à porta, ansioso que eu chegasse." (M. DE Ass., *Páginas Recolhidas*, 47).

d) fim ou destino:

"Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs *ao* ganho ou alugou" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 20).

"Então o imperador dava outra vez a mão *a* beijar, e saía, acompanhado de todos nós" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 84).

"corrí *a* referir-lhe a conversa e *a* louvar-lhe a astúcia." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 194).

e) conformidade, semelhança:

"Capitú morria por aquele batalhador futuro.
— Não sai *a* nós, que gostamos da paz, disse-me ela um dia, mas papai em moço era assim também; mamãe é que contava." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 316).

"Desta vez falou *ao* modo bíblico." (ID. *ibid.*, 327).

"Trajava *à* moderna." (ID., *ibid.*, 390).

f) proximidade, contiguidade (às vezes envolvendo a idéia de ocasião, lugar ou ação habitual):

"O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se *ao* muro, como se quisesse esconder alguma cousa." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 38).

"capitalistas que tinham começado *ao* balcão." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 212).

"aquele mesmo Pestana que ela viu *à* mesa de jantar e depois *ao* piano." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 62).

"Não a matei por não ter *à* mão ferro nem corda, pistola nem punhal". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 235).

"Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia *à* mesa, cousa que jamais fizera." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 50).

"Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro dêste *ao* solo, mas não foi adiante." (M. DE ASS. *D. Casmurro*, 92).

g) agente físico a que alguém ou alguma coisa está exposta:

"Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta *ao* sol, posta *às* chuvas e *aos* ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar".
(G. DIAS, *Poesias*, I, 54).

"O papagaio em cima do poleiro, ao pé da janela, repete-lhe as palavras do costume e, no terreiro, o pavão enfuna-se todo *ao* sol da manhã" (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 278).

h) distribuição: um *a* um, dois *a* dois, pouco *a* pouco, gota *a* gota, etc.

"Camilo inclinou-se para beber *uma a uma* as palavras." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 15).

"as lágrimas se penduravam *quatro a quatro*." (HERCULANO, *apud* BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 489).

"receberia a herança e dá-la-ia tôda, *aos* bocados e às escondidas." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 161).

i) fenómeno ou ação, em concomitância com o qual ou a qual, ou em consequência ou por influência do qual ou da qual outro fenómeno ou ação se produz :

"Acordei *aos* gritos do coronel, e levantei-me estremunhado." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 155).

"Consentiu em retirar a promessa, mas fêz outra, e foi que, *à* primeira suspeita da minha parte, tudo estaria dissolvido entre nós." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 223).

"A amizade existe ; esteve tôda nas mãos com que apertei as de Escobar, *ao* ouvir-lhe isto" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 306).

"Eu ainda tentei espaçar a cerimónia a ver se tio Cosme sucumbia primeiro *à* doença, mas parece que esta era mais de aborrecer que de matar." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 307).

"Deus não desempara (1) ao justo, nem o deixará perecer *à* fome" (BERNARDES, *Nova Floresta*, III, 224).

j) instrumento, meio, modo :

"um armário de ferro, fechado *a* sete chaves." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 31).

"só se quer de coração aquilo que se paga *a* dinheiro" (M. DE Ass. *Várias Hist.*, 33).

"Deixe ; amanhã hei-de acordá-lo *a* pau de vassoura !" (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 42).

"Recua aflito e pávido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados"
(G. DIAS, *Poesias*, I, 50).

Pode incluir-se nesta classe o seu emprêgo com os verbos *limpar, enxugar, assoar.* Dou exemplos citados por Mário Barreto a páginas 277 do seu livro "Através do Dicionário e da Gramática", todos de Camilo :

"Depois, levantou-se, limpou as faces *à* manga da camisa,..."

---

(1) desampara.

"¿ Não conhece aquele rapaz que ia a sorrir-se para cima, e a assoar-se *a* um lenço branco?"

"E atravessou para o caminho de Braga, enxugando as lágrimas *ao* canhão da farda".

A tendência brasileira, neste caso, é a favor da preposição *em*:

"Limpou as mãos *no* vestido, sem achar o que dizer." (RIBEIRO COUTO, *Cabocla*, 29).

"Ela enxugava os olhos *na* manga do vestido" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, 234).

"Em seguida levantou-se e foi até seu quarto. Dentro em pouco tornava enxugando os olhos *num* fino lenço de cambraia."(ID., *ibid.*, 280).

Conservamos, porém, o bom uso português na frase feita: *limpar as mãos à parede*; e o nosso Alberto de Oliveira escreveu:

"E eu a ver tudo! *ao* lenço ocultamente
A enxugar minhas lágrimas."
(*Poesias*, 3.ª série, 1928, pág. 256).

"Da véstia *à* manga os olhos alimpando."
(ID., *ibid.*, pág. 268).

k) a alimentação, num regímen a que alguém está sujeito ou se submete:

"E passávamos *a* peixe, ovos, galinha, e juçara, que eram comidos com apetite." (HUMBERTO DE CAMPOS, *Memórias*, I, 6.ª ed., pág. 207).

l) lugar:

"estamos *a* bordo." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 70).

"Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, *à* rua da Alfândega, sob a firma Palha e Comp.ª" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 131).

"em casa de Joaquim Soares, *à* rua da Alfândega." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 249).

m) lugar onde alguma coisa está escrita ou se encontra :

"está escrito *aos* dezassete capítulos dos Números." (Heitor Pinto, *apud* Epifânio, *Sintaxe Hist.*, 115).

n) lugar, com idéia de direção ou de distância :

"Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror : — *ao* fundo sôbre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 19).

"Pus *a* um canto a lanterna, com o meu lenço por cima, para que me não vissem de dentro, e aproximei-me a espiar o que era." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 24).

"De uma casa modesta, *à* direita, *a* poucos metros de distância, saíam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 63).

"E quando *a* tiro de canhão se via,
"Fêz que se ouvisse a formidável tromba."
(Durão, *Caramurú*, VI, 21).

o) parte do corpo onde uma coisa está posta, prêsa, acomodada ou conchegada :

"Rangel conhecia-a desde criança, andara com ela *ao* colo, no Passeio Público, ou nas noites de fogo na Lapa". (M. de Ass., *Várias Hist.*, 173).

"um cãozinho que tinham dado a Sofia, pequeno, delgado, leve, buliçoso, olhos negros, com um guizo *ao* pescoço." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 118).

"o homem a cingia *ao* peito." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 25).

p) preço (da unidade) :

"São mil e vinte metros a expropriar... *a* oitenta réis... Oitenta e um mil e seiscentos." (D. João da Câmara, *Os velhos*, 27).

"e comprando-lhe o refrêsco que traziam, lho mandou pagar *a* como êles quiseram." (F. Mendes Pinto, *Peregr.*, I, 116).

q) anterioridade de uma coisa, a que se segue ou se junta outra :

"*a* isto seguia-se um minuto de descanso ou reflexão". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 18).

r) referência, proporção (e, nestas funções, concorre com *para*):

"*A* todos feo [=feio], *a* todos espantoso"
(ANTÓNIO FERREIRA, *Poem.*, *Lusit.*, 1598, f. 118, v.º)

"...aos céus levado
Do fado bom *para* êle, *a* nós danoso."
(ID., *ibid.*, f. 75).

"Canção, não digas mais; e se teus versos
À pena vem pequenos,
Não queiram de ti mais, que dirás menos."
(CAMÕES, *Lírica*, pág. 359).

À pena, isto é, "em relação à pena (=dôr)".

491. Forma inúmeras locuções usuais: *a granel*, *a rôdo*, *à compita*, *às escuras*, *às rebatinhas*, *a distância*, etc.

Pode usar-se ou não com o infinitivo sujeito do verbo *custar* na 3.ª pessoa do singular:

"Custou-lhe *a crer* que fôsse eu." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 236).

"Custa-me *dizer* isto, mas antes peque por excessivo que por diminuto". (ID., *ibid.*, 243).

ATÉ

492. Quando rege palavra acompanhada de artigo definido, pode vir, ou não, seguida da preposição *a* (1):

"Foi, penetrou no paraíso, rastejou *até* a árvore do bem e do mal, enroscou-se e esperou" (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 143).

"O Maciel acompanhou a moça *até à* carruagem". (ID., *ibid.*, 124).

"Maria Regina acompanhou a avó *até* o quarto" (ID., *ibid.*, 121).

"A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalém desde os três *até aos* quatorze anos de sua idade." (CASTILHO, *Fastos*, I, XIV).

(1) JÚLIO MOREIRA (*Estudos da Língua Portuguesa*, I, 1907, pág. 224-227) pensava não se tratar da preposição *a*, e esplicava o fato por meio de um fenómeno de fonética sintática.

493. O emprêgo de *até a*+artigo definido começou no século XVII com o artigo feminino, depois é que se estendeu ao masculino. Eis um exemplo, em que conservo a ortografia da fonte :

"Da porta da Igreja *até à* Eça ouve novo trabalho pera poder romper". (SOUSA, *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires*, Viana, f. 214, v.º).

494. Nos outros casos, não se acompanha da preposição *a :*

"e correram por todo o reino, e chegaram *até* Roma" (SOUSA, *Arcebispo*, 1763, pág. 475).

"E aquí esteve *até* dia de Natal" (ID., *ibid.*, pág. 399).

495. Usa-se para reforçar uma afirmação, para indicar com ênfase ou surprêsa inclusão num asserto, e nestes casos equivale a *mesmo, ainda, inclusive, também, por sinal que,* e não é preposição :

"Era engenhoso e fino e *até* profundo." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 130).

"Durante o jantar, estiveram todos muito ánimados. E *até* eu, que ignoro os assuntos que êles debatiam, entrei na dansa." (GRACILIANO RAMOS, *S. Bernardo*, 1934, pág. 144).

496. OBS. : O emprêgo de *até a* (+ artigo definido) já se vai estendendo ao artigo indefinido e a outros casos, ainda mal caracterizados :

"Albernaz saíu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala, onde a mulher lhe disse alguma cousa em voz baixa." (LIMA BARRETO, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Rio, 1915, pág. 50).

"*Até a* que ponto chegara minha fraqueza !" (JOSÉ LINS DO RÊGO, *Banguê*, pág. 290).

"... e não tinha coragem de elevar êste filho *até a* mim". (ID., *ibid.*, 277).

O mesmo autor não desconhece a expressão mais pura *até mim :*

"Um grito do velho Zé Paulino chegou *até mim.*" (JOSÉ LINS DO RÊGO, *Doidinho*, Rio, sem data, pág. 326).

Veja-se ainda :

"O grito dos grilos rolava *até mim*." (Lúcio Cardoso, *Maleita*, 1934, pág. 276).

COM

497. Indica, geralmente, companhia, reunião, comunidade, simultaneidade, modo, meio instrumento, causa.

498. Pode também denotar concessão, principalmente quando está regendo infinitivo :

"As noites, *com ser* tão dentro da zona tórrida, são frigidíssimas em todo o ano." (Vieira, *apud* S. da Silveira, *Trechos Sel.*, 191).

[*com ser*=a pesar de ser, não obstante ser.]

"*Com* mais de setenta anos, andava a pé, de preferência pelas veredas." (Graciliano Ramos, *S. Bernardo*, 1934, pág. 110).

CONTRA

499. Denota oposição, direção contrária, hostilidade :

"Êle, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la *contra* mim." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 155).

E, para animar-se, evocava mentalmente as razões que tinha *contra* a mulher". (Id. *ibid.*, 239).

500. Modernamente se está usando, em vez de *a*, com o verbo *apertar* e sinónimos :

"Agarra o saco, apalpa-o, e *contra* o peito o aperta,
Como para o enterrar dentro do coração."
(Olavo Bilac, *Poesias*, 272).

"...caíu nos braços
Do velho pai que o cinge *contra* o peito."
(G. Dias, *Poesias*, I, 56).

"pegou da criança, e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e apertando o berço *contra* o peito." (CAMILO CASTELO BRANCO, *Maria Moisés*, I, 1876, pág. 69).

"apertavam *contra* o peito a cruz das espadas." (HERCULANO, *Eurico*, 161).

501. Em frases tais, assim como na seguinte, exprime contacto, junção :

"Lavou-lhe os curtos pés, *contra* o seu peito
Do frio a protegeu, tomou nos braços
A carga tão mimosa !"

(G. DIAS, *Poesias*, II, 197).

502. No português de outrora podia significar *na direção de, para, para com :*

"Lava-lhe os muros o rio Ádige... que corre *contra* Itália" (FREI LUIZ DE SOUSA, *apud* EPIFÂNIO, *Sintaxe*, 164).

"Aquesta molher pera criar nosso filho muito val,
ca vejo-a mui fremosa, demais, semelha-me sen mal ;
et porén tenho que seja *contra* nós leal."

(D. AFONSO X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, Lisboa, 1933, pág. 9).

Entenda-se : "e por isso tenho (penso) que seja leal para connosco".

DE (1)

503. Designa :

1) Lugar donde, ponto de início de um movimento ou extensão (no espaço ou no tempo) ; proveniência, origem, a pessoa ou coisa de que outra procede, provém ou depende ; a matéria de que uma coisa é feita ; a qualidade ou estado primitivos, numa alteração ou transformação :

"Vinha *do* piano, enxugando a testa com o lenço". (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 61).

(1) Desta preposição tratei mais desenvolvidamente na *Revista de Cultura*, n.º 73

"Não éramos amigos, nem nos conhecíamos *de muito*". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 253).

"A avó não sabia da briga; Maciel contou-lha *de* princípio a fim." (ID., *Várias Hist.*, 127).

"Comereis *de* todos os frutos, menos o *desta* árvore". (ID., *ibid.*, 140).

"Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, *de* cuja ponta pendia o rato atado pela cauda." (ID., *ibid.*, 113).

"um papagaio *de* papel, alto e largo, preso *de* uma corda imensa, que bojava no ar". (ID., *ibid.*, 214).

"Há livros que apenas terão isso *dos* seus autores." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 2).

"Qual vermelhas as armas faz *de* brancas;
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas".
(CAMÕES, *Lus.*, VI, 64).

2) Pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que faz parte uma coisa; a coleção donde se distingue ou salienta um ou mais indivíduos; a espécie de que se consideram, tomam ou medem porções:

"Uma noite *destas*, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem *da* Central um rapaz aquí *do* bairro, que eu conheço de vista e de chapéu". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 1).

"A um vaso *de* vinho misturado com três partes *de* água não chamaremos com razão vinho: nem a um pouco *de* açúcar envolvido em três tantos *de* sal, chamaremos com razão açúcar". (BERNARDES, *Nova Flor.*, II, 1708, pág. 101).

3) Causa, motivo, agente da voz passiva (considerado como o ponto de partida da ação):

"Capitú sorriu *de* agradecida." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 195).

"Creio que o próprio Curvelo enfiara *de* mêdo." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 223).

"as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada *de* febre e minada *de* morte." (ID., *ibid.*, 117).

"Há em França ũa populosa cidade chamada Lião, regada *de* dois grandes rios." (H. PINTO, *Imagem*, II, 193).

4) Efeito, em expressões como: "combate *de* morte, duelo *de* morte, ferido *de* morte", e noutras em que um infinitivo indica o que uma coisa, uma qualidade, uma maneira de ser, é capaz de produzir:

"A ternura com que me disse isto era *de* comover as pedras." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 355).

"O estado dela é gravíssimo, mas não é mal *de* morte." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 200).

5) Assunto, matéria, objeto de que se trata:

"*De* Gramática e *de* Linguagem." (Título de um livro de Mário Barreto).

"Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou *da* luz e *dos* ministros, e acabou recitando-me versos." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 1).

6) Tempo em que uma coisa acontece (em certas locuções): *de manhã, de tarde, de noite, de dia, de verão, de inverno.*

"*De madrugada* os galos cantam, a quinta acorda." (EÇA DE QUEIROZ, *Corresp. de Fradique Mendes*, 213).

7) Objeto da ação ou sentimento expresso por um substantivo ou adjetivo:

"Às pessoas de fora do serviço dos Príncipes, é custosa e arriscada a pretensão *de* seu favor." (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Carta de Guia de Casados*, 96).

"o louvor *dos* mortos é um modo de orar por êles". (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 196).

"estava com mêdo *do* pai". (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 218).

"o amor *do* trabalho." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 228).

"Musas, *de* engrandecer-se desejosas."
(CAMÕES, *Lus.*, I, 11).

8) A coisa a que se refere uma qualidade ou estado significado por um adjetivo:

"um retalho de papel que êle recebeu com cautela e cheio *de* atenção." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 220).

"E exclamava : Porcalhões ! tratantes ! faltos *de* brio !" (Id., *ibid.*, 223).

"doente *de* uma erisipela na perna esquerda." (Id., *ibid.*, 30).

"duro *de* sofrer." (Id., *ibid.*, 74).

"fácil *de* entender." (Id., *ibid.*, 213).

9) Fim, em certas expressões formadas com infinitivo :

"sendo-lhe perguntado pelo moço que lhe dava *de vestir*, que vestido queria lhe concertasse para o outro dia, lhe respondeu..." (D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 141).

"lancetas *de* sangrar" (F. M. Pinto, *Peregr.*, II, 126).

504. Ligando um substantivo (ou equivalente) a outro, quer imediatamente, quer mediante certos verbos (*ser*, *estar*, *parecer*, etc.), serve de caracterizar e definir uma pessoa ou coisa :

"fumos *de* fidalgo." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 2).

"a casa em que me criei na antiga rua *de* Matacavalos" (Id., *ibid.*, 3).

"Mas é tempo *de* tornar àquela tarde de Novembro" (Id., *ibid.*, 23).

"pareceu-me que ficava assim *de* contas saldas". (Id., *ibid.*, 161).

"os seus sustos pareciam *de* criança" (Id., *Várias Hist.*, 4).

"rua *de* Bragança." (Id., *Hist. sem data*, 205).

Obs. : A língua moderna tende francamente a suprimir a preposição *de*, quando esta serve de indicar uma rua, um teatro, uma escola, etc., sobretudo sendo a denominação particular constituída por uma data :

"foi acompanhá-lo até a esquina da *rua Marquês de Abrantes*." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 110).

"Ia participar-lhe que se mudara para a *rua Dous de Dezembro*." (Id., *ibid.*, 150 ; outro exemplo à pág. 249).

Entretanto, em Machado de Assiz as fórmulas com a preposição predominam ; são elas também as que os grandes

mestres da língua (Leite de Vasconcelos, Epifânio, Mário Barreto) aconselham.

505. Forma numerosas locuções usuais de modo, tempo, etc.:

de vagar, de pressa, de caminho, de fugida, de través, de soslaio, de chapa, de verdade, de sociedade, de fato, de todo, de certo, de veras, de rondão ou *de roldão, de atropêlo*, etc.

EM

506. *a*) Denota:

1) Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"O chá estava *na* mesa." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 71).

"êsse digno homem não estava *no* perfeito equilíbrio das faculdades mentais." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 26).

2) Estado:

"— Você não ouve êstes gritos? perguntou a digna espôsa *em* lágrimas." (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 43).

"...Oposto rumo
Ias tu, alma *em* flor, aberta apenas,
Tão longe ainda do calor da sesta,
Tão remota da noite..."
(M. DE ASS., *Poesias*, 218).

"fôlhas *em* branco." (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 251).

"as árvores *em* flor ou *em* fruto." (COELHO NETO, *Fabulário*, 198).

3) Tempo, duração:

"fêz-se tudo *em* cinco ou seis minutos." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 201).

4) Restrição:

"era insigne *na* viola e *na* harpa." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 137).

5) Preço, valor, com os verbos *avaliar*, *taxar*, *estimar* e sinónimos :

"Avaliaram alguns o presente *em* um milhão." (Bernardes, *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos, II, 75).

6) Modo, meio que se emprega para realizar uma ação :

"entrou a ler *em* voz alta." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 224).

"A narração do santo foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aquí integralmente, mas *em* substância." (Id., *ibid.*, 33).

7) Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação :

"Resoluta estendeu rijamente os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando." (Coelho Neto, *Fabulário*, 116).

"a cascatazinha era deliciosa, dentro do nicho de conchas, com os seus três pedregulhos arranjados *em* despenhadeiro bucólico." (Eça de Queiroz, *Os Maias*, I, 12).

"as armas pulidas, ordenadas *em* feixes." (Herculano, *Eurico*, 167).

"abriu a mão *em* ar de ameaça". (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 26).

8) Novo estado de uma coisa que se transforma :

"Converte-se-me a carne *em* terra dura"
(Camões, *Lus.*, V, 59).

"o prato foi cair na parede onde se fêz *em* pedaços." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 155).

9) Qualidade ou aspeto, sob o qual uma coisa aparece, é apresentada ou transmitida ; fim, destinação :

"Certo é que lhe deixou *em* herança aquela casa velha." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 64).

"dar *em* casamento."

b) Usa-se muito com o gerúndio, exprimindo tempo, condição, hipótese :

"...êle, *em* se tratando da própria consideração, mentia sem dificuldade." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 150).

c) Aparecia nos clássicos, e ainda alguma vez aparece em escritor moderno, formando locução com *dentro :*

"foi acôrdo juntamente d'ambos os campos dar-lhes memória e lugar sagrado *dentro em* seus alojamentos." (Sousa, *Arc.*, I, 7).

"*Dentro em* meu coração."
(M. de Ass., *Poesias*, 300).

ENTRE

507. A respeito desta preposição, talvez só importe notar que, como as demais preposições, ela exige o emprêgo, para os pronomes pessoais que rege, das formas tónicas *mim, ti, êle, ela, nós, vós, êles, elas* e *si* para o reflexivo :

"êle foi o terceiro na troca das cartas *entre mim* e Capitú". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 280).

"José Dias dividia-se agora *entre mim* e minha mãe". (Id., *ibid.*, 293).

"*entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Herculano, *Eurico*, 44).

"...Dizia acaso
Entre si mesma uma oração, e o nome
De Jesús repetia, mas tão baixo
Que o coração do pai mal pôde ouvir-lho."
(M. de Ass., *Poesias*, 240).

"desfazei êste muro de aço, que está *entre vós, e mim.*" (Frei Tomé de Jesús, *Trabalhos de Jesús*, Lisboa, 1865, I, 61).

508. Contudo, avistam-se, esparsas, construções do tipo da seguinte :

"*entre êles e eu* existe separação formal." (Castilho, *O misantropo*, 11).

Nunca se dirá, porém, "*entre eu e êles*", pondo-se o *eu* junto à preposição, e sim "*entre mim e êles*".

PARA

509. Designa :

a) A pessoa ou coisa, em relação à qual se dá uma ação ou fenómeno ou que é objeto de um sentimento ou disposição de ânimo :

"*Pera* o avô cruel assí dizia."
(Camões, *Lus.*, III, 125).

b) Destinação, fim, têrmo de um movimento, direção :

"a filha deu-me recomendações *para* Capitú e *para* minha mãe". (M. de Ass., *D. Casmurro*, 208).

"Ia assim, descendo e subindo as ruas da cidade, sem guiar *para* casa, sem plano, com o sangue aos pulos." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 26).

"Capitú ia lá coser, às manhãs ; alguma vez ficava *para* jantar." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 196).

c) Referência, restrição ao sentir, à capacidade, ao estado ou condição de alguém, a uma época ou determinada circunstância :

"A divisão, que foi sempre uma das operações difíceis *para* mim, era *para* êle como nada." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 266).

"Vou contar-lhe um caso interessante *para* mim, e creio que também *para* o senhor." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 82).

"*para* os ossos que apodrecem na terra as púrpuras de Sidónia não valem nada." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 257).

d) Tempo, para quando é reservada uma ação :

"E como só partimos *para* abril, há tempo de pintar, d'assoalhar, d'envidraçar..." (Eça de Queiroz, *A cidade e as serras*, 171).

e) Fim :

"A tia, porém, abaixava a cabeça *para* deixar passar a onda, e surgia outra vez com os seus grandes olhos sagazes e teimosos." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 239).

"e *para* dar mais fôrça à resposta, acompanhou-a de um descair dos cantos da bôca, a modo de indiferença e desdém." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 242).

f) Direção ; ponto para onde alguém ou alguma coisa está voltada :

"eu próprio não pude esquivar-me ao movimento e dei um passo *para* diante." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 32).

"Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava *para* o telhado dos fundos." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 14).

"Um domingo, — nunca êle esqueceu êsse domingo, — estava só no quarto, à janela, virado *para* o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina." (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 51).

g) Lugar, com a idéia acessória de direção ou de afastamento, segregação, abandono ; "localização indefinida em certa extensão" :

"Já sabes que a minha alma, por mais lacerada que tenha sido, não ficou aí *para* um canto como uma flor lívida e solitária." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 396).

"arqueja *para* aí". (ID., *Várias Hist.*, 264).

"Flôres azues, e tão azues ! aquelas
Que numa volta do caminho havia,
Lá *para* o fim do campo, onde em singelas
Brancas boninas o sertão se abria."
(ALBERTO DE OLIVEIRA, 2.ª série, 299).

POR

510. Em português antigo havia *por* (do lat. *pro*) e *per* (do lat. *per*).

Por tomou as funções sintáticas da antiga preposição *per*, que apenas aparece hoje nas combinações com o artigo definido e o pronome demonstrativo átono (*pelo, pela, pelos, pelas*) e nas locuções usuais *per si, de per si, de-permeio*.

As combinações de *por* com o artigo definido e com o pronome demonstrativo átono (*polo, pòla, polos, polas*), usuais na língua antiga, desapareceram, porém, na moderna.

511. Denota, entre outras coisas, o seguinte :

1) Lugar por onde, caminho de um ponto a outro (em sentido próprio ou figurado) :

"*Pelas* ondas do mar sem limites
Basta selva, sem fôlhas, i vem."
(G. Dias, *Poesias*, I, 18).

"êle enterrou-me *pela* conciência dentro um par de olhos pontudos" (M. de Ass., *Várias Hist.*, 222).

2) Lugar, com idéia de dispersão, de existência de uma coisa em vários pontos de uma extensão :

"relanceou os olhos *pela* sala." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 212).

3) Lugar, com idéia de direção, vizinhança ou percurso :

"...a soberba Europa, a quem rodeia
Pela parte do Arcturo e do Ocidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E *pela* Austral o mar Mediterrano."
(Camões, *Lus.*, III, 6).

"[desejam] um vento temperado *pela* pôpa." (H. Pinto, *Im.*, II, 15).

4) Duração :

"sem desengonçar *por* um instante a rigidez científica." (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 32).

5) Tempo aproximado ou indeterminado :

"Foi *pelas* dez horas e meia que a viúva alí apareceu." (M. de Ass., *Hist. sem data*, 263).

"como é provável que eu morra *por* êstes dias..." (Id. *ibid.*, 78).

"Abre-o ás vezes, *por* horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez de pressa." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 31).

6) Meio :

"Sebastião Freitas prometeu suspender qualquer ação reservando-se o direito de pedir *pelos* meios legais a redução da Casa Verde." (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 41).

7) Referência, conformidade :

"Nós-outros, modelando-nos *pelos* franceses, desprezamos o gênero e os antigos." (Odorico Mendes, *Verg. Bras.*, 71).

"afinados *pelo* vosso ponto." (Castilho, *apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 162).

8) Agente da voz passiva :

"Os pés... eram resguardados *por* um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão." (M. de Ass., *Papéis Av.*, 83).

9) Causa, motivo :

"resposta vaga que se não pode repetir a outra pessoa *por* falta de texto." (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 33).

10) Modo, distribuição :

"Se me tem pedido a cousa *por* favor, alcançá-la-ia do mesmo modo." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 218).

"êste lia os jornais, artigo *por* artigo." (Id., *ibid.*, 221).

11) Substituição, troca, valor igual, preço :

"vendei gato *por* lebre." (M. de Ass., *Páginas Recolhidas*, 246).

"São retratos que valem *por* originais." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 22).

12) Fim, equivalente a *para :*

"tendo guardado integralmente os ordenados, estava ansioso *por* vir dissipá-los aquí." (M. de Ass., *Várias Hist.*, 154).

13) Favor, dedicação, interêsse :

"A última pessoa que intercedeu *por* êle... foi uma pobre senhora, prima do Costa." (M. de Ass., *Papéis Avulsos*, 25).

14) Regendo o predicativo do objeto direto de certos verbos, denota qualidade, estado, o conceito que se faz de uma pessoa ou coisa :

"Desculpado por certo está Fernando
Pera (1) quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria."
(CAMÕES, *Lus.*, III, 143).

"Aquele faz que fama ilustre fique
Dêle em Germânia, com que a morte engane;
Êste, que ela nos mares o pubrique (2)
Por seu descobridor"
(CAMÕES, *Lus.*, VIII, 37).

"Saberia Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de sandice, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o *por homem exquisito.*" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 5).

SÔBRE

512. Só notaremos êstes emprêgos:

1) Com a significação de *além de:*

"Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é néscia e feia."
(DURÃO, *Caramurú*, VI, 40).

2) Formando expressões correspondentes a superlativos relativos:

"alva *sôbre* quantas foram,
santa *sôbre* quantas são."
(GIL VICENTE, *Mofina Mendes*, na edição de 1562, fl. XXI, v.).

"forte e grande *sôbre* todos os mais." (F. M. PINTO, *Peregr.*, II, 95).

3) Indicando tempo aproximado:

"*Sôbre* a madrugada, conseguí conciliá-lo (o sono)." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 189).

"*Sôbre* tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público." (ID., *ibid.*, 306).

(1) Pera = para

(2) pubrique = publique.

14. Sintaxe especial das diversas espécies de palavras

9. Conjunções

513. Muito há que dizer a respeito das conjunções. Limitar-nos-emos ao seguinte :

a) A conjunção adversativa (*mas*), além de exprimir oposição, indica também compensação : "Triste, *mas* curto".

b) Das concessivas usuais, *embora* requer o verbo no subjuntivo, e as demais podem-no ter no subjuntivo ou no indicativo :

"A derradeira delas desposou aos trinta anos um oficial de marinha, e foi ainda o que reverdeceu as esperanças à amiga solteira, que não pedia tanto, *pôsto que* a farda de aspirante *foi* a primeira coisa que lhe seduziu os olhos, aos quinze anos..." (M. DE Ass., *Quincas Borba*, 73).

"*Suposto* o uso vulgar *seja* começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método." (M. DE Ass., *Braz Cubas*, 1).

Entre as concessivas há uma, *mas que*, hoje quasi desusada, porém ainda visível em Gonçalves Dias e Machado de Assiz :

"E das igaras côncavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosíssima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, *mas que* frágeis,
Os ventos contrastar."

(G. DIAS, *Poesias*, I, 37).

"...Lânguidas brisas
No taquaral à noite sussurrando,
Ou enrugando o mole dorso às vagas,
Não têm a voz com que domina os ecos

Despenhada cachoeira. São, contudo,
Mas que débeis e tristes, no concêrto,
Da orquestra universal cabidas notas."
(M. DE ASS., *Poesias*, 203).

Outra concessiva, *em que*, também está fora do uso corrente, salvo na locução *em que pêse a*, ainda bastante empregada e que significa *a pesar de, não obstante a opinião de :*

"Dizer o que êle sentia,
Em que queira, não me atrevo,
Nem o chorar que fazia ;
Mas as palavras que escrevo
São as que êle dezia."
(CRISTÓVÃO FALCÃO, *Crisfal*, edição de SOUSA DA SILVEIRA, 12).

"... Qual foi primeiro
A soltar, a romper tão doces laços,
Não pudera dizê-lo, *em que* o quisesse."
(G. DIAS, *Poesias*, II, 221).

"Falhou neste ponto, *em que pêse à* sua forma atraente, a teoria planeada." (EUCLIDES DA CUNHA, *Os Sertões*, 1923, 34).

c) *Que* figura em várias classes de conjunções : pode, por exemplo, designar circunstância de tempo, equivalendo a *desde que, depois que :*

"Porém já cinco sóis eram passados,
Que dalí nos partíramos..."
(CAMÕES, *Lus.*, V, 37).

Pode ser concessiva em frases ainda usuais como a seguinte (Alberto de Oliveira, *Poes.*, 2.ª série, 1912, pág. 300) :

"Talvez que a chuva passe e o tempo mude,
E *que* não mude, um teto aquí nos cobre !"

Aparece como consecutiva depois de certas interrogações enfáticas :

"Deus ! ó Deus ! onde estás *que* não respondes !"
(CASTRO ALVES, *Vozes d'África*).

"Quem és, *que* ao ver-te o coração suspira,
E em puro amor desfaz-se !"
(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, 1876, pág. 185).

15. Construção da frase: colocação dos pronomes pessoais

514. Quando, no 3.º ponto, mostrámos as mais frisantes divergências entre o latim clássico e o popular, fizemos ver que êste propendia para a ordem natural ou direta, enquanto que o primeiro dava preferência à ordem inversa.

515. Representando as línguas românicas transformações do latim popular, não é de estranhar seja a ordem direta a construção mais da índole delas. Dos idiomas neo-latinos é, talvez, o nosso aquele em que a ordem inversa pode ser aplicada mais livremente, sobretudo no verso, o que se nota bem nos poetas antigos e mesmo em alguns dos modernos.

Exemplificam excelentemente a liberdade de ordem na poesia os trechos seguintes, um do século XVI e os outros do XIX :

"...alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espírito divino."

(Camões, *Lus.*, I, 26).

"As vossas fôrças restaurai perdidas."

(G. Dias, *Poesias*, I, 49).

"...Cauto, em furnas
O onipotente os aferrolha escuras
E um cargo de montanhas sobrepondo
Lhes deu rei que, mandado, a ponto as bridas
Suster saiba ou laxar."

(Odorico Mendes, *Vergílio Brasileiro*).

Dêsses trechos, o mais difícil de pôr em ordem natural é certamente o de Camões : "...levantaram por seu capitão um peregrino que fingiu espírito divino na cerva". O ca-

pitão é Sertório, cujo artifício de domesticar uma corça e atribuir-lhe dom divinatório todos conhecem.

O trecho de Odorico Mendes refere-se aos ventos : Júpiter, o onipotente, aferrolhou-os em furnas escuras e deu-lhes um rei, Eolo, que os governasse.

516. Ainda no domínio do verso, merece nota a anteposição, de uma oração relativa, à palavra a que o relativo (pronome ou advérbio) se reporta :

"Sonhava, em meu sonhar,
Onde dormindo estava
Alí velando estar."
(CRISTÓVÃO FALCÃO, *Crisfal*, edição de SOUSA DA SILVEIRA, 21).

Isto é : "Sonhava, em meu sonhar, estar velando *alí onde* estava dormindo".

"Só êle, o peregrino, *onde acolher-se*,
Não tem tugúrio seu."
(G. DIAS, *Poesias*, I, 156).

Equivalente a : "Só êle, o peregrino, não tem *tugúrio seu onde* acolher-se".

517. A leitura de poesias em português revela como não raras outras transposições ; tais, por exemplo, as seguintes :

a) Intercalação de uma oração relativa entre o artigo ou demonstrativo e o substantivo que a dita oração modifica :

O piaga nos disse que breve seria
A que nos infliges cruel punição."
(G. DIAS, *Poesias*, I, 24).

Igual a : A cruel punição que nos infliges.

"Nem leve brecha ao menos
Abra nessa, *onde fulge*, áspera crosta."
(RAIMUNDO CORREIA, *Poesias*, 1906, pág. 145).

b) Anteposição, ao substantivo, da expressão adjetiva modificadora, constituída por substantivo regido de preposição.

Os seguintes versos mostram êsse fato e também o que indicámos em *a*) :

> "Mas dia inda virá, em que te pejes
> Dos, *que ora trajas*, símplices ornatos
> E amável desalinho :
>
> Da pompa e luxo amiga, hão-de cair-te
> Aos pés então — *da poesia* a c'roa
> E *da inocência* o cinto."

(G. Dias, *Cantos*, Leipzig, 1865, I, pág. 12).

518. Deixando o verso — campo de maior liberdade de construção do que a prosa — observaremos que é impossível, mesmo para esta, formular regras absolutas a respeito da ordem das palavras.

519. Pode, porém, dizer-se que o esquema de colocação mais simples é aquele em que os vocábulos se dispõem assim :

1.º — O sujeito, acompanhado dos seus modificativos ;

2.º — O predicado, vindo neste o predicativo e os objetos, direto e indireto, depois do verbo, salvo se tais elementos da frase estiverem representados por pronome relativo ou interrogativo, caso êste em que virão no comêço, onde também se devem colocar os advérbios relativos e os interrogativos :

"As lágrimas, se as têm, são enxugadas atrás da porta, para que as caras apareçam limpas e serenas ; os discursos são antes de alegria que de melancolia, e tudo passa como se Aquiles não matasse Heitor" (M. de Ass., *D. Casmurro*, 346).

520. Na prosa corrente são costumadas (costumadas, note-se bem, e não de rigor absoluto) as seguintes inversões :

a) Posposição do sujeito ao verbo nas orações intercaladas indicadoras de que se reproduzem palavras de outrem :

"— Todos estão saudosos, *disse-me êste*, mas a maior saudade está naturalmente no maior dos corações." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 180).

b) Idem nas orações do tipo das seguintes, em que o predicativo vem antes do verbo:

"*Velha é a casa*, mas não lhe alteraram nada." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 329).

"*Sublime és tu*, bradei eu, lançando-lhe os braços ao pescoço." (M. DE Ass., *Braz Cubas*, 374).

c) Idem nas orações interrogativas em que a interrogação é feita pelos pronomes, adjetivos ou advérbios *que*, *qual*, *quem*, *quanto*, *como*, *quando*, *porque*, *onde*, etc.:

"Que caraminhola *é essa*?" (M. DE Ass., *Quincas Borda*, 247).

"Quanto *tinha êle*?" (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 160).

"mas porque não *acrescentou êle*, que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira?" (M. DE Ass., *Papéis Avulsos*, 193).

"Porque não *fêz êle* isso há mais tempo?" (M. DE Ass., *Papéis Avulsos*, 106).

"Mas que *tenho eu* com o senhor?" (ID., *ibid.*, 107).

d) Idem nos particípios absolutos:

"Trepou e bateu. Não *aparecendo ninguém*, teve idéia de descer" (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 14).

"*Ouvidos os primeiros compassos*, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda". (M. DE Ass., *Várias Hist.*, 62).

Essa regra é observada no português moderno, em que, contudo, se usa a expressão *isto pôsto* e se compõem, uma ou outra vez, frases como as seguintes:

"*Isto dito*, avançaram um para o outro e atracaram-se." (M. DE Ass., *Papéis Avulsos*, 124).

"*Tudo examinado*, disse Rubião:
— Venha tomar alguma cousa." (M. DE Ass., *Quincas Borba*, 45).

e) Idem nos infinitivos cujo sujeito, que não é pronome pessoal, relativo nem interrogativo, é objeto direto dos verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir*, *ver* :

"viu *entrar cinco homens armados*". (M. DE ASS., *Papéis Avulsos*, 108).

"Ouviu, daí a pouco, *ranger uma porta*". (ID., *ibid.*, 110).

OBS. : Se o infinitivo tiver objeto, predicativo ou complemento circunstancial, a ordem direta é preferível e algumas vezes até se impõe :

"Tôda essa tarde fôra um martírio para ela ; *vira Álvaro falar a Cecília*, adivinhara quasi as suas palavras." (JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarani*, 2.ª ed., I. 98).

"e alí ficaram um momento calados, no encanto daquela frescura murmurosa, *ouvindo as aves piarem nas ramas*." (EÇA DE QUEIROZ, *Contos*, 77).

"Os pastores *viram os nossos cavaleiros transporem o Salia :* viram despenhar-se o roble, e *os infiéis recuarem espantados*." (HERCULANO, *Eurico*, 253).

f) Idem nos verbos reflexos de sentido passivo :

"*encomendaram-se* às madres da Ajuda as compotas e marmeladas ; *lavaram-se, arearam-se, puliram-se* as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do luxo clássico." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 39).

g) Idem em certas orações optativas :

"*Pudera eu* dilatar-lhe a vida !" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 45).

* * *

521. O possessivo, usado como adjetivo junto a um substantivo não determinado pelo artigo definido, em regra geral se pospõe ao substantivo :

"Tu não lustras as unhas ! tu trabalhas ! tu és digna *filha minha* ! pobre, mas honesta !" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 251).

"Têm-me chegado aos ouvidos rumores de muita *extravagância sua*, de que não tenho feito caso." (JÚLIO DINIZ, *Uma família inglêsa*, Lisboa, 1920. pág. 322).

522. Diz-se, com os possessivos : *um amigo meu* ou *um meu amigo, outro amigo meu* ou *outro meu amigo :*

"um *seu amigo* particular". (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 51).

"Um *tio meu*". (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 6).

"em outro *meu livrinho*" (CASTILHO, *apud* S. DA S., *Trechos Seletos*, 2.ª edição, 237).

* * *

Falando-se de modo muito geral, pode-se dizer que os pronomes pessoais átonos aparecem colocados, na língua literária atual, MAIS OU MENOS de acôrdo com as seguintes regras (1) :

523. 1. UM SÓ VERBO

a) Não se inicia período por variação pronominal átona :

"*Peguei-lhe* dos cabelos, colhí-os todos e entrei a alisá-los com o pente" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 99).

"*Pedí-lhe* que levantasse a cabeça" (ID., *ibid.*, 101).

OBS. : A linguagem brasileira corrente infringe êste preceito a cada momento, e é fôrça reconhecer que, em muitos casos, comunicando à expressão encantadora suavidade e beleza :

"Isabel estava branca como a cambraia do seu vestido ; sentia a pressão das mãos do moço nas suas e o seu hálito que vinha bafejar-lhe as faces.
— *Me* perdoareis ?
— Sim ! Mas porque ?"

(JOSÉ DE ALENCAR, *O Guaraní*, 2.ª ed., I, 315).

---

(1) Para os casos de infração destas regras observada em autores portugueses v. SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, pág. 35, o capítulo intitulado "Brasileirismos".

"— Naída ! — Padre, vos espero, vamos.
— O que fazias, filha ? — *Me* lembrava
Dessa criança que saudaram anjos
No pobre, escuro berço,.........."

(FAGUNDES VARELA, *Anchieta*, 1875, pág. 44).

b) A ênclise é de praxe :

1) Nos gerúndios não regidos da preposição *em* nem modificados, *na sua significação vocabular*, por negação ou certos advérbios em que se não faz pausa :

"debruçado sôbre a cama, ouvia as palavras ternas de minha mãe que me apertava muito as mãos, *chamando-me* seu filho". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 201).

"O jerico abatia um pouco as orelhas, inclinava o pescoço, parece que *fazendo-se* humilde..." (TRINDADE COELHO, *Os meus amores*, 34).

"— Não sei. Quem sabe lá ? ! Mas quem quer que foi só *arrancando-lhe* a alma, e depois *atirando-a* aos cães !" (ID., *ibid.*, 351) (1).

"Fica o convento senhoreando tôdas [as quintas] com a capacidade e mais grandeza, e como *pagando-lhe* com sua sombra o ornamento que recebe da companhia e boa vizinhança delas". (FREI LUIZ DE SOUSA, *apud* BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 331).

"quis honrar... o gênio dos sábios, não *chamando-os* apenas aos lugares honoríficos e rendosos do império, senão ao maior e mais trabalhoso ofício do estado". (LATINO COELHO, *Estante Clássica* da Rev. de Língua Portuguesa, 15) (2).

---

(1) O "só" dêste exemplo não modifica *arrancando* no sentido que tem êste gerúndio como simples palavra ; modifica-o na função sintática que êle exerce na oração como indicador de um modo, de um meio : o autor não quer dizer "só lhe arrancando a alma [e não lhe arrancando outra coisa]", mas sim "só com uma espécie de castigo, só punido o criminoso por êste modo ou meio — arrancando-lhe a alma, e depois..." Acresce que há, aquí, uma vantagem estilística na ênclise : *lhe arrancando* é uma expressão mais suave do que *arrancando-lhe :* esta, pelo seu ímpeto na pronúncia, evoca e pinta melhor a violência do castigo.

(2) A explicação seguinte mostrará melhor que a ação da negativa se exerce sobre o meio de honrar e não sôbre o significado do verbo *chamar :*

"quis honrar... o gênio dos sábios, não [por êste processo :] chamando-os apenas aos lugares honoríficos e rendosos do império, senão [por estoutro : chamando-os] ao maior e mais trabalhoso ofício do estado".

Mas, de acôrdo com as restrições feitas :

"de um pulo saltou à estrada, aos tropeções nas pedras que encontrava, *mal se equilibrando*". (TRINDADE COELHO, *Os meus amores*, 45).

"e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, *pouco se lhe dando* de perigos." (ID., *ibid.*, 178) (1).

2) Nos infinitivos soltos não modificados por negação :

"Não há mor gôsto pera o bom que *sê-lo*." (H. PINTO, *Im.*, I, 92).

"Do que resultou *declararem-no* logo por Leitor de Artes" (FREI LUIZ DE SOUSA, *Arc.*, I, 26).

"Não me pêsa *dizê-lo*" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 314).

"conseguí *recordá-la*" (ID., *ibid.*, 322).

OBS. : Com o infinitivo modificado por negação, regido de preposição ou introduzido por certas palavras exclamativas, interrogativas ou relativas (*como, que* e talvez alguma outra mais) pode haver próclise ou ênclise :

"ansiou *por a tirar* daquele París batalhador e fascinante" (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 44).

"tinha uma coisa muito séria que *te dizer*." (GARRETT, *Teatro*, IV, 210).

"êle ficou sem ter com que *se cobrir*". (SOUSA, *Arc.*, II, 156).

"não tendo de que *sustentar-se*, nem com que beneficiar as terras largavam a casa, corriam à cidade e ao Prelado." (SOUSA, *Arc.*, I, 567).

"Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo *para se sentar* comigo à mesa." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 360).

"Fui a casa de minha mãe, com o fim *de despedir-me*" (ID. *ibid.*, 365).

"Faltam-me olhos e razão
Para *a ver*, para *entendê-la*".

(GARRETT, *apud* BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 543).

---

(1) No primeiro dêstes dois últimos exemplos, *mal* modifica o sentido de *equilibrar*, ação que se pode fazer *bem* ou *mal*, *fàcilmente* ou *a custo*. No segundo a palavra *pouco* denota quantidade : dar-se-lhe de alguma coisa, *pouco* ou *muito* : o quantitativo refere-se ao próprio sentido do verbo, e não à função do gerúndio.

Quanto a infinitivos modificados por negação, vejam-se exemplos adiante (*c*, 1, Obs. I). Sôbre infinitivos com a preposição *a*, veja-se o que se diz em o n.º 4 desta alínea.

3) Nos infinitivos acompanhados de artigo :

"*ao despedir-me*... reconheceu a humanidade sua fraqueza, e derramou muitas lágrimas" (SOUSA, *Arcebispo*, I, 70).

"Como o corpo eletrizado pelo contacto da resina, que é repelido *ao chegarem-no* de novo a ela, e desembesta para o vidro se lho aproximam, a sanhuda indignação do moleiro nordesteou para as novas vítimas." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 242).

"*Ao vê-la* agora, não a achei menos saborosa que no cemitério, e há tempos em casa de mana Rita" (M. DE ASS., *Memorial de Aires*, 18).

"Para que se não estranhe *o acharem-se* no fim de cada um dos três volumes notas que pela chamada do texto deveriam ter sido colocadas antes, advertimos que essas preterições só foram ocasionadas de não haverem chegado a tempo os respetivos originais." (A. F. DE CASTILHO, *Fastos*, I, XLIX).

"Amor é um fogo que arde sem se ver ;
. . . .
É *um estar-se* prêso por vontade"
(CAMÕES, *apud* FIDELINO DE FIGUEIREDO, *Ant.*, 392).

4) Nos infinitivos regidos da preposição *a*, quando o pronome átono tem a forma *o* (*lo*) :

"Outros acudiam em magotes só *a vê-lo*". (SOUSA, *Arc.*, I, 469).

"e os prelados são obrigados *a aceitá-los*" (ID., *ibid.*, 487).

"êle era o primeiro que saía ao caminho *a recebê-lo*" (ID., *ibid.*, 489).

Vimos, em *b*, 2, *obs.*, que com o infinitivo regido de preposição tanto ocorre a próclise como a ênclise. No próprio caso de que estamos tratando aparecem na língua antiga exemplos de próclise, como êste do mesmo Sousa (*Arc.*, I,56) : "quando Deus escolhe ũa pessoa pera algum cargo, êle se obriga *ao ajudar*" (=a o ajudar, a ajudá-lo). A seleção em favor da ênclise parece devida a eufonia.

A ênclise é de maior rigor quando o pronome tem a forma feminina : nunca se dirá "acudiam *a a ver*", e sim "acudiam *a vê-la*".

c) A próclise dá-se :

1) Nas orações negativas (mesmo com os gerúndios, quando a negação recai sôbre o próprio significado dêstes e não apenas sôbre as circunstâncias que êles exprimem) :

"Não nos censures, pilôto de má morte, *não se navegam* corações como os outros mares dêste mundo." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 147).

"José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias ; *não as havendo*, servir a prolongar as frases." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 11).

OBS. I. — Com o infinitivo negativo é lícita a próclise ou a ênclise :

"promete *não zangar-se*" (CASTILHO, *O avarento*, 197).

"Satisfí-la, atenuando o texto desta vez, para *não amofiná-la*." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 130).

"O êrro de Capitú foi *não deixá-los* crescer infinitamente." (ID., *ibid.*, 133).

"...vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto"
(CAMÕES, *Lus.*, II, 64).

OBS. II. — Sendo a negativa uma conjunção, parece que não obriga à próclise com o gerúndio :

"Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado
Nem vendo-se num cêrco duro e urgente."
(CAMÕES, *Lus.*, X, 48).

2) Nas orações subordinadas, inclusive aquelas em que a conjunção *que* está oculta :

"um homem que de suas palavras vejo *vos amava* como irmão". (HERCULANO, *Eurico*, 170).

"disse a José Dias que fôsse buscar as senhoras ao Flamengo e *as levasse* para casa". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 347).

"Iremos para onde *nos fôr* mais cômodo (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 176).

OBS. : Achando-se intercaladas entre as conjunções *que* ou *porque* e o verbo uma ou mais palavras que não exijam a anteposição do pronome, e não estando o verbo no subjuntivo, pode ocorrer a enclise :

"Vai êle empurra o postigo.
E eu assusto-me de modo
Que, na verdade vos digo,
Tremia-me o corpo todo."

(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, 1876, pág. 252).

"Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu."

(GARRETT, *apud* MENDES DOS REMÉDIOS, *Hist. da Literat. Portuguesa*, 1914, pág. 647).

"a luz brilhante d'afeições e esperanças a que vivia e que me povoava o coração de felicidade devia apagar-se então, como a lâmpada do templo ao amanhecer; *porque eu voltava-me* para o céu, buscando a luz do Senhor." (HERCULANO, *Eurico*, 46).

"Ora, falemos sério, *que o assunto merece-o*". (CASTILHO, *Conversação Preambular*, pág. XLIV, no *D. Jaime* de Tomaz Ribeiro, ed. de 1862).

"O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, é, *que no juízo de Deus as nossas boas obras defendem-nos*, no juízo dos homens, o maior inimigo que temos, são as nossas boas obras." (VIEIRA, *Sermões*, V, 1689, pág. 67).

3) Com o gerúndio regido da preposição *em :*

"Compreende-se o assombro da tia. Entender-se-á também o da sobrinha, *em se sabendo* que D. Paula vive no alto da Tijuca, donde raras vezes desce" (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 235).

4) Nas orações exclamativas e optativas que trazem o verbo no subjuntivo e o sujeito anteposto ao verbo :

"Deus *o guarde*." (FERREIRA, *Castro*, nos *Poemas Lusit.*, 1598, f. 222, v.°).

"Deus *te guarde*, senhor" (ID., *ibid.*, f. 222, v.°).

"A terra *lhe seja leve !* — Deus *o abençoe !* — Bons olhos *o vejam !*

5) Nas orações interrogativas e exclamativas iniciadas por palavra interrogativa ou exclamativa :

"Que *te custava* ter-me neste engano,
Ou fôsse monte, nuvem, sonho, ou nada?"
(CAMÕES, *Lus.*, V, 57).

d) Não se dá próclise nem ênclise com os particípios passados, pois os pronomes átonos não se empregam dependendo dêles : usa-se uma forma tónica regida de preposição.

Não se dirá : "*Dada-me* esta carta" e sim "*dada a mim*" ; em vez de, por exemplo, "depois de *me entregue* o recibo" dir-se-á : "depois de entregue a mim o recibo".

e) Nos demais casos pode-se dizer que é, gramaticalmente, arbitrária a próclise ou a ênclise :

"Cada cavaleiro árabe *travou-se* com um cavaleiro gôdo" (HERCULANO, *Eurico*, 97).

"Cada dia *lhe desfolha* um afeto" (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, II, 109).

"tudo *lhe servia* de papel e lapis" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 135).

"Aquí é outra coisa : aquí *vê-se*, por entre as grades de ferro, a luz do céu, a árvore que dá os frutos, a seara que dá o pão, e tudo isto *vê-se* para *se ter* mais fome." (HERCULANO, *apud* BARBOSA DE BETTENCOURT, *Trechos Escolhidos*, 1910, pág. 488).

"— Anda visitando os defuntos? *disse-lhe* eu". (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 15).

"Divino Marte assiste-me, *te exoro*"
(CASTILHO, *Fastos*, III, 67).

"Mas tu *me dá* que cumpra, ó grão Rainha,
Das Musas, co, que quero à nação minha."

(CAMÕES, *Lus.*, X, 9).

"Tu. . . *dá-me* ao cerrar noite o meu inverno,
Um leito funeral ao sono eterno."

(TOMAZ RIBEIRO, *D. Jaime*, 1862, pág. 6).

"— Ah! o Melo *conhece-os*? exclamou Pedro.
— Sim, meu Pedro, o Melo *os conhece.*" (EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias*, I, 33).

OBS. I. — Há, contudo, franca tendência para a próclise, quando a oração, posta em ordem inversa, começa por um têrmo (objeto direto, predicativo, algum advérbio em que se não faz pausa), têrmo êsse que habitualmente se coloca depois do verbo :

"O nome *lhe* poseram, que inda dura,
Dos amores de Inez que alí passaram."

(CAMÕES, *Lus.*, III, 135).

"Mártires *os* chamavam os companheiros, e por mártires os veneravam" (SOUSA. *Arc.*, I, 7).

". . .Herói *lhe* chamam
Quantos o hão visto no fervor da guerra
Mêdo e morte espalhar entre os contrários
E avantajar-se nos certeiros golpes
Aos mais fortes da tribu".

(M. DE ASS., *Poesias*, 182).

OBS. II. — Quando o verbo está no futuro do indicativo ou no condicional, e não se pode ou não se quer empregar a próclise, a ênclise dá-se, mas com o infinitivo que entra na formação daquelas flexões verbais, isto é, ocorre o que se costuma chamar *tmese* .

"e concluíu dizendo que, para não dar margem à calúnia, *tratar-me-ia* de maneira que eu não voltaria lá." (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 256).

"*Crê-lo-eis*, pósteros?" (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 148).

524. 2. UMA LOCUÇÃO VERBAL

a) Se fôr um tempo composto, constituído por um verbo auxiliar e o particípio passado do verbo principal, só se dará próclise ou ênclise com o auxiliar e nunca com o particípio passado ; a próclise ou a ênclise ocorrerão de acôrdo com as regras há pouco expostas para os verbos em tempos simples.

Assim, dir-se-á, conforme o caso :

"...lhe tenho dito" ou "tenho-lhe dito"
"... te foi levado" ou "foi-te levado"

b) Se fôr uma locução verbal constituída por um verbo auxiliar ou determinante e um infinitivo, pode dar-se :

1) sempre a ênclise ao infinitivo determinado :

"podia *achar-se*" (SOUSA, *Arc.*, I, 27).

"não hei-de *mandá-lo* embora" (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 197).

"foi tão eloquente (D. Paula) que Venancinha não pôde *conter-se*, e chorou". (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 250).

2) a próclise ao infinitivo determinado, mas só estando êste regido de preposição : *Hei-de te ajudar, comecei a te apreciar.*

3) a ênclise ou a próclise ao verbo que não está no infinitivo, mas de acôrdo com as regras relativas aos verbos simples :

"não *lhe podendo resistir*" (SOUSA, *Arc.*, I, 15).

"Outro fenómeno interessante, e que talvez *lhe possa aproveitar*, é que, não sendo religioso, mandei rezar uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 159).

"*Deve-se compor* de espaço" (A. F. DE CASTILHO, *apud* SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 161).

"não exercendo a caridade, *pode-se ganhar* a vida, mas perde-se a batalha do céu". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 166).

Obs. : As construções do tipo "há-se de sofrer" (*Lus.*, I, 75), "hei-vos de falar" (Sá de Miranda *Obras*, 206), estão antiquadas, mas já foram bastante usadas. Hoje dizemos : "... se há-de sofrer" (possível só em certos casos), "há-de se sofrer" (também possível só em certos casos), "há-de sofrer-se" (sempre possível).

Autores contemporâneos imitam, às vezes, a construção de outrora :

"...e *hão-me* ainda a face
De encobrir ervançais, para não ver-te !"

(Alberto de Oliveira, *Poes.*, 3.ª série, 1928, p. 211).

4) A ênclise ou a próclise ao verbo auxiliar ou determinante, quando êste estiver também no infinitivo, notando-se que a ênclise é sempre possível, e que a próclise só o será nas circunstâncias atrás indicadas para um só verbo no infinitivo. Assim, dir-se-á :

"Para *os poder* visitar" ou "para *podê-los* visitar", por causa da preposição : vid. pág. 323, *b*, 2, *observação*.

"Não *os poder* visitar" ou "não *podê-los* visitar", pela presença da negação : vid. pág. 325, *c*, 1, *observação I*.

"Era-me agradável *podê-los* visitar", mas não "era-me agradável *os poder* visitar": vid. pág. 323, *b*, 2.

"O *podê-los* visitar era-me agradável", mas não "O *os poder* visitar era-me agradável" ; porque não se inicia período por variação pronominal átona : vid. pág. 319, *a*.

"O *podê-los* visitar era-me agradável", mas não "O *os poder* visitar era-me agradável", visto preferir-se a ênclise quando o infinitivo está determinado pelo artigo : vid. pág. 324, *b*, 3.

Obs. : Em virtude da regra *b*, 1 da pág. 329, poder-se-á dizer sempre *poder visitá-los*, com ênclise ao infinitivo determinado.

c) Se fôr uma locução verbal formada com um gerúndio, pode-se dar :

1) a próclise ou a ênclise ao verbo auxiliar, mas de conformidade com as regras expostas para os verbos simples:

"Mas, vejo pelo seu dito que *o estou aborrecendo*..." (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 87).

"e confesso que durante o resto da noite, *foi-se-me* a idéia *entranhando* no espírito" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 146).

2) a ênclise ao gerúndio:

"A conversa começou por monossílabos e frases truncadas, mas *foi* a pouco e pouco *fazendo-se* natural e correta." (M. DE ASS., *apud* MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, 2.ª ed., pág. 129).

"O seu ar de riso e a sua jovialidade cresciam à proporção que *iam agravando-se* as dores morais de ambos." (REBÊLO DA SILVA, *apud* MÁRIO BARRETO, *Nov. Est.*, 130).

"Mano, deixe esta pobre menina, que há meia hora que aquí *está enjadando-se.*" (GARRETT, *apud* MÁRIO BARRETO, *N. Est.*, 130).

* * *

525. Autores portugueses antigos e alguns dos modernos inserem às vezes uma palavra, ou mesmo mais, entre o pronome átono em próclise e o verbo:

"Em *se ela anuviando*, em *a não vendo*,
Já *se me a luz de tudo anuviava*"
(JOÃO DE DEUS, *Flores do Campo*, 1876, pág. 160).

Nos escritores brasileiros é talvez frequente a intercalação da negativa *não*, mas a de outras palavras é um tanto rara:

"E ia-se tudo, ia-se-me à passagem,
Sem *me entanto ficar* de tanta cousa imagem"
(ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poes.*, 4.ª série, 1928, p. 46).

"— Ha cousas que *se não dizem.*" (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 377).

"Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que *lhe eu fazia*"
(M. DE ASS., *Poesias*, 302).

"Esta oculta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não supões, nem *te eu revelo*"
(G. DIAS, *Poesias*, II, 108).

"o que *te eu peço*" (MARTINS PENA, *Comédias*, 71).

"e pelo pequerrucho que *lhe ela desse*" (J. DE ALENCAR, *O Gaúcho*, I, 108).

"arredando-o de si, quando *se êle chegava* para acariciá-la". (ID., *ibid.*, 89).

"e por isso recusa o lombo que *lhe ela oferecia.*" (ID., *ibid.*, 105).

"êle também vivia aflito, numa preocupação que *o não largava*" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, 4.ª ed., 1934, pág. 246).

"...só podia ser mesmo paixão aquela inquietude tôda que me invadia, se por acaso deixasse de vê-la, se *a não encontrasse* à tarde na cadeira de balanço, lendo." (JOSÉ LINS DO REGO, *Banguê*, Rio, sem data, p. 85).

16. Sintaxe especial do verbo Haver e do pronome Se. O infinito pessoal

Verbo haver

526. Conjuga-se em tôdas as pessoas :

1) quando é verbo auxiliar, usado quer com particípio passado, quer com infinitivo do verbo principal :

"Aceitei a ameaça, e jurei que nunca a *haveria de cumprir*" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 223).

"*Hás-de ter tido* conflitos parecidos com êsse, e, se és religioso, *haverás buscado* alguma vez conciliar o céu e a terra, por modo idêntico ou análogo". (ID., *ibid.*, 234).

"D. Sancha, peço-lhe que não leia êste livro ; ou, se o *houver lido* até aquí, abandone o resto." (ID., *ibid.*, 354).

"Para mim, basta o nosso juramento de que nos *havemos de casar* um com outro." (ID., *ibid.*, 194).

2) quando é verbo principal, com as seguintes significações :

a) *ter, possuir* (usadíssimo no português de outrora, raro no atual) :

"...*hei* grande mêdo
Que o meu fraco batel se alague cedo."
(CAMÕES, *Lus.*, VII, 78).

b) *conseguir, alcançar obter, adquirir, receber :*

"Mas tu, cantor da America, roubado
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube
Na terra em que primeiro *houveste* o lume
Do nosso sol, achar o último leito !"
(M. DE Ass., *Poesias*, 255).

"Troam na Ibéria os hinos da vitória
Que Fernando e Isabel do Mouro *houveram*".
(PÔRTO-ALEGRE, *Colombo*, 3).

"Em vão troveja horrísona tormenta;
Essa voz do trovão, que os céus abala,
Não cobre a tua voz. — Ah! donde a *houveste*,
Majestoso oceano?"
(G. DIAS, *Poesias*, I, 144).

c) *julgar, considerar, ter para si:*

"Muitos *hão* que é fantasia"
(BERNARDIM RIBEIRO, na *Antol. Nac.*, 547).

Isto é: muitos têm para si que (isso) é fantasia.

3) quando é verbo principal, com forma reflexa, equivalendo a *portar-se, proceder:*

"Alvoroçado chega, examina, e parece
Que *se houve* nessa ocupação
Miudamente, como um homem que quisesse
Dissecar a sua ilusão".
(M. DE ASS., *Poesias*, 316).

4) nas fórmulas de ameaça, do tipo da seguinte:

"Aquele que sôbre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, *comigo se haverá!*" (MARTINS PENA, *Comédias*, 139).

"Com os meus palpos *te hás-de haver*"
(ALB. DE OLIVEIRA, *Poes.*, 2.ª série, 1912, pág. 160).

527. Se exprimir, porém, existência, emprega-se na 3.ª pessoa do singular, sem sujeito, e tendo por objeto direto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* ou *lo:*

"Não *houve* lepra, mas *há* febres por tôdas essas terras humanas, sejam velhas ou novas." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 394).

"A morte era uma solução; eu acabava de achar outra, tanto melhor quanto que não era definitiva, e deixava a porta aberta à reparação, se devesse *havê-la*." (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 378).

"A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também *as há* fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 170).

OBS. I. — Quando, neste uso do verbo *haver*, o objeto direto é do plural, um ou outro autor deixa o verbo ceder à influência do plural do objeto direto, como se êste fôra o sujeito (mas tal prática, muito rara e tão desviada da tradição, não deve ser imitada) :

"No céu de Elísia Deuses Soberanos
Ambos sempre sereis ; e a todos guia,
Enquanto *houverem corações humanos*".

(ELPINO DURIENSE, *Poesias*, Lx.ª, 1812, II, 313).

OBS. II. — Em linguagem popular aparece às vezes um sujeito puramente gramatical — *êle*, como já vimos (pág. 204).

Pronome *se*

528. Usa-se como :

a) *objeto direto :*

"primeiro exemplo que vi de que um homem pode corrigir-*se* muito bem dos defeitos miúdos." (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 211).

b) *objeto indireto* (o que acontece raramente, salvo quando o *se* indica reciprocidade) :

"...penduradas
Trepadeiras gentís da coma excelsa,
. . . .
Meneavam-se ao vento, como fitas,
De que *se* enastra a coma a virgem bela."

(G. DIAS, *Os Timbiras*, 1857, pág. 73).

"criadas que *se* dão pressa em responder às visitas que a senhora saíu" (M. DE Ass., *D. Casmurro*, 143).

"Conversavam o dia inteiro, brincavam, contavam-*se* mùtuamente lindas histórias" (MONTEIRO LOBATO, *Contos Pesados*, S. Paulo, sem data, pág. 193).

"Sentados no mesmo banco de madeira, Geraldo e Sá Josefa não *se* diziam uma palavra." (AMANDO FONTES, *Os Corumbás*, 4.ª edição, 1934, pág. 282).

c) *sujeito de um infinitivo :*

"E êle deixou-*se* estar a contemplá-la, mudo"
(M. DE ASS., *Poesias*, 315).

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (M. DE ASS., *Quincas Borba*, 142).

d) *palavra expletiva*, ou de valor ainda não bem averiguado, quando se junta a verbos intransitivos não impessoais :

"pelo qual (1), incitado o povo pelo dito dêles, *se vieram* todos (2) a casa de um tecelão pobre" (F. M. PINTO, *Peregr.*, II, 97).

"invenção esta oriunda de Sicione, e filha do engenho do pintor Pausias e da ramalheteira Glicera, por quem êle *se morria* de amores." (A. F. DE CASTILHO, *Fastos*, III, 554).

"*Vai-se* a primeira pomba despertada"
(RAIMUNDO CORREIA).

e) *parte integrante de verbos* que geralmente exprimem mudança de estado, ou passividade subjetiva : *congelar-se*, *derreter-se*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *queixar-se*, etc.

529. Além dêsses, tem outros empregos interessantes :

1) Forma a voz passiva, mas com uma diferença notável entre o português moderno e o antigo : neste podia expressar-se o agente da voz passiva pronominal, no português moderno é obrigatório calá-lo.

---

(1) pelo qual (= pelo que, por isso).
(2 todos os do povo.

Português antigo :

"O dano sem razão, que *se* lhe *ordena*
Pela maligna gente sarracena."

(Camões, *Lus.*, IX, 6).

"Crescia a grossa espiga, e *se segava,*
Despois que já quebrava de madura,
Daquela mesma mão, que a semeava."

(António Ferreira, *Poem. Lus.*, 1598, f. 64, v.º)

Português moderno :

"Não é nem ao pé em demasia, nem em demasia longe, que os objetos *se julgam* com exação." (A. F. de Castilho, *Felic. pela Agric.*, I, 116).

"Concluo que não *se devem abolir* as loterias." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 21).

"As pazes *fizeram-se* como a guerra, de pressa." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 141).

"Com efeito, há vidas que só têm prólogo ; mas tôda a gente fala do grande livro que se lhe segue, e o autor morre com as fôlhas em branco. No presente caso *as fôlhas escreveram-se*, formando tôdas um grosso volume de trezentas páginas compactas, sem contar as notas." (M. de Ass., *Hist. sem data*, 251).

Sendo o sujeito da voz passiva ser animado, só convém empregar a forma pronominal quando não haja lugar para ambiguidade :

"Há ingratos, mas os ingratos *demitem-se, prendem-se, perseguem-se...*" (M. de Ass., *Quincas Borba*, 187).

"Eu, se fôsse legislador, propunha que *se queimassem* todos os homens convencidos de indiscrição nestas matérias." (M. de Ass., *Quincas Borba*, 51).

Não há possibilidade de se interpretar que os ingratos se demitem, prendem e perseguem a si próprios, nem que a si próprios se queimassem todos os homens convencidos de indiscrição em certas matérias, mas sim que os primeiros são demitidos, presos, perseguidos, e os outros seriam queimados.

2) Junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou transitivos tomados intransitivamente, emprega-se para deixar completamente indeterminada a pessoa que pratica a ação :

"*Pelejava-se* com o inimigo no baluarte, que nos não dava hora de descanso." (Frei Luiz de Sousa, *Vida do Arc.*, Lx.ª, 1763, I, 262).

"Tôda hora é apropriada ao óbito ; *morre-se* muito bem às seis ou sete horas da tarde." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 244).

Análoga sintaxe em latim : dava-se a verbos intransitivos forma passiva, para se deixar indeterminado o sujeito e só se expressar a ação : "sic *itur* ad astra" (Vergílio, *Eneida*), "assim *se vai* aos astros".

O infinito pessoal

530. O infinitivo impessoal aparece nos seguintes casos :

a) Estando o infinitivo empregado de modo inteiramente geral, sem referir-se a nenhum sujeito determinado :

"Viver é lutar"

(G. Dias, *Poesias*, I, 59).

b) Estando empregado com sentido de imperativo:

"Companheiros, *despedir* esta noite da montanha e das tristezas, e *aparelhar* para amanhã me seguirdes" (Castilho, *apud* Epifânio, *Sintaxe Hist.*, pág. 241).

c) Estando, regido da preposição *de* e com sentido passivo, empregado como complemento limitativo dos adjetivos *fácil*, *difícil*, *raro* e outros análogos :

"Prazos largos são fáceis de *subscrever*" (M. de Ass., *D. Casmurro*, 31).

"Versos ! são bons de *ler*, mais nada ; eu penso assim." (Id., *Poes.*, 129).

d) Quando, regido da preposição *de*, equivale a um adjetivo em *-vel* ou denota que uma coisa é digna de ser objeto da ação expressa pelo infinitivo :

"Houve composições muito *de ver e estimar*." (SOUSA, *Arc.*, II, 413).

e) Quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locução verbal com o verbo *estar*, ou indicador do modo como se pratica uma ação : *estamos a dizer* (*estamos dizendo*), *estavam a pensar* (*estavam pensando*).

"¿Recordam-se vocês do bom tempo de outrora,
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos *a rir* pela existência fora
Alegres como em junho os bandos dos pardais?"

(GUERRA JUNQUEIRO).

f) Quando está com sentido passivo :

"nada mais fácil ao sr. Professor, do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os *anatomizar* pelos seus discípulos". (CASTILHO, *Noções rudim.*, 113).

"o mesmo dia os viu *batizar*" (M. DE ASS., *Esaú e Jacó*, 27).

Isto é : "serem batizados". *O mesmo dia os viu batizarem* seria outra coisa : indicaria que êles é que batizaram.

531. O infinitivo pessoal aparece :

a) Estando empregado de modo geral, mas referindo-se, a determinado sujeito :

Não é propósito nosso *descrevermos* uma corrida de touros." (REBÊLO DA SILVA, *apud* SOUSA DA SILVEIRA, *Trechos Sel.*, 136).

"Apenas, a pouca distância, lhes pareceu *verem* passar como sombra um cavaleiro" (HERCULANO, *Eurico*, 187).

b) Quando está na 3.ª pessoa do plural, indicando indeterminação do sujeito :

"Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem *darem* por ela" (J. de Alencar, *Til.*, vol. III, Rio de Janeiro, 1872, pág. 8).

c) Tendo o infinitivo sujeito próprio e estando êste expresso na oração infinitiva:

"Que os levasse o diabo os inglêses! Isto não ficava direito sem *irem todos êles* barra fora." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 248).

"Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram *sermos nós* ruins gastadores de tempo." (Castilho, *Felic. pela Agric.*, II, 96).

Obs. I. — No português antigo pode ver-se, nestas circunstâncias, o infinitivo impessoal:

"Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando"
(Camões, *Lus.*, I, 87).

Um autor de hoje diria, feita abstração da métrica: *andarem-lhe os cães*, ou *que lhe andem os cães.*

Contudo, há exemplos, raros, do infinitivo impessoal, nos modernos (e suponho que só quando o sujeito é da 3.ª pessoa):

"Quem inda é moço não sabe
E nem calcula o sofrer
De quem, ao *morrer-lhe os sonhos*,
Não soube também morrer".
(Alberto de Oliveira, *Poes.*, 3.ª série, 1928, p. 261).

"Grandes céus êstes para os grandes pensamentos
Nêles *soltar* num vôo as asas, à vontade,
Na ânsia e sofreguidão de espaço e liberdade!"
(Alberto de Oliveira, *Poes.*, 4.ª série, 1928, p. 249).

Obs. II. — Não confundir o caso de *c* com o do infinitivo referido ao objeto direto dos verbos *ver*, *ouvir*, *deixar*, *fazer*, *mandar* e análogos, em que tanto se usa a forma pessoal como a impessoal, segundo se mostrará adiante.

532. Nos demais casos ora se vêem as formas pessoais ora as impessoais, sendo que, se o infinitivo se refere a um verbo subordinante, são preferidas as impessoais, principalmente não vindo o infinitivo longe do verbo subordinante. A clareza, a ênfase e a harmonia também influem muito para a escolha de umas e outras formas : o infinitivo impessoal é mais vago, mais abstrato ; o outro é mais preciso, mais concreto, mais enérgico. Compare-se a vigorosa nitidez, o poder de individuação da frase de Camões: "e *folgarás de veres* a polícia portuguesa" (1) com o pouco relêvo de expressão que teria se fôsse feita com o infinitivo impessoal : "e folgarás de ver a polícia portuguesa". (2).

"Virgens irmãs, que *vão* de mãos travadas
Sorrirem de inocência à própria imagem,
Que luz em claro arroio."

(G. Dias, *Poesias*, I, 25).

(Podia ser *vão sorrir*, que é mais usual).

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres prêsa de vis Aimorés."

(Id., *ibid.*, 53).

(*Possas tu ser* é mais usual).

"*Verei* hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repousa a morte"

(Id., *ibid.*, 162).

"O homem sofre, blasfema e desespera,
E *vendo* os mundos *desabar* precípites,
Um grito solta de horroroso transe"

(Id., *ibid.*, II, 226 ; outro ex. a pág. 82).

---

(1) *Lusíadas*, VII, 72.

(2) Sôbre o infinitivo pessoal, é das mais recomendáveis a leitura do que escreveu Said Ali nas "Dificuldades da Língua Portuguesa", 2.ª ed., pág. 85-120.

"Então *sentiu brotarem* na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de glória"

(Id., *ibid.*, II, 196).

"¿ Porque teu coração exala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto; mas que *vejo* e *sinto*
Nos teus lábios *morrer*?"

(Id., *ibid.*, II, 44).

"*viam-se alvejar* ao longe as pedras das sepulturas" (Herculano, *Lendas e Narr.*, I, 5).

"*viram-se* muitas mãos calosas *erguerem-se* encurvadas e *formarem* em volta das orelhas de seus donos uma espécie de anel acústico." (Id., *ibid.*, 56).

"pelas frestas e portas dessa multidão de casas que, apinhadas à roda do castelo e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, *pareciam mal caberem* nelas viam-se fulgurar, aquí e acolá, as luzes interiores" (Id., *ibid.*, 49).

(Podia estar *pareciam caber*, que é mais usual; ou, ainda, *parecia caberem*, sintaxe análoga à desta frase, do mesmo autor: "sentiu-se um tropear de cavalgaduras, que *parecia correrem* à rédea sôlta". — Lendas e Narr., I, 96).

"... Vocês, velhotes,
Que fazem por aquí? Se os visse *andarem-se*
De réstia co'os pimpões da brincadeira,
Entendia; mas isto, acantoados
Como ermitães, que val ou que lhes presta?"

(A. F. de Castilho, *Fausto*, 2.ª edição, Lisboa, 1919 pág. 376).

"Não as vi *treparem* agora?" (M. de Ass., *Esaú e Jacó*. 118).

"Muitos dêles adormeceram para sempre nas solidões daqueles agrestes escondrijos, sem que *vissem verificar-se* as suas esperanças." (Herculano, *Eurico*, 160).

"O vento tépido, úmido e violento *fazia ramalhar* as árvores dos jardins" (Herculano, *Lendas e Narr.*, I, 38).

"a tribulação sofrida com paciência *nos faz termos* a Deus por defensor, e *sermos* livres, soltos e desatados do amor e impedimentos do mundo." (HEITOR PINTO, *Imagem*, I, 262).

"em tal maneira espantou os inimigos, que *o fêz fugir*" (HEITOR PINTO, *Imagem*, I, 250).

"Quem te deu, pois, o direito de *correres* a morte certa?" (HERCULANO, *Eurico*, 177).

"quem te incumbe de nos *dizeres*: não saireis daquí?" (ID., *ibid.* 177).

"Que, também, êsses... se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas" (ID. *ibid.*, 69).

"os exemplos não se fizeram senão para *ser* citados". (M. DE ASS., *D. Casmurro*, 193).

"Acudiam peregrinos de tôdas as partes, para *ver* de perto o santo homem" (COELHO NETO, *Fabulário*, 198).

"Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*" (M. DE ASS., *Braz Cubas*, 26).

"Alguns metafísicos biliosos têm chegado ao extremo de a *darem* como simples produto da gente chocha ou medíocre" (ID. *ibid.*, 290).

"Êle próprio alegra-se, entorna os olhos por êsse ar puro, deixa-os *ir fartarem-se* de verdura e fresquidão" (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 279).

"cheguei a vê-los, moribundos, arquejantes, *pedirem-me* perdão." (M. DE ASS., *Hist. sem data*, 38).

533. Tomar-se-á, contudo, como regra prática usar o infinitivo impessoal nestes casos:

a) quando estiver referido ao sujeito dos seguintes verbos, e outros semelhantes: *deixar de, acabar de, cessar de, andar a, estar a, começar a, vir a, haver de, ter de, tratar de, tornar a, chegar a, vir de, pôr-se a*, etc.: *começam a dizer, deixamos de fazer, andas a pedir*, etc.

b) quando se referir ao sujeito dos seguintes verbos, e outros semelhantes, dependendo dêles como objeto direto

ou formando com êles locução verbal : *buscar* (e sinónimos, como *procurar*, *tentar*, etc.), *deixar-se*, *imaginar* (e sinónimos, como *cuidar*, *pensar*, etc.), *ir*, *vir*, *lograr* (e sinónimos, como *conseguir*, *alcançar*, etc.), *ousar*, *resolver*, *poder*, *querer*, *dever*, *sentir*, *saber*, *recusar*, *costumar*, *soer*, etc. : *buscaram resolver*, *deixamo-nos estar*, *imaginas saber*, *resolvemos partir*, etc.

c) quando se referir a um pronome pessoal em acusativo, sendo êste pronome objeto direto dos verbos *ver*, *fazer*, *deixar*, *mandar*, *ouvir*, *sentir*, *perceber*, e outros semelhantes : *vi-os entrar*, *percebeu-os chegar*, *fizeram-vos falar*, *não nos deixeis cair em tentação*, *mande-os esperar*, *a tribulação nos faz ter a Deus por defensor*, etc.

17. Estilística. — Figuras de sintaxe. Vícios de linguagem

São as seguintes as principais figuras de sintaxe :

534. Elipse. Em sentido lato, é a omissão de palavra ou expressão fàcilmente subentendível.

Há elipses muito comuns em nossa língua, como, por exemplo :

a) a dos pronomes pessoais sujeitos :

"*Escapei* ao agregado, *escapei* a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não *escapei* a mim mesmo. *Corri* ao meu quarto, e *entrei* atrás de mim." (M. de Ass., *D. Casmurro*, 220).

b) a da conjunção *que :*

"Oxalá *tenham razão*" (M. de Ass., *D. Casmurro*, 8).

"Quis defendê-la, mas Capitú não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive mêdo *fôsse ouvida dos pais*". (Id., *ibid.*, 53).

c) a de verbos.

O verbo *dizer* é um dos que a nossa língua omite com muita elegância e grande beleza, na prosa como no verso :

"E aquí, tirando do seio um pergaminho, e beijando-o como relíquia santa de uma alma ;

"Aí tendes palavras suas, por sua mão escritas para vós : é o testamento de sua experimentada sabedoria ; é a escritura da vossa futura fama". (A. F. de Castilho, na *Antol. Nac.*, 166).

Esta elipse vemos três vezes no seguinte soneto de Machado de Assiz (4.°, 8.° e 11.° versos) :

CÍRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— "Quem me dera que fôsse aquela loura estrêla,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"
Mas a estrêla, fitando a lua, com ciúme:

— "Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

— "Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que tôda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
¿Porque não nascí eu um simples vagalume?"

(M. de Ass., *Poesias*, 1901, 292).

535. Pleonasmo. É a expressão de uma idéia com superabundância de palavras:

"com o pêso da pedra há-de cair [o falcão], e por ligeiro e voador que seja, há-de dar consigo em terra, e em vez de subir *pera* (1) *cima*, decerá (2) *pera* (1) *baixo*." (H. Pinto, *Imagem*, I, 383).

"quero... quero-*te a ti*".

(M. de Ass., *Poesias*, 134).

"Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anónima *os* alcança *a êles mesmos*." (M. de Ass., *Braz Cubas*, 365).

Em geral, o pleonasmo serve de reforçar a expressão de um conceito. Deve ser usado com muita discrição, e requer certo gôsto para não descambar em defeito.

(1) para
(2) descerá

536. Anacoluto. Também chamado *frase quebrada*, consiste na mudança abrupta de construção.

Leiam-se os versos abaixo de Camões, recordando-se que no português daquele tempo *cair num engano* significava *percebê-lo, dar por êle*. Notar-se-á o anacoluto resultante de ter o poeta empregado, no comêço da oração, a primeira pessoa do singular (*eu*) em forma de sujeito, que deveria ser, de um verbo que adiante não aparece, porque, sùbitamente, aquela mesma 1.ª pessoa passa a ser objeto indireto (*me*) no resto da frase, que tomou nova e inesperada feição :

"*Eu* que cair não pude neste engano
— Que é grande dos amantes a cegueira —
Encheram-*me* com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças."
(*Lus.*, V, 54).

O anacoluto pode produzir efeitos de grande beleza estilística.

Por isso não o desamam os próprios poetas contemporâneos de sutil intuição artística, como nos mostra o seguinte soneto, em cujo contexto o seu autor, o delicado poeta Manuel Bandeira, tão amante e conhecedor da nossa língua, inseriu o anacoluto *eu... eis-me*, que aformoseia o nono verso do soneto :

A ARANHA

Não te afastes de mim, temendo a minha sanha
E o meu veneno... Escuta a minha triste história :
Aracne foi meu nome e na trama ilusória
Das rendas florescia a minha graça estranha.

Um dia desafiei Minerva. De tamanha
Ousadia hoje expio a incomparável glória...
Vencí a deusa. Então, ciumenta da vitória,
Ela não ma perdoou : vingou-se e fêz-me aranha.

Eu que era branca e linda, *eis-me* medonha e escura.
Inspiro horror... O' tu que espias a urdidura
Da minha teia, atenta ao que o meu palpo fia :

Pensa que fui mulher e tive dedos ágeis,
Sob os quais incessante e vária a fantasia
Criava a pala sutil para os teus ombros frágeis...
(MANUEL BANDEIRA, *A cinza das horas*, pág. 26).

537. SILEPSE. Consiste na discordância gramatical proveniente de se atender mais ao pensamento do que à forma das palavras. São de emprêgo amiudado as seguintes espécies de silepse :

a) de gênero :

"V. Revma. está constipado?" (MARTINS PENA, *Comédias*, 223).

Constipado, no masculino, discordando do feminino *V. Revma.*, mas concordando com a pessoa de sexo masculino designada por aquela fórmula de tratamento.

"Vossa Majestade Imperial deseja ser *amado* pelas suas virtudes públicas e privadas, que tanto edificam : e o Brasil todo *o* ama e *o* admira." (MAGALHÃES, *A Confederação dos Tamoios*, Rio de Janeiro, 1857, 2.ª página da dedicatória).

b) de pessoa :

"Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades" (MANUEL BERNARDES, *Antol. Nac.*, 300).

A expressão *todos os filhos de Adão* devia levar o verbo à 3.ª pessoa do plural ; como, porém, quem fala se acha incluído entre os filhos de Adão, a idéia de 1.ª pessoa do plural insinua-se, e arrasta o verbo à forma gramatical correspondente.

Outro exemplo de silepse de pessoa :

"Uma criança ! disse ela a si mesma, naquela língua, sem palavras que *todos trazemos* connosco". (M. DE ASS., *Várias Hist.*, 53).

c) de número :

"Misericórdia ! — bradou tôda aquela multidão, ao passar por el--rei : e caíram de bruços sôbre as lájeas do pavimento." (HERCULANO, *Lendas e Narr.*, I, 285).

O verbo *caíram* está no plural, referindo-se, não à forma gramatical de *multidão*, que é do singular, mas sim à idéia de plural contida nesse coletivo.

* * *

538. Entre os vícios de linguagem apontaremos os *barbarismos* e os *solecismos.*

Barbarismos são os erros que consistem no emprêgo de palavras estranhas à língua como se o não fôssem ; no uso de palavras com significações que elas não têm ; na pronúncia ou escrita incorreta dos vocábulos ; na formação de palavras em desacôrdo com as leis da composição e da derivação ; na inobservância das regras da flexão, ou na troca dos gêneros.

Os solecismos consistem na infração das regras da sintaxe, sem intenção nem efeitos artísticos, e sim por mera ignorância ou descuido.

18. A língua portuguesa no Brasil (1)

539. A língua portuguesa foi trazida para o Brasil pelos portugueses, seus descobridores e colonizadores. Aquí encontrou um forte rival no tupí, (2) que, tornado língua geral, houve tempo em que esteve para o português na razão de 3:1.

Para essa notável expansão daquele idioma indígena em território brasileiro concorreram o próprio elemento europeu e os seus descendentes cruzados. Os padres, empenhados na catequese, falavam o tupí, escreviam-lhe a gramática e organizavam-lhe o dicionário, e o ensinavam nos seminários a par do português. Falavam-no as levas que partiam do litoral para a conquista do sertão — as bandeiras — e era com vocábulos dessa procedência que batizavam os acidentes geográficos que descobriam e os povoados que fundavam, os quais ficavam constituindo núcleos de disseminação do tupí. Os mesmos portugueses usaram denominar-se com apelidos tupís, uso renovado mais tarde, na época da independência.

540. O português venceu finalmente e tornou-se o nosso idioma nacional, recebendo, porém, do tupí grosso cabedal de vocábulos e expressões. Grande parte dêsses termos legados figuram como denominações geográficas em quasi todo o mapa do país: Aracajú, Baependí, Botucatú, Itaboraí, Jaguaribe, etc. Outros são nomes de pessoas, como Iracema. Muitos insinuam-se na linguagem falada ou mesmo literária, como elementos já pertencentes aos recursos naturais

---

(1) De proveitosa leitura é o magnífico trabalho do professor Clovis Monteiro: *Português da Europa e Português da América.*

(2) O que digo a respeito do tupí, haurí no interessante trabalho "O tupí na geografia nacional" de Teodoro Sampaio, 2.ª edição, 1914: mas creio que ainda está por fazer-se um estudo rigoroso àcêrca dêsse idioma e da sua influência na língua nacional. Muito lucrarão os estudiosos dêste ramo linguístico com a leitura e meditação do trabalho do professor José Oiticica, *Do método no estudo das línguas sul-americanas*, Rio de Janeiro, 1933, separata do *Boletim do Museu Nacional*, vol. IX, n.º 1.

do idioma. Se vemos alguém triste, calado, fechado em si, dizemo-lo *jururú ;* à galinha pedrês não hesitamos em chamar *carijó*, e ¿quem para indicar um estado de míngua pecuniária não terá empregado a frase *estar na pindaíba?* ¿E quantos não estão na pindaíba por serem *caiporas?* Basta uma simples evocação, e logo nos adejará aos lábios um enxame de vozes tupís : *mocotó, xará, mingau, catapora, perereca, urubú, motuca, pipoca, sirí, peteca, pirão, sapecar...* Expressões são estas naturalíssimas entre nós. Tanto, que aparecem em textos dos autores nossos que mais se esmeravam em escrever com pureza vernácula. E não só essas, mas também expressões de outras fontes indígenas, ou provenientes do elemento africano, ou já de pura criação brasileira.

541. Enriqueceu-se, pois, a língua portuguesa no Brasil de termos e locuções novas, e, além disso, adquiriu pronúncia diferente e foi sofrendo algumas alterações sintáticas.

¿Falamos então um dialeto?

Não, se interpretarmos dialeto como sinónimo de falar inculto, pois que tal não é o nosso, instrumento de uma literatura já importante e promissora de mais viçosa e abundante florescência. Sim, dando ao vocábulo a definição com que o apresenta o mestre da filologia portuguesa, o Dr. José Leite de Vasconcelos, que a toma de Bluteau :

> "Dialeto : modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes partes do mesmo reino : o que consiste no acento, ou na pronunciação, ou em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar." (1).

542. Disso conclue-se : uma língua de grande extensão geográfica é uma entidade abstrata ; logo que a consideramos falada, vemo-la algo diversificada segundo as regiões na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico, e a cada região corresponde um dialeto. Assim o dialeto transmontano, o beirão, etc., e o brasileiro. Êste, por sua vez, difun-

---

(1) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 1901, pág. 16.

dido por larga superfície territorial, se concretiza em dialetos que, ponderados em relação à língua principal, passam à categoria de subdialetos.

543. Isto pôsto, vejamos algumas particularidades do nosso falar ; mas o que digo a respeito de pronúncia entenda-se que se refere à do Rio-de-Janeiro, que é a que conheço melhor. E não se esqueça que uma pronúncia apresentada não nega a existência de outra, na mesma região.

544. Não temos muito complicado o sistema vocálico : *à, â, ; è, ê ; i ; ó, ô ; u.*

545. Falta-nos o *e* mudo português, (1) o qual enfàticamente êles proferem mui próximo do *eu* francês de *feu.*

546. Quanto à letra *i*, pronunciamo-la como *i*, e não como *e* surdo, qual em certas circunstâncias fazem os de além-mar ; ouve-se-nos *ministro* e não *menistro, dividir* e não *devidir.* Contudo, em fala descuidada, pode surpreender-se *dêreito* por *direito* e sobretudo *endêreitar* por *endireitar*, e *esprêmentar* por *exp'rimentar :* mas isto é talvez sobrevivência de formas arcaicas, porque *dereito* e *espremenṭar* eram usados no português antigo.

547. A letra *o*, quando representa uma vogal átona, pode por nós ser lida *ó, ô* e *u : mócótó, côlôsso, côrônel, coruja* (u), *boneca* (u), *sotaque* (u).

Aquí podemos notar que, quando formamos com o sufixo *-inho* diminutivos de vocábulos cuja vogal tónica é *ô*, mantemos no diminutivo o som *ô*, isto é não o ensurdecemos em *u :* de *corpo, côrpinho,* de *fôlha, fôlhinha.* Mas se já nos não lembramos de que o vocábulo é morfològicamente um diminutivo, pronunciamos-lhe o *o* como *u : folhinha* (u) = calendário ; *corpinho* (u) = peça de vestuário que se ajusta ao corpo. Dizemos : veja na folhinha (u) se amanhã é feriado ; repare nos recortes desta folhinha (ô) ; ela

---

(1) Conheço um pouco a pronúncia portuguesa, entre outros motivos, porque não me faltou ensejo de observá-la durante os dois anos e sete meses que estive em Portugal.

vestiu um corpinho (u) azul ; olhe que perfeição é o corpinho (ô) desta criança.

548. A vogal nasal inicial representada gràficamente por *en-* ou *em-* e que a pronúncia normal (1) portuguesa identifica com *in, im,* entre nós ora soa *ẽ,* ora *ĩ : enfêrmo* (ĩ), mas *entrar, encher* (ẽ).

549. Não lemos *âi* o ditongo que se escreve *ei : beijo* (e também *bêjo*), e não *bâijo ;* nem *ãi* o que indicamos por *-em* ou *-en(s) : homẽi,* e não *homãi ; linguagẽis,* e não *linguajãis.*

550. Temos o *ã* nasal átono aberto, como em *àndar, dànsar,* (2) *cànsar.*

551. Alargamos em ditongo, por meio da adjunção de *i,* as vogais tónicas finais seguidas de *-z* ou -s : *capaz* (capais), *pés* (péis), *giz* (gíis), *feroz* (feróis), *luz* (lúis), bem como a terminação *-ãs : irmãs* (irmãis), *alemãs* (alemãis), etc.

Os nossos poetas atestam esta pronúncia :

"Queres saber porque os poetas
Que tanto gostam da *luz,*
Dizem-nos que as borboletas
Mais bonitas são *azues?*"

(MORAIS SILVA),

"Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços *nus,*
Correndo pelas campinas,
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas *azues*".

(C. DE ABREU).

Em Gonçalves Dias, na poesia intitulada "Como eu te amo", encontram-se rimando *jamais* e *voraz,* e em Castro Alves, *Navio Negreiro,* há, em rima, *vãs,* e *mães.*

---

(1) Em Portugal há a pronúncia ẽ (v. VASCONCELOS, *Esquisse,* pág. 100).

(2) A boa escrita é *dançar,* com ç. A grafia do acôrdo é com *s.*

552. Também alargamos o *i* tónico final dos pretéritos perfeitos assim como o dos imperativos da 2.ª pessoa do plural: *vi* (vii), *rugi* (rugii). Alguns alunos já me têm escrito, traindo essa pronúncia, *rugie*, bem como *covies* (=covis).

553. Contudo, poetas nossos deixam, no verso, transparecer a pronúncia com o *i* não alargado. Machado de Assiz rima *perdí-me* e não *perdíi-me*) com *sublime:*

> "Nada! Volví o olhar ao céu. *Perdí-me*
> Em meus sonhos de môço e de poeta;
> E contemplei, nesta ambição inquieta,
> Da muda noite a página *sublime.*"
>
> (M. DE Ass., *Poesias*, 34).

554. As vogais átonas *a, e, o,* os portugueses, em regra geral, só as enunciam abertas nos casos em que a etimologia atesta uma crase ou contração. Ouvimos, aos portugueses, *càveira, vàdio, sàdio, esquècer*... e, a alguns, *gèrar e gèração,* palavras estas duas que nas impressões de 1572 dos *Lusíadas* aparecem com *e* acentuado, o que denota que se proferia aberto.

É que em cada um dêsses vocábulos se deu uma contração de vogais, como se vai ver.

555. Mas antes, para a explicação da crase de que resultou a pronúncia *càveira,* convém recordarmos um fato trivial nas línguas: a intromissão de uma vogal num grupo de consoantes, desmanchando-o.

Em inscrições e documentos latinos, às vezes figuram formas como *expectara* (=spectra), *pateres* (=patres), com uma vogal entre o *t* e o *r*.

Em palavras tomadas do grego, costumava o latim apoiar numa vogal a primeira consoante dos grupos *mn, pn, cn:* provam-no escritas como *Daphini, Daphine,* e *gimanasius, guminasium* em vez de *gymnasium,* mais conforme ao grego *γυμνάσιον*. O nome **Ηρακλῆς** transcreveu-se *Hercoles* ou *Hercules,* pondo-se entre a oclusiva gutural e o *l* um som vocálico. (1).

---

(1) Veja-se CARNOY, *Le Latin d'Espagne d'apres les inscriptions*, 1906, pág. 103 ss.

Do latim vulgar *febrariu* se formou, graças ao mesmo fenómeno fonético, o vernáculo *fevereiro*.

Semelhantemente o nosso indígena, querendo proferir *cruz*, engendrou *curuzú* e *curuçá*, êste visível, por exemplo, no composto *itacuruçá*, cruz de pedra ou de ferro.

E em nossa linguagem corrente ouve-se a cada passo *adevogado* por *advogado*, *obiter* por *obter*, *indiguinar-se* por *indignar-se*, arrastando aquela pronúncia do infinitivo às formas verbais finitas *indiguino-me*, *indiguinas-te*, *indiguina-se*...

Nestes versos de Gonçalves Dias, da poesia "A mangueira", temos de dar a *admirar* quatro sílabas, isto é, intercalar entre o *d* e o *m* uma vogal :

> "Grata estação dos amores,
> Abrigo dos que o não tem,
> Deixa-me ouvir teus cantores,
> Admirar teus verdores."
>
> (G. DIAS, *Poesias*, I, 64).

Nestoutros o mesmo poeta faz tetrassílabo *observa*, isto é *o-bi-sser-va* :

> "Ninguém mais observa o tratado,
> Ninguém menos de p'rigos se aterra,
> Ninguém corre aos acenos da guerra
> Mais de pressa que o bom lidador!"
>
> (*Poesias*, I, 26).

Um caso interessante é o seguinte. Em muitos vocábulos polissilábicos, há, além do acento tónico, acentos secundários distribuídos de forma, que a cada sílaba com acento secundário se segue uma átona, vindo o acento tónico imediatamente depois da última destas sílabas átonas. Assim, assinalando com" o acento tónico e com' o secundário, leremos :

pa'-ra-li'-sa-ção"
Pin'-da-mo'-nhan-ga"-ba

De acôrdo com esta tendência prosódica, a palavra *absolutamente* se profere ab'-so-lu'-ta-men"-te.

Fazendo-se, porém, como costumamos, inserção de uma vogal entre o *b* e o *s*, o vocábulo ganhará mais uma sílaba, e um acento secundário terá de recair sôbre a vogal intrusa:

a-bi'sso-lu'-ta-men''-te.

Tal é, de fato, o que ouvimos a cada momento. Na enunciação enfática a voz até calca nessa vogal adventícia:

"Não admito isso. Abi''ssolutamen'te."

Do exposto se conclue que a intercalação de uma vogal entre duas consoantes é um fenómeno linguístico frequente, e, entre nós, frequentíssimo.

556. Do latim *calvaria* (=crânio) se pôde, portanto, formar *calavaria*, que com a queda regular do *-l-* intervocálico e transformação natural do sufixo *-ariu* em *-eiro*, produziu *caaveira*. Desta, com a fusão dos dois *aa* num só, mas aberto, *càveira*, como se diz em Portugal. Nós ensurdecemos o *a*: *câveira*.

557. Há em latim clássico o verbo depoente, isto é, de forma passiva mas de significação ativa, *vagari*, que a língua popular converteu, juntamente com outros (*mori*, *sequi*, *mentiri*, *operari*, etc.), em ativo. (1). Daí nos veio *vagar*, andar por aquí e por alí, sem destino, como o empregou Camões na descrição do martírio de São Tomé:

"A caso traz um dia o mar, *vagando*,
Um lenho de grandeza desmedida."
(*Lus.*, X, 110).

Isto é, *um lenho vagando, movendo-se ao sabor das ondas e das correntes.*

Dêsse verbo *vagari* deve-se ter formado o adjetivo *vagativus* em analogia com outros existentes, *exhortativus*, *dispensativus*, por exemplo.

---

(1) O latim vulgar fêz desaparecer os depoentes, substituindo-os por verbos ativos (v. BOURCIEZ, *Eléments de Linguistique Romane*, § 81 a, pág. 78, ou GRANDGENT, *Vulgar Latin* 1907, § 113, pág. 52).

A **vagativu* as leis fonéticas imprimem as seguintes alterações: queda do *-g-* intervocálico, sonorização da oclusiva surda intervocálica *-t-* e queda do *v* na terminação *-ivu*, como em *rivu*, donde *rio*, e *estivu*, donde *estio*.

Vagativu reduz-se, pois, a *vaadio*, e êste se contrai em *vàdio*, em Portugal. No Rio de Janeiro dizemos *vâdio*. (Êste étimo de "vadio" deve-se ao sábio glotólogo Dr. J. Leite de Vasconcelos).

558. Semelhantemente, a evolução fonética transmuta *sanativu* em *saadio*, depois *sàdio*.

559. De *praedicare* veio, pelos pendores naturais de derivação fonética, *preegar* e *prègar*.

560. Do verbo *cadere*=cair, se formou o parassintético *excadescere*, cair da memória, o qual a ação regular das leis transformou em *escaecer*, tornado *esquècer*, por contração das vogais.

561. Do verbo *calére*=estar quente, se fêz o incoativo *adcalescere*, que sai da forja fonética com a forma *aquècer*.

562. Nós dizemos, porém, *sâdio, aquêcer, esquêcer*, e nos inclinamos à pronúncia *prêgar*, embora, assim, tornemos aquele verbo homónimo de *pregar*, pôr prego, fixar com prego.

563. Dos vocábulos apresentados se infere que, em regra, quando o português emite aberta uma vogal átona, nós a proferimos fechada.

Ao revés, abrimos vogais em circunstâncias em que êles as enunciam fechadas.

¿Fazemo-lo arbitràriamente?

Parece-me que não, pois o exame de bom número de palavras me leva a crer que o timbre da vogal tónica influe muitas vezes no das vogais antetónicas.

Tenho algumas observações feitas no sentido de definir as circunstâncias em que tal influência se verifica; não ouso, todavia, por enquanto, formular um princípio categórico, se bem que nutro esperanças de lá chegar um dia.

Entretanto, podemos examinar alguns casos em que o fenómeno se dá.

564. Nos verbos *esquecer* e *dever*, sempre que a vogal tónica é *ê* fechado ou *a*, o *e* antetónico se pronuncia *ê* :

esquecer	dever
esquecemos	devemos
esqueceis	deveis
esquecerei	deveremos
esqueceremos	devemos
esqueçamos	devamos

Sendo, porém, *i* a vogal tónica, o *e* antetónico soa *i* :

esquecí	(=esquicí)	deví	(=diví)
esquecia	(=esquicia)	devia	(=divia)
esquecíamos	(=esquicíamos)	devíamos	(=divíamos)

No verbo *remeter*, se a vogal tónica é *é*, o *e* antetónico soa *é* : *remete* : se é *ê*, soa *ê* : *remeteu*, *remeto* ; sendo *i*, soa *i* ; *remeti* (=rimiti), *remetia* (=rimitia).

Em *andar*, *ensaiar*, *chamar* e outros verbos semelhantes, sempre que a vogal tónica é aberta, o *a* antetónico pode abrir-se ; fecha-se quando a vogal tónica é fechada :

àndar, *àndava* ; mas *ândou*, *ândei* ;
ensàiar, *ensàiava* ; mas *ensâiou*, *ensâiarei* ;
chàmar, *chàmava* ; mas *châmei*, *châmou*.

Nas próprias expressões com a preposição *de* se nota a influência da vogal tónica seguinte :

de pressa, mas *dê noite* (e às vezes *di noite*) e *di dia*.

Também dizemos *ao pé dâ cama*, mas *ao pé da casa*. Pode-se notar bem a influência regressiva da vogal tónica, na recitação dos versos :

"O' guerreiros *dà* taba sagrada,
O' guerreiros *dâ* tribu tupí."

Semelhantemente :

pára-lama e *cára-dura*. O primeiro elemento, perdendo a sua individualidade de palavra independente, passa a subordinar-se fonèticamente ao segundo, pronunciando-se *pâ-*

rălama, e *cărădura*, por influência das vogais tónicas seguintes, que são fechadas.

565. A clareza e demora que damos à prolação das vogais imprimem ao nosso falar um certo langor, mas conservam a cada palavra a sua individualidade, impedindo que se confunda com outras. Assim, ao contrário dos portugueses, nós diferençamos nìtidamente :

é pertinho de *é pretinho ; focinho*, de *fossinho* (dim. de *fôsso*) ; ...*se senta*, de *sessenta ;* ...*se tenta*, de *setenta ; predição*, de *perdição*.

566. Pelo que respeita às consoantes, pode-se afirmar que não há divergência importante entre a pronúncia normal portuguesa e a nossa aquí do Rio, salvo os sons fricativos que em Portugal têm o *b* e o *d* intervocálicos. (1)

Êstes sons também não os possuía o português do século XVI, segundo a pronúncia presumível de Lisboa no tempo de Camões, indicada por Gonçalves Viana no fim da sua "Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa".

567. Ainda noutros pontos nos aproximamos daquela antiga pronúncia portuguesa :

a) no proferirmos *ê* e não *â* a letra *e* antes de palatal *ch, x, lh, nh : seja*, e não *sâja ; tenha*, e não *tânha*.

b) no pronunciarmos *êi* e não *ăi*, o ditongo que se escreve *-em* ou *-en(s)*, se bem que o nosso Casimiro de Abreu, certamente por influência lusitana, oral ou mesmo simplesmente literária, rimou *tem* com *mãe :*

"O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria não *tem*,
E êste mundo não vale um só dos beijos
Tão doces de uma *mãe*".

c) no proferirmos *ẽ(m)*, *ẽ(n)* a sílaba inicial que grafamos *em, en : entrar, encher ;* contudo, há palavras em que dizemos *i* nasal : *enfêrmo* (=ĩnfermo).

(1) V. Gonçalves Viana, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa*, pág. 69 e 70.

568. O estudo do latim e das línguas românicas revela a conservação, no idioma popular, de alguns arcaismos literários. (1) Não é, pois, de estranhar que, semelhantemente, na trama dos nossos dialetos se entremeiem peculiaridades do antigo português, que, hoje, ou não se manifestam senão esporàdicamente no português europeu, ou lá também existem, mas como formas e dizeres dialetais.

No *Meu sertão*, o nosso poeta Catulo da Paixão Cearense diz *lũa*, *fermoso*, *despois*, *pulo* (=*polo*, de *por+lo*), *mas porém*, tal como, há mais de trezentos anos, havia dito Camões :

"Os cornos ajuntou da ebúrnea *lũa*"
(*Lus.*, IX, 48).

"*Fermosa* filha minha"
(*Lus.*, II, 44).

"*Despois* de procelosa tempestade"
(*Lus.*, IV, 1).

"Por todo o largo mar e *pola* terra"
(*Lus.*, V, 42).

Mas porém, no canto III, est. 99.

Veja-se, do quinhentista António Ferreira :

"*Sogiga* teu juízo, e todo o inclina
À firme, e verdadeira fé, sem que
Nenhũa alma criada é dos céus dina."
(*Poem. Lusit.*, 1598, f. 156).

E compare-se com o seguinte, de um romance brasileiro, recente :

"— Não tenho coragem de voltar a Curvelo assim... Que diriam, vendo minha volta, *sugigado* por um crioulo qualquer?" (LÚCIO CARDOSO, *Maleita*, 1934, pág. 51).

O português antigo tinha a expressão *por amor de*, significando *por causa de*, a qual aparece nos *Lusíadas*, VI, 32 :

(1) Veja-se, por exemplo, CARNOY, Op. c., pág. 171, e *passim*.

"E não consinto, Deuses, que cuideis
Que *por amor de* vós do céu decí
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi."

Os dois últimos versos hão-de ser completados assim: "nem por amor da mágoa da injúria que sofreis, mas por amor da que se me faz também a mi", e nêles a expressão *por amor de* é perfeitamente igual a *por causa de.*

Em certos pontos do Brasil se diz *pro mó de* ou só *mó de* (=*por causa de*); talvez seja redução do antigo *por amor de,* análoga à que o povo de Portugal faz: *por môr de,* que se pode ver em Herculano, *Lendas e Narr.*, II, 148. Um exemplo do nosso *pro mó de* oferecem êstes versos de Catulo Cearense, cuja grafia vou conservar:

"Si aquelles grande vaquêro
Vinhéro lá d'outras banda,
Cum tamanha afobação,
Não foi só *prumóde* a neta
De João Peráo, meu patrão!!
Foi prá fazê meu cavallo
Perdê a fama que tinha
Prú todo aquelle sertão!"

(*Meu sertão,* 170).

O emprêgo, em nossa língua falada, dos pronomes *êle, êles, ela, elas* e *lhe, lhes* como objetos diretos, parece também sobrevivência de arcaismos portugueses, pois em escritos dos primeiros séculos do idioma se encontram frases como *perdi ela* (=perdi-a) e *vi ela* (=vi-a), *dem-êles* (=dem-nos), e ainda em Camões vemos *socorrer-lhe* (=*socorrê-lo,* também por êle usado) e *lhe iguala* (=a iguala). (1)

569. Os que versam os nossos velhos textos e os observam com atenção, não desconhecem que até o século XVI se manifesta uma certa liberdade na colocação do pronome pessoal átono em relação ao verbo de que é complemento. Na evolução literária de Portugal essa liberdade se foi restringin-

(1) Veja-se em Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, o cap. sôbre Brasileirismos.

do a ponto de, em certos casos, ter hoje o pronome o seu lugar obrigatório na frase, havendo em escritores portugueses contemporâneos pouquíssimo numerosas infrações ao uso. De tais infrações aduzí exemplos na introdução histórico-gramatical do meu livro «*Trechos Seletos*».

No Brasil, a liberdade, dantes existente em Portugal, persiste aumentada, sobretudo nos românticos. Gonçalves de Magalhães, no seu poema "Napoleão em Waterloo", nos aponta o lugar da cena que vai descrever, dizendo :

"Eis aquí o lugar *onde eclipsou-se*
O meteoro fatal às régias frontes",

tal como outrora escrevera o clássico quinhentista António Ferreira :

"Achei, *onde perdí-me*, o meu tesouro". (1)

Nos outros poetas do romantismo as construções com liberdade de colocação pronominal pululam. Podem-nos dar idéia de sua frequência êstes versos de Fagundes Varela, extraídos da poesia intitulada «Cântico do Calvário», na qual êle deplora a morte do filho :

"Cegou-me tanta luz ! Errei, fui homem !
E de meu êrro a punição cruenta
Na mesma glória *que elevou-me* aos astros,
Chorando aos pés da cruz hoje padeço !
O som da orquestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circunda os berços
Quando a opulência *doura-lhes* as bordas,
Não te saudaram ao sorrir primeiro,
Clícia mimosa rebentada à sombra !
Mas ah ! se pompas, esplendor *faltaram-te*,
Tiveste mais que os príncipes da terra !

(*Cantos e Fantasias*, S. Paulo, 1865, pág. 84).

Hoje, graças à reação dos gramáticos e dos professores, aproximamo-nos muito, na língua literária, da colocação pronominal portuguesa.

---

(1) António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, 1598, f. 11.

570. Neste rápido balanço das divergências entre o português em Portugal (Lisboa) e no Brasil (Rio), não devemos passar em silêncio a expressão de certas idéias por palavras diversas ou pela mesma palavra um pouco alterada. Dizem os portugueses *pâpà, mamã,* nós *papai, mamãe ;* êles, *boquilha,* nós *piteira ;* êles, *barba de baleia,* nós *barbatana.* Ao nosso *bonde* chamam *carro,* ao nosso *carro, trem,* ao nosso *trem, combóio ;* o partidário da monarquia, entre nós é *monarquista,* lá *monárquico ;* os nossos postes de *parada dos bondes,* lá são de *paragem dos elétricos ;* a dependência dos teatros ou de outras casas de espetáculo, onde se vendem os bilhetes, cá se chama *bilheteria,* além-mar *bilheteira.* Em Portugal se diz *batota, batoteiro,* aquí *patota, patoteiro.*

571. Há em nossas letras um vulto eminentíssimo, no qual se poderá bem considerar personificada a nossa língua nacional, como a devemos definir : a língua portuguesa, com pronúncia nossa, algumas insignificantes divergências sintáticas em relação ao idioma atual de além-mar, e o vocabulário enriquecido por grosso tributo indígena e africano e pelas criações e adoções realizadas em nosso meio. Êsse escritor é Machado de Assiz.

Veja-se como, na tradução do *Corvo,* Machado de Assiz alberga, entre os mais belos e genuínos fraseados vernáculos, o nosso *cochilar,* de origem africana :

"Mas como eu, precisado de descanso,
Já *cochilava,* e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais."
Disse ; a porta escancaro, acho a noite sòmente,
Sòmente a noite, e nada mais."
(*Poesias,* 300).

E em outros seus escritos encontramos *jururú, muchocho, caiporismo, babados* (=folhos), *faceira* (=casquilha), *não ser peteca de ninguém* (1) etc., etc.

(1) *Jururú, Braz Cubas,* 3.ª ed., pág. 83 ; *muchocho, Histórias sem data,* 1884, pág. 212 ; *caiporismo, Hist. sem data,* 39. *Várias Histórias,* 1903, pág. 48 ; *babados, Var. Hist.,* 230 ; *faceira, Var. Hist.,* 43 ; *peteca, Hist. sem data,* 253 ; *cochilam, Var. Hist.,* 279.

572. No tocante ao vernáculo, Machado de Assiz figura em nossa literatura como o exemplar mais perfeito da linguagem bela, por simples, clara, adequada, pura sem afetação, moderna sem exagêro, a linguagem que reveste o pensamento sem abafá-lo, dando-lhe, ao contrário, relêvo e brilho ; os diálogos, as falas dos seus personagens constituem o verdadeiro tipo da nossa expressão familiar, que, passada pelo crivo da arte, se apresenta nelas com aspeto ao mesmo tempo natural e correto.

573. Mas não há só isto : há ainda os diferentes dialetos em que se distribue pelo amplo território brasileiro a língua falada. Já se escreveram em alguns dêsses dialetos obras literárias de valor ou interessantes. Por outro lado, com o progresso das investigações linguísticas entre nós, também vão aparecendo trabalhos científicos sôbre a nossa dialetologia : conheço, dignos de todos os louvores, o *Dialeto Caipira* do notável escritor Amadeu Amaral e o *Linguajar Carioca* do distinto romanista Antenor Nascentes. [É também recomendável a *Língua do Nordeste,* recentemente publicada, do sr. Mário Marroquim].

Os nossos dialetos acenam aos estudiosos com matéria atraentíssima ; infelizmente não podemos alongar mais o desenvolvimento do presente ponto, com a conclusão do qual, agora realizada, fica terminado o nosso programa, e encerradas estas lições de português.

Glossário e índice alfabético

(Os números indicam as páginas)

Índice onomástico e bibliográfico

(Os números maiores indicam as páginas; os menores, colocados à maneira de expoentes, o número de citações por página).

Explicação de alguns sinais usados neste livro

\> quer dizer *origina, torna-se, donde.*

< quer dizer *provém de, provindo de.*

' assinala o acento tónico.

˘ denota que é breve a vogal sôbre a qual está pôsto.

¯ denota que é longa a vogal sôbre a qual está pôsto.

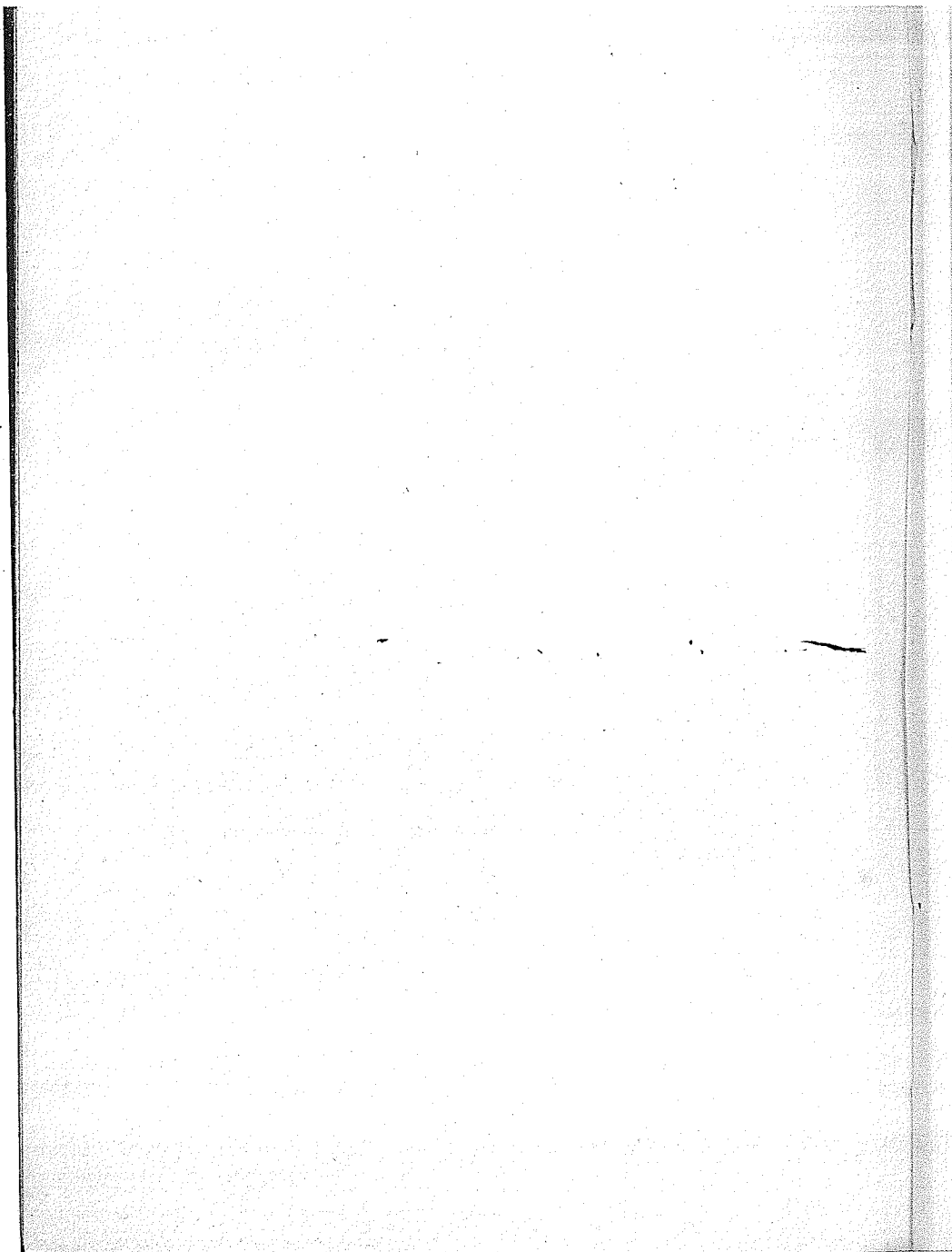
˜ denota que é nasal a vogal sôbre a qual está pôsto.

* indica uma forma não documentada.

— denota que é inicial o que lhe está à esquerda, e final o que lhe vem à direita. Assim *pl-* diz *pl* inicial; *-t*, diz *t* final; *ante-* é um prefixo, *-ante* será um sufixo, ou uma desinência.

– – indicam ser medial a letra posta entre êles; assim *-p-* quer dizer *p* medial.

-(–) indicam que a letra posta entre êles é medial, ou final de sílaba. Por exemplo: *-s*(–), lê-se *s* medial ou final de sílaba.

( ) indicam que uma palavra tem duas formas, uma sem a letra posta entre êles, outra com essa letra. Assim pron. (*l*)*o* indica ter o pronome as formas *o* e *lo*. Algumas vezes abraçam uma letra representativa de um som que desapareceu.

Nota final sôbre a ortografia

Todos os oxítonos em *-í*, *-ís*, *-ú*, *-ús* devem levar acento agudo na vogal tónica : *aquí*, *alí*, *perdí*, *covís*, *Jesús*, *urubú*, etc. Alguns escaparam sem o acento por lapso de revisão.

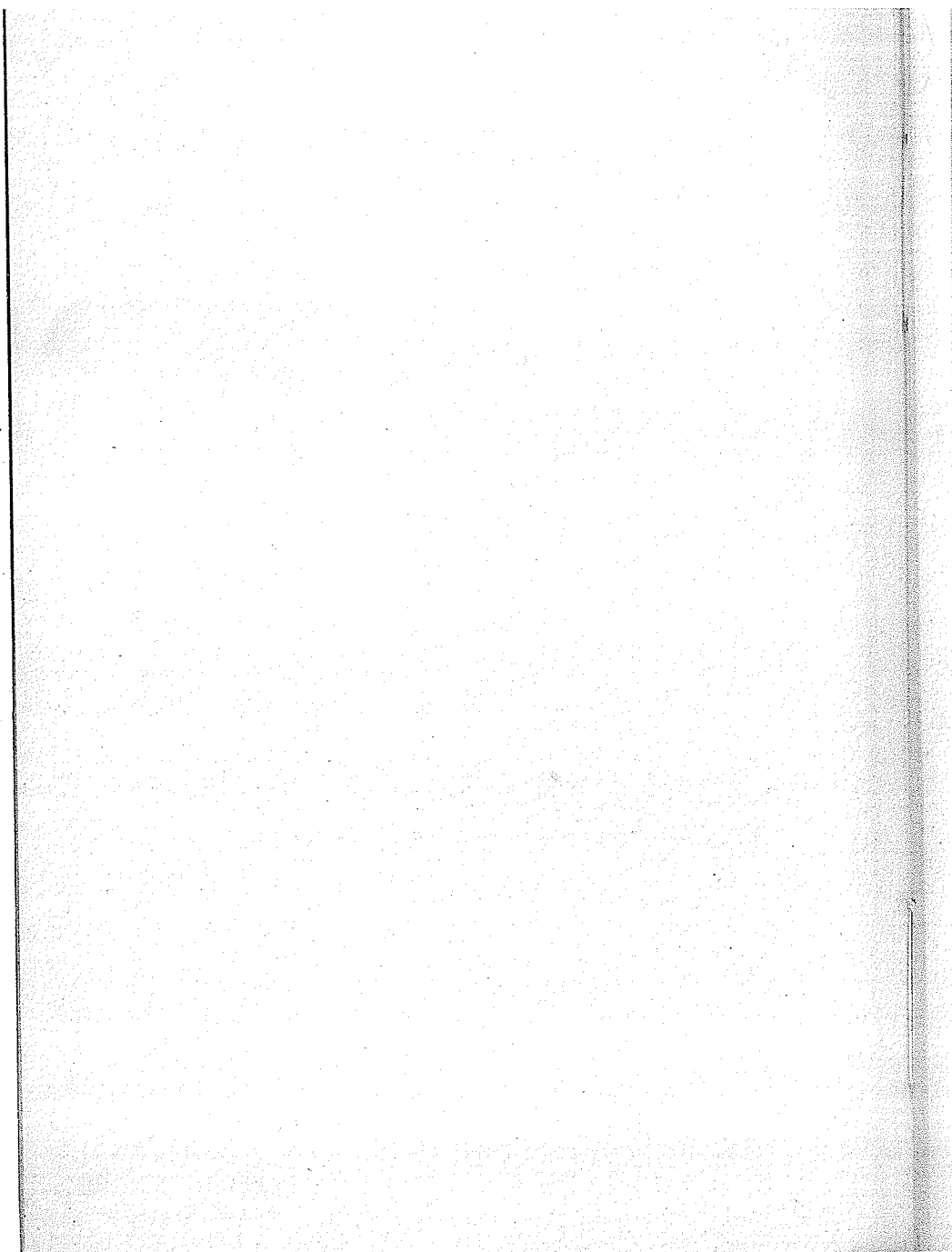
Vocábulos graves, como *quasi*, *tribu*, não precisam de acento gráfico, uma vez que a nova convenção é acentuar só os esdrúxulos e os agudos que tenham aquela terminação. O acento não é erróneo, mas é desnecessário. A escrita com o acento escapou algumas vezes.

Devem sempre levar acento : *António*, *Epifânio*, *Ásia*, *África*, bem como qualquer outro esdrúxulo.

Os pronomes *tôda*, *tôdas*, *êsse*, *êsses*, *êste*, *êstes*, *êle*, *êles*, devem levar acento circunflexo, de acôrdo com o princípio de assinalar com êste acento, dentre dois homógrafos, o que tem fechada a vogal tónica. Semelhantemente a flexão verbal *fêz*. Só por lapso não se terá feito assim.

Havendo no Brasil pronúncias tais como *António*, com *o* aberto, ponho acento agudo sôbre *o* tónico seguido de *m* ou *n* pertencente à sílaba imediata, apenas para assinalar a vogal predominante *e não para lhe indicar o timbre*. Com essa convenção, fica uniforme a escrita, embora a pronúncia varie. Por essa razão é que escrevo *António*, *tónico*, *sinónimo*, *atómico*, *fenómeno*, etc. Nenhum preceito das Bases, nem do Formulário, se opõe a esta prática.

Embora a ortografia oficial mande escrever com *-z* final os seguintes nomes próprios, é bom que o estudioso não se esqueça de que a correta escrita dos mesmos é com *-s* :

Tomás, *Brás*, *Inês*, *Assís*, *Denís* ou *Dinís*, *Luís*, *Queirós*.

Alguns juízos sôbre as "Lições de Português" emitidos em cartas ao autor

"Com a leitura desta nova obra veio reavivar-se — nem esperava eu outra cousa — a impressão que me deixaram seus trabalhos anteriores: método rigoroso de estudo e apreciação justa dos fatos da linguagem, contrariando embora, em seus excessos e fantasias, o dogmatismo da chamada corrente purista.

"Aplaudo, e muito, o citar trechos de autores brasileiros, autores a que os gramaticos da antiga escola negavam o direito de votar. Eu pessoalmente não ha duvida que pouco os tenho citado em meus trabalhos; mas é claro que estudando, como estudo, os fatos històricamente, se não tratei desenvolvidamente do falar brasileiro, é que ainda não cheguei a esta fase mais moderna da linguagem.

. . . .

"E aqui termino repetindo: o livro "Lições de Português" foi escrito com boa orientação e compreensão dos fatos da linguagem, e, sobretudo, com muito escrúpulo."

SAID ALI.

"Inculcarei aos meus discípulos, de um e de outro sexo, as suas "Lições de Português", com palavras de máximo louvor, que inspiradas, embora, em íntima convicção, ficarão sempre muito aquém do merecimento de tal obra".

SILVA RAMOS.

"¡Como estão (as suas Lições) bem feitas! ¡Que estilo vigoroso, simples, didático! Aprendi muita coisa interessante, vi curiosíssimas observações originais. Abordando velhos temas, V. soube obedecer ao brocardo: *Non nova, sed nove.*

ANTENOR NASCENTES.

"As *Lições de Português* é o livro didático mais bem feito que conheço sôbre o assunto".

GENERAL TASSO FRAGOSO.

"...suas primorosas *Lições de Português*, onde muita coisa boa, muito oiro de lei e prata de copela tenho encontrado para locupletar os meus alunos do Ginásio e da Escola Normal".

SÁ NUNES.

"...suas magistrais *Lições de Português*, que já conhecia da publicação na R. de L. P. e que bem-mereciam esta reedição em livro, pelas suas altíssimas qualidades de ciência e de método."

AGOSTINHO DE CAMPOS.

"Deixou-me excelente impressão a leitura do livro de V.... Boa orientação filológica, exatidão da doutrina, clareza na exposição, acomodação ao fim proposto — são, a meu ver, os predicados que o tornam digno de apreço".

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

"Da minha leitura ficou-me uma excelente impressão — a-pesar-de não ser romanista, mas arabista. A matéria foi tôda tratada com carinho e bom saber. As numerosas transcrições dos nossos melhores autores aprimoram o gosto dos alunos e dão vida ao ensino. Admirei nele a clareza e a precisão da frase. É, pois, um livro que faz honra ao Brasil, que êstes estudos cultiva com tanto brilho."

DAVÍ LOPES.

"Venho agradecer a V.... a valiosa obra *Lições de Português*, que devo à gentileza de V.... e que hei-de levar para as aulas do Curso de Letras do Liceu de Pedro Nunses".

MARQUES BRAGA.

Índice geral